



Semente de vida

.....

Rejeição e aceitação
de filhos/as/es LGBTI+
em lares cristãos

Gut Simon
Bob Luiz Botelho
Tania Afonso
Ana Ester

Idealização e direção executiva

Gut Simon

Coordenação teológica e
assessoria curatorial

Bob Luiz Botelho

Texto e pesquisa

Gut Simon

Bob Luiz Botelho

Tania Afonso

Ana Ester Pádua Freire

Autores convidados

Allie Terassi

Bruna Galvão

Bob Luiz Botelho

Cris Serra

Coraci Ruiz

Flávio Conrado

Gabriella Morena

Julio Oliveira

Odja Barros

Silvia Kreuz

Conselho editorial

Angélica Tostes

Caê Vasconcelos

Leandro Ramos

Tião Guerra

Revisão ortográfica

Luiz Morando

Revisão bibliográfica

Luciano Santana

Projeto gráfico

Mariana Bernd

Diagramação

José Kiko

Ilustração

Sophia Andreazza

Apoio institucional



“ Eu tomei a decisão de contar para a minha mãe e, naquele momento, ela me disse que tinha vergonha de mim. Doeu muito e posso garantir que, de todas as situações vivenciadas em função da minha homossexualidade, essa foi a mais pesada. ”

Jock Dean, jornalista e ativista LGBTI+

sumário

Prefácio	6
-----------------------	----------

Parte I | Apresentação

1. O que pretende esta publicação?	10
2. Como fomos atrás das respostas?	28

Parte II | A dor que começa dentro de casa

3. Famílias cristãs com filhos/as/es LGBTI+	36
4. O fenômeno da rejeição	45
5. As dores de pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs	52
6. Fatores que influenciam o processo	68
7. As dores dos filhos/as/es LGBTI+	77

Parte III | O ciclo da rejeição

8. Fundamentalismo religioso no Brasil	96
9. Família, Bíblia e fundamentalismo	102
10. Implicações perigosas	115

Parte IV | Interrompendo o ciclo da rejeição

11. Um novo sol sobre o jardim	136
12. Chegamos à raiz da LGBTI+fobia?	148

Parte V | Testemunhos

13. Maternidade também é política, por Coraci Ruiz	166
14. A experiência católica de amor incondicional, por Silvia Kreuz	174
15. A casa como um lugar de mudanças – para LGBTQIA+ e suas famílias, por Gabriella Morena	180
16. Na trilha do caminho da aceitação, que nossas igrejas sejam pontes, por Flávio Conrado	190
17. Trazemos uma boa nova: nenhum passo à frente será esquecido, por Bruna Galvão	197
18. Por pastorais para famílias de pessoas LGBTQIA+, por Julio Oliveira	206
19. O clamor das vozes LGBTQIA+ que se erguem na Igreja, por Cris Serra	218
20. O Deus que afirma e celebra, por Odja Barros e Bob Luiz Botelho	226
21. A construção harmônica de um caos, por Allie Terassi	240

Parte VI | Para saber mais

22. Entrevista Fundamentalismo religioso e a pauta LGBTI+ com Magali Cunha	250
23. Metodologia Procedimentos de pesquisa	270
24. Referências Onde saber mais sobre o tema?	286

prefácio

Esta publicação é resultado de incontáveis horas de pesquisa e de entrevista com pais e mães, cuidadores e cuidadoras, pessoas LGBTI+ e especialistas de diversas áreas que nos ajudaram a mapear um fenômeno complexo - a relação entre parentalidade cristã e filhos, filhas e filhas LGBTI+.

Analisar esse cenário não foi um trabalho fácil. O que se apresentou diante de nós foi uma realidade muito mais dura do que a que vemos em noticiários ou escutamos de amigos. A dinâmica da relação entre pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs¹ e seus filhos/as/es LGBTI+ é atravessada por várias questões, inclusive - e para nós, principalmente - a religiosa.

Entretanto, debruçar sobre essa realidade também nos encheu de esperança. Encontramos, diante de nós, possibilidades justas e amorosas de convivência familiar que se contrapõem à tensa relação que motivou nossa pesquisa. Imersos nesse contexto tão contraditório, complexo e dinâmico, temos a alegria de entregar este documento a todas as pessoas que se interessam pelo tema.

Este não é um projeto religioso, mas, em se tratando de famílias e filhos/as/es LGBTI+, é impossível não abordar a temática levando em consideração como a religião atravessa o debate - ainda que seja tão evitado pensar na questão sob esse prisma. E, ressaltamos, não uma religião qualquer: falamos aqui a partir do cristianismo. Essa não é uma escolha ingênua

1 Optamos por “pai, mãe e pessoa cuidadora” para pensarmos todas as possíveis relações de parentalidade. Nossa tentativa foi a de incluir no substantivo “cuidador” todas as relações com crianças e adolescentes LGBTI+ que se dão para além da consanguinidade, reforçando os laços de afeto que se dão em muitos lares.

ou preconceituosa; pelo contrário, afinal nós nos afirmamos cristãos. Entretanto, um olhar crítico e decolonial diante da realidade nos faz perceber que o discurso do cristianismo colonizador ainda opera entre nós por meio da criação e reiteração de modelos que se estruturam em normas de identidade e de relações afetivas que rejeitam a diversidade.

Nesse contexto, à semelhança dos importantes estudos sobre raça que denunciam o racismo como sendo estrutural e estruturante, acreditamos que exista uma LGBTI+fobia estrutural e estruturante que se sustenta, principalmente, no que foi sacralizado pelo cristianismo tradicional e hegemônico como norma (heterossexualidade e cisgeneridade). A sistematicidade dessa realidade não minimiza as responsabilidades pessoais, mas, de alguma forma, nós também nos tornamos corresponsáveis na medida em que, deliberadamente, escolhemos não abordar o tema de maneira séria e profunda.

Diante da responsabilidade ética a que essa realidade nos convoca, apresentamos **Semente de vida: rejeição e aceitação de filhos/as/es LGBTI+ em lares cristãos**, com o intuito de construirmos juntos/as/es estratégias que possam enfrentar as várias violências sofridas por crianças e jovens LGBTI+² em lares cristãos, a partir, inclusive, das criativas formas de resistência já existentes nesses contextos.

2 Para fins de abreviação, trataremos as diversas e múltiplas identidades de gênero e orientações sexuais que fogem à norma cis-heteronormativa com a sigla LGBTI+. Algumas pesquisas que usamos neste documento trazem outras siglas. Optamos por mantê-las como foram escritas originalmente para reforçar o escopo identitário destes estudos. Ressaltamos que não tratamos aqui das especificidades de cada identidade, o que assumimos como fragilidade, pois cada uma delas se relaciona com o tema de forma específica.

A stylized illustration of a person's feet and legs in a forest setting. The person is standing on a path, with their legs and feet visible at the bottom. The background is a dense forest with various trees and foliage. The trees are represented by black outlines and some are filled with white or black. The foliage includes large, dark green leaves and smaller, lighter green leaves. The overall style is graphic and modern.

parte 1

Apresentação

1.

O que pretende esta publicação?

cenário | Uma paisagem a ser estudada

O amor de Cristo nos (des)uniu?

Pecado, família, homossexualidade, aceitação, culpa, medo, amor incondicional, preconceito e fundamentalismos. Estabelecer, a partir dessas e de outras categorias, o cenário sobre o reconhecimento e a inclusão de crianças e jovens LGBTI+ em famílias pertencentes a comunidades de fé cristãs é um exercício, por definição, cheio de contradições e ambivalências.

Materializar esse debate em busca de respostas, alternativas, caminhos ou possíveis esperanças, requer abraçar uma série de complexidades e subjetividades comuns às relações humanas e também ao próprio processo histórico com que o tema das diversidades sexuais e de gênero vem sendo tratado dentro das famílias e dos espaços religiosos cristãos.

Embora se professe um único Cristo³, as percepções sobre seu caráter, seu desejo para a humanidade e como Ele opera aqui na Terra esboçam uma sensação de que são “vários Cristos”.

3 Para este estudo, conceituaremos cristianismo, segundo [Paul Tillich](#), como a direção da pertença religiosa e do exercício de espiritualidade e fé atrelado à vida, pessoa e obra de Jesus, o Cristo. Nesse sentido, pertencem ao conceito de cristianismo várias expressões de fé conhecidas como “cristãs”, como católicas, protestantes e kardecistas. Por isso, ressaltamos a complexidade do fenômeno religioso que nos propomos investigar.

Do Príncipe da Paz ao Senhor da Guerra,
o Deus-cristão é rodeado de sentidos
e significados que naturalmente colocam
quem crê nessa versão de Sua essência
em posicionamentos contraditórios
e em disputa sobre o tema da diversidade
sexual e de gênero.

Mesmo dentro de instituições com estruturas rígidas e sistematizadas por séculos, como a Igreja Católica Apostólica Romana, percebe-se uma heterogeneidade que demonstra fissuras e disputas institucionais críticas. No mundo Evangélico, por sua vez, a diversidade teológico-doutrinária e teológico-prática também se faz presente desde seu início com a Reforma Protestante.

Afinal, quem define quais corpos ascendem ao paraíso?

Durante séculos, o cristianismo se espalhou de forma hegemônica da Europa para quase a totalidade do mundo ocidental, bem como construiu e reforçou uma leitura teológica e bíblica que vincula a diversidade sexual e de gênero ao pecado, à perdição, ao inferno e a tudo aquilo que seria considerado “abominável” por Deus.

“ Homossexuais não herdarão o reino dos céus - Máximas como essa são frequentemente utilizadas para produzir medo, vergonha, culpa e silenciamento. ”

1º Congresso Igrejas e Comunidade LGBTI+, 2019

Em um país como o Brasil, onde famílias cristãs correspondem a 86,8% dos lares brasileiros (IBGE, 2010), essa hermenêutica de condenação, isto é, a forma de trazer um sentido atual para um texto bíblico histórico, se tornou senso comum. Essa forma interpretativa da Bíblia tem condenado a maior parte

de filhos, filhas e filh⁴s de orientação sexual, identidade e expressão de gênero, que não está dentro do que é considerado como norma, a relações familiares cada vez mais violentas. Geram-se, assim, exclusões, apagamentos, marginalidade, depressão, imposição de padrões socioculturais, “cura gay”, suicídio e mais preconceito, violência e morte.

“ O suicídio é a 4ª principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, segundo [...] pesquisa do Ministério da Saúde e de acordo com a revista científica *Pediatrics*, gays, lésbicas e bissexuais, devido à homofobia, têm 6 vezes mais chance de tirar a própria vida, em relação a heterossexuais, com risco 20% maior de suicídio quando convivendo em ambientes hostis à sua orientação sexual ou identidade de gênero. ”

Grupo Gay da Bahia, 2018

É sempre motivo de grandes controvérsias nas famílias cristãs a relação entre sexualidade e os preceitos afirmados pelo cristianismo. Nesse contexto, impulsionado pelo discurso religioso, aceitar a homossexualidade e a soberania de Cristo seria considerado uma postura antagônica. Nesse sentido, “muitas comunidades de fé têm se tornado espaços de opressão, humilhação, exclusão e abuso espiritual, psíquico e econômico”, como afirma a carta escrita coletivamente pelas dezenas de organizações, igrejas, líderes religiosos e fiéis que se reuniram no 1º Congresso Igrejas e Comunidade LGBTI+, realizado na cidade de São Paulo, na Paróquia da Santíssima Trindade da Diocese Anglicana de São Paulo/IEAB, entre os dias 20 a 22 de junho de 2019.

4 Nesta publicação, usaremos o termo “filhos, filhas e filh⁴s” ou “filhos/as/es”, em uma proposta inclusiva de linguagem.

Que povo vai orar por você?

Este relatório objetiva apresentar os dados encontrados referentes aos processos que envolvem a aceitação / rejeição de famílias cristãs de seus filhos/as/es LGBTI+. Através de entrevistas com pais, mães, pessoas cuidadoras e filhos/as/es de famílias cristãs, encontros com especialistas de diversas áreas – sobretudo da teologia, da saúde mental, das ciências sociais e da comunicação – e pesquisas em profundidade de uma vasta literatura sobre o tema, identificamos como a linguagem religiosa tem sido apropriada para constituir e perpetuar um sistema de controle sobre corpos e subjetividades.

E, acima de tudo, como esta visão de mundo vem produzindo uma série de violências, impossibilitando a compreensão do que a ciência e a lei dizem sobre essas pautas, assim como o avanço da defesa dos direitos humanos em relação às pessoas LGBTI+.

urgência | Entre bons ventos e temporais

Por que temos pressa?

Mais do que urgência, talvez seja possível afirmar que o que nos propomos a investigar é um cenário de emergência, porque vidas estão em risco. Enquanto não nos debruçarmos sobre este debate de forma séria e comprometida, abraçando a complexidade da dimensão dos discursos religiosos cristãos e da fé, continuaremos a ver, por exemplo, pastores ungindo armas de delegados “contra os homens maus”⁵ ou orando pela morte de defensores dos direitos LGBTI+, como o pastor que declarou orar pela morte do ator Paulo Gustavo⁶, morto pela Covid-19.

5 Correio Braziliense, 16/03/202

6 Congresso em Foco / UOL, 17/04/2021

Notícias como o caso em que um homem abriu o tórax de uma travesti, deixando uma santa sobre ela e guardando o coração em casa⁷ reforçam os dados de que o Brasil ocupa o primeiro lugar nas Américas em quantidade de homicídios de pessoas LGBTI+, sendo também o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo, há 13 anos no topo da lista⁸.

“ As mortes de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, assexuais, mas sobretudo de travestis, transexuais, pessoas não binárias, intersexo, queer e outras expressões de gênero, no Brasil e na América Latina, estão atravessadas pela teologia cristã hegemônica. ”

1º Congresso Igrejas e Comunidade LGBTI+, 2019

Exemplos do amor incondicional de Jesus

Se não podemos negar a influência da teologia cristã hegemônica no quadro cultural que produz a violência contra as pessoas LGBTI+, tampouco podemos deixar de reconhecer os bons ventos que sopram de fiéis e líderes religiosos ao redor do mundo ligados a importantes instituições, e da própria sociedade civil organizada, clamando por uma postura mais acolhedora, afirmativa e celebrativa da diversidade.

“ Se víssemos gays como filhos de Deus, as coisas mudariam muito. ”

Papa Francisco, 2019

Para além das falas e ações calorosas do Papa Francisco⁹, sempre recebidas com muita polêmica, existe em curso um movimento que impele a aplicação do conceito de sinodali-

7 G1, 21/01/2019

8 Brasil de Fato, 23/01/2022

9 Buena Voz Noticias, 02/03/2022

dade¹⁰ na vida pastoral da Igreja Católica Romana. O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do Terceiro Milênio para enfrentar a complexidade do nosso tempo, reconhecido por percursos que exigem confiança e coragem. Uma nova experiência de “caminhada junto ao Povo de Deus que conduz fiéis e a própria Igreja por novos caminhos de conversão e renovação pessoais, comunitárias e institucionais”, segundo a Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos do Vaticano em setembro de 2021.

Um bom fruto dessa jornada foi a realização, em novembro de 2021, da Primera Asamblea Eclesial de América Latina y el Caribe, a primeira assembleia eclesial – e não apenas episcopal – da Igreja Católica na região. Por meio de um amplo processo de escuta com fiéis de várias idades e diferentes vocações e ministérios, percebeu-se “a dor das pessoas LGB-TI+ que se sentem rejeitadas pela Igreja” por causa de sua identidade e orientação sexual e um “desconforto” pelo muito pouco que se avançou, “especialmente no que diz respeito à formação do clero e da hierarquia diante da diversidade sexual”. Para os fiéis católicos ouvidos na pesquisa, destaca-se ainda a necessidade de fomentar atitudes de “respeito, acolhimento e abertura ao encontro e ao diálogo”.

“ Como Igreja, somos chamados a escutar essas vozes e a dor que nelas se expressa, e a nos perguntar o que o Evangelho nos diz diante desta realidade sobre a qual um conhecimento respeitoso e ao mesmo tempo rigoroso deve ser adquirido e aprofundado. ”

Primera Asamblea Eclesial de América Latina y El Caribe, 2021

10 A sinodalidade é um conceito eclesiológico (que versa sobre a teologia da igreja, enquanto filosofia, governança e missão) que propõe uma disrupção na hierarquia colonial e abraça a pluralidade e diversidade do ser/fazer igreja como uma potência institucional.

A consulta destacou, também, a necessidade de uma maior consciência de que “o povo de Deus é diverso” e que “as pessoas de diferentes diversidades sexuais também precisam de acompanhamento psico-espiritual, assim como suas famílias”, que experimentam em primeira mão a dor da rejeição e da indiferença estrutural dentro e fora da igreja.

“ Há um chamado para superar visões e atitudes discriminatórias e deixar-se transformar pelo Espírito em uma Igreja que acolhe e inclui. ”

Primera Asamblea Eclesial de América Latina y El Caribe, 2021

Em janeiro de 2022, outro episódio pôs ainda mais pressão nas igrejas. De forma inédita, 125 funcionários da Igreja Católica na Alemanha se assumiram LGBTI+ e disseram que queriam “viver abertamente sem medo” na igreja¹¹. Em resposta, o cardeal de Luxemburgo, na Alemanha, bispo Jean-Claude Hollerich, presidente da Comissão das Conferências Episcopais da União Europeia, veio a público pedir uma mudança no ensino da Igreja sobre a homossexualidade¹².

Outro importante estudo e articulação estabeleceu uma rede global de diálogo inter-religioso com especialistas e organizações de 96 países, que apontaram a questão “gênero e LGBTI+” como prioridade em relação a muitos outros temas¹³.

“ É necessário, especialmente entre as pessoas cristãs, recuperar a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo do amor radical e transformador. E confrontar os modelos religiosos da exploração da culpa, do ressentimento, do medo e do ódio. ”

1º Congresso Igrejas e Comunidade LGBTI+, 2019

11 Infovaticana, 25/01/2022

12 National Catholic Reporter, 02/02/2022

13 Porticus / FAS Research, 2021

No Brasil, diversos esforços, principalmente por parte da sociedade civil, apontam para o início de uma abertura para o debate da diversidade sexual e de gênero nos setores religiosos. A Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT, criada em 2014, se organiza a partir da necessidade de criar, para aquelas e aqueles que buscam conciliar sua pertença religiosa católica romana com suas identidades como pessoas LGBTI+, espaços seguros de acolhimento respeitoso, partilha de experiências e vivência da fé cristã em comunidade. A Rede reúne hoje mais de vinte grupos em todo o Brasil e integra a Global Network of Rainbow Catholics (GNRC), que reúne grupos de “católicos do arco-íris” de todo o mundo.

No mundo evangélico, formado por uma infinidade de institucionalidades, vê-se o surgimento de lideranças e pastores de comunidades e redes de igrejas independentes ampliando esse debate com coragem diante de muitos ataques. A quantidade de teologia acadêmica (mestrado, doutorado, dissertações, teses, artigos em congressos científicos etc.) cresceu consideravelmente, assim como o número de mulheres pastoras¹⁴, igrejas inclusivas¹⁵ e até mesmo pastores LGBTI+¹⁶.

- 14 Ainda que o ambiente religioso cristão seja considerado historicamente patriarcal, é possível identificar o crescimento do número de mulheres ordenadas ao pastorado. Isso se dá, principalmente, em um cenário de emergência de igrejas pentecostais e neopentecostais, que permitiram que mulheres abrissem suas próprias denominações religiosas.
- 15 Igreja inclusiva é uma autodenominação religiosa que diz respeito à inclusão de pessoas LGBTI+. A primeira igreja cristã inclusiva fundada no mundo foi a Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana, criada pelo reverendo gay Dr. Troy Perry. Além de igrejas inclusivas, tendo em vista a aproximação das igrejas progressistas dessa pauta, é possível propor uma tipologia dessas igrejas que passe pela recepção (welcoming), inclusão (inclusion) e afirmação (affirming). Essa tipologia avalia em que medida a pessoa LGBTI+ é realmente incluída dentro da igreja, considerando sua liberdade de afirmação como dissidente sexual e de gênero e vivência da sexualidade.
- 16 As Igrejas da Comunidade Metropolitana ordenam LGBTI+ desde 1968. No Brasil, elas têm em seu quadro de clérigos, além de gays e lésbicas, a primeira Reverenda Travesti da América Latina, a Revd^a. Alexya Salvador. Pastores/as LGBTI+ estão em importantes espaços de debates teológicos, como o Rev. Bob Luiz Botelho, que é o primeiro pastor assumido na Fraternidade Teológica Latino-Americana.

Em 2018, ecoando a produção de autores como Dr. André S. Musskopf, Revd^a. Dra. Ana Ester, Rev. Cristiano Valério, e tantos outros, nasce o Evangélicxs Pela Diversidade, criado por um grupo de pessoas evangélicas e LGBTI+ para afirmar o direito de serem celebrados dentro de sua perspectiva de fé. O surgimento do grupo – hoje organizado em quatorze núcleos pelo Brasil – permitiu que evangélicos LGBTI+ tivessem legitimidade institucional para se organizar tanto em seus territórios como em fóruns globais da ONU, da OEA e do Fórum Econômico Social Mundial. Além do trabalho de advocacy, o grupo realiza também um importante cuidado pastoral, por meio de uma rede de psicólogos que oferecem atendimento psicoterapêutico gratuito ou a preço social para pessoas LGBTI+ que estão enfrentando o conflito com a dimensão religiosa, ou instrumentalizando pais, mães e pessoas cuidadoras com reflexão bíblica, teológica e acolhimento.

Pouco a pouco, a mídia e a propaganda também fazem seu papel, acompanhando o debate público protagonizado por consumidores cada vez mais atentos a conceitos como “representatividade” e “lugar de fala”. Segundo pesquisa feita pelo Google e pela Box 1824 (2019), o número de buscas no YouTube pelos termos “diversidade” e “inclusão” aumentou 71% e 24% respectivamente em 2019. “Eles passaram a ser discutidos pela indústria da beleza, abraçados pelas artes e observados pelo mercado como um todo em diferentes esferas, gerando debates apaixonados e polêmicos que, acima de tudo, ajudam a moldar os nossos tempos”.

Há uma vocação para este momento de derrubar muros e construir pontes. A versão da história que constrói “vilões e mocinhos” não resolve as demandas da realidade atual. O diálogo entre o campo progressista (nós, pessoas interessadas na defesa dos direitos humanos) e o conservador (atravesado pela teologia cristã hegemônica) precisa acontecer.

· Apostamos na transgressão da via da razão
· como única mediadora deste debate e em
· esforços de reimaginação de um Deus que
· sai de um lugar rígido, hierárquico e violento
· por um que se permite encarnar no afeto, na
· celebração da vida e de sua potência criativa.

Um olhar para o campo progressista religioso

É inegável que exista um “estranhamento” entre o campo progressista brasileiro e o setor religioso, por mais diverso que este seja. Com este estudo, de forma alguma pretendemos estigmatizar a imagem das pessoas de fé. “Nós somos um país em que mais de 80% das pessoas se declaram com fé. Não se pode fazer um discurso como se todas essas pessoas fossem um risco à civilização”, diz Marina Silva¹⁷, ex-ministra do Meio Ambiente e ex-candidata à Presidência da República, e também evangélica.

Existem dois entraves nesse debate quando pensamos em progressismo e religião. Em primeiro lugar, o diálogo entre progressistas não-religiosos e progressistas religiosos. E em segundo, o diálogo entre progressistas religiosos e conservadores religiosos. A importância de viabilizar possibilidades de diálogos entre campos que muitas vezes se colocam como atores sociais em disputa é fundamental para a criação de um mundo mais justo e solidário.

O que é importante destacar nesse ponto é que existe um campo progressista religioso, por mais que a tradição hegemônica cristã afirme que não. Esse campo é diverso, heterogêneo, com pautas plurais e, em relação às questões da diversidade sexual e de gênero, tem se apresentado como aliados, embora a passos lentos.

17 BBC News Brasil, 15/03/2022

“ Estamos vivendo um ‘kairos’, um tempo de graça, que Deus nos dá para renovar nosso amor por Jesus e nosso desejo de segui-lo mais fielmente para anunciar com alegria o Evangelho do Reino de Deus que já está presente em nosso meio. O Espírito de Jesus está atuando fortemente em nossa Igreja latino-americana e caribenha, criando algo novo que já está surgindo. ”

Primera Asamblea Eclesial de América
Latina y El Caribe, 2021

convite à leitura | A metáfora do jardim

Porque o Senhor consolará a Sião; consolará a todos os seus lugares assolados, e fará o seu deserto como o Éden, e a sua solidão como o jardim do Senhor; gozo e alegria se achará nela, ação de graças, e voz de melodia.

Isaías 51:3

Sabemos que existe um público que pretendemos seja leitor desta publicação, mas também cremos que este texto pode extrapolar fronteiras. Nesse sentido, é importante alinharmos as expectativas sobre a experiência que se pode apreciar com a leitura de cada palavra. Reivindicaremos, neste momento, a primeira pessoa do plural como quem senta em uma mesa coletiva para conversar enquanto toma café.

Este relatório é um compilado de informações, dados, análises, entrevistas, vozes de especialistas e isso tudo tem um peso metodológico e político. Não há pretensões de amenizar a denúncia exposta nas páginas a seguir, tampouco de minimizar a leitura dolorosa e complexa do cenário atual. Nós, enquanto autores, entendemos nossa responsabilidade também com as vozes – de pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs em sofrimento – e os corpos que estão por trás ou atravessados por elas – de filhos/as/es LGBTI+.

Compreendemos que temos aqui lágrimas vertidas em madrugadas solitárias, gritos de socorro sussurrados em choro que se misturam com a água do banho e pedidos de ajuda feitos a plenos pulmões de quem não conseguiu fazer nada além de se calar.

Uma maneira que encontramos para costurar sensibilidade com rigor metodológico se estabelece ao escolhermos uma metáfora que nos ajuda a conduzir a discussão apresentada de uma forma que qualquer leitor possa assimilá-la.

- O convite que estamos expressando aqui é de
- que compreendam a família como um jardim
- e as famílias como um conjunto de jardins
- diversos e plurais.

Cada jardim possui por si só uma diversidade de cores, flores e aromas. Nesse sentido, referimo-nos a pais, mães e pessoas cuidadoras como árvores. Há jardins que têm duas árvores em seu entorno, há jardins com apenas uma (no caso, por exemplo, de famílias com mãe solo ou pai solo), enquanto há também jardins com outras árvores (no caso de famílias nas quais, além do pai e da mãe, também tem um tio ou uma avó que auxilia no cuidado). As flores desses jardins são filhos/as/es, que podem ser cis-heterossexuais ou ter as mais diversas cores e aromas. Algumas flores reproduzem o modelo da árvore, enquanto outras já fogem ao padrão que se espera. A beleza do jardim é saber que não existe um jardim que seja igual ao outro.

O que se vê acima do solo são as coisas visíveis ao que a sociedade percebe. Entre as perseguições e ataques que pessoas LGBTI+ sofrem – inclusive das próprias famílias –, temos os ventos de uma sociedade que enverga caules e muitas vezes arranca flores do pé. A atmosfera social onde este jardim realiza a fotossíntese acaba tirando o fôlego e sufocando a respiração.

Chamamos de sol nesta metáfora o Deus cristão, cujos raios são invisíveis aos olhos, mas sem os quais não haveria rastro de luz. Nossa aposta é crer em uma divindade que, como luz de esperança em gerar vida e transformação, sustenta o fruto com seiva em seu desenvolvimento. Se os jardins sobre os quais nos debruçaremos a observar são de famílias cristãs (católicas e evangélicas), assumimos o texto bíblico que diz: “A sua semente durará para sempre, e o seu trono, como o sol diante de mim”¹⁸.

18 Salmos 89, 36.

Ainda dentro do contexto cristão, Jesus diz: “Ou fazei a árvore boa, e o seu fruto bom, ou fazei a árvore má, e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore.”¹⁹

- Cada família gera, na sociedade onde está
- inserida, frutos que nada mais são do que
- respostas práticas às demandas de realidade.
- Frutos bons, como empatia, compaixão,
- solidariedade respeito às diferenças, carregam
- consigo sementes que vão gerar mais vida,
- justiça e acolhimento.

A semeadura tem o centro do seu processo no grão que contém vida dentro de si e é por isso que entendemos que, por semente, consideramos a centelha divina de vida, aceitação, potência de amor irrestrito, acolhimento incondicional e defesa da dignidade.

Se não existe vida no que se tem dentro do fruto, como nas árvores más que geram frutos de violência, ódio e opressão, consideremos estéreis para o que vamos desenvolver a seguir. A essas práticas, decidimos dar os nomes de “pragas”, que parasitam no jardim e através das quais flores deixam de crescer, muitas vezes morrem e, infelizmente, ao que se lê do cenário, nem sempre vamos conseguir arrancar por completo. Às vezes, o desafio e o sucesso serão apenas lidar com as pragas de forma que elas não impeçam, ou tenham o menor impacto possível, os aromas e cores de cada flor.

Dito tudo isso, nosso trabalho passa por uma apresentação do cenário sobre esses jardins e os processos que acontecem acima do solo, onde se pode ver a olho nú. Traremos dados sociodemográficos, informações sociopolíticas, análises de conjuntura e todas essas informações que certamente não tornam este trabalho único.

19 Mateus 12, 33.

**Mas não nos limitaremos
apenas a olhar a superfície.
Nossa aposta como
pesquisadores é de que
olhar e cuidar do solo vai
significar uma transformação
em jardins cujas disposições
não estejam tão saudáveis.
Acreditamos no milagre
que transforma desertos
em jardins, e é por isso
que estamos aqui.**

**A vida é mistério
É como uma semente
Que debaixo da terra
O milagre abriga
O milagre em si eu não posso ver
E debaixo do céu vejo a planta nascer**

Mistério uma música de Os Arraiais

O olhar que teremos nas páginas seguintes se dedica a uma profunda análise sobre o(s) solo(s) e os cuidados com ele. Sabemos que cuidar do solo, por vezes, é uma tarefa inglória e cujos resultados não se aferem por dados e números rígidos que quantifiquem transformações no curto, médio e longo prazo.

Ao olhar para o solo do jardim, nossa intenção é explorar o que não se vê na superfície. Investigar as coisas que acontecem nesse lugar de mistério que são os afetos, as subjetividades e quais são as estruturas que manejam essa dinâmica que, em sua essência, tem a intenção de gerar vida. Mas que no observar do cotidiano, chão da vida, vemos por sufocar a vida que luta para existir e resistir em si.

A curiosidade que move nossa pesquisa é direcionada para as dinâmicas ocultas que nunca são registradas nos olhos de quem vê a paisagem. Os movimentos que acontecem no interno, onde a luz não chega. Quais são as sensações? As emoções? Os afetos?

• Falaremos sobre as noites de choro de pais,
• mães e pessoas cuidadoras que descobrem
• a identidade de seus filhos/as/es. Falaremos
• daquele momento em que, escondidas no
• secreto do banheiro trancado, em posse do seu
• celular, digitam no navegador as palavras “meu
• filho é gay e agora, Deus?” acompanhado de
• um nó na garganta por se confrontar com as
• palavras escritas por suas próprias mãos.

Ao olharmos para as raízes, por exemplo, estamos considerando todos os valores que sustentam as árvores. Esses valores, se pensados a partir da tradição cristã, podem ser compaixão, justiça, solidariedade. Mas, também, podem ser de manutenção da tradição, e, por isso, rechaçam tudo o que é desconhecido, diferente ou novo. São essas raízes que geram sensações de vergonha, falha, culpa, medo, raiva e os mais variados sentimentos que embalam as lágrimas que percorrem a face de pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs ao descobrirem que seus filhos/as/es são LGBTI+.

Vamos falar, também, sobre a qualidade do solo e suas várias formas de estudar suas composições. Um mesmo solo pode ser observado sob perspectivas diferentes, texturas, densidades, composições químicas, rigidez, porosidade, entre outros aspectos importantes para considerar a fertilidade ou insalubridade daquilo que sustenta os diversos jardins. Precisaremos entrar em contato, sentir na pele, como quem pisa descalço o solo e se deixa marcar pela memória da pegada que fica. Explorar este campo é pisar em um terreno de texturas diferentes. Afinal os processos de vivência da espiritualidade são distintos.

Nas páginas a seguir, vamos retomar em diversos momentos as noções “análise dos solos” para compreender que nosso olhar está sim atento aos movimentos sociais e às dinâmicas que afetam os corpos LGBTI+, mas que não deixa de atentar para as movimentações que acontecem no mistério e que fazem com que possamos crer e contemplar milagres, como os relatos que traremos de mães e pais que passaram a aceitar suas crianças LGBTI+.

Encerramos esta carta-convite lembrando a você, leitor, que vem com suas bagagens, calçados, ferramentas de análise do jardim (e talvez do solo), que leia este texto, ao menos uma vez, despido de adornos e se permitindo estar descalço conosco. Este trabalho é sério em sua metodologia e critérios,

e reiteramos que cada análise e opinião feita sobre ele será considerada por quem assina esta publicação. Nosso ponto, entretanto, é que, para além das observações feitas com seus instrumentos e calçados, este trabalho também é um cultivar de jardinagem familiar, feito com manejos domésticos e recheado dos mais ambivalentes e ambíguos afetos.

A partir disso, desejamos a você uma boa experiência com a leitura, na esperança de gerar frutos de vida e esperança no seu jardim particular e no ecossistema ao seu redor.

Corajosa e cuidadosamente

Gut Simon, Bob Luiz Botelho, Tania Afonso e Ana Ester

2.

Como fomos atrás das respostas?

ponto de partida | Tateando o terreno

As diferentes texturas do território

Buscar uma resposta sobre o processo de aceitação de filhos/as/es LGBTI+ por pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs, é compreender, em seu ponto de partida, que não há uma única resposta porque não há uma única forma de ser família cristã no Brasil. Investigar este campo implica perceber as diferentes texturas desse terreno; afinal, a vivência da religião é distinta e diversa.

Há pessoas que precisarão de uma experiência metafísica (seja conversando com Deus, sonhando com Jesus ou guiada pelo Espírito Santo) para “ouvir da própria Trindade” o impulso para aceitar seu filho/a/e LGBTI+. Esse caminho é tão legítimo quanto as pessoas que passarão a aceitar suas crianças e jovens porque fizeram um exímio estudo dos escritos bíblicos e descobriram uma nova hermenêutica que lhes acalentasse o coração.

Ao reconhecer as diferentes texturas do território que pisamos, é importante identificar também que existem diferentes formas de explorar e tatear suas densidades. As disciplinas do conhecimento humano utilizadas nesta pesquisa olham de diferentes formas para o mesmo objeto e muitas vezes buscam respostas distintas para o mesmo processo. Um olhar sistêmico, holístico, integral e complexo precisou ser abraçado na tentativa de esboçar rascunhos que demonstrem o estado da arte sobre este tema.

As áreas do conhecimento pelas quais tateamos este território contemplam:

1. **Teologia** e suas reflexões epistemológicas sobre as categorias centrais da fé;
2. **Psicologia** enquanto manejo de conduta, boas práticas e cuidado com os sofrimentos envolvidos no processo;
3. **Ciências Sociais** (Sociologia, Antropologia, Ciências Jurídicas e Políticas), que fazem com que se construam categorias mensuráveis e o respaldo de incidência na realidade;
4. **Comunicação Social**, que instrumentaliza as análises sobre discurso e suas repercussões no público que recebe a mensagem e as formas de romper com essas narrativas processuais;
5. **Família e os Estudos Comunitários**, através dos quais é possível aproximar tudo o que se pensa, lê, reflete e discute sobre o tema com a rotina de quem sofre as dores de lidar com as possibilidades dos corpos dentro da experiência cristã.

processo | Medindo densidades

Nossos esforços de escuta

Este relatório se baseou na colheita de um amplo conteúdo sobre as diferentes nuances do tema fé cristã e identidades LGBTI+ por meio dos recursos descritos abaixo. Mais detalhes sobre as metodologias utilizadas nessas atividades estão no final desta publicação, na seção 23 da Parte VI, “Para saber mais”.

- a. processo de escuta qualificada com pais, mães e pessoas cuidadoras cristãos com filhos/as/es LGBTI+ que já percorreram ou ainda estão trilhando seus próprios caminhos de rejeição / aceitação. Entrevistas individuais realizadas com o intuito de contextualizar o processo de tomada de conhecimento da orientação sexual ou identidade de gênero dos filhos/as/es, explorar as experiências de ajustamento psicossocial subsequentes à revelação, discutir as estratégias que foram relevantes no caminho da aceitação e a articulação com a entrada no ativismo LGBTI+ e apoio a outras famílias;
- b. duas consultas com um grupo de doze especialistas, entre teólogos, profissionais da saúde mental, comunicadores, pais, mães e pessoas cuidadoras e outros membros da comunidade cristã LGBTI+ que oferecem atendimento psicoterapêutico a pessoas LGBTI+ e também familiares, cuidado pastoral e orientação espiritual a pessoas LGBTI+ e familiares, e também acerca de suas próprias vivências como estudiosos no tema e/ou familiares no processo de aceitação das pessoas LGBTI+ em suas famílias. Estiveram presentes Bruna Galvão (Casa Galileia), Coraci Ruiz (cin-easta em Estúdio Cisco), Ma. Cris Serra (psicóloga), reverenda Dayse Porto (teóloga, pedagoga e psicanalista), professor Dr. Flávio Conrado (antropólogo e consultor), professora Gabriella Morena (psicóloga e ministra evangélica), reverenda Gabs Lima (psicanalista, socióloga e teóloga), pastor Julio Oliveira (teólogo e mobilizador comunitário), Lucas Cortez (Redes Cordiais), professor Dr. Marcelo Limão (sociólogo, escritor e psicólogo), pastora Dra. Odja Barros (biblista), Dra. Silvia Kreuz (sex-óloga e fundadora do MAMI);

- c. entrevistas individuais com pessoas envolvidas em temáticas que transitam na interface entre o universo religioso, os estudos de comunicação e mídias e a incidência na sociedade. Entre elas estão a professora Dra. Magali Cunha (Coletivo Bereia e Grupo de Estudos Religiosos do Inter-com) e o pesquisador Humberto Ramos (Otros Cruces);
- d. encontros com estrategistas, articuladores, mobilizados e lideranças de diversas organizações sociais para compreender a percepção de setores progressistas sobre a relação do discurso religioso com a defesa dos direitos humanos. A todas essas pessoas (optamos por não nomeá-las aqui em virtude da sensibilidade do tema do nosso estudo), reforçamos nossa imensa gratidão. O conteúdo deste relatório não expressa a visão de nenhuma dessas pessoas e das organizações que atuam ou atuavam na época;
- e. depoimentos de Allie Terassi, Bruna Galvão, Bob Luiz Botelho, Cris Serra, Coraci Ruiz, Flávio Conrado, Gabriella Morena, Julio Oliveira, Odja Barros e Silvia Kreuz. Todas essas pessoas foram convidadas para escreverem, a partir de seus locais de fala, depoimentos, que se encontram na Parte V deste relatório. Trouxemos citações desses testemunhos para o corpo da publicação a fim de reforçar alguns de nossos argumentos.
- f. convocação de um Conselho Editorial que realizou a leitura do texto final desta publicação e fez uma análise crítica da obra, apontando melhorias. O grupo é formado por Angelica Tostes (teóloga feminista e mestra em Ciências da Religião), Caê Vasconcelos (jornalista, homem trans e autor do livro “Transresistência”), Leandro Ramos (jornalista, mo-

bilizador e ativista LGBT+) e Tião Guerra (pedagogo social e consultor de processos de desenvolvimento para indivíduos e organizações);

g. pesquisa em fontes e literatura já existentes sobre o tema.

sobre nós | Vozes desta publicação

Quais vozes estão envolvidas nesta publicação?

Esta pesquisa foi idealizada e coordenada pelo comunicador social, facilitador e ativista LGBTI+ **Gut Simon**, que é bissexual, homem cisgênero, católico e possui ampla experiência com advocacy, mobilização e comunicação de causas sociais no Terceiro Setor.

Contou com a coordenação teológica e assessoria curatorial de **Bob Luiz Botelho**, que é Reverendo pela Iglesia Antigua de las Americas, gay, cisgênero, teólogo, geógrafo, pesquisador em diversidade e cofundador do Evangélicxs Pela Diversidade.

E teve ainda o apoio metodológico de **Tania Afonso**, mulher cisgênera, heterossexual, que é fonoaudióloga, mestre em Linguística e doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Ela é também mãe de uma criança arco-íris de nove anos de idade.

Juntou-se a nós, na fase final da produção deste relatório, a jornalista, teóloga, mestra e doutora em Ciências da Religião **Ana Ester**, que é pessoa lésbica e cisgênera, clériga ordenada pelas Igrejas da Comunidade Metropolitana e a atual co-chair da Junta Diretiva da Global Interfaith Network For People of All Sexes, Sexual Orientations, Gender Identities and Expressions (GIN-SSOGIE).

As quatro pessoas assinam juntas todos os textos deste relatório. Além deles, a pesquisa contou com o apoio de

Tião Guerra, pedagogo social e homem gay dedicado a consultorias de processos de desenvolvimento para indivíduos e organizações.

Ao elaborarmos o projeto inicial desse documento, estabelecemos critérios, caminhos e métodos que, no decorrer da escrita, foram sendo diluídos entre lágrimas e suor, fé e café, noites maldormidas e sessões de terapia. Nós, autores desta publicação e pessoas e/ou familiares de LGBTI+, estamos diretamente implicados na temática que nos propusemos mapear. Isso fez com que o texto, com pretensões acadêmicas, fosse se distanciando cada vez mais do sisudo relatório que queríamos, a priori, escrever.

Às vozes de especialistas e de entrevistados, juntamos as nossas. Cada seção carrega um pouco de nossas experiências pessoais e das urgências que nos conclamam à ação. Por isso, às pessoas que se aproximam deste material, alertamos que não encontrarão um relatório dentro das normas que o próprio gênero pressupõe. Ao contrário, encontrarão narrativas de um cenário tão bem conhecido que, ao descrevê-lo, nos colocamos como personagens ativos dessas histórias.

parte 2

A dor que começa dentro de casa



3.

Famílias cristãs com filhos/as/es LGBTI+

amostragem | Quem são essas famílias-jardins?

O que sabemos sobre essas famílias?

Unir as interfaces das famílias cristãs²⁰ com filhos/as/es LGBTI+ é um desafio que por si só abraça o diálogo sobre diversidade. Nossa preocupação não é atestar realidade, como se nós precisássemos provar que essas famílias existem, especialmente essas crianças, ou pensar em uma ideia de que “é possível que elas não existam”. A pergunta sobre a qual nos debruçamos nos convida a uma aproximação sobre como essas existências, uma vez que são múltiplas, acontecem na materialização do território e das demandas do cotidiano.

Nesse sentido, a presença e a ausência de dados oficiais sobre as famílias cristãs com filhos/as/es arco-íris²¹ já são em si mesmas um indicativo e indício dessas demandas. Falamos anteriormente sobre as texturas do solo e como usaremos as ferramentas para Tateá-lo. Neste capítulo, nosso trabalho é pensar sobre quais medidas temos para dimensionar esse terreno, em sua extensão e profundidade.

20 Nesta obra, tomamos como base conceitual a família como compreendida no contexto cristão tradicional e hegemônico. Sabemos que a “família nuclear cristã” é um modelo dentre diversos, mas é justamente esse modelo o território das realidades que pretendemos apresentar.

21 Arco-íris é uma referência ao símbolo usado mundialmente pelo movimento LGBTI+ para designar o espectro abrangente, múltiplo e fluido de possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero.

Quem são essas famílias? Onde elas estão? Será que os dados que temos evidenciam essas existências? Será que a ausência desses dados indicam algo importante?

O primeiro passo é trabalhar com os dados que nos são possíveis. Em que pesem as questões referentes ao manejo das estatísticas e suas inferências, o que temos até o momento é que demograficamente o Brasil é um país com fortíssima representação numérica de pessoas assumidamente cristãs. Segundo o Censo de 2010, famílias cristãs correspondem a 86,8% dos lares brasileiros, de uma população total brasileira de 190.732.694 pessoas.

É importante ressaltar que o espectro cristão é diverso e heterogêneo. Católicos - sendo eles apostólicos romanos ou não -, protestantes e kardecistas são algumas das expressões de fé que se autodenominam cristãs, ainda que suas perspectivas religiosas sejam distintas entre si.

Atualmente, o Brasil é o país com maior número de cristãos fora do Vaticano (proporção em relação à população). A expressividade dos dados se encontram contempladas inclusive nas posições políticas de representação no Legislativo e no Executivo Nacional, tais quais a Frente Parlamentar Evangélica Congresso Nacional, com 199 deputados e 8 senadores²², ou a equipe de ministras e ministros evangélicos da Presidência da República.

Ocorre que, dentro dessa expressividade de cristãos brasileiros, existem outros dados que importam ser sobrepostos para serem analisados conjuntamente, promovendo uma análise sociodemográfica e da geografia populacional que ajude a entender a existência das famílias cristãs com filhos/as/es LGBTI+. No Censo de 2010, o último realizado em escala nacional, não foram levantados dados oficiais sobre a identidade sexual e de gênero da população brasileira. Porém, de acordo com a Associação

22 Câmara dos Deputados, 17/04/2019

Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), a estimativa da população LGBTI+ no Brasil é de cerca de 18 milhões de pessoas (9% da população), não levando em conta pessoas intersexo e assexuais.

Inferências possíveis

Apenas a intersecção destes dois dados – quantidade de lares cristãos e de pessoas LGBTI+ na população brasileira – já indicaria de forma assumidamente imprecisa o tamanho desse segmento. Um passo à frente é o reconhecimento de que muitos desses lares incluem crianças que podem expressar sua orientação sexual ou identidade de gênero, mesmo que não definitivamente, desde a mais tenra idade. Estudos em outros territórios²³ indicam que a identidade de gênero é experienciada e vivida a partir de 3 anos em diante. E a orientação sexual é definida e descoberta entre 10 e 18 anos de idade. Entretanto, esses dados variam muito de acordo com as pesquisas²⁴ já publicadas a respeito do tema.

Segundo a Fundação Abrinq (2021), o Brasil tem 69,8 milhões de crianças e adolescentes entre zero e 19 anos de idade, o que representa 33% da população total do país. Entre elas, 35,5 milhões de crianças de até 12 anos de idade, o que corresponde a 17,1% da população. Essas crianças estão ou irão passar pelo despertar da sexualidade, na qual a criança explora o prazer, os contatos afetivos e as relações de gênero.

Assim, mesmo que socialmente o tema sexualidade ainda seja um “tabu”, principalmente, quando relacionado à infância, nesse ciclo de vida as crianças buscam se conhecer, fazem perguntas e tentam compreender a própria sexualidade. Um estudo realizado pela Universidade de San Diego (2019),

23 Enseñando Diversidad, Todo Mejora, Chile, 2017

24 BBC News, 2018

nos Estados Unidos, com 4,5 mil crianças, aponta que 1% dos meninos e meninas entre 9 e 10 anos de idade disseram ser LGBTI+ ou acharem que podem ser.

“ Embora pelo senso comum ela (sexualidade) se confunda com o erotismo, a genitalidade e as relações sexuais, o fato é que esse campo do desenvolvimento humano pode ser entendido num sentido mais amplo e deve incluir a conscientização sobre o próprio corpo e a forma de se relacionar amorosamente. ”

Nova Escola, 2010

Não temos dados precisos sobre a população entre 9 e 10 anos de idade no Brasil. Tampouco seria honesto apenas replicar o resultado dessa pesquisa norte-americana para o contexto brasileiro. O que é importante nesse número é ressaltar que, segundo a pesquisa, crianças entre 9 e 10 anos já conseguem dar nome aos seus sentimentos e assumir sua sexualidade, ainda que esta seja fora da norma social. Para a maior parte dessas crianças, essa compreensão pode vir acompanhada pelos sentimentos de algo proibido e constrangedor.

Inferências à parte, é preciso reconhecer que a diversidade vem desde a infância. “A criança LGBTI+ existe” e tem o direito e a necessidade de ser acolhida e estar protegida, como vem repetindo desde sua fundação, em 2007, o coletivo Mães pela Diversidade. O grupo reúne famílias de diferentes classes sociais, etnias, origens e posições políticas com experiências semelhantes e está presente em 23 estados brasileiros. O coletivo é, segundo sua própria fundadora, Majú Giorgi, “um megafone com o objetivo de somar vozes, compartilhar histórias, lutar por direitos, combater a homofobia, denunciar injustiças e, principalmente, levar informação”.

“ Todas as crianças, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero real ou percebida, têm direito a uma infância segura e saudável, livre de discriminação. O mesmo princípio se aplica a todas as crianças, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero de seus pais. Tanto a Convenção sobre os Direitos da Criança quanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos deixam claro que os direitos humanos são universais. Nenhuma pessoa – criança ou adulto – deve sofrer abuso, discriminação, exploração, marginalização ou violência de qualquer tipo por qualquer motivo, inclusive com base em sua orientação sexual ou identidade de gênero real ou percebida. Da mesma forma, a nenhuma pessoa deve ser negado nenhum de seus direitos humanos universais, liberdades e oportunidades básicas. ”

UNICEF, 2014

Ressaltamos que ao tratarmos sobre “pais, mães, pessoas cuidadoras cristãs e filhos/as/es LGBTI+” ou “famílias cristãs e filhos/as/es LGBTI+” ou ainda “parentalidade cristã e filhos/as/es LGBTI+”, de maneira alguma queremos invisibilizar a diversidade de arranjos familiares e afetivos que se dão nesse campo. Acreditamos que, no decorrer do texto, nossa pesquisa irá apontar para essa realidade, mas, desde já, é importante que afirmemos que cada história é única e que toda vida importa.

denúncia | A falta de dados que destrói o jardim

O que a falta de dados quer dizer?

O que nos diz o silêncio? Nas temáticas referentes às pessoas LGBTI+ aprendemos que o silenciamento das realidades

nos diz muito. A falta de informação é intencional porque a realidade que desconhecemos não pode ser modificada. Vidas não são números, mas os números, os dados, são importantes para que pensemos em estratégias que minimizem as violências.

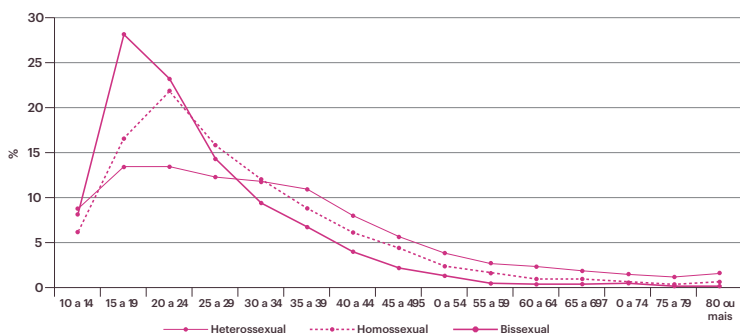
Se em relação à comunidade LGBTI+ esse apagamento dos dados é notável, quanto mais ele é em relação às crianças LGBTI+. Com o último Censo tendo sido realizado em 2010, o que temos disponíveis são estimativas. E, em relação às pessoas LGBTI+ nem isso, pois esse não foi um segmento contemplado na última pesquisa. Muitas das informações que servem de base para este estudo foram produzidas por agências independentes, como a UNICEF. Em relação à violência, o documento base para possíveis análises desse terreno é o Atlas da Violência 2021.

Segundo a última edição do Atlas da Violência elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), conjuntamente com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), "a falta de dados, e de intervenções estatais pela promoção de direitos LGBTQI+, tende a aprofundar a vulnerabilidade de tal população à violência, especialmente de seu subgrupo mais vulnerável, constituído de pessoas jovens e negras LGBTQI+".

"O Atlas da Violência 2020 apontou bastante incisivamente para a urgência da produção, sistematização e publicização de dados e indicadores de violência contra LGBTQI+ no Brasil. Tal urgência persiste em 2021, já que o recenseamento que seria realizado este ano não contaria com perguntas relativas à identidade de gênero e orientação sexual. Paralelamente, não se identificaram iniciativas para melhorar a qualidade e a especificidade dos dados produzidos pelas pastas da Saúde e dos Direitos Humanos, ou de se começar a produzi-los no caso da Segurança Pública" segundo o IPEA, 2021.

A única informação disponível que cruza os dados entre LGBTI+ e faixa etária no relatório mostra que “enquanto jovens heterossexuais de 10 a 19 anos compõem 44,6% das vítimas heterossexuais de violências registradas pelo Sinan, bissexuais adolescentes e jovens de 10 a 19 anos correspondem a 59,5% das vítimas, e homossexuais a 44,7% das vítimas. Essa comparação entre trans e cis não é possível dadas as limitações dos dados”.

Perfil de pessoas homossexuais e bissexuais vítimas de violência, por orientação sexual, por faixa etária (Brasil, 2019)



Fonte: IPEA, 2021.

“ A idade das vítimas LGBTQI+ demonstra que a juventude é o período de maior vulnerabilidade à violência. Evidencia também que é no período de formação da identidade, na adolescência, o ponto mais alto da vulnerabilidade de pessoas homossexuais e bissexuais, havendo inclusive concentração muito maior de violências contra jovens homossexuais e bissexuais, do que contra heterossexuais. ”

IPEA, 2021

Pela violência que a falta de dados comunica, percebemos que não somente as informações não existem, como também os mecanismos que mapeiam esses dados - como o Disque 100 - estão em processo de desmonte²⁵. Os dados são poucos, mas os que já existem apontam para a importância de se pensar em crianças e adolescentes LGBTI+ em um cenário no qual os discursos e as práticas religiosas cristãs hegemônicas reiteram a violência contra esse público.

A forma que encontramos de tatear esse terreno de raízes tão profundas foi escutar histórias de profissionais e especialistas que trouxessem elementos sobre a realidade na concretude e dureza da vida. Além disso, muitas vezes durante o relatório, usamos pesquisas que foram feitas fora do território brasileiro, o que reforça a falta de estudos nacionais sobre o tema. Não pretendemos com isso aplicar os achados dessas pesquisas à nossa realidade, mas eles ajudam a compreender o cenário que é local, como também mundial. Afinal, ainda existem 69 países no mundo que têm leis que criminalizam a homossexualidade.

25 Folha de S. Paulo, 28/08/2020

💡 De acordo com o artigo 227 da Constituição Federal, é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar, com absoluta prioridade, todos os direitos das crianças e adolescentes e mantê-los a salvo de todas as formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Estudos mostram que o Brasil é um país violento. As taxas de homicídio se equiparam, e por vezes superam, as de regiões em guerra, sendo essa a principal causa de mortes de adolescentes e jovens no país. Além disso, todos os anos são registradas milhares de denúncias de violações de direitos de crianças e adolescentes por meio do Disque 100, sendo a maioria relacionada a casos de negligência, violência psicológica, violência física e sexual. 💡

Observatório da Criança e do Adolescente
Fundação Abrinq

4.

O fenômeno da rejeição

conflito | Flores que não são esperadas

“Meu filho é gay. E agora, Deus?”

A família é um núcleo social com definição em disputa²⁶. Para conservadores, ela tem um significado único e representa um modelo conhecido como “família nuclear”. Para progressistas, o conceito tem sido transformado pelas diversas realidades de arranjos familiares que se apresentam no Brasil.

“ A família é uma instituição social, resultante de um acordo entre distintos atores políticos acerca de quais agrupamentos conjugais e parentais devem contar com a proteção do Estado e a legitimidade da sociedade. ”

Luiz Mello, 2006

O que é importante para nós é compreender a família como um espaço de cuidado. O cuidado, muitas vezes, está enraizado em tradições culturais e crenças religiosas. Para as famílias cristãs, que buscam educar suas crianças à luz da Bíblia, alguns textos, se observados de forma fundamentalista, podem reforçar um ciclo de violência.

26 Aprofundaremos a discussão sobre família na seção 9.

***Quem se nega a castigar seu filho não o ama;
quem o ama não hesita em discipliná-lo.***

Provérbios 13, 24

***A insensatez está ligada ao coração da criança,
mas a vara da disciplina a livrará dela.***

Provérbios 22, 15

Por outro lado, também existem versículos bíblicos que estimulam outro tipo de educação, como Provérbios 31, 26: “Fala com sabedoria e ensina com amor”. Por isso, não é possível afirmar que exista um modelo de educação cristã, porque tudo está ligado à forma pela qual a família interpreta e vive o cristianismo.

É importante pensarmos na educação no ambiente familiar para compreendermos a dinâmica do cuidado que acontece dentro dos lares, pois a rejeição pode ser pensada também como antônimo do cuidado. Afinal, rejeita aquele que não cuida amorosamente.

Compreender as dores, os sentimentos e o percurso de famílias cristãs no caminho da aceitação de seus filhos/as/es LGBTI+ é essencial. Tendo em conta o cenário de preconceitos, discriminações e agressões²⁷ que assolam a comunidade LGBTI+, não é de surpreender que muitas famílias não reajam da melhor forma após perceberem, quando seus filhos/as/es ainda são crianças, ou após a revelação, na medida em que estes filhos/as/es se tornam adolescentes e jovens.

**“ Problema mesmo foi na época da escola
[...]. Teve uma vez que uns meninos jogaram
uma porta em cima de mim e eu quebrei minha
perna. E ainda tive que ficar ouvindo da minha**

²⁷ Homo/transexualidades e família: análise de um grupo voltado a pais e mães de LGBTs, 23/12/2018

**mãe que eu sofria o que sofria por causa do meu
jeitinho de 'veado'. Eu tinha 8 anos. 💜💜**

Homem gay, pesquisa Google e Box 1824, 2019

Para qualquer pessoa e também para as LGBTI+, a família, quando se constitui como uma rede de apoio, possibilita a construção de relações de afeto e vínculo capazes de promover qualidade de vida, bem-estar e saúde física e mental. Não por acaso, ser rejeitado por suas famílias é o maior problema para um em cada quatro homens gays, conforme indica a pesquisa “Growing Up LGBT in America”, da organização não governamental (ONG) norte-americana de defesa dos direitos civis Human Rights Campaign.

O fato é que não faz parte de nenhum projeto de parentalidade, seja cristão ou não, desejar ou se preparar para um filho/a/e LGBTI+. Em uma sociedade hétero-cis-normativa, na qual heterossexualidade e cisgeneridade são compulsoriamente impostas, muitas vezes, os sonhos dos pais, mães e pessoas cuidadoras para o futuro dos filhos/as/es desabam após a descoberta. E a rejeição acaba sendo um impulso desesperado diante da quebra da expectativa de que os filhos/as/es se encaixem, sejam felizes, não sofram discriminação e - especialmente para as famílias cristãs - que não estejam em pecado e condenadas ao inferno.

Segundo pesquisa divulgada pela ILGA, pelo menos dois terços das pessoas não gostariam de ter um filho/a/e LGBTI+. É importante reconhecer que quando sentimentos de rejeição e aceitação coexistem, pais, mães e pessoas cuidadoras experienciam um sentimento de ambivalência e suas dificuldades em aceitar seus filhos/as/es LGBTI+ podem resultar na diminuição da sua capacidade de apoiá-los e no aumento do conflito familiar. Especialmente para as famílias cristãs, o maior desafio é conseguir encontrar dentro de si a capacidade de evitar o rompimento familiar e o conflito com Deus.

“Deus me livre!”

- **66% das pessoas no mundo não gostariam**
- **de ter um filho LGBTI+.**

ILGA, 2016

- **37% dos brasileiros não aceitariam filho**
- **homossexual.**

Data Popular, 2013

A essência dos ensinamentos bíblicos repercute na vida das famílias cristãs com filhos/as/es LGBTI+ e acarreta em sofrimento, como já vimos aqui, tanto para os pais como para os filhos. Para que pais, mães e pessoas cuidadoras possam encontrar o alívio de amar o que existe de fato diante deles, eles, muitas vezes, precisam passar pelo processo de luto do filho/a/e que foi idealizado. Para fins didáticos, dividimos esse luto em três possíveis níveis.

O primeiro luto trata da expectativa que pais, mães e pessoas cuidadoras têm sobre esses filhos/as/es. Ou seja, a expectativa sobre o vínculo que se estabeleceu a partir do que “era para ser”, do idealizado;

O segundo luto diz respeito a deixar morrer a necessidade de reputação que eles têm diante dos vínculos religiosos sobre o sucesso e fracasso da própria parentalidade;

O terceiro, e talvez o mais difícil, é estabelecer o encerramento do ciclo de um amor que se manifesta a partir de uma identidade que não é a do próprio filho/a/e. Ou seja, a morte de todas as maneiras como essa mãe, pai ou cuidador amou essa criança ou adolescente até então. Deixar de lado a necessidade de definição desse amor (de adjetivar o filho para condicionar esse amor) para encontrar o lugar de amor que não tem pretensão.

tabu | O silêncio no jardim

“Não quero falar sobre isso”

A temática da sexualidade em crianças e adolescentes é um tabu cultural no Ocidente. O resultado disso não é somente o silenciamento do debate sobre esse tema, mas também a falta de instrumentos públicos que tratem dessa questão fora dos debates existentes sobre abuso e exploração.

“ [...] tanto a Convenção sobre os Direitos da Criança quanto o ECA possuem algumas limitações no que diz respeito ao debate sobre os direitos sexuais e os direitos reprodutivos. A primeira está relacionada à neutralidade adotada do ponto de vista de gênero, não trazendo expressamente definições que permitam tratar de forma adequada a desigualdade entre meninos e meninas. Além disso, tanto a Convenção quanto o ECA carecem de conteúdos referentes a situações envolvendo sexualidade e direitos reprodutivos que não sejam aqueles relacionados ao abuso e à exploração. ”

UNICEF, 2020

Se isso se dá na sociedade em geral, quanto mais dentro da privacidade dos lares cristãos! Grande parte do conflito passa por negar a sexualidade da criança e do adolescente. Ainda hoje, a sexualidade das crianças e adolescentes é um tema difícil de ser abordado, pois ainda nos ancoramos em extremos: ou uma visão ingênua e tradicional de pureza e felicidade ímpar; ou uma adultização e sexualização precoce, mas não infantil. Esquecemo-nos de trazer à tona uma criança ou adolescente dotado de corpos, afetos, desejo e conflitos, cuja autoimagem é também construída na relação com os adultos.

“ É necessária uma teologia de reconciliação com o corpo porque a nossa teologia historicamente cristã condena o corpo e a sexualidade em geral. (...) Há uma pobre vivência de sexualidade, cheia de interdições, na própria vivência das experiências sexuais heteronormativas. A igreja não consegue se abrir e lidar com essas questões, elas não podem ser ditas. ”

Pastora Dra. Odja Barros

A teologia cristã só reforça o estigma da sexualidade negando a pluralidade dos corpos e as experiências que tocam a temática. E se isso assim se dá em relação à sexualidade em geral, quanto mais em relação às sexualidades dissidentes, que não se enquadram no que a tradição religiosa cristã compreende como normativa e natural (cisgeneridade e heterossexualidade).

A rejeição ao tema resulta em uma rejeição à prática e, conseqüentemente, à pessoa. É um ciclo de rejeição que perpassa o silenciamento do debate e a castração do desejo. Entretanto, essa é uma temática que, se abraçada a partir da dimensão do cuidado, pode vir a proporcionar oportunidades de um desenvolvimento mais sadio da sexualidade.

“ Assim sendo, as ações de orientação, formação, sensibilização e autocuidado devem sempre envolver as meninas e os meninos, para debater temas relacionados à sexualidade e à saúde sexual e reprodutiva, contribuindo para sua mobilização no enfrentamento ao machismo, ao sexismo e a outras violências de gênero, além da responsabilidade compartilhada no planejamento da vida reprodutiva e nos cuidados com os filhos, garantindo, assim, o mais pleno exercício dos direitos sexuais e reprodutivos na adolescência. ”

UNICEF, 2020

5.

As dores de pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs

sentimentos | Solos em ebulição

Um caldeirão de sensações

Uma coisa é fato: o conflito da rejeição assola tanto pais, mães e pessoas cuidadoras como filhos/as/es. Pais, mães e pessoas cuidadoras sentem angústia, medo e sofrem porque não conseguem compreender e apoiar aqueles que mais amam. Os motivos que os levam a terem dificuldade em aceitar seus filhos/as/es LGBTI+ são muitos e de naturezas distintas. Seja pelas expectativas que criaram em relação a eles, que precisarão ser revistas, seja pela desinformação, conflitos e dores íntimas que se instalam.

“ [...] as igrejas conservadoras tradicionais trabalham a questão LGBTI+ sempre apontando para a direção da perdição, então os pais estão movidos por esse medo, angústia e não aceitação. ”

Revda. Dayse Porto

Nessa direção, os relatos a seguir apontam para oito sentimentos mapeados a partir da contextualização do processo de revelação. Em muitos casos essa revelação se dá como uma tomada de conhecimento, na qual não há uma revelação explí-

cita por parte das crianças, mas é possível uma percepção por parte da família. Juntamente às leituras realizadas para esta pesquisa, as conversas com especialistas e as entrevistas com pais, mães e pessoas cuidadoras de filhos/as/es LGBTI+ que passaram por esse processo de rejeição / aceitação, apresentamos pistas para a reflexão e levantamento de hipóteses.

A primeira importante hipótese é de que esse caminho não é único, retilíneo e justaposto. Os destinos podem ser parecidos, mas jamais serão iguais ou equivalentes, tal qual as trajetórias percorridas. O processo de mapeamento e análise da realidade sobre a dinâmica de pessoas cuidadoras de pessoas LGBTI+ que professam a fé cristã possui uma diversidade de encontros e trocas que acenam para a contemplação da história de quem narra, mas cada pessoa que passa a ocupar o lugar de narrador traz consigo seu próprio arcabouço de vivências, subjetividades e nuances.

Compreendemos, portanto, ao analisar emoções e sentimentos de pais, mães e pessoas cuidadoras que passaram por esse processo, que muitas dessas dores se repetem nas diferentes narrativas, não como uma evolução, como se um estágio necessariamente precedesse o próximo, mas como um processo semelhante para experiências muito pessoais e singulares.

“ Num mundo em que por muito tempo, e até agora, o padrão é uma ‘sexualidade heterossexual’, não é de todo estranho que os pais presumam e desejem que seus filhos sejam heterossexuais, e podemos pensar em algumas razões para isso. Primeiramente, por eles próprios serem heterossexuais (isso muda com o fato de termos mais recentemente famílias formadas por pais LGBTs assumidos); mas há outras possíveis razões também: por um preconceito internalizado pela sociedade

em que vivem e foram criados; por saber das dificuldades que um filho não-heterossexual irá sofrer apenas por ser LGBT; pela ideia de que, devido ao fato de os filhos serem LGBT, não terão netos; entre outras tantas possíveis em cada caso particular. 🌈

Bruno Branquinho, 2019

a. O choque e a negação da revelação

Quais as repercussões da revelação dos filhos/as/es LGBTI+ nas relações familiares? Como se dá a participação e os sentimentos que acarretam a revelação nas famílias? As famílias buscam redes como uma referência de apoio no processo de aceitação de seus filhos?

As reações diante da revelação de filhos/as/es LGBTI+ no contexto familiar é um tema ainda pouco investigado²⁸. Do pouco que se sabe, é possível afirmar que uma das primeiras reações é a negação.

“ No momento da revelação [na igreja pelo pastor em frente aos fiéis], parece que abriu o chão. Eu queria me enfiar dentro da terra. 🌈

Catia, mãe de filho homossexual não-binário

“ Eu simplesmente me calei. Um buraco se abriu. Levantei e não falei nada. Fui até o banheiro e entrei no chuveiro. E se dizem que pai de gay chora no banheiro... Chora! Chorei pra caraca! 🌈

Washington, pai de filho homem cis homossexual

28 A Revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica, 2018

“ Eu achei que era uma fase. A gente conversou por quase uma hora. Mas eu fiquei insistindo e olhando para aquilo como algo que iria passar. ”

Sônia, mãe de filho homem cis homossexual

É importante reforçar que, para as famílias de crianças ou mesmo de jovens, os pais, mães e pessoas cuidadoras podem perceber sinais de comportamentos e expressões “diferentes” em seus filhos/as/es desde a mais tenra idade. Alguns relatos referem-se a indícios que estariam presentes já na primeira infância, associados ao rompimento com padrões de gênero socialmente construídos.

“ Sempre o vi diferente dos outros meninos. Desde pequenininho (4 anos), ele brincava só de boneca, preferia estar com as meninas, dançar Rouge. ”

Catia, mãe de filho homossexual não-binário

Em pesquisa sobre as “experiências de pais e mães na revelação da orientação não heterossexual de filhos/as” (2021), Monalisa Col Debella e Icaro Bonamigo Gaspodini chegaram à conclusão de que existem dois tipos de aceitação: 1) a imediata e 2) a conturbada. Em relação à conturbada, os dois narram que as reações e os sentimentos identificados foram: tristeza, desnor-teamento, espanto, dor, nervosismo e culpa.

“ Entre os fatores percebidos como associados à aceitação conturbada, percebe-se a esperança dos pais para que o/a filho/a reverta ou mesmo não assuma sua orientação sexual. Os pais passam por uma espécie de negação. Conforme Pachankis e Goldfried (2013), as reações parentais podem seguir um percurso

que se inicia na culpa e na negação.

A negação propicia uma zona de amortecimento até que os pais possam reencontrar o equilíbrio. Na maioria dos casos, a negação é ansiosa e, embora os pais possam ter um certo conhecimento da verdade, se recusam a acreditar na informação, descartando a homossexualidade do/a filho/a como apenas uma fase, ou buscando evidências contrárias. ”

Monalisa Col Debella e Icaro Bonamigo Gaspodini, 2021

b. Silenciamento e solidão

Aliados ao sentimento de negação, também é recorrente o silenciamento após a revelação e a solidão ao longo de todo o processo. Na maioria dos casos, os responsáveis pelas crianças ou adolescentes não conversam sobre o ocorrido – entre eles e com os demais membros da família ou da comunidade de fé –, fazendo da situação um “grande segredo” e um “tabu” que acaba levando a família toda para “dentro do armário”.

” Levei dias para digerir em completo silêncio. Não conversei disso com amigo, ninguém. Eu tinha pânico de que alguém soubesse o que estava passando. (...) Como no meu casamento a gente não tinha problema, meu marido e eu, eu achava que se eu falasse pra ele eu iria destruir o que a gente tinha. Uma união boa e estável. Um casamento feliz. Eu achava que meu filho ia causar a minha infelicidade e a do meu marido. ”

Sônia, mãe de filho homem cis homossexual

” A gente nunca conversou muito sobre isso, eu e meu filho. Nem com o meu marido. Foi um processo que eu vivi mais sozinha. ”

Catia, mãe de filho homossexual não-binário

“ E a gente nunca falou sobre isso, era um tabu.

Falava sobre tudo, menos isso. ”

Washington, pai de filho homem cis homossexual

Há ainda relatos que apontam que a revelação foi inicialmente feita às mães, o que sugere uma maior dificuldade dos pais ou figuras masculinas, por si só também filhos de uma sociedade machista, em aceitar seu filho/a/e LGBTI+ ou em lidar com seus próprios sentimentos de frustração.

“ A mãe já sabia há um ano. Só depois de um tempo ele resolveu me contar. (...) Pra mãe é muito mais fácil acolher. Mãe ama incondicionalmente. Basta ver quem lota as filas das visitas de domingo nas penitenciárias. Pra mães é bem mais difícil abandonar o filho. ”

Washington, pai de filho homem cis homossexual

c. Abandono e distanciamento

Em alguns casos, a não aceitação, o distanciamento e abandono, mesmo que simbólicos, estão presentes. Para crianças e adolescentes que ainda vivem sob o mesmo teto dos pais, mães e pessoas cuidadoras, essa distância emocional, agravada por um distanciamento físico dentro do mesmo espaço, se torna ainda mais amarga.

“ Quando foi com meu filho, eu travei e simplesmente não conseguia conviver com ele. Eu não queria falar sobre isso. Eu não me interessava. [...] Eu não conseguia tocá-lo. (...) Eu comecei a perceber que eu tinha abandonado ele. Ele morava dentro da minha casa (...) Passei cinco anos assim. Cuidava da roupa. Ele no quarto. Ele descia, jantava. Saía pra trabalhar. Sobrevivia. E pra mim tava muito

bom. Não trazia ele pra perto da família. (...) Eu o excluí, o que deve ser muito doloroso pra uma pessoa ser ignorada. 🌸

Sônia, mãe de filho homem cis homossexual

d. Culpa e sentimento de ter falhado

Os sentimentos divergem de família para família, dada a singularidade de cada configuração. Entretanto, em diferentes falas, há referência à ideia de “não ter dado certo”, “ter falhado” e de que tornar este fato público traz muitos constrangimentos. Existe com frequência também a investigação incessante do “motivo que fez” o filho/a/e “virar homossexual” e a possível contribuição do pai, mãe e cuidador nesse processo: “Onde eu errei na educação que dei a ele?”

🌸 Me sentia muito culpada. Porque o pessoal da família e da igreja começou a falar que eu era culpada dele ser assim. Porque desde criança ele brincava com coisa feminina. 🌸

Catia, mãe de filho homossexual não-binário

🌸 Eu achava, porque eu tinha outras duas filhas, que eu não soube criar ele como homem. Eu pensava ‘será que foi porque eu deixei ele dormir com elas no mesmo quarto?’ ou ‘será que eu não vi ele experimentando os batons delas?’, como ele me confessou depois. Como eu nunca vi? Eu cheguei ao cúmulo de achar que, por eu ter sido mãe solteira da primeira filha, se eu não estava pagando por alguma coisa. De ter tido feito sexo antes do casamento. 🌸

Sônia, mãe de filho homem cis homossexual

e. Medo da violência e insegurança

Outras preocupações dizem respeito ao preconceito, à discriminação e ou a violências LGBTI+fóbicas que o filho/a/e poderia vir a sofrer. Pais, mães e pessoas cuidadoras se sentem inseguros com situações cotidianas na vida de seus filhos/as/es frente à enxurrada de notícias cotidianamente reportadas nos jornais.

Monalisa Col Debella e Icaro Bonamigo Gaspodini (2021) também identificam em sua pesquisa sobre a aceitação de filhos/as/es não heterossexuais a questão do medo em relação às crianças ou adolescentes. Esse medo da violência à qual seus filhos/as/es poderão estar expostos é identificado como um fator que dificulta a aceitação do fato.

“ Quando ele começou a querer sair pra rua,
ir pras festas, descobrir a sexualidade dele, aí
é que essa preocupação começou a acontecer.
Ele saía pra Rua Augusta, e eu moro em Diadema,
e eu não podia contar pro pai aonde ele tava indo.
E eu ficava na janela do quarto a madrugada toda
orando e pedindo a Deus pra trazer ele de volta são
e salvo. Porque aí eu já tinha medo do preconceito,
de ser machucado. E sozinha mesmo. Nem minhas
filhas sabiam. ”

Sônia, mãe de filho homem cis homossexual

“ Mas o maior medo é que você nunca sabe
o que pode acontecer com ele na rua. Onde
a gente morava, eu chegava a brigar na rua por
causa dele. ”

Washington, pai de filho homem cis homossexual

f. Vergonha, constrangimento e desconforto

Muito atrelados à culpa, mas principalmente associados às expressões e comportamentos de gênero dissidentes, estão a vergonha, o constrangimento e o desconforto. Modo de se vestir, de se expressar, de andar, maquiagens, cabelo, gostos musicais e círculo de amizades. Tudo o que escapa à norma é motivo para que pais, mães e pessoas cuidadoras se sintam constrangidos e desconfortáveis perante a família estendida e seu círculo social e profissional.

“ Na congregação, minha irmã não fala que tem um filho gay. Se ela disser, ela é afastada. Chama-se ‘sentada’. Ela perde alguns direitos dentro da comunidade. Por exemplo, poder puxar uma oração no culto. Ela não poderia, nem eu, nenhum divorciado pode, por exemplo. Mas alguém que matou alguém, e se arrependeu, pode. É ridículo. Não pode chamar hino. Você precisa sentar no fundo da igreja, não mais na frente. Por conta disso, a maioria das pessoas não compartilha isso [a identidade LGBTI+ do filho/a/e] com o pastor. Vira um segredo dela somente. Ou então, abominam publicamente: ‘não concordo e botei pra fora de casa’. Pra não perder direitos e status na igreja, você rejeitou seu filho, pôs na rua, às vezes até agrediu ele, mas beleza, você tá dentro da palavra. Na verdade, você está totalmente contra o cara que você segue: Jesus. Você adora o cara que seria completamente contra o que você tá fazendo. ”

Washington, pai de filho homem cis homossexual

“ Eu preferi, uma escolha minha, não levar isso pra ninguém. Eu tinha medo da família ficar contra ele e da igreja ficar contra ele. De eu perder tudo o que eu tinha na igreja. Meu marido era presbítero e eu era diaconisa. Tinha medo de perder os cargos que a gente tinha. ”

Sônia, mãe de filho homem cis homossexual

Uma questão que surge é que os sentimentos, apesar de serem apresentados separadamente, acabam se entrelaçando. O medo, por exemplo, pode caminhar junto à vergonha, fazendo com que pais, mães e pessoas cuidadoras escondam a realidade sobre seus filhos/as/es.

g. Decepção, mágoa e depressão

A tristeza e expectativas não alcançadas também são bastante mencionadas. Muitas vezes, o filho/a/e idealizado simbolicamente morre naquele mesmo instante, e é preciso lidar com um outro filho/a/e, esse real e, muitas vezes, completamente desconhecido. Morrem também muitos outros sonhos. “E o meu neto? E a minha nora? E o casamento tal?” É uma experiência de luto. Algumas vezes, a dor é tanta que o cuidador deprime, chegando ao ponto de ter ideias suicidas.

“ Pensava inclusive em tentativa de suicídio: ‘Eu prefiro morrer do que confessar pra todo mundo que meu filho é gay’. Vergonha mesmo. Pensei em tomar remédio pra dormir e não conseguir acordar. Fiquei muito mal e só. Sozinha. Não procurei ajuda de ninguém, porque eu achava que eu tinha a ajuda espiritual, porque eu orava muito. Eu jejuava muito. Só que eu acabei desenvolvendo diabete. Eu desenvolvi isso por conta desse sofrimento. ”

Sônia, mãe de filho homem cis homossexual

“ Como se ele tivesse destruído a projeção ou os sonhos que eu fiz pra ele, e não os dele próprio. Meu sonho era levar ele no estádio, depois levar o meu neto pro estádio. [...] Os pais não deveriam projetar esse tipo de coisas nos filhos. Eles deviam sonhar, e prover, para que seus filhos virem pessoas humanas, com senso de justiça, empatia, compaixão, respeito, visão social, caráter, valores de verdade. ”

Washington, pai de filho homem cis homossexual

h. Raiva, agressividade e violência

Em meio a toda essa confusão de sentimentos, a raiva pode ser uma das emoções sentidas pelos pais, mães e pessoas cuidadoras; se não for bem gerenciada, pode vir acompanhada de agressividade e iniciar uma escalada de violência física e emocional. Além da violência, um dos resultados da raiva é a expulsão dos filhos/as/es de casa. Essa é uma tentativa brusca de ruptura com o desconhecido, com uma realidade com a qual esses pais, mães e pessoas cuidadoras não querem ou não estão prontos para lidar.

“ Todos aqueles sentimentos estavam começando a se transformar em uma raiva para com ele. Eu só conseguia pensar: cara, por que você fez isso com a gente? ”

Washington, pai de filho homem cis homossexual

“ Chegava em casa e começava a brigar com ele. Falava que ele era coisa do diabo. Eu acabava repetindo as coisas que eu ouvia no culto. ”

Catia, mãe de filho homossexual não-binário

💧💧 Aquele 'segredo' eu enterrei.
Pra falar bem a verdade, eu
acho que eu enterrei o segredo
e o meu filho. Hoje eu sinto que
enterrei ele durante muitos anos.
Não conversei com ninguém e
nem com ele. Passava as noites
chorando e em oração. Fazia
jejum. Achava que era um espírito
maligno que tinha possuído
ele. Uma maldição. E o pedido
a Deus era de cura pra ele virar
heterossexual. Achava que
o inimigo tava usando ele pra
me afrontar. Como eu fazia um
trabalho na igreja, ele [o espírito
mal] queria me ver destruída,
triste, cabisbaixa, sem ânimo.
Tudo isso pra me atingir. 💧💧

Sônia, mãe de filho homem cis homossexual

discurso | Entre palavras e espinhos

Expressões que se repetem com mais frequência

As emoções e os sentimentos com sentidos negativos para pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs com filhos/as/es LGBTI+ podem ser causados ou reforçados por uma visão religiosa estereotipada e reprodutora de “verdades bíblicas”, que, em grande parte do tempo, desconsideram o que a ciência e os tratados internacionais de direitos humanos já dizem sobre o tema.

A partir das proposições aqui apontadas, temos que algumas dessas falas, referentes a mitos e falsas verdades, são formalizadas e até ensinadas pelas igrejas. Ou seja, são sustentadas por um discurso religioso reforçado por um preconceito estrutural e desconhecimento e descrédito em relação à ciência. A prática de reprodução dessas falas, com o tempo, se torna naturalizada, e muitos desses mitos extrapolam as comunidades de fé, fazendo-se prevalecer como senso comum.

“ Eu pensava assim: eu não escolhi ser mãe de um homossexual, ele escolheu ser.

Eu aprendi isso na igreja. ”

Sônia, mãe de filho homem cis homossexual

A seguir, listamos, a partir de entrevistas com pais, mães, pessoas cuidadoras, filhos/as/es LGBTI+, ativistas e organizações que acolhem essas famílias, as expressões que se repetem com mais frequência. É preciso considerar que esses discursos, comprovadamente fomentados pelas ditas “verdades da fé”, podem ser também amenizados a partir da construção de pontes para um diálogo que considere as dores e a visão de mundo dessas famílias.

Frases comuns de pais, mães e pessoas cuidadoras cristãos de filhos/as/es LGBTI+

“Homossexuais não herdarão o reino dos céus.”

“‘Homossexualismo’ é pecado, está na Bíblia.”

“Deus não quer que eu concorde com o pecado do meu filho.”

“Deus, por favor, cure o meu filho!”

“Abominável e vai contra tudo o que aprendi a vida toda.”

“Vai contra o Evangelho!”

“Dá pra ficar na igreja e aceitar o filho gay ao mesmo tempo?”

“Deus está me castigando. Por que Ele tá fazendo isso?”

“Por que meu filho tá fazendo isso comigo?”

“Se essa é a ‘opção’ dele, ele que vá morar em outro lugar.”

“Eu nunca tinha percebido nada.”

“Deus, me diz que isso é só uma fase.”

“Se teu pai descobrir, ele bota eu e você pra fora.”

“Deve ser falta de surra!”

Fonte: Dados da pesquisa “Semente de vida: rejeição e aceitação de filhos/as/es LGBTI+ em lares cristãos”, 2022.

Impossível não perceber como o discurso religioso atravessa as reações levantadas. Os pais, mães e pessoas cuidadoras, muitas vezes, usam o recurso do “está escrito”. “Está escrito na Bíblia que homossexualidade é pecado!”, afirmam. O texto bíblico, os ensinamentos dentro da instituição religiosa cristã,

fazem parte de um arcabouço de ideias que operam mantendo o mundo organizado em binários opostos: homem / mulher, heterossexual / homossexual, cisgênero / transgênero. Essa organização social não é natural, mas ideologicamente criada.

A psicanalista e professora da USP, Edith Modesto, apresenta uma lista com frases que um filho/a/e ouve da família quando se assume LGBTI+:

Frases que filhos/as/es ouvem da família quando se assumem LGBTI+

“É só uma fase! Vai passar.”

“Não te criei para isso!”

“O que os outros vão pensar?”

“Sua avó vai morrer do coração quando souber disso.”

“Isso é culpa daqueles seus amigos.”

“Mas você já tentou com uma menina?”

“Devia ter dado um skate e não patins.”

“Eu não tenho preconceito, tenho medo do que você vai passar.”

“Mas, você tem certeza?”

Edith Modesto, 2014

Ao contrário da primeira lista, nessa não aparecem referências religiosas. Mas, isso quer dizer que a religião não está influenciando essas respostas? Ao contrário, a religião está influenciando também essas respostas.

“ O cristianismo opera como um pedagogo colonial que ensina como as coisas são e como as relações devem se dar. ”

Revd^a Ana Ester

Segundo a Revd^a Dra. Ana Ester (2022), que assina conosco este relatório, existe uma ideologia identitária marcadamente hétero/sexual que regula as relações e fixa as identidades. Essa ideologia é sustentada pelo discurso religioso cristão colonial, que opera como uma pedagogia de gênero, ou seja, cria corpos dentro do esquema binário de opositores.

Por isso, à análise da linguagem deve ser somada a questão do discurso religioso que atravessa, quer notemos, quer não, a forma com a qual compreendemos o que é “normal” ou “natural” em relação à sexualidade e à identidade e expressão de gênero.

6.

Fatores que influenciam o processo

preconceito | A família toda sofre LGBTI+fobia

A família toda sai do armário

Compreender os processos de adaptação à nova realidade é desafiador. A partir do mapeamento de sentimentos de pais, mães e pessoas cuidadoras, conseguimos identificar também fatores que facilitam ou dificultam esse processo. O primeiro deles possui relação com o fato de que recairá sobre a família uma pequena prova do preconceito destinado às pessoas LGBTI+. As pessoas entrevistadas consideram que enfrentar o restante da família e/ou a sociedade foi uma grande dificuldade. Em alguns casos, os filhos/as/es LGBTI+ parecem carregar o estigma de agente destrutador da família e passam a ser culpabilizados por conflitos. Em outros casos, é o “próprio Deus o inimigo”.

“ Eu nessa época estava brigado com Deus.

Inclusive achei que eu estava sendo punido. ”

Washington, pai de filho homem cis homossexual

Muitos relatos indicam que, quando a família sai do armário, ela também fica sujeita a violências, discriminações, exclusões etc. Cabe ressaltar, também, que o afastamento de familiares próximos pode ser visto como uma forma de violência

contra a família nuclear, pois gera dor e sofrimento. Para alguns pais, mães e pessoas cuidadoras, o afastamento social da família – e também dos amigos, da comunidade de fé e do círculo de trabalho – acontece pelo temor de que a presença de uma pessoa LGBTI+ possa influenciar outros membros da família.

“ Quando souberam [que meu filho era gay] me chamaram de bicha enrustido. [...] Muitos [amigos] pararam de me seguir no Facebook. ”

Washington, pai de filho homem cis homossexual

“ Foi um divisor de água. Toda a família ficou sabendo e começaram a nos afrontar de várias maneiras. ”

Sônia, mãe de filho homem cis homossexual

Por isso, é possível dizer que as famílias também passam, em alguma medida, por um processo de “saída do armário”. Esse processo é marcado por experiências diversas, mas, chamamos a atenção para o exemplo específico de famílias cristãs que frequentam a igreja. Muitas vezes, essas famílias são tradicionais e vão à igreja conjuntamente. Quando um membro do núcleo familiar para de frequentar a igreja, isso, por si só, pode ser um motivo de incômodo. Mas, quando ele deixa de ir aos cultos, missas e celebrações por ser uma pessoa LGBTI+, a comunidade de fé pode se virar contra a própria família.

norma | Passabilidade e diversidade sexual

Outro fator que aparece constantemente nos relatos de pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs está relacionado a um conceito chamado “passabilidade”, ou seja, “o quanto um membro da comunidade LGBTI+ aproxima-se da norma”. A forma

como a pessoa LGBTI+ é lida pela sociedade pode colaborar ou dificultar o processo de aceitação dos pais, fazendo com que a aceitação de orientações sexuais diversas fosse menos difícil e dolorosa do que a aceitação de identidades de gênero dissidentes, por exemplo.

“ [...] apareceu com frequência a figura do ‘gay comportado’ diante do ‘gay exagerado, obsceno, que se exhibe demais’. Essa homossexualidade tida como ‘ostensiva’ não é aceita porque seria desrespeitosa, agressiva, afrontosa. ”

Fundação Tide Setubal, O conservadorismo e as questões sociais. 2019.

O fato de não “dar pinta” contribui para o convívio social, o trabalho e tranquiliza toda a família, de acordo com pais, mães e pessoas cuidadoras ouvidos pela pesquisa. Isso nos faz levantar uma hipótese de que há expressões mais bem aceitas e outras que podem causar dores mais intensas.

“ O meu próprio filho me disse: ‘Pra mim ainda é mais tranquilo, eu me disfarço de hétero e passo batido’. ”

Washington, pai de filho homem cis homossexual

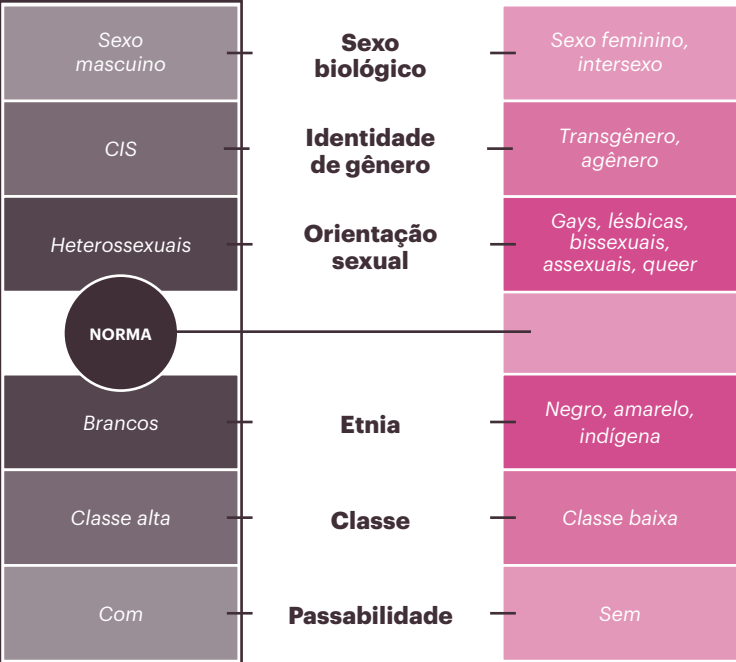
“ Eu vou brigar pelo meu filho. E não é mais só por ele. Mas por todos os filhos LGBTI+. Principalmente a letrinha que mais sofre, o T. ”

Sônia, mãe de filho homem cis homossexual

Tal fato é também comprovado por um estudo recente divulgado pelo Google e a Box 1824 (2019), que mostrou que, “quanto mais perto a pessoa está da norma, menores são seus relatos de discriminação [...]”. Da mesma forma, quanto mais

longe de uma ‘norma social predominante’ a pessoa estiver, mais excluída ela possivelmente se sentirá e mais sujeita às dificuldades relacionadas ao preconceito”.

Para ajudar a ilustrar essa dinâmica, o estudo criou um “Grid da Diversidade Sexual” que relaciona a sexualidade com várias outras dimensões (demográficas, socioeconômicas, de gênero, étnicas) e que nos mostra como essas interseccionalidades vão gerando, cada vez mais, esse distanciamento de um “padrão social ideal”.



Fonte: Google e Box 1824, 2019.²⁹

29 Os dados do quadro não refletem, necessariamente, as opiniões dos autores desta publicação. Por exemplo, em relação à orientação sexual, não compreendemos queer ou assexuais como orientações afetivo-sexuais.

O gráfico mostra que a norma é marcada por indivíduos do sexo masculino, cisgêneros, heterossexuais, brancos e de classe alta. O oposto a isso seriam indivíduos do sexo feminino ou intersexo, transgêneros ou agêneros, não heterossexuais, negros, amarelos ou indígenas e de classe baixa. Isso revela que, quando falamos em sexualidade, existem várias outras questões que atravessam o debate, como classe e raça.

Para este relatório, importa ressaltar como a heterossexualidade e a cisgeneridade são construtos sociais que foram sacralizados pelas afirmações religiosas. O mito de Adão e Eva, narrado no primeiro livro da Bíblia, acabou se tornando um modelo binário de sexualidade. “Deus não criou Adão e Ivo!” - costumam dizer. Entretanto, uma leitura mais atenta desse mesmo texto mostra que existem em Gênesis (o primeiro livro da Bíblia) duas narrativas diferentes da criação da humanidade.

A primeira está em Gênesis 1, 27: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher eles o criou”. A segunda está em Gênesis 2, 22: “Depois, da costela que tirara do homem, Deus modelou uma mulher e a trouxe ao homem”. No primeiro relato, homem e mulher são criados juntos; no segundo, o homem é criado antes da mulher. Qual é a narrativa correta? Qual é a verdadeira? O importante não é perguntar se existe uma correta ou não, mas perceber que, se as narrativas são diversas, isso pode apontar para diferentes compreensões de mundo.

Por isso, a história bíblica da criação não pode ser considerada como uma régua com a qual medimos a realidade, porque ela em si mesma já apresenta uma pluralidade de crenças e convicções. Usar essa mesma narrativa para afirmar que só existe homem e mulher e que tudo fora disso é pecado é frágil demais.

“ Santo Agostinho dizia que Deus escreveu dois livros. O primeiro livro não é a Bíblia, mas, sim, a criação, a natureza, a vida. É pelo Livro da Vida que Deus quer falar conosco. Tudo o que existe é expressão do Dizer de Deus. Cada ser humano é uma palavra ambulante de Deus. Porém, devido à nossa tentação de querer dominar tudo, as letras desse livro se atrapalham e acabamos por não ouvir Deus na vida. Então, para nos ajudar a ler a vida, Deus escreveu mais um livro que é a Bíblia. Esse segundo livro não foi escrito para substituir o Livro da Vida. Pelo contrário. A Bíblia foi escrita para nos ajudar a entender melhor o Livro da Vida, a descobrir Deus na vida. ”

Padre Rodrigo Ferreira da Costa, 2016

Sim, a vida é o primeiro livro que Deus escreveu. Por isso, investigar a relação entre famílias cristãs e filhos/as/es LGBTI+ passa pela importância de se ouvir as histórias singulares dessas relações que podem ser tão opressoras, mas também libertadoras, principalmente quando há uma rede de apoio e solidariedade que acolha essas histórias.

acolhimento | Redes de apoio

A importância dos grupos de apoio

A pesquisa de Monalisa Col Debella e Icaro Bonamigo Gaspo-dini (2021), anteriormente citada, dividiu o tipo de aceitação das famílias em dois grupos: aceitação imediata e aceitação conturbada. Até aqui, abordamos elementos que, também em nossa pesquisa, sinalizam para essa “aceitação conturbada”,

principalmente se pensados a partir do discurso tradicional e hegemônico do cristianismo de condenação das pessoas LGBTI+. Mais adiante neste relatório, abordaremos com maior profundidade as possibilidades de uma aceitação que respeite a dignidade da pessoa humana. Por ora, achamos importante, em se tratando de fatores que facilitam e dificultam a aceitação, ressaltar a importância das redes de apoio.

Se por um lado, a igreja - por meio dos seus discursos religiosos fundamentalistas - pode funcionar como uma rede que apoia a condenação de pessoas LGBTI+, por outro lado, existem grupos e redes que ajudam no processo de compreensão e aceitação dos filhos/as/es LGBTI+. A participação em grupos de apoio foi, segundo os entrevistados, muito importante na percepção de que aquilo que estavam vivenciando também acontecia com outras famílias. Muitos pontuaram a necessidade de processos de aproximação e apoio de outras famílias também como fonte de novas informações e conhecimentos sobre a questão.

“ Chego na reunião do grupo com a expectativa de conversar sobre o problema, como me aflige, como lidar com essas dores, como consertar isso. [...] Eu me senti um completo idiota. Elas estão há anos-luz na minha frente. Não tem ninguém sofrendo, ninguém chorando aqui. ”

Washington, pai de filho homem cis homossexual

Essas redes, geralmente, são espaços protegidos e podem ou não abordar diretamente a questão da religião. Destacamos aqui dois exemplos:

a. Mães pela Diversidade

A Associação Mães pela Diversidade é uma organização não

governamental que reúne mães e pais de crianças, adolescentes e adultos LGBTI+. A ONG foi criada em 2014 por mães preocupadas com a violência e com o preconceito contra seus filhos/as/es. Hoje está presente em vários estados brasileiros. “Não temos partido político, abraçamos mães e pais de todas as religiões”. Os objetivos do grupo são:

1. Acolher mães e pais de filhos/as/es LGBTI+.
2. Serem ouvidas. “Nossas histórias derrubam preconceitos e combatem fake news.”
3. Defender filhos/as/es de leis, decisões e atitudes homofóbicas ou transfóbicas.

“ A LGBTfobia é a verdadeira destruidora de famílias. Não vitima apenas a criança e o adolescente, mas todos a sua volta. ”

Maju Giorgi, presidente da Mães pela Diversidade

“ Eu sou uma mãe antes do ‘Mães pela Diversidade’ e outra depois. Cheguei por causa de um post. Eu tinha uma amiga e ela viu sobre o ‘Mães’ no Facebook e me marcou. E eu me interessei. Entrei na página do grupo e comecei a ver a história de cada uma delas e a me identificar. Em cada uma daquelas histórias tinha um pouquinho do que eu mesma passava. ”

Sônia, mãe de filho homem cis homossexual

b. Mães de Amor Incondicional (MAMI)

Mães de Amor Incondicional é um grupo de “mamis e papis” de pessoas LGBTI+ que tem como objetivo dar apoio a mães/pais que estão iniciando o processo de entendimento da diversidade sexual. O grupo compartilha experiências pessoais

e acolhe a todes. O grupo MAMI surgiu de conversas entre algumas amigas que viviam situações parecidas em suas casas: uma de suas filhas ou filhos era homossexual.

“ Percebemos que carregávamos alguns medos e angústias parecidos, mas também tínhamos em comum o amor incondicional pelos nossos filhos. Desde então, fazemos reuniões mensais para debater as situações vividas dentro de casa, trocar experiências, dar conselhos e ver as realidades sob outra perspectiva. A cada reunião, novas mães aparecem no grupo, todas conhecidas de alguma mãe que já era integrante. ”

MAMI (site oficial)

“ As famílias têm medos. Medo da promiscuidade, medo da prostituição, medo da violência da sociedade, medo também do julgamento; da condenação de Deus, do pecado... Meu filho então vai pro inferno? ”

Silvia Kreuz, fundadora do grupo MAMI

Mães pela Diversidade e MAMI são dois exemplos, entre diversos, que têm surgido com o intuito de criar redes de apoio e solidariedade que compartilham experiências de pais, mães e pessoas cuidadoras em relação a seus filhos/as/es LGBTI+.

7.

As dores de filhos/as/es LGBTI+

sentimentos | Flores que murcham

Dinâmicas familiares que se repetem

Como qualquer grupo diverso e heterogêneo, a classificação das famílias cristãs e seus processos de aceitação / rejeição de seus filhos/as/es LGBTI+ é diverso, difuso e qualquer generalização é equivocada. Porém, é possível encontrar dinâmicas que, em menor ou maior grau, se repetem com alguma frequência dentro desses lares a partir do momento da revelação, ferindo o princípio da dignidade humana de milhares de crianças e jovens LGBTI+.

Para começar a compreender os diferentes tipos de violência a que filhos/as/es estão submetidos, é necessário entender o que representa o conceito de família para a comunidade cristã e suas diferentes denominações. A noção de família como “projeto de Deus” tem um papel central na narrativa do cristianismo. A família é algo a ser celebrado, afirmado e protegido.

Muitas vezes, portanto, os atos de violência de pais, mães e pessoas cuidadoras, mesmo que causem sofrimento, dor - e, algumas vezes, até a morte -, podem ser compreendidos como uma tentativa de proteger a “família cristã”. Sendo assim, a investigação sobre as violências começa com a observação dos gatilhos ativadores, como vimos anteriormente.

Por que um familiar sente que precisa agir com violência diante da apresentação da diversidade de sua criança e adolescente? O que leva um familiar a ver a violência como intermediadora da relação entre os sentimentos que são gerados ao

descobrir a diversidade do indivíduo e a maneira como esses sentimentos são organizados e materializados no aqui e agora dessa pessoa? Isso nos leva para um lugar de percepção que as categorias de vínculo, amor, cuidado e identidade passam por um crivo e uma decisão religiosa sobre quem o sujeito é.

“ Eu tomei a decisão de contar para a minha mãe e, naquele momento, ela me disse que tinha vergonha de mim. Doeu muito e posso garantir que, de todas as situações vivenciadas em função da minha homossexualidade, essa foi a mais pesada. ”

Jock Dean, jornalista e ativista LGBTI+

Quando nasce uma criança, a família cristã elabora convicções no nível da fé e da crença para estabelecer vínculo com essa criança. Ela é amada não apenas por ser quem é, mas porque acredita-se que há um desejo de Deus de que ela seja amada para se tornar alguém bom.

Qualquer desvio sobre a expectativa que essa família tem sobre o que é “tornar-se bom” é lido como uma ruptura e uma quebra nesse padrão de amor, o que gera uma sensação de fracasso na família que oferecia o afeto e reclama por uma reação imediata que “ajuste” ou “repare” esse “erro” o mais rápido possível.

É muito comum no meio cristão buscar-se o que se chama de “raízes da homossexualidade”, porque a diversidade sexual e de gênero é vista como o desvio do que é “bom”. Por isso, a concepção da diversidade como erro gera naturalmente a necessidade de encontrar o que Aristóteles chama de motor primeiro, para que, ao ser identificada, essa raiz seja “cortada e lançada ao fogo”³⁰. A violência é identificada, justificada, legitimada e na maioria das vezes encorajada

30 Conforme Mateus 3, 10: “O machado já está posto à raiz das árvores, e toda árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo”.

como esse exercício de retirar a raiz e resolver o “problema da homossexualidade”.

“ Na minha antiga igreja, passei pelo absurdo de ouvir que eu era lésbica porque meus pais, logo depois de terem me concebido no ato sexual, praticaram sexo anal. Os discursos que as igrejas criam na tentativa de acharem a ‘raiz da homossexualidade’ beiram o surreal. ”

Rev^a Ana Ester

A rejeição familiar

A reação negativa, e por vezes violenta, da família afeta a saúde física, mental e o bem-estar dessas crianças e jovens. “Sair do armário” em casa pode ser tão difícil, doloroso, violento e fatal quanto lidar com o preconceito do lado de fora. Nesta pesquisa, identificamos as seguintes consequências do conflito de pais, mães e pessoas cuidadoras com a sexualidade e gênero de seus filhos/as/es LGBTI+.

As consequências da rejeição familiar

Conflito, silenciamento e distanciamento entre pais, mães e pessoas cuidadoras e seus filhos/as/es LGBTI+.

Queda no desempenho escolar e profissional dessas crianças e jovens.

Baixa autoestima, redução das competências sociais e impacto na saúde em geral.

Agressões físicas e emocionais, cárcere privado, violação de direitos.

Aumento da depressão, do comportamento suicida e do uso abusivo de drogas.

Rompimento familiar e prejuízos na saúde mental de toda a família.

Fonte: Dados da pesquisa “Semente de vida: rejeição e aceitação de filhos/as/es LGBTI+ em lares cristãos”, 2022.

Dentre as consequências citadas anteriormente, destacamos as que mais apareceram em nossa pesquisa: silenciamento e isolamento, e expulsão de casa.

a. Silenciamento e isolamento

Na infância, o medo, a vergonha, a culpa e a incompreensão levam ao silenciamento. Filhos/as/es não mais buscam seus pais, mães e pessoas cuidadoras para falarem de seu processo de desenvolvimento e identidades em formação, gerando um abismo enorme entre eles. Já para os adultos, a associação com o pecado, a falta de informação e o tabu ao redor do tema fazem com que se fechem para esse diálogo.

Crianças e adolescentes podem ter certa dificuldade em dialogar com seus pais, mães e pessoas cuidadoras quando se sentem envergonhados por alguma razão. Um exemplo é o bullying escolar, que muitas vezes faz com que o filho/a/e esconda da família o que está acontecendo. Ainda assim, é muito mais fácil para essa criança ou adolescente contar para seus pais que tem sido chamado de “burro” na escola, do que dizer que tem sido chamado de “viadinho”. O tabu da sexualidade faz com que essas crianças e adolescentes se fechem ao diálogo por medo da reação de seus familiares.

Relatório divulgado pela GIN-SSOGIE sobre “Famílias e Valores Tradicionais” mostra que o ostracismo é uma realidade para filhos/as/es LGBTI+. O ostracismo familiar coloca os jovens e adolescentes em uma situação de isolamento e exclusão dentro de seus próprios lares.

De acordo com Stuart Roe (2016), o apoio parental é ainda mais importante quando para filhos/as/es LGBTI+, uma vez que o suporte comumente recebido de outras fontes – família estendida, pares, vizinhos, professores, entre outros – pode não estar disponível.

Sendo assim, a conversa sobre a própria identidade de gênero e/ou orientação sexual entre pais e filhos/as/es acaba sendo o primeiro obstáculo desses jovens. Não à toa, apenas 59% das crianças e adolescentes LGBTI+ se revelam para suas

famílias, conforme mostra pesquisa coordenada pela consultoria de engajamento Santo Caos.

Família: como contar?

- 59% das crianças e adolescentes LGBTI+
- se revelam para suas famílias
- 63% dos jovens relatam sentir rejeição total
- ou parcial dos familiares após revelação

Santo Caos, 2015

A reação negativa da família afeta a saúde física, mental e o bem-estar dessas crianças e jovens. Relatório do coletivo #VoteLGBT (2020) mostra que o isolamento social devido à Covid-19 reforçou esses efeitos, bem como agravou as tensões no convívio familiar e a violência doméstica. Adultos LGBTI+ que reportam altos níveis de rejeição familiar durante a infância e adolescência, se comparados a jovens que tiveram nenhum ou baixo nível de rejeição, possuem:

A rejeição familiar afeta a saúde das pessoas LGBTI+:

- 8.4 vezes mais chances de tentar suicídio
- 5.9 vezes mais chances de ter depressão
- 3.4 vezes mais chances de fazer
- uso abusivo de drogas
- 3.4 vezes mais chances de ter feito
- sexo sem proteção

Family Acceptance Project, Caitlin Ryan, 2009

Esses números são alarmantes. Eles revelam o resultado de um processo de silenciamento, isolamento e ostracismo que começa nos lares e pode culminar em uma vida adulta mais vulnerabilizada.

b. Expulsão de casa

Em muitos casos, a rejeição da família termina na expulsão dos filhos/as/es LGBTI+ de suas próprias casas. Ou em partidas/fugas voluntárias, quando a convivência se torna impossível e traz ameaças à integridade física desses jovens. Mesmo assim, sem apoio financeiro e com a saúde emocional debilitada, ambos os casos representam, muitas vezes, o início de uma vida em situação de vulnerabilidade marcada por drogas, prostituição, doenças e violência.

O fenômeno da expulsão de casa é mais um padrão que se repete com muita frequência e é narrado por muitos pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs, “como se o filho/a/e tivesse decidido por uma vida de crimes”, uma vez que, para muitas pessoas cuidadoras cristãs, ser LGBTI+ é uma escolha.

“ Quando abri o jogo pra minha família que eu era gay – abrir o jogo é modo de falar, né, porque todo mundo já sabia –, apanhei feito uma condenada e fui posta para fora de casa. Eu tinha 12 anos de idade. ”

Mulher trans, pesquisa Google e Box 1824, 2019

Percebemos que a expulsão pode se dar de forma violenta e súbita, mas também de forma lenta e assediosa. A convivência familiar se torna tão insuportável que filhos/as/es decidem sair de casa por não mais aguentarem a forma com a qual os familiares agem em relação a eles.

“ A palavra expulsão dá a entender que o pai abriu a porta e expulsou, mas muitas vezes ela não acontece dessa forma. A expulsão se dá por um convívio insuportável em que a pessoa não tolera mais ser agredida psicológica e fisicamente. ”

Symmy Larrat, presidenta da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Intersexos

efeitos | Quadro de violência

Compreendendo os diversos quadros de violência

“ Lei n. 8.069/90, Artigo 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. ”

Estatuto da Criança e do Adolescente

O mapeamento, a nomeação e descrição dos diferentes tipos de violência sofridos por crianças e jovens LGBTI+ dentro de seus lares, inclusive ou principalmente as simbólicas e sutis, é o primeiro passo para compreender as formas como a rejeição afeta na prática a integridade de filhos/as/es LGBTI+ oriundos de famílias cristãs com dificuldades em aceitá-los, e assim, preveni-las.

“ [...] na instituição família, as violências são legitimadas [...] a família e a igreja deveriam ser lugares de segurança e proteção institucional, mas são lugares de violência legitimada. ”

Gabriella Morena, psicóloga

Uma das formas com as quais a igreja legitima a violência é por meio de leituras fundamentalistas de versículos bíblicos, como indicamos ao tratar sobre o fenômeno da rejeição. O texto sagrado pode validar uma prática que descumpre princípios básicos de respeito à dignidade humana.

Não evite disciplinar a criança; se você a castigar com a vara, ela não morrerá. Castigue-a, você mesmo, com a vara, e assim a livrará da sepultura.

Provérbios 23, 13-14

Por isso, sabemos que o mapeamento da violência é um fenômeno complexo que exige um olhar a partir de diferentes perspectivas: direitos humanos, político-sociais, econômicas, religiosas e psicológicas, para que se possa ampliar a discussão e se fazer uso do pensamento crítico e reflexivo sobre indicadores de processos que podem culminar em violência.

“ A violência é um fenômeno histórico, social, político e humano, que se expressa de diferentes formas, de acordo com o contexto histórico e social, que vitima homens, mulheres, crianças, adolescentes, de diferentes classes sociais, cor, raça/etnia e sexualidade, sendo considerada, portanto, como um fenômeno universal. ”

Michael Hudson Dantas, 2015

Mesmo quando as agressões não são físicas, observam-se casos de violência psicológica, bem mais comuns e não menos preocupantes. Consequentemente, fazem com que seja criada uma atmosfera de medo e vulnerabilidade, levando as vítimas (filhos/as/es LGBTI+) a desenvolverem problemas sérios de saúde (tanto físicos quanto mentais). Não se pode banalizar o comportamento e os ambientes violentos, sejam eles na família, na igreja e/ou na escola.

Ao conversar com famílias e especialistas, percebemos que não somente a falta de dados para analisar criticamente o fenômeno é preocupante, como a falta de elementos que identifiquem como a violência ocorre dentro dos lares. Na tentativa de suprir, ainda que minimamente, a segunda lacuna, decidimos criar um **Quadro de violência**, apresentado no fim desta seção, que aponta, de maneira prática, para a violência que pode acontecer em lares cristãos quando seus filhos/as/es são LGBTI+.

Ressaltamos que o quadro surgiu a partir das conversas que antecederam a este relatório e dos referenciais teóricos que atravessam este texto. A sistematização dele foi feita a partir de inúmeras escutas a pais, mães, pessoas cuidadoras e filhos/as/es que passaram por esses conflitos, e especialistas que participam do processo de acolhimento dessas crianças e adolescentes. Entretanto, afirmamos que este é um quadro preliminar, que ainda requer investimento metodológico e uma análise mais profunda do campo que queremos apresentar.

Além disso, é importante reafirmar que essa não é uma realidade que acontece em todos os lares cristãos, nem mesmo nos lares cristãos que se colocam no espectro mais conservador do cristianismo. Não queremos, de forma alguma, generalizar nossas considerações. Cada história é única, mas é importante criar ferramentas que nos auxiliem na análise das inúmeras histórias de violência que cruzam nosso caminho.

O principal destaque desse mapeamento é a compreensão de que essas violências são direcionadas ao campo da integridade da criança/adolescente LGBTI+ e o objetivo, através da imagem, é demonstrar as dimensões dessa integridade afetada.

Nosso primeiro desafio ao criar esse quadro foi pensar quais seriam os tipos de violência à qual filhos/as/es LGBTI+ estariam sujeitos no ambiente familiar. Segundo a Força Tarefa Infância Segura do Governo Estado do Paraná, as violências contra crianças e adolescentes podem ser física, psico-

lógica, sexual, institucional, negligência e abandono.

A Lei Maria da Penha nos oferece uma tipologia da violência referente especificamente às questões de gênero, mas que, de alguma forma, nos ajuda a pensar no próprio quadro que queremos compor, porque suas especificidades sobre tipos de violência têm sido amplamente debatidas. Segundo essa lei, são tipos de violência (contra mulheres): física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

A partir dessas tipologias e das informações que nossa pesquisa de campo levantou, criamos uma lista de tipos de violência que se apresentam quando pensamos na relação entre filhos/as/es LGBTI+ e pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs. Essa é uma tipologia ainda em construção, pois sabemos que na medida em que nos depararmos com mais histórias, mais serão os tipos de agressões. Além disso, reforçamos que esses são exemplos sem implicação com questões referentes à criminalidade dos fatos.

Tipos de violência contra filhos/as/es LGBTI+ no ambiente familiar:

1. Física: qualquer conduta que ofenda a saúde corporal ou a integridade física em geral.

"[...] e ela começou a me agredir, né, me bater mesmo, né. Aí foi onde que me deu um tapa na cara, né, e ela nunca tinha feito isso na vida dela, na minha criação [...]". (C.)

In: Thiago Barcelos Soliva, 2010

2. Sexual: qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força.

"Você vai conhecer um homem de verdade e aprender a gostar disso."

Testemunho de pessoa do sexo feminino vítima de estupro corretivo

3. Patrimonial: qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, documentos

pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos.

“Desde a violência física até a financeira, deixando-a, inclusive, sem comer em casa. Houve violência patrimonial, pois ele ameaçou não pagar mais a faculdade da filha, então estudante de Direito. E começou a cercar todas as pessoas que de alguma forma se relacionavam com a sua filha.”

Pr. Julio Oliveira, teólogo e mobilizador comunitário

4. Psicológica: qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da criança ou do adolescente.

“Foi o seguinte, tipo assim, você sempre chega em casa, eu pelo menos, dou um beijo na minha tia, dou um beijo no meu tio e tal, entendeu? Minha prima também que tem dez anos e é a filha deles, e... de repente, eu chegava, minha tia chegava e não falava comigo; eu chegava e meu tio se distanciava, aí minha tia não queria mais lavar minhas roupas [...]” (V.)

In: Thiago Barcelos Soliva, 2010

5. Verbal: qualquer conduta que desvalorize, rebaixe ou exponha.

“[...] meu pai achava que aquilo era doença, é convicto de que é doença, acho. Meu pai achava que era doença, minha mãe achava que era safadeza, era a divergência, até discutiram se era doença ou era safadeza.” (N.)

In: Thiago Barcelos Soliva, 2010

6. Espiritual: qualquer conduta que use de recursos da fé (Bíblia, igreja, “terapias de reversão” ou “cura gay”) para constranger, coagir ou acusar.

“Tenho memórias vagas dos meus gritos no travesseiro durante minhas horas de devocional, ‘no secreto’, que se resumiam a martírios consecutivos pedindo que Deus tirasse ‘esses desejos’ de mim. Eu não sabia ter outro tipo de relação com Deus. Eu só conseguia falar com Deus se fosse para me ‘arrepender’ de quem eu era, me martirizar, me humilhar. Nunca parei para ouvir a Deus, apenas o que diziam que ele era.”

Allie Terassi, pessoa não-binária

Fonte: Dados da pesquisa “Semente de vida: rejeição e aceitação de filhos/as/es LGBTI+ em lares cristãos”, 2022.

Após elencarmos possíveis tipos de violências contra filhos/as/es LGBTI+, percebemos que elas poderiam ser divididas em dois grupos que variam de acordo com a tangibilidade da forma com a qual ocorrem. Optamos por separá-las em 1) corporais e materiais: física, sexual e patrimonial; 2) simbólicas e existenciais: psicológica, verbal e espiritual.

Compreendemos as limitações dessas duas distinções (corporais-materiais e simbólicas-existenciais), pois é difícil “medir” violências desconsiderando seus efeitos. Afinal, uma violência física, por exemplo, pode ter um efeito psicológico, causar um trauma. Entretanto, ainda assim, insistimos no modelo na medida em que nos ajuda a demonstrar de maneira mais evidente quais são as violências que podem ocorrer em lares cristãos.

Além disso, é importante ressaltar a materialidade dessas violências, porque são elas que precisam de intervenção imediata, pois podem estar, inclusive, colocando a vida dessas crianças e adolescentes em risco. Em muitos casos, são necessárias provas materiais para acionar o poder público em busca de intervenção³¹.

Ao pensarmos nas violências que compõem esse quadro, pensamos naquelas que são cometidas dentro dos lares cristãos. Entretanto, sabemos que inclusive a família cristã pode agir violentamente expulsando seus filhos/as/es LGBTI+ de casa, conforme apontamos anteriormente. Desconsiderar as violências que ocorrem fora de casa pode ser uma nova forma de violência, pois retrata apenas parte do fenômeno. Todavia, o que pretendemos aqui é dar visibilidade para uma realidade que acontece, muitas vezes, secretamente e, por isso, é ainda tão desconhecida.

Ao criar um quadro que aborda violências, sabemos que

31 A campanha “É crime, sim. E agora?” reuniu materiais de diversas organizações com dicas e informações para quem precisa denunciar ou se proteger da LGBTI+fobia, bem como instruções, treinamentos e sugestões de procedimentos para que as forças de segurança saibam como lidar com denúncias de LGBTI+fobia.

cada história é única; por isso, seria impossível propormos um escalonamento dessas violências. Ao escutarmos os especialistas, percebemos como a “violência espiritual” ainda é pouco considerada nesse contexto. Entretanto, é ela que, majoritariamente, guia nossa pesquisa. A Bíblia está repleta de versículos que orientam a “matar a carne”, e o abuso na aplicação desses versículos está em um campo simbólico difícil de mensurar.

Bíblia e o “domínio da carne”

“Vigiem e orem para que não caiam em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca.”

Mateus 26, 41

“Pois quando éramos controlados pela carne, as paixões pecaminosas despertadas pela Lei atuavam em nosso corpo, de forma que dávamos fruto para a morte.”

Romanos 7, 5

“Pois, se vocês viverem de acordo com a carne, morrerão; mas, se pelo Espírito fizerem morrer os atos do corpo, viverão, porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.”

Romanos 8, 13-14

“Irmãos, eu declaro a vocês que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus nem o que é perecível pode herdar o imperecível.”

1 Coríntios 15, 50

“Os que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e os seus desejos.”

Gálatas 5, 24

Fonte: Dados da pesquisa “Semente de vida: rejeição e aceitação de filhos/as/es LGBTI+ em lares cristãos”, 2022.

A morte à qual a Bíblia orienta, se observada de forma literal, aciona um ciclo de violência que age desde os pais, mães e pessoas cuidadoras em relação aos seus filhos/as/es LGBTI+, mas também, pode ocorrer da própria criança e ado-

lescente LGBTI+ contra ele mesmo. Automutilações e suicídios fazem parte desse triste cenário de violência.

Nesse sentido, além de percebermos que a violência pode acontecer dos pais, mães e pessoas cuidadoras em relação aos seus filhos/as/es LGBTI+, como, também dos próprios filhos/as/es contra eles mesmos, afirmamos que também pode ocorrer contra os pais, mães e pessoas cuidadoras. De acordo com nossa pesquisa de campo, esse tipo de violência pode ocorrer, por exemplo, dentro da igreja.

“ Era preciso encontrar o caminho que continuaria gerando vida na minha filha. Procurei o padre da minha paróquia e contei que não queria ver a filha sofrendo e que ela teria o direito de ser feliz. Fui surpreendida com uma fala inicial de que eu estava certa em não rejeitar a cria. No entanto, o que se seguiu foi um discurso de que ela não poderia mais se confessar já que não estaria arrependida do seu ‘pecado’ e que ele seria obrigado a dizer a ela que não comungasse mais. ”

Silvia Kreuz, fundadora do grupo MAMI

O relato acima nos mostra que também os pais, mães e pessoas cuidadoras podem passar por violentos constrangimentos no ambiente religioso, que retira deles qualquer opção de aceitação de seus filhos/as/es LGBTI+. Isso só reforça a tese que estamos sustentando de que, apesar de a família ser um dos agentes de violência, ela também está imersa em um contraditório ambiente de violência simbólica.

A violência é um ciclo, ou melhor, uma espiral de relações de poder que disparam ações e reações que vão se escalonando. Ao pensarmos nas violências que acontecem nos lares, sabemos também que os próprios filhos/as/es podem se voltar violentamente contra seus pais, mães e pessoas cuidadoras, algumas vezes, inclusive, para manterem a integridade

de suas próprias vidas. Diante desse cenário tão contraditório e complexo, reforçamos que é preciso confrontar as sombras e as dificuldades encontradas nestes tempos atuais em relação às violências sofridas por pessoas LGBTI+, incluindo aí as pessoas mais vulneráveis - crianças e adolescentes. Olhar para essas violências, para além das sombras e das pragas, pode também ajudar a apontar para luzes e repensar a tarefa de se questionar o discurso religioso, pressionar e resistir à intolerância social, buscando garantir e ampliar direitos, sensibilizar, orientar e educar famílias.

“ Lei n. 8.069/90, Art. 3º. A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. ”

Estatuto da Criança e do Adolescente

Quadro de violência

Ameaças sofridas por filhos/as/es LGBTI+ em famílias cristãs com dificuldades em aceitá-los

a. Corporais e Materiais



FÍSICA

1. agressões, lesões e espancamento
2. produzir sequelas permanentes (*queimaduras, etc.*)
3. atirar objetos à distância
4. conduzir coercivamente à "cura gay"
5. obrigar a ficar em casa (*cárcere privado*)
6. expulsão de casa à força



SEXUAL

1. condenação a práticas preventivas (*camisinha, PrEP, etc.*)
2. obrigar a perder a virgindade (*com pessoa do sexo oposto*)
3. forçar matrimônio (*com pessoa do sexo oposto*)
4. impôr abstinência de prática sexual (*celibato*)
5. restringir acesso à terapia hormonal
6. assédio sexual e estupro corretivo



PATRIMONIAL

1. cortar o acesso a bens e lazer
2. destruir ou jogar fora objetos pessoais
3. causar dano no ambiente escolar/trabalho
4. restringir o acesso ao uso do celular
5. limitar o direito de ir e vir
6. deixar de pagar gastos de manutenção

- "O mapeamento dos diferentes tipos de violência é o primeiro passo
- para compreender as formas como a rejeição afeta na prática a
- integridade de crianças e jovens LGBTI+, e assim, preveni-las."

b. Simbólicas e Existenciais



PSICOLÓGICA

1. castigos, punições e práticas vexatórias
2. ameaça, manipulação e chantagem emocional
3. privar do contato da rede de amigos
4. estimular a busca por "cura gay"
5. vigilância constante e perseguição contumaz
6. rompimento completo da interação familiar



VERBAL

1. insultos e xingamentos
2. retóricas responsabilizatórias (Ex: "Você está acabando comigo!")
3. impôr padrões de gênero (*roupas, cabelo, comportamentos*)
4. constrangimento e humilhação pública
5. ridicularizar o filho/a/e pelo seu modo de ser
6. desrespeito intencional ao nome social e pronome



ESPIRITUAL

1. tirar a liberdade de crença
2. obrigar ou impedir de ir à igreja
3. promover jejum compulsório
4. impedir de frequentar ritos religiosos familiares
5. reforçar ideias fundamentalistas (*condenação, pecado, etc.*)
6. práticas espirituais de "cura gay" (*exorcismo, unção, etc.*)

parte 3

O ciclo da rejeição



8.

Fundamentalismo religioso no Brasil

denúncia | Pragas no jardim

O início de um debate importante

De tudo o que vimos até aqui sobre as famílias cristãs e suas reações em relação às suas crianças e adolescentes LGBTI+, há um tema que atravessa todos os aspectos dessa discussão: o fundamentalismo religioso, que muitas vezes chamamos apenas de “discurso religioso”. Essa é a praga mais difícil de ser eliminada do jardim.

Um dos fenômenos por trás de tanto sofrimento familiar diz respeito ao discurso cristão tradicional e hegemônico, que se sustenta sobre uma perspectiva fundamentalista religiosa. Mas, afinal, o que é fundamentalismo religioso? Como ele opera na sociedade e na família? Quais são os seus efeitos no reconhecimento e acolhimento da diversidade sexual e de gênero?

“ [...] o termo fundamentalismo está relacionado aos extremos. Aqueles grupos que fazem uso de uma matriz religiosa, por isso não necessariamente são religiosos, mas lançam mão de uma matriz religiosa para defender pautas extremas de inviabilização de direitos em diversos campos, principalmente aqueles que dizem respeito aos direitos sexuais e reprodutivos. ”

Magali Cunha, jornalista e pesquisadora

Sabemos que o termo “fundamentalismo” evoca uma quantidade sem fim de sentidos e significados. É um conceito

em disputa. E, por isso, nos apoiamos aqui nos estudos da jornalista e pesquisadora **Magali Cunha**³², porque entendemos que sua perspectiva sobre o fundamentalismo cristão está alinhada com o que apuramos no campo que pesquisamos. Para nós, é impossível dissociar o fundamentalismo religioso cristão das práticas discriminatórias contra pessoas LGBTI+.

Percebemos que o fundamentalismo atravessa a forma como nos comportamos e nos relacionamos. Um exemplo prático e sutil é a baixa adesão à vacinação³³ contra a Covid-19 em camadas expressivas dos setores religiosos. Esse caminho do discurso religioso instrumentalizado pelo fundamentalismo precisa de um trabalho de base com pastores prestando apoio a essas famílias.

Para que o que acontece na TV ou no discurso político da extrema-direita tenha credibilidade, é necessário que o pastor no território, na igreja local, repita que “vacina é coisa do capeta”. Do mesmo modo, é importante que exista uma comunidade ou rede de pessoas que vive e dá testemunho: “estamos bem sem a vacina”. Esses exemplos nos mostram que o fundamentalismo opera de forma extrema, velada ou não, transformando a cultura por meio da radicalização do pensamento.

Ao final de nosso documento, apresentamos uma entrevista sobre esse tema com Magali Cunha. Magali aborda sobre como se dá o fundamentalismo no Brasil e seus imbricamentos com a questão da população LGBTI+. Por ora, importa discutir o fundamentalismo pensando sobre como ele opera reproduzindo e reforçando padrões socioculturais que criam normas identitárias a partir de inferências bíblicas.

32 Magali Cunha é pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER), colaboradora do Conselho Mundial de Igrejas e editora geral do Coletivo Bereia. Na seção 22, apresentamos uma entrevista completa de Magali Cunha sobre o tema “fundamentalismo religioso”, na qual ela aborda também questões referentes à “ideologia de gênero”.

33 O Globo, 24/01/2022

impacto | Discursos que arrancam flores do pé

Discurso religioso e padrões socioculturais

Uma das formas para compreendermos melhor o fundamentalismo religioso é observando como este opera por meio de discursos nos padrões socioculturais. Ou seja, o que é ensinado por algumas igrejas acaba implicando comportamentos pré-condicionados que criam prejuízos sociais incalculáveis.

“ O discurso religioso hegemônico é o da Igreja Católica. Esse discurso que veio com a colonização. A gente não é mais um país colonizado, mas existe uma forte cultura da colonização, muito presente na nossa realidade e na forma como a gente se constitui como nação. Com as influências das capitanias hereditárias, dos donos de terra, dos poderes, das elites. Isso que vem lá da colonização e é muito forte. E o catolicismo veio com isso e foi estabelecido dessa forma. Então a hegemonia católica é fortíssima ainda no nosso país. Tanto é que a gente tem os crucifixos nos espaços públicos. A gente tem a influência da CNBB com muita força daquilo que a igreja católica representa, e que é um fenômeno latino-americano. Na forma como a gente se construiu na América Latina como países colonizados. Ao mesmo tempo, os evangélicos vêm num crescendo, ganhando força e protagonismo no espaço público, enfraquecendo um pouco essa figura católica. ”

Magali Cunha, jornalista e pesquisadora

Esse mecanismo sutil e sofisticado de costura do discurso colonial, muitas vezes por meio da metalinguagem, produz grandes verdades e padroniza comportamentos. “É assim que se comportam as pessoas”, “esse é o projeto de Deus”, “é as-

sim que está escrito”, são algumas das “verdades da fé” construídas para reforçar comportamentos. Um exemplo prático é a abstinência sexual defendida, inclusive, em projeto de lei em São Paulo³⁴, para evitar a gravidez precoce. Entretanto, esse é um método ineficaz, conforme apontam especialistas.

“ A questão é que o apelo à abstinência não tem eficácia. [...] Programas com esse intuito, por exemplo, fornecem informações incompletas sobre relações sexuais seguras e consentidas. Além disso, não contemplam adequadamente alguns temas fundamentais da sexualidade, como métodos contraceptivos. Estudos indicam que esses programas acabaram não contribuindo com a diminuição da gravidez na adolescência e na redução do contágio de ISTs/HIV. ”

TAB, 2021

Ao invés de promover conversas concretas e sinceras sobre sexualidade e gênero, a teologia cristã fundamentalista traça um discurso desconectado da realidade cotidiana. “Sexo só depois do casamento”, “relações só com pessoas do sexo oposto” ou “você não pode se comportar assim”, por exemplo, são ideias abstratas em um mundo real. Nessa lógica, ações cotidianas são submetidas ao filtro de tudo aquilo que é “o desejo de Deus para uma vida com propósito”, e as demandas da realidade acabam desprezadas.

Padrões socioculturais para os corpos LGBTI+

Alguns padrões são tão comuns que já não mais percebemos que foram impostos pelo discurso religioso. Podemos consi-

34 Uol, 25/06/2021

derar, por exemplo, a cisheteronormatividade, segundo a qual só existem dois gêneros – o homem e a mulher – e cada qual com seu papel social.

“ Os grupos conservadores trazem a noção da tradição judaico-cristã patriarcal de família como núcleo social, formado por homem e mulher e filhos. Essa é a vocação que Deus teria concedido aos homens e mulheres: se unirem numa só carne para gerar filhos. Esse é o sentido de família. E também o sentido da prática sexual, que é gerar filhos. Não existe a dimensão da sexualidade em torno do prazer. O que existe é a questão da procriação, que é chave nessa noção para que este núcleo da sociedade seja garantido. ”

Magali Cunha, jornalista e pesquisadora

Os homens, que são os pais na família cristã, foram preparados para serem o sacerdotes do lar. São eles quem provêm o sustento. Por isso, desde cedo são estimulados a estudar, trabalhar e dar conta de sua missão de consolidar e proteger a sua família, leais ao papel de não comunicar seus sentimentos, não se expressar artisticamente, não chorar etc. Já as mulheres cresceram sabendo que não deveriam estudar muito. O mais importante era aprender os trabalhos domésticos, habilidades que iriam fazê-las sobreviver nesse mundo ao arranjar um bom marido.

Metáforas são utilizadas para justificar, nesse mapa de padrões, as condutas corretas diante dos olhos de Deus para se estar no mundo. O famigerado argumento, por exemplo, de que “menina veste rosa e menino veste azul”³⁵ é um padrão social guiado pelo discurso religioso. A Bíblia nada diz sobre isso. Mas, o discurso é construído, no campo abstrato, em cima do

jogo da masculinidade bíblica e feminilidade bíblica, apontando as posturas ideais do “homem segundo o coração de Deus”.

Sentir-se forçado a ter um casamento é outro padrão sociocultural frequentemente observado, que inclusive dificulta a saída do armário para jovens LGBTI+ de famílias cristãs. São comuns os relatos do tipo: “ao casar com alguém do sexo oposto, tendo Deus como testemunha e, eventualmente, na presença dos nossos filhos, deixarei de sentir desejo por pessoas do mesmo sexo que eu.”

O fundamentalismo religioso tem efeitos nas produções de subjetividades, ensinando como as pessoas devem ser (roupas, cabelo, comportamentos etc.) e como elas devem se relacionar (afetivamente, sexualmente). Temáticas como “masculinidade tóxica” ou “direitos reprodutivos” não podem ser abordadas sem a compreensão de como o cristianismo tradicional e hegemônico impacta essas realidades.

9.

Família, Bíblia e fundamentalismo

mandamento | Enchei e multiplicai-vos

A ordenança reprodutiva e colonizadora

A ordem “Enchei e multiplicai-vos” dada por Deus a Adão e Eva³⁶ pode ser compreendida a partir de uma interpretação que afirma que Deus deseja compartilhar seus valores relacionados à justiça social e à dignidade humana em toda a Terra. Por outro lado, também pode ser compreendida a partir de uma lógica do domínio, do acúmulo de riqueza, da colonização em todos os seus sentidos, presente neste texto do Antigo Testamento, escrito após essa cultura ter sido perpetuada.

Trata-se da atribuição a Deus de uma lógica exploratória e colonizadora de multiplicar para ocupar e dominar. “Todos serão fiéis a este Deus e estarão vinculados a ele e ao caminho que Ele desenhou para nós.” Esse mandato cultural bíblico pode perpetuar uma lógica de se usar a família e o código genético como instrumentos de dominação. O sangue passa a ser o elemento que identifica quem merece ser cuidado ou ter acesso ao “Reino dos Céus”.

“ Os processos de interpretação da Bíblia e a utilização das ferramentas da exegese e da hermenêutica já foram fortíssimos instrumentos de violência e opressão contra

36 Gênesis 1, 28: “E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.”

determinados setores da sociedade e principalmente minorias no espaço de poder Foi através da hermenêutica e exegese que se legitimaram o escravagismo, as relações abusivas e violentas contra mulheres e até mesmo a legitimação da pobreza de determinados segmentos sociais. Grande parte da exploração que a América Latina sofreu ao longo da história foi pautada e legitimada nos discursos religiosos das igrejas dominantes. O processo de colonização que afetou de maneira tão forte a América Latina é um processo em sua essência também teológico. 🌸

Pra. Dra. Odja Barros e Rev. Bob Luiz Botelho

A pergunta que queremos levantar aqui é: a quem serve a ideia rígida e ideológica de família? Do “enchei e multipliquei-vos”? Suspeitar do “está escrito”, do “Deus fez assim”, do “isso é natural”, é fundamental em um debate sério que busca compreender a complexidade da temática famílias cristãs e filhos/as/es LGBTI+.

Uma questão suscitada no debate quando se pensa no que é interpretado como sendo um mandamento bíblico - “enchei e multiplicai-vos” - é que LGBTI+ não procriam.

“ [...] eu venho de uma família muito tradicional, católica. Então, assim, toda vez que esse assunto surgia na minha casa, sempre era tratado de uma forma muito pejorativa, muito negativa, né. Então, assim, eu sempre... e assim, por amar muito os meus pais, né, tinha aquele medo de decepcionar muito grande, né. (P.) 🌸

In: [Thiago Barcelos Soliva, 2010](#)

A decepção dos pais, mães e pessoas cuidadoras passa por lugares que nem imaginamos. O sonho de ter netos, descen-

dência, perpetuação do nome, é um deles. Entretanto, a falácia desse argumento está no que a realidade já nos apresenta. Casais LGBTI+ adotam e têm filhos/as/es. O primeiro caso de adoção no Brasil foi do casal Toni Reis e David Harrad.

“ Depois que decidiram ter filhos, partiram em busca de meios para adotar uma criança como um casal. Deram entrada na Vara da Infância e Juventude de Curitiba em 2005 para obter a habilitação para a adoção conjunta - o primeiro caso na cidade. Eles poderiam ter evitado a burocracia e adotado como solteiros, mas se um deles falecesse o outro não teria o direito da guarda do filho automaticamente. Três anos depois, o juiz acatou o pedido, mas restringiu o gênero e a idade: teria de ser uma menina e maior de 10 anos. Eles entenderam que isso se tratava de homofobia e recorreram. Quando o Supremo Tribunal Federal decidiu por unanimidade que para os efeitos de lei a união estável entre casais homoafetivos haveria de ser igual à de casais héteros, abriu-se um novo caminho para a adoção conjunta. Em dezembro daquele ano, receberam a guarda de Alysson, 10. ‘Foi a gravidez mais longa da história. Fomos o primeiro caso de adoção de um casal homoafetivo do país pelo STF.’ Em 2014, conheceram Jéssica, 11, e o irmão Filipe, 8, e os adotaram, juntos, um ano depois. ”

Sobre Toni e David, por Juliana Vaz³⁷, 2022

Além de adotarem, pessoas LGBTI+ também podem ter filhos/as/es biológicos, como é o caso do casal Edu França e Lana de Holanda³⁸ ou ainda Rodrigo Bryan e Ellen Carine³⁹, ambos casais de pessoas trans.

37 Ecoa UOL, 28/03/2022

38 Universa UOL, 25/12/2021

39 Crescer, 04/10/2021

“ Sofremos muito, não só na internet, mas também na vida real. Profissionais que deveriam nos atender e nos ajudar zombaram da gente. Por exemplo, fomos motivo de chacota em um ultrassom, em uma clínica particular. Hoje, isso virou processo judicial. ”

Ellen Carine, mulher trans

“Enchei e multipliquei-vos” acaba se tornando uma “vocação familiar”. Por isso, o debate sobre sexualidade e gênero atravessa a temática dos direitos reprodutivos, porque a construção ideológica da família se fundamenta no destino biológico da procriação.

“ Os grupos conservadores trazem a noção da tradição judaico-cristã patriarcal de família como núcleo social, formado por homem e mulher e filhos. Essa é a vocação que Deus teria concedido aos homens e mulheres: se unirem numa só carne para gerar filhos. Esse é o sentido de família. E também o sentido da prática sexual, que é gerar filhos. Não existe a dimensão da sexualidade em torno do prazer. O que existe é a questão da procriação [...]. A família, portanto, tem esse papel de nuclear a sociedade e cultivar os valores dessa sociedade judaica, cristã e patriarcal. Dali para a sociedade como um todo. Essa é a vocação da família. ”

Magali Cunha, jornalista e pesquisadora

Por isso, o debate que aqui propomos - ainda que trate especificamente sobre famílias cristãs e filhos/as/es LGBTI+ - está inserido em uma discussão mais ampla sobre sexualidade, gênero e direitos reprodutivos.

modelos familiares | Jardins diversos e plurais

Pluralidade de modelos familiares

Uma das formas com as quais o fundamentalismo religioso opera no cristianismo tradicional e hegemônico é por meio de leituras restritivas da Bíblia. Restritivas na medida em que desconsideram o contexto histórico no qual o texto foi escrito, aplicando-o a uma realidade social completamente diferente. Entretanto, a Bíblia deve ser lida historicamente, gramaticalmente e contextualmente.

Em se tratando de modelos familiares bíblicos, nosso debate até aqui demonstrou que não existe um modelo único de família. Principalmente, se pensarmos em relação às formas com as quais os membros da família se relacionam entre si por meio de relações de cuidado, afeto, aceitação ou rejeição.

- Quando as famílias cristãs acionam a ideia de uma “família
- bíblica”, o que elas realmente estão querendo dizer?

Será que estão falando das relações poligâmicas tão presentes na Bíblia? Como entre Jacó, Raquel e Lia ou Elcana, Ana e Penina? Será que estão falando de Salomão e todas as suas concubinas? Ou quem sabe, estão falando sobre a família de Jesus, que tinha José como pai de criação?

Alguns exemplos de pluralidade de modelos familiares na Bíblia:

1. Poligamia

“E possuiu também a Raquel, e amou também a Raquel mais do que a Lia e serviu com ele ainda outros sete anos.”

Gênesis 29, 30

“Houve um homem de Ramataim-Zofim, da montanha de Efraim, cujo nome era Elcana (...). E este tinha duas mulheres: o nome de uma era Ana, e o da outra Penina. E Penina tinha filhos, porém Ana não os tinha.”

1 Samuel 1, 1-2:

2. Concubinato

“E tinha setecentas mulheres, princesas, e trezentas concubinas; e suas mulheres lhe perverteram o coração.”

1 Reis 11, 3

3. Pai de criação

“Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Que estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se juntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo. Então José, seu marido, como era justo, e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente.”

Mateus 1, 18-19

O teólogo Tom Hanks, em seu livro *La Diversidad de ‘Familias’* (50) en la Biblia (2016), apresenta 50 modelos de arranjos familiares do Antigo e do Novo Testamento, como, por exemplo, famílias extensas e famílias lideradas por mulheres (inclusive por uma prostituta solteira⁴⁰). São modelos muito diversos que denunciam a ideia de um modelo bíblico único de família. Segundo palavras do próprio autor:

“ [...] se a palavra ‘família’ não aparece nas línguas originais, que antes falam de ‘casas’ patriarcais (comumente com múltiplas esposas, escravos e concubinas (ver Abraão com sua ‘casa’ patriarcal de 618 membros; entre 50 e 100 seria comum), então nossos [modernos] ‘valores familiares’ não encontram base na Bíblia. ”

Tom Hanks, 2016⁴¹

Uma análise honesta das Escrituras nos mostra que é impossível afirmar que existe um modelo único de família a partir do

40 Josué 6, 17: “Porém a cidade será anátema ao Senhor, ela e tudo quanto houver nela; somente a prostituta Raabe viverá; ela e todos os que com ela estiverem em casa; porquanto escondeu os mensageiros que enviamos.”

41 HANKS, Tom. *La diversidad de ‘familias’ (50) en la Biblia*. Buenos Aires: Editorial Epifanía, 2016.

texto bíblico. Entretanto, sabemos que, aliado ao texto, surgem tradições, regras e dogmas que contribuem para essa construção ideológica de família nuclear bíblica.

A importância da família como identidade cultural

No contexto histórico bíblico, a ideia de clã, tribo ou família era uma das poucas formas que o povo tinha de se sustentar enquanto cultura. No Antigo Testamento, o povo no meio do deserto não tinha nada a não ser a capacidade de vincular-se enquanto um povo, grupo, comunidade. Seu fortalecimento dependia dessas redes, muito baseadas na ideia de ancestralidade e descendência.

“Se nasceu do meu ventre, eu defendo.” A história de Moisés, narrada no livro de Êxodo, é um bom exemplo disso. O que torna Moisés um grande líder é o fato de ele perceber que fazia parte daquela lógica de mundo de pessoas que nasceram de um ventre e lutam para honrar, defender esse ventre, esse sangue. A consanguinidade tinha (e tem) papel fundamental na formação identitária e cultural dos agrupamentos que hoje identificamos por famílias.

Nesse sentido, existem dois aspectos que identificamos em relação às famílias como identidade cultural. Primeiro, elas se orientam a partir de uma noção (ideológica) de família-modelo, que, no contexto cristão, se afirma bíblico. Segundo, essas mesmas famílias, por reiteração, se afirmam como sendo o único modelo. “Existe um único modelo e nós somos esse modelo!” O que se percebe é uma tentativa “catequizante” de reafirmar que só existe um modelo familiar.

“Minha mãe, ao longo da vida, construiu um lar buscando atender aos requisitos da família tradicional brasileira em todos os seus aspectos. Por consequência, teve muita dificuldade para lidar com a situação que eu lhe havia apresentado. Desde criança, ela foi ensinada a se importar com o que os outros falam e enxergam de você.”

Testemunhos da Diversidade, 2020

O testemunho acima, extraído do relatório “Testemunhos da Diversidade”, da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT, fala de uma “família tradicional brasileira”. Mas, da mesma forma que não é possível se afirmar um modelo único de família bíblico, também não é possível se falar em um modelo único de família no Brasil.

Modelos de arranjos familiares no Brasil

<i>Família patriarcal</i>
<i>União estável ou informal</i>
<i>Família homoafetiva</i>
<i>Famílias paralelas ou simultâneas</i>
<i>Família poliafetiva</i>
<i>Família monoparental</i>
<i>Família parental ou anaparental</i>
<i>Família composta, pluriparental ou mosaico</i>
<i>Família natural, extensa ou ampliada</i>
<i>Família substituta</i>
<i>Família eudemonista</i>

Adelaide Bezerra e Silva

“ [...] mesmo que no Brasil predomine um modelo hegemônico de relações de autoridade e hierarquia na família (Sarti, 1989), do homem sobre a mulher, dos pais para os filhos e dos mais velhos sobre os mais novos, não há como negar as profundas transformações nestas relações. As decisões resultam, cada vez mais, de uma negociação na qual

todos os membros da família acabam participando e influenciando para a construção de modelos alternativos de relações. Há um processo de barganha entre homens e mulheres, marido e mulher, pais e filhos que estariam gerando novas dinâmicas e arranjos familiares. As formas como isto ocorre e o poder relativo dos membros na família variam por sexo, por gerações e de acordo com as etapas do ciclo vital familiar, bem como são diferenciadas por grupos e contextos sociais. 🌸

Ana Maria Goldani, 2005

A questão que se apresenta diante de nós é que a pluralidade de famílias, presentes na Bíblia e na sociedade brasileira, não é reconhecida pelo fundamentalismo religioso e é por ele combatida.

🌸 O fundamentalista tem expressões no seu discurso e no seu *modus operandi* que vão para muito além da marginalização do diferente. A gente tem visto discursos midiáticos que sugerem a eliminação do diferente. 🌸

Humberto Ramos, Otros Cruces.

A diferença desafia o que se propõe como único, norma, padrão, modelo. Uma leitura fundamentalista da Bíblia, se levada à risca, não poderia desconsiderar a pluralidade, porque ela está desde o seu primeiro livro (Gênesis) até o último (Apocalipse). Entretanto, o que se apresenta na realidade é uma “leitura fundamentalista ideológica”, que encobre a verdade multifacetada do texto sagrado.

Não sendo possível, então, afirmar que exista um modelo único de arranjo familiar bíblico, seria possível se pensar em orientações éticas para essa relação? Qual é a mensagem-chave ou a orientação que a Bíblia deixa para pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs? Existe um exemplo de projeto ou valor de parentalidade a ser seguido?

vínculo e afeto | Monocultura das identidades

Intencionalidade de construção de vínculo e afeto

Uma das narrativas mais emblemáticas da Bíblia se dá quando Jesus conversa com sua mãe pela última vez⁴². Jesus já estava junto à cruz, e ali perto algumas pessoas, dentre elas sua mãe e seu discípulo amado. Jesus, ao ver sua mãe, diz a ela: “Mulher, eis aí o teu filho”. Depois, ele olha para o discípulo amado e diz: “Eis aí a tua mãe”. Nesse momento, Jesus está rompendo com a ideia de família baseada na consanguinidade e afirmando uma família baseada em laços de afeto. Sua mãe ganhava um novo filho e o discípulo amado ganhava uma nova mãe.

O próprio Jesus havia conhecido a família afetiva ao ser criado por José. Jesus estava transmitindo uma mensagem de vínculo que ele conheceu em casa. O sangue pode sim fazer parte da relação familiar, mas ele não é determinante para que essa relação seja de cuidado. É o amor o vínculo da perfeição, como nos ensina a própria Bíblia (cf. Colossenses 3, 14).

Todavia, o que temos percebido é que esse não é o ensinamento dos púlpitos fundamentalistas. A conversa corajosa sobre “amor incondicional” não é a conversa que se tem na escola bíblica dominical. O que se vê por lá, e na maioria dos púlpitos, é uma romantização de que “Deus fez Adão para Eva, Eva para Adão, o homem para a mulher, a mulher para um homem”.

Mas, é só olhar ao redor, para toda a criação de Deus, para que percebamos que Ele é diverso e nos fez diversos. O processo de construção da família comumente afirmado passa pela negociação do valor da Bíblia, legitimando a relativização do texto bíblico. E o que seria o “vínculo a despeito de qualquer circunstância” acaba passando por um versículo que, praticamente, todo cristão, católico ou evangélico, sabe de cor e salteado quando se torna pai ou mãe:

42 João 19, 25-27.

***“Educa a criança no caminho em que deve andar;
e até quando envelhecer não se desviará dele.”***

Provérbios 22, 6

A ideia de que filhos/as/es têm que ser uma resposta às expectativas dos pais, mães e pessoas cuidadoras é o ponto central de uma narrativa bíblica na qual o sucesso da parentalidade está na capacidade desse filho/a/e reproduzir a mesma lógica e visão de mundo de seus pais. Isso pode implicar no fracasso da construção de um ser autônomo com sua própria visão de mundo.

O objetivo de constituir filhos/as/es dentro da “casa de Deus” engajados com os valores que construíram, e perpetuando um sistema que celebra a norma e rechaça as diferenças, atende aos interesses da igreja.

• A diversidade sexual e de gênero, nesse
• sentido, ao ser compreendida como uma
• ameaça aos ensinamentos do que a igreja diz
• que a Bíblia diz, passa a ser um instrumento de
• controle cruel, bem-intencionado e ilimitado.

Pais, mães e pessoas cuidadoras de crianças e jovens LGB-TI+ estão sofrendo por uma angústia criada por um ideal de família que nunca existiu na Bíblia. Essas famílias não fracassaram no ensino do caminho, mas sim no ensino de quem estes filhos/as/es LGBTI+ deveriam ser na concepção da igreja.

O sentimento de fracasso vem do deslocamento do ideal para o real – do nome que se escolheu, do casamento ou da prole que se sonhou, do novo gênero que se afirmou etc. – e da reputação abalada a partir disso diante de sua comunidade de fé. Para esses pais, mães e pessoas cuidadoras surge a necessidade urgente de justificar o “fracasso” e encontrar a “raiz da homossexualidade”. “É porque ele foi abusado quando crian-

ça?”, “Será que mimei demais?”, “O pai foi ausente na infância e não levou ele para jogar futebol”. Qualquer motivo basta para que a reputação enquanto pai e mãe ou cuidador de uma criança ou adolescente LGBTI+ não esteja diretamente relacionada à conduta desses filhos/as/es.

Nesse contexto, o afeto é um vínculo ético capaz de expandir o conceito de “família cristã”. As dimensões do cuidado, do respeito e do amor devem ser o tripé que sustenta as relações que se dão no lar cristão e para além dele. Afinal, as formas com as quais as famílias se relacionam têm efeitos na sociedade como um todo e algumas dessas implicações são perigosas com consequências imediatas para a gestão pública, como veremos a seguir.

“ Famílias deviam existir como um espaço de cuidado e afeto mútuo, onde diversas configurações são possíveis e ser um abrigo para que todas as pessoas tenham apoio para construir seus próprios projetos de vida, onde pertencimento e liberdade estejam equilibrados. O fundamentalismo religioso não dialoga com esta possibilidade. ”

Gabriella Morena, psicóloga

10. Implicações perigosas

acolhimento | Flores desabrigadas

Aumento da demanda por acolhimento

Quando se é uma pessoa LGBTI+, a própria casa pode representar uma ameaça ou oferecer perigo. Sem o apoio e a aceitação de suas famílias, muitos membros da comunidade LGBTI+ encontram nas ruas o acolhimento e amparo que estão em falta no lar. Essa realidade gera impactos na sociedade como um todo, criando demandas para a gestão pública.

“ 300 LGBT+ sofreram morte violenta no Brasil em 2021, 8% a mais do que no ano anterior: 276 homicídios (92%) e 24 suicídios (8%). O Brasil continua sendo o país do mundo onde mais LGBT são assassinados: uma morte a cada 29 horas. ”

Grupo Gay da Bahia, 2021

Não existem pesquisas para mensurar o número de crianças e jovens que são enviados pelos próprios pais à marginalidade, mas dois fatores nos apontam a gravidade desse problema.

O primeiro é o censo da população de rua, que na maioria das capitais tem uma parcela bem relevante composta por pessoas autodeclaradas LGBTI+. Segundo uma pesquisa realizada pela Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) da Prefeitura de São Paulo, entre 5,3% e 8,9% do total da população em situação de rua na capital pertencem à comunidade LGBTI+.

“ Não existe nenhum LGBTI+ que não conheça alguém que já foi obrigado a sair de casa por conta de sua orientação sexual ou identidade de gênero. ”

Iran Giusti, criador da Casa ¹⁴³

O segundo é a percepção de como a sociedade civil vem se organizando para acolher jovens LGBTI+ em situação de vulnerabilidade social ou que foram expulsos de casa diante da ausência de políticas públicas de acolhimento. O número de casas de acolhimento vem crescendo e já conta, segundo a Rede Brasileira de Casas de Acolhimento (Rebraca), com 20 residências⁴⁴ em diferentes regiões do Brasil.

“ O apoio que a Casa me fornece é um apoio familiar, temos várias pessoas juntas, forma uma família. ”

Maya Alvarenga, educadora comunitária que vive na Casa Miga, Manaus-AM

Algumas Casas de Acolhimento

<i>Casa 1 (São Paulo, SP)</i>
<i>Casa Aurora (Salvador, BA)</i>
<i>Casa Chama (São Paulo, SP)</i>
<i>Casa Florescer (São Paulo, SP)</i>
<i>Casa Miga (Manaus, AM)</i>
<i>Casa Nem (Rio de Janeiro, RJ)</i>
<i>Casa Rosa (Sobradinho, DF)</i>

43 UOL, 24/12/2017

44 Observatório, 15/02/2022

Casa Transformar (Fortaleza, CE)

CasAmor (Aracaju, SE)

Casinha (Rio de Janeiro, RJ)

Casa Vogue, 2020 e Globo, 2020

O número dessas casas ainda é insuficiente para acolher a demanda. Além disso, não há investimento suficiente para que elas continuem operando dignamente.

patologização | Pétalas arrancadas

“Terapias de reversão sexual” (“cura gay”)

Sabemos que o tema da patologização da diversidade sexual e de gênero é complexo e, sem dúvidas, um dos que mais impacta filhos/as/es LGBTI+ no contexto do cristianismo. Afinal, o tripé pecado, doença e crime operou (e opera) violando os direitos humanos de pessoas de sexualidade e gêneros diversos. Além disso, o tema atravessa uma das questões mais importantes desse debate: as “terapias de reversão”, também conhecidas como “cura gay”⁴⁵.

Uma publicação inteira dedicada a essa discussão não seria suficiente para abordar todas as especificidades da questão. Por ora, não nos escusamos da responsabilidade de tratar sobre o tema, mas, devido ao objetivo desta publicação de apresentar o panorama de tal realidade, apresentaremos essa praga a partir do prisma específico de nossa pesquisa - sua relação com pais, mães, pessoas cuidadoras cristãs e seus filhos/as/es LGBTI+.

45 Às vésperas da publicação deste livro, a All Out e o Instituto Matizes publicaram a pesquisa “Entre ‘curas’ e ‘terapias’: esforços de ‘correção’ da orientação sexual e identidade de gênero de pessoas LGBTI+ no Brasil.

Processo histórico de despatologização das dissidências sexuais e de gênero⁴⁶

1973 Homossexualidade deixa de ser classificada como um transtorno pela Associação Americana de Psiquiatria

1985 Associação Brasileira de Psiquiatria e Conselho Federal de Psicologia deixam de considerar a homossexualidade um desvio sexual

1990 Organização Mundial da Saúde retira o código “homossexualismo” da CID (Classificação Internacional de Doenças)

1999 No Brasil, o Conselho Federal de Psicologia proíbe a oferta por profissionais de Psicologia de “terapias de reversão sexual”, conhecidas como “cura gay”

2018 Organização Mundial da Saúde retira a transexualidade da lista de “distúrbios mentais” da CID (Classificação Internacional de Doenças)

Fonte: Dados da pesquisa “Semente de vida: rejeição e aceitação de filhos/as/les LGBTI+ em lares cristãos”, 2022.

A cultura sexual, os valores e as crenças aplicados à sexualidade, obviamente, mudam com o tempo. Ao longo da história, percebe-se que as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram admitidas em várias civilizações. Segundo Gilda Paoliello (2013), com o advento do cristianismo, a homossexualidade (ainda que até então não considerada sob esse nome) passou a ser uma prática condenada, considerada pecado abominável. Posteriormente, tornou-se crime merecedor inclusive de pena de morte. Séculos mais tarde, foi apropriada pela ciência, passando a ser considerada uma patologia.

46 É importante destacar que o processo histórico de despatologização das dissidências sexuais e de gênero alterou a nomenclatura, retirando o sufixo “ismo” de homossexualismo e transexualismo, que indicava doença. Agora, os termos são homossexualidade e transexualidade.

Hoje, de acordo com a CID 11 (Classificação Internacional de Doenças), homossexualidade e transexualidade não são mais consideradas como doenças. Entretanto, cabe uma importante ressalva em relação à transexualidade e à travestilidade, pois, apesar de não ser mais configurada como “disforia de gênero”, pode ser classificada como “incongruência de gênero”, que diz respeito à saúde sexual.

“ A CID-11 não trata a transgeneridade como ‘disforia de gênero’ e nos apresenta como pessoas que podem vivenciar uma ‘incongruência de gênero’ em relação ao que é determinado no nascimento. Essa ‘incongruência’ pode causar sofrimento em nós e apontar para a falha do sistema, o qual tenta normativizar corpos. (...) A patologia não está em nós. A doença não está em nós. A doença está na cisnorma. A patologia está em achar que entre toda a população mundial existem apenas dois gêneros baseados em pênis ou vagina para se viver. A patologia está em achar que corpos trans precisam ser iguais a corpos cis para serem humanizados. ”

NOHS SOMOS, 2021

A “cura” para o que não é doença

O que não é doença não precisa de cura! Infelizmente, em grande parte do contexto cristão, essa afirmação não é realidade. A complexidade desse tema mostra um cenário de disputas que marcam avanços e retrocessos.

Graças à mobilização de entidades civis, do Conselho Federal de Psicologia, de ativistas, temos avançado em relação à despatologização das identidades sexuais e de gênero. Entretanto, o que se mostra na esfera pública nem sempre é o que se vê na esfera privada.

Fora do âmbito da saúde mental, no qual existem órgãos e legislações que regulam as profissões e atividades relacionadas a ela, instituições religiosas – imunes a qualquer tipo de regu-

lação – continuam a ter acesso a recursos, inclusive públicos, para financiar cursos, imersões e publicações sobre o tema.

Em muitos casos, a rejeição da família ou o próprio conflito interno dessa criança ou adolescente com sua sexualidade resulta na busca pela absurda “cura gay”. Apesar de rechaçada globalmente pelos principais órgãos relacionados à saúde mental, e, aqui no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) impedir, desde 1999, que psicólogos ofereçam qualquer tipo de prática de “reversão sexual”, elas ainda são bastante comuns e pouco denunciadas, principalmente porque a maioria dos casos acontece fora dos consultórios, em acampamentos religiosos, retiros espirituais, cursos intensivos ou salas pastorais de diversas igrejas.

A obra Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs (2019), publicada pelo Conselho Federal de Psicologia, é uma excelente fonte para se compreender melhor a prática da falaciosa “reversão sexual”. O capítulo “Negam quem eu sou ao inventarem origens para a minha orientação sexual e identidade/expressão de gênero”, por exemplo, dá explicações “inventadas” para a origem e a causa da existência de pessoas LGBTI+. Observam-se relatos permeados por mitos de distúrbios, de perversões, de psicopatologias. Verificamos nas narrativas que as existências LGBTI+ são atribuídas a maldições, pecados, desvios morais e falta de estrutura familiar.

“ [...] o problema a que a gente tem assistido hoje é que a liberdade de expressão está sendo utilizada, bem como a liberdade religiosa, para dizer mentiras e cometer crimes. Se eu afirmo ou submeto uma pessoa à tortura psicológica, por exemplo, dizendo que há cura para homossexualidade, isso é um crime. É pseudociência. ”

Humberto Ramos, Otros Cruces.

É preciso destacar a atuação do Conselho Federal de Psicologia em relação a essa pauta. Sua última ação exemplar foi a cassação do registro profissional da Sra. Rozangela Alves Justino⁴⁷, uma das principais propagadoras da “cura gay”.

Jeová Rafá - O Deus que cura

“[...] Se ouvires atento a voz do SENHOR, teu Deus, e fizeres o que é reto diante de seus olhos, e inclinares os teus ouvidos aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, nenhuma das enfermidades porei sobre ti, que pus sobre o Egito; porque eu sou o SENHOR, que te sara.”

Êxodo 15, 26

Uma das ideias do cristianismo a respeito de Deus é que Ele é um “Deus que sara”, que cura as doenças e enfermidades. Famílias cristãs que se guiam a partir do fundamentalismo religioso apresentado por Magali Cunha, muitas vezes, não precisam de um diagnóstico médico ou psicológico para afirmarem que seus filhos/as/es estão doentes. Ao invés de acessarem a CID (Classificação Internacional de Doenças), muitas dessas famílias acessam a Bíblia para diagnosticar e, também, para buscar a cura.

Essas “curas adoecedoras” acabam criando um “mercado da cura”, que se beneficia financeiramente desses “desesperados” pais, mães e pessoas cuidadoras. As “casas de recuperação” continuam existindo a despeito do que o Estado regula. Qualquer pessoa que conviva no mundo religioso cristão, acima de tudo no universo evangélico, provavelmente conhece alguém que esteja lutando contra a sua sexualidade ou identidade de gênero em uma “escola de cura gay”, curso intensivo ou retiro espiritual sabático que aborda estes processos.

47 Wikipédia, última atualização em 10/05/2022

“ Alguns cristãos, em geral homens e alinhados a um perfil mais conservador, afirmaram que existiria a figura do “ex-gay”, disseram que dentro da igreja o homossexual poderia “virar homem de novo” com fé e força de vontade, e tenderam a defender a ideia de “cura gay”, ainda que não utilizassem tal termo. ”

Fundação Tide Setubal, O conservadorismo e as questões sociais. 2019

Atualmente, essa oferta, na maioria das vezes, não é mesmo vendida de forma explícita como “cura gay” para esses jovens. Geralmente, é uma “escola de louvor e adoração”, “escola de missões”, “formação de líderes segundo o coração de Deus” etc. Ou ainda, disciplinas como “coração paterno de Deus”, “estatura do varão perfeito em Cristo”, “restaurando as veredas antigas” e “o coração do artista”. Este último baseado em um livro de mesmo nome, de um autor que passou a vida inteira lutando contra sua própria sexualidade, e que ao falar de “louvor e adoração” sublima este tema. Essa subjetividade tem um efeito prático na vida desses jovens, que estão vivendo a angústia e lidando com os próprios conflitos de sexualidade e de identidade de gênero.

Para chegar aos jovens em desespero, as instituições que oferecem a “cura gay” usam estratégias de marketing que, muitas vezes, escondem o que realmente oferecem. Por isso, é tão difícil identificá-las ou mapeá-las. A demanda existe e se retroalimenta. Esses mesmos cursos também formam aconselheiros, familiares, que continuarão levando essa faceta de Deus adiante. A “cura gay” é uma falácia, uma prática adocedora e tem que ser combatida.

• Entrei com minha mãe, e o padre nos mandou sentar:
• – O que seu filho tem? Ele me parece bem –
• questionou o padre à minha mãe.

- – Sabe, padre, ele está se envolvendo em um mundo de perversão – disse chorando.
- – De quais tipos? (Sério, ele olhava pra mim avaliando se poderia descobrir por telepatia.)
- – Ele está se envolvendo com um HOMEM! E eu não sei mais o que fazer! – As lágrimas desciam. Ficamos mudos por um minuto. Achei que fosse este o momento em que me prenderiam no banco e tirariam Satanás da minha garganta.
- – Senhora, eu já limpei hordas de espíritos. Já tive que reconstruir inúmeras famílias por problemas de possessão. Já perdi meu emprego e minha dignidade por isso. E se eu tivesse unicamente que atender meninos com o problema que o seu filho tem, a minha vida seria perfeita.
- – E o que podemos fazer então? – Questionou ela esperançosa [...]
- – Pelo seu filho? Nada. Por você? Muita coisa.
- – Padre, como assim? – Olhou assustada. Então ele pegou na mão da minha mãe sobre a mesa e continuou:
- – Não é o seu filho que tem problemas a serem resolvidos, é a senhora. Ser gay é uma condição humana e não um martírio. Quem faz sê-lo são pessoas como você, que deviam estar estendendo a mão e não trazendo o seu filho para uma sessão de descarrego.
- Oliver Black, Revista Senso

Prejuízos para a saúde mental

Outro tema importantíssimo quando pensamos nas implicações dos efeitos do fundamentalismo religioso nas vidas de filhos/as/es LGBTI+ é a saúde mental (e a “cura gay” também faz parte disso). A rejeição familiar, o bullying escolar, o cyber-

bullying das redes sociais e os discursos políticos contrários às vidas LGBTI+ se aliam e se favorecem do fundamentalismo religioso, gerando, dentre tantas coisas, depressão, ansiedade, crise de pânico e até suicídio.

“ Os adolescentes demonstram uma percepção negativa de si mesmos, que podem contribuir para que eles negligenciem práticas de autocuidado, não consigam manter hábitos saudáveis e podem até desenvolver ideação suicida. ”

Taison Regis Penariol Natarelli, Iara Falleiros Braga, Wanderlei Abadio de Oliveira, Marta Angélica Iossi Silva, 2015

“ Isso me prejudicou que, eu entrei em depressão por causa disso, e eu já tentei suicídio várias vezes por causa disso também, eu estou começando a superar e aconteceu já faz vários anos o episódio mais grave. [...] Eu conheço pessoas que começaram a virar anoréxicos e ter bulimia, entre outros transtornos, então realmente afeta diretamente a saúde das pessoas. [...] Eu mesmo tava chegando num ponto que minhas costelas já estavam todas aparecendo. (A9) ”

In: Taison Regis Penariol Natarelli, Iara Falleiros Braga, Wanderlei Abadio de Oliveira, Marta Angélica Iossi Silva, 2015

O que se vê na realidade são testemunhos de dor e sofrimento mental que marcam a vida de crianças e adolescentes, não somente em suas vidas privadas, mas tendo impacto em suas vidas sociais, também afetando, inclusive, o desenvolvimento escolar.

“ Grande parte dos estudos cita que o cyberbullying está associado à depressão, uso de drogas, ideação suicida e suicídio, estresse, solidão e ansiedade [...] com consequências psiquiátricas que afetam a saúde mental e o desenvolvimento escolar [...], principalmente dos adolescentes. ”

Vanessa Adriani Maria, 2020

Lançando mão de nossa metáfora do jardim, percebemos que, muitas vezes, os caminhos para a “cura gay” são oferecidos como se fossem flores - mas são flores de praga. Essas flores venenosas (adocimento mental, patologização da diversidade sexual e de gênero) que a praga (fundamentalismo religioso) produz precisam ser arrancadas pela raiz.

Frisamos aqui que o que precisa de cura é a LGBTI+fobia! Lembramos com gratidão da iniciativa que o pastor evangélico José Barbosa Júnior criou com a campanha “Jesus cura a homofobia”.

“ A cruzada surgiu em 2015, na Parada Gay de São Paulo. Ele e uns amigos levaram a faixa com a frase-título, como um pedido de desculpas, pela forma como a igreja tratou o assunto ao longo dos anos. ‘E queríamos fazer o contraponto da cura gay, que também estava muito falada na época’, relembra. A repercussão foi um espetáculo. ‘Em uma semana, recebemos mais de 700 mensagens no grupo de gays cristãos do Facebook’, contabiliza. ”

[#Colabora, 2017](#)

retrocesso | A política que parasita o jardim

Retrocesso e crise política

Em muitos lugares da América Latina, a visão dogmática e fundamentalista da fé ameaça a agenda progressista relacionada à democracia, aos direitos humanos e à justiça social. A pesquisa “Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação”, iniciativa do Fórum Ecumênico ACT Aliança Sul-americana (FESUR), coordenada pela Dra. Magali Cunha, nossa

💜 Nesse contexto, além da violência psicológica e, não raro, física das tentativas de “exorcismo”, das orações de “cura e libertação”, das “terapias de reversão”, há a violência do estigma, que leva à vergonha, ao medo, à culpa, ao silenciamento e à invisibilização. O fantasma do “pecado” ou o temor de ser uma “abominação” acompanham a pessoa mesmo quando ela já foi expulsa ou se autoexilou de sua comunidade de origem, de sua família, das referências religiosas, dos símbolos sagrados e da experiência de fé em que foi socializada. Em diferentes medidas, a pessoa muitas vezes é convencida de que carrega algo tão maligno que se crê indigna do amor de Deus – e, de resto, de qualquer forma de amor. Crendo-se condenada à danação eterna, na tentativa de se salvar, deixa-se submeter – ou se submete espontaneamente – a todo tipo de mutilações, do corpo e da alma, chegando não raro ao suicídio. 💜

Cris Serra, ex-coordenadora da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT

entrevistada sobre o tema do fundamentalismo religioso, traz algumas afirmações:

“ Foi reconhecida uma agenda fundamentalista eficaz na região, com grande capital econômico e político, fruto de seu capital religioso, que tem conseguido obstaculizar direitos conquistados pelas mulheres e pela comunidade LGBTI+, confrontar sistemas judiciais nacionais, influenciar e, em alguns casos, desestabilizar democracias. ”

Magali Cunha, jornalista e pesquisadora

No Brasil, diante da força do fundamentalismo alimentado pelo catolicismo e por segmentos evangélicos na política nacional, vemos, na prática, o enfraquecimento da defesa dos direitos sexuais e reprodutivos e o impedimento à educação sobre gênero e sexualidade no currículo escolar, dificultando o debate e o combate à LGBTI+fobia na sociedade.

A política feita “em nome de Deus” é um movimento “polarizador e separatista” que possui relação com outras crises políticas, como o “aumento das desigualdades, a redução da participação cívica, o assassinato de ativistas, a perseguição às comunidades tradicionais e religiões de matriz africana”, afirma Magali Cunha.

Esta Parte, que se propõe a abordar sobre as “implicações perigosas” do fundamentalismo religioso, não pode evitar o debate político; afinal, é na política que o fundamentalismo religioso vem se organizando como plataforma de violência em relação às minorias sociais.

Muito nos questionamos durante o desenvolvimento desta obra, realizada entre 2020 e 2022 (conturbado ano eleitoral), se deveríamos adentrar nessa discussão. Nossa maior preocupação era reduzir os efeitos de nossa pesquisa, desviando a atenção para questões que poderiam ser lidas como elei-

toreiras ou panfletárias, por mentes acostumadas a rejeitar a complexidade das coisas, às vezes até mesmo de forma inconsciente – ou até mesmo o temor de datar a publicação.

Porém, optamos por fazer este debate, de forma honesta e embasada, por acreditar profundamente que não se trata de uma nova onda que compete, exclusivamente, a este ou àquele agente ou grupo político, tampouco é uma onda passageira.

“ Esse discurso sobre a importância da família e sua ilusão de perfeição pregada por evangélicos e políticos conservadores não é algo recente e nem exclusivo ao Executivo. ”

Vitória Régia da Silva, plataforma Religião e Poder

A plataforma Religião e Poder, concebida pelo Instituto Superior de Estudos da Religião, o ISER, em parceria com a organização de mídia Gênero e Número, oferece “dados abertos, pesquisas, artigos e reportagens sobre a interface da religião com a política institucional e a atuação de agentes políticos com identidade religiosa nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário”.

São notícias recorrentes por lá, denúncias de como a linguagem cristã é recurso na CPI da Covid para defesa do tratamento precoce⁴⁸ ou sobre o “PL da Bíblia Sagrada”⁴⁹, que prevê punição por crime de estelionato para quem fizer uso da palavra “Bíblia” de forma indevida – especialmente àqueles que tentam “mudar e/ou distorcer o conteúdo original e tradicional dos livros, capítulos e versículos sacros e [...] tirar as referências que condenam o homossexualismo”. Além de centenas de outros conteúdos jornalísticos, estudos e pesquisas que a plataforma desenvolve para contribuir para o fortalecimento do processo democrático no país, como a reportagem

48 Religião e Poder, 03/09/2021

49 Religião e Poder, 24/03/2022

que mapeou o aumento de até 163% em candidaturas com nomes religiosos nas urnas em 2020⁵⁰.

“ Apesar de representarem, em média, 10,71% do total de candidaturas, ao final das eleições os candidatos com identidade religiosa passaram a ocupar, também em média, 51,35% das cadeiras de cada Câmara Municipal pesquisada. Os dados também demonstram que candidaturas que mobilizaram a religiosidade de forma direta durante a campanha foram mais votadas. Consequentemente, indica que a mobilização de aspectos religiosos e morais, de diferentes formas, é uma estratégia eficaz para a eleição de candidaturas. ”

Religião e Voto: uma fotografia das candidaturas com identidade religiosa nas Eleições 2020

Não à toa, durante as eleições presidenciais de 2018, muitos dos discursos que foram acionados contra a diversidade sexual e de gênero foram justamente sobre pessoas LGBTI+ e crianças. A polêmica do projeto Escola sem Homofobia - cujo material foi apelidado de “kit gay”, censurado no governo Dilma Rousseff e virou arma do então deputado federal Jair Bolsonaro – foi uma estratégia de desinformação violenta que catapultou a carreira do atual presidente da República, conforme conta a reportagem “10 anos do “Kit Gay”: fake news que virou símbolo contra a população LGBTI+ brasileira”, da agência de jornalismo independente Diadorim.

“ Mobilizando valores associados à defesa da família tradicional, à heterossexualidade compulsória e a uma visão de mundo religiosa, as bandeiras do presidente eleito refletem o êxito de um pânico moral há tempos alimentado e que coloca em linha de tiro, precisamente,

50 Religião e Poder, 11/11/2020

a comunidade LGBT. Um dos alvos privilegiados dos ataques verbais de Bolsonaro antes mesmo de ele ser eleito já eram os homossexuais. ‘Ter filho gay é falta de porrada’ e afirmações afins abundam nas intervenções públicas do ex-deputado. São declarações que colocam em xeque, sem nenhum pudor, o direito de existir de um segmento da população, além de respaldar os já alarmantes índices de violência letal contra LGBTs. 🏳️🚫

Renan Quinalha, 2019⁵¹

Uma forma de percebermos como os discursos acionados pelo Governo Federal – que segue esbanjando o controverso slogan de campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”⁵² – atravessam a pauta religiosa em ataque às diversidades sexuais e de gênero é por meio das notícias que circularam sobre a temática.

Bolsonaro afirma que pautas LGBT “destroem a família”

Correio Braziliense, 2022

Bolsonaro diz que família é ‘sagrada’ e insinua que LGBT+ vão pro inferno

Correio Braziliense, 2022

Bolsonaro sugere que homossexuais poderão sofrer ‘punição divina’

Brasil 247, 2022

‘Ninguém gosta de homossexual, a gente suporta’

Estado de Minas, 2021

Bolsonaro: “linguagem neutra dos gays” vai “estragando a garotada”

Correio Braziliense, 2021

Bolsonaro diz que homossexuais não devem se beijar em público

Carta Capital, 2021

51 Le Monde Diplomatique Brasil, 31/05/2019

52 Gazeta do Povo, 24/10/2018

“Máscara é coisa de viado”, dizia Bolsonaro a funcionários

Diário de Notícias, 2020

Bolsonaro critica decisão do STF de criminalizar homofobia

Agência Brasil, 2019

“Brasil não pode ser país do mundo gay: temos famílias”

Exame, 2019

‘Sou homofóbico, sim, com muito orgulho’, diz Bolsonaro

Catraca Livre, 2018

“Seria incapaz de amar um filho homossexual”

Mundo ao Minuto, 2018

“Os gays não são semideuses. A maioria é fruto do consumo de drogas”

El País, 2014

Bolsonaro quer cura gay

Diário do Poder, 2013

Bolsonaro: “prefiro filho morto em acidente a um homossexual”

Terra, 2011

‘Estou me lixando para esse pessoal’, diz Bolsonaro sobre movimento gay

G1, 2011

Palmada muda filho “gayzinho”, declara deputado

Folha de S.Paulo, 2010

O exame dessas manchetes mostra que o representante máximo do Executivo tem liderado, deliberadamente, discursos contra as vidas das pessoas LGBTI+ desde quando era deputado federal. Com a sua chegada ao Governo Federal, o discurso ganha tangibilidade. O desmonte promovido em políticas públicas para a população LGBTI+ pela sua gestão é marcado pelo fechamento de órgãos dentro da burocracia pública dedicados de forma exclusiva às políticas para LGBTI+; por mu-

danças em Conselhos e em conferências de políticas públicas dedicados exclusivamente a políticas LGBTI+; pela exclusão de ações orçamentárias específicas para políticas LGBTI+ no orçamento das pastas de direitos humanos, segundo Matheus Mazzilli Pereira⁵³ para o portal Nexo.

Mas, como vimos, Bolsonaro não está só. Ao lado dele, há representantes da Bancada Evangélica, líderes políticos, ministros “terrivelmente evangélicos”⁵⁴, a extrema-direita neoconservadora e um movimento que, apesar de levar seu nome, está para além de sua pessoa - o bolsonarismo.

O impacto do bolsonarismo está para muito além de um mandato. Inaugura um retrocesso sem tamanho no debate sobre o combate à LGBTI+fobia e na construção de políticas públicas para as pessoas LGBTI+. No fim das contas, decidimos passar a limpo nesta publicação nossas críticas ao governo Bolsonaro pois compreendemos que as consequências e o legado de sua gestão podem estar na conta de muitas famílias cristãs, o foco do nosso estudo.

• Nosso desejo é que a semente divina
• que habita o coração de cada pai,
• mãe e pessoa cuidadora cristã de crianças
• e adolescentes LGBTI+ ajude a trazer à tona
• o desejo de que este ciclo de rejeição,
• ódio e violência pare de produzir tantas
• marcas e ausências.

O que pode, ao primeiro olhar, parecer um terreno tão desolado onde nada bom pode florescer, afirmamos que é, também, um terreno fértil para insurreições, subversões, que se apresentam revolucionárias dentro de uma realidade tão hostil

53 Nexo, 19/04/2022

54 CNN Brasil, 01/12/2021

às pessoas LGBTI+. Sendo assim, fazemos agora uma transição importante em nosso trajeto, na qual avistamos as flores que nascem mesmo em um solo seco e pedregoso.

parte 4

Interrompendo o Ciclo da Rejeição



11.

Um novo sol sobre o jardim

anúncio | Luz divina de amor irrestrito

Apresentamos até aqui um cenário que, à primeira vista, pode parecer sem esperança. Mas, para além de todos os relatos de experiências de dor e rejeição experimentados em lares cristãos quando filhos/as/es são LGBTI+, a pesquisa nos mostrou flores brotando mesmo em terra seca. Um novo cenário irrompe diante de nós. Sementes que insistem em romper o solo em direção ao sol. Flores que desabrocham apesar do frio intenso. Sinais de vida que mobilizam a terra e refazem o jardim.

Somente a compreensão de um Deus radicalmente amoroso, nesse contexto cristão, pode transformar o cenário de morte em cenário de vida.

• A ideia de uma visão amorosa de Deus,
• que celebra e afirma a diversidade, é fruto
• da insistência resistente de grupos que
• se mobilizam na história em favor de um
• cristianismo afirmativo e acolhedor.

Nós temos aprendido, a duras custas, que é preciso denunciar a realidade, mas é também preciso anunciar as formas com as quais vidas - até então marginalizadas pelo centro tradicional e hegemônico do cristianismo - têm resistido a esse sistema de opressão.

“ [...] é preciso cuidado para que a denúncia (imprescindível) da violência religiosa contra a diversidade sexual e de gênero não seja posta em termos que acabem por reforçar a percepção de que diversidade sexual e de gênero e religião, especialmente cristianismo, são antagônicas e inconciliáveis. [...] A violência, o apagamento, a invisibilização e o expurgo dos corpos dissidentes nas igrejas existem. Porém, eles contam apenas uma parte da história, não a história toda. Na realidade, o campo religioso não é monolítico nem estanque. As comunidades de fé e instituições religiosas são heterogêneas, e nelas se abrem brechas e espaços para uma multiplicidade de representações e atitudes – inclusive de diálogo, respeito e acolhimento. Em diferentes medidas, a diversidade sexual e de gênero se integra ao tecido dos ambientes eclesiais e neles vai construindo legitimidades. ”

Cris Serra, ex-coordenadora da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT

A religião pode ser compreendida como um reservatório de sentido para as pessoas. Por isso, muitas delas insistem em permanecer na instituição religiosa, ainda que, historicamente, elas tenham sido rechaçadas pelo discurso vigente dessa mesma instituição. Essa perspectiva parece ser adoecedora - e pode ser -, mas o que se vê na prática são testemunhos de pessoas que têm construído suas próprias perspectivas de cristianismo que se contrapõem à violência sistêmica em favor da libertação à qual o próprio Cristo nos convoca.

“ Durante o meu processo de ressurreição e nova vida, encontrei o Evangélicxs Pela Diversidade, ‘a primeira iniciativa cristã evangélica pró-LGBT da América Latina’ - na descrição que cabe em um tweet - mas que hoje, prefiro chamar de família. Encontrei pessoas que

reapresentaram Cristo pra mim e me trouxeram de volta a ele, de uma forma um pouco assustadora, até. Eu nunca tinha me relacionado com Deus sem envolver uma constante aplicação de culpa por tudo o que eu era, sentia e pensava. Foi difícil reconhecer Deus de outra forma, mas foi um processo bonito, que ainda me atravessa e ‘continua a atravessar e a travecar’, parafraseando Linn da Quebrada. 💞

Allie Terassi, pessoa não binária

O testemunho de Allie Terassi é um dentre os diversos que encontramos na jornada que alguns de nós, que escrevemos este relatório, temos percorrido. Apesar de toda dor, violência, descrença, ainda é possível afirmar que é possível a reconciliação da dissidência sexual e de gênero com o cristianismo. Mas não com esse cristianismo pregado nos púlpitos do fundamentalismo.

Falamos aqui de um cristianismo de outro Cristo - aquele que enxergamos na Bíblia e que também reconhecemos no rosto das pessoas que foram colocadas à margem da experiência cristã. Falamos de um Cristo amigo da vida, que se inclina para ouvir nossas dores, que se compadece do nosso sofrimento, mas que também celebra a vida conosco! Falamos de um Cristo que escancara as portas da igreja para nós, mas que não mora ali entre as quatro paredes da instituição.

Cristo caminha pelas ruas, pelas periferias, pelas vielas. Ele se encontra conosco em lugares que nunca imagináramos que o Sagrado habitasse. Afinal, nada o pode conter. Cristo é o Sagrado em movimento. E nesse movimento, ele não se aprisiona pelos limites da história, da tradição, porque ele está sempre se atualizando e sendo atualizado em nossas experiências de amor.

E é esse Cristo que temos visto em muitas práticas de resistência que reafirmam as possibilidades criativas de reconciliação da fé com as sexualidades e as identidades de gênero diversas.

destaques | Relatos de bons frutos

Destacamos aqui exemplos de experiências cristãs de acolhimento e afirmação de pessoas LGBTI+. Esses exemplos vão desde denominações cristãs fundadas por LGBTI+, como o caso das Igrejas da Comunidade Metropolitana; igrejas tradicionais que passaram a incluir LGBTI+ em suas atividades (inclusive celebrando casamentos), como a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil; até experiências de resistência dentro da tradição da igreja, como a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT.

À medida que as pessoas LGBTI+ vão reivindicando sua presença dentro da igreja, essas são levadas a discutir a questão seriamente. Muitas delas seguem evitando o debate, mas aquelas que se abrem à dinâmica da vida, eventualmente se abrem à inclusão e afirmação de LGBTI+. Um exemplo emblemático é o caso da Igreja Batista do Pinheiro, em Maceió (Alagoas), que foi expulsa da Convenção Batista Brasileira por decidir incluir pessoas LGBTI+ em seu rol de membros, inclusive, batizando-os.

“ Todo processo de exclusão é doloroso e não desejamos ser excluídos da Convenção. Surpreendentemente, estamos em processo de exclusão por desejarmos ser includentes. Desse modo, estamos sentindo um pouco, na nossa própria pele, aquilo que nossos irmãos e irmãs de orientação sexual diferente sentem o tempo todo. Acreditamos, inclusive, que o mal-estar que sentimos é muito menor do que o dano que a Convenção faz a si própria, enquanto instituição batista. ”

Carta da Igreja Batista do Pinheiro à Convenção Batista Brasileira, 2016

A igreja liderada pelos pastores Wellington Santos e Odja Barros é um bom exemplo de abertura em relação às pessoas LGBTI+ e também do que essa decisão pode causar. Os nomes dos dois se tornaram referência em se tratando de perspectivas aliadas a pessoas LGBTI+ cristãs.

“ O exemplo que nos surge é o da Pastora Odja Barros, em Maceió/AL. Para começar a acolher pessoas LGBTIs+ em sua comunidade de fé, ela precisava - antes de mais nada - compreender o que esse acolhimento significava para suas irmãs e irmãos e que a aceitação para esse processo fosse construída, tijolo por tijolo, pelas mãos de cada uma delas e deles. Foi um processo longo mas que, dentre os muitos desafios, culminou no surgimento da Aliança Batista do Brasil que hoje conta com mais de 200 igrejas em todo território nacional que aceitam pessoas LGBTIs+ e, além disso, promove casamento entre elas. Quão fantástica é essa notícia? ”

Bruna Galvão, Casa Galileia

As iniciativas que passamos a elencar abaixo foram levantadas pelo Manual de Cristianismo e LGBTI+ (2021) escrito por um grupo de 12 pessoas, incluindo a Revd^a Ana Ester, que assina conosco este relatório. O Manual é uma iniciativa da Gay Latino e da Aliança Nacional LGBTI+. Ele é um importante documento de esclarecimento em relação às questões sobre dissidências sexuais e de gênero e cristianismo.

a. Igrejas da Comunidade Metropolitana

As Igrejas da Comunidade Metropolitana (ICM) são uma fraternidade brasileira e internacional de comunidades cristãs caracterizada particularmente por seu progressivismo humanitário e aceitação irrestrita de pessoas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, trans, travestis e e outras denominações (LGBTI+), e seus familiares, aliadas/os e amigas/os.

b. Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

A organização no Brasil é feita através de Dioceses (nove) e Distrito Missionário (um), geralmente seguindo regiões geográficas de um mesmo estado, ou região, ou mesmo englobando todo estado. Neles temos uma centena de paróquias e missões com pastorais diversas, entre elas a pastoral da diversidade que acolhe LGBTI+. Não existe uma rede formal entre as pastorais da diversidade.

c. Inclusão Luterana

O coletivo Inclusão Luterana nasceu em 7 de setembro de 2014, a partir de diálogos entre a juventude evangélica da IECLB no 22º CONGRENAGE (Congresso Nacional da Juventude Evangélica). Por surgir na juventude, o diálogo se faz bastante presente em outras edições do CONGRENAGE, acampamentos, retiros e outras instituições ligadas à IECLB. Em maio de 2020, criou-se a primeira coordenação eleita do coletivo, que, desde então, tem desenvolvido trabalhos mais constantes entre os LGBTI+ luteranos do Brasil.

d. Inclusão Metodista

A articulação Inclusão Metodista nasceu oficialmente em 2020 para organizar o envio de propostas ao Concílio Geral da Igreja Metodista do Brasil, espaço no qual se debatem as mudanças na legislação da igreja, e de forma mais geral a disputa pela inclusão integral de pessoas LGBTI+ na vida da igreja. Trata-se do primeiro movimento LGBTI+ na Igreja Metodista do Brasil, envolvendo membros clérigos e leigos que estavam dispersos por paróquias de diversos estados do país.

Além dessas experiências elencadas pelo Manual de Cristianismo e LGBTI+, trazemos dois exemplos, também presentes no Manual, mas ao qual queremos dar destaque por causa da importância que representam no cenário atual brasileiro. Ambas são iniciativas que têm mobilizado grupos, redes sociais, e a própria igreja, em direção ao diálogo necessário

para o avanço das pautas LGBTI+ em relação ao cristianismo. O primeiro exemplo é o Evangélicxs Pela Diversidade, e o segundo, a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT.

e. Evangélicxs pela Diversidade

O Evangélicxs Pela Diversidade é a primeira organização LGBTI+ evangélica interdenominacional da América Latina. Fundado em 2017, o grupo decidiu atuar por meio das redes sociais em 2018. A partir de então, começou a se organizar no território através de núcleos locais que têm o objetivo de oferecer suporte e acolhimento para LGBTI+ e espaços de formação. Em 2019, o Evangélicxs passou a integrar uma coalizão da Organização dos Estados Americanos (OEA) sobre “Religião, Espiritualidade e Sociedade Civil”, incidindo no combate ao fundamentalismo religioso e seus impactos na sociedade civil (como nas atividades do Ministério de Direitos Humanos, entre outras agendas).

“ Somos o Evangélicxs Pela Diversidade pois não aceitamos que nenhuma ovelha do rebanho de Cristo seja abandonada pelo caminho por causa da diversidade sexual e de gênero. ”

O Evangélicxs tem o objetivo de combater o fundamentalismo religioso evangélico contra a população LGBTI+, construindo pontes de diálogo entre igrejas, comunidades, agências missionárias e demais organizações evangélicas que queiram pensar de forma afirmativa o tema da diversidade de gênero e sexualidade. O grupo possui um projeto de suporte psicológico chamado “Psis pela Diversidade” e uma rede de apoio pastoral de plantão.

Eixos de atuação

1. Acolhimento e cuidado pastoral

Oferecer apoio e cuidado a pessoas LGBTI+ que estão sofrendo algum tipo de violência ou opressão por questões relacionadas à fé evangélica, seja em seus contextos pessoais e familiares, em suas comunidades de fé ou em redes de relacionamento por se entenderem numa expressão de gênero ou sexualidade diferentes do padrão cis-heteronormativo.

2. Formação e reflexão

Criar oportunidades de reflexão e aprendizado contínuo e atualizado que contribua para formar e informar a igreja evangélica brasileira e suas organizações, incluindo a produção de conteúdo e recursos didáticos que lhes ajude a se tornarem comunidades de fé que acolhem e afirmam a diversidade sexual e de gênero.

3. Articulação e incidência pública

Promover e organizar a participação e engajamento de pessoas evangélicas e suas comunidades de fé em ações de serviço à comunidade LGBTI+ e na promoção de seus direitos e dignidade humana, fortalecendo parcerias e articulações com organizações que também assumam essa vocação.

4. Evangelização e diálogo

Promover a visão de comunidades de fé que acolham e afirmem a diversidade sexual e identidade de gênero por meio da ampliação dos espaços e canais de diálogo e troca entre pessoas LGBTI+, o Movimento LGBTI+ e as igrejas e denominações evangélicas, respeitando de forma incondicional as diversidades das modalidades de engajamento.

Os eixos de atuação estão baseados na missão do Evangélicxs de “organizar um movimento de pessoas LGBTI+ evangélicas que pautam a diversidade sexual e de gênero em diálogo com a fé evangélica, presente nacionalmente, com iniciativas que promovam sua afirmação nas igrejas, organizações evangélicas e na sociedade”. E, também, da visão de “ser uma referência sobre diversidade sexual e de gênero numa perspectiva evangélica, promovendo olhares e práticas emancipadoras e afirmativas de pessoas LGBTI+ evangélicas, na relação com igrejas, organizações evangélicas e sociedade civil”.

Uma das importantes ações que o Evangélicxs fez desde sua criação foi o “Laboratório de Formação de Lideranças Evangélicas Afirmativas” (FLEA.lab), que reuniu jovens, ativistas e lideranças evangélicas progressistas do Brasil durante o ano de 2021. A formação ofereceu 96 horas de workshops sobre temas relacionados com o cristianismo e a diversidade sexual e de gênero, como, por exemplo, métodos de estudo bíblico, hermenêuticas afirmativas, HIV/Aids, prevenção e combate a abusos e violências. O projeto foi o primeiro com essa abrangência no Brasil e formou 27 pessoas.

A iniciativa do Evangélicxs tem o interesse de formar “líderes afirmativos”, ou seja, pessoas LGBTI+ e aliadas preparadas para disputar as narrativas que se colocam no debate religioso e público, na maioria das vezes, contrário à dignidade das pessoas LGBTI+.

f. Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT

A Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT se apresenta como sendo uma coalizão de coletivos leigos católicos LGBTI+ brasileiros. Os grupos se organizaram a partir da necessidade de criar espaços seguros de acolhimento respeitoso, partilha de experiências e vivência da fé cristã em comunidade para aquelas pessoas que buscam conciliar sua pertença religiosa católica romana com suas identidades como pessoas LGBTI+.

“ Os coletivos são espaços onde plantamos sementes de vida que nos nutrem e enriquecem e de onde saímos para semear nossos dons e gerar bons frutos, contribuindo assim para a construção de um mundo de mais justiça e igualdade, em que haja espaço para cada um florescer na diversidade. ”

Em 2007, surgiu o primeiro grupo organizado de católicos romanos LGBTI+ do Brasil, o “Diversidade Católica”, no Rio de Janeiro. Depois dele, vários outros coletivos similares começaram a surgir pelo país. Em 2014, aconteceu o I Encontro Nacional de Católicos LGBT, quando representantes de cinco grupos existentes no país fundaram a “Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT”. No final de 2020, a rede já tinha 21 grupos e passou a integrar a Global Network of Rainbow Catholics (GNRC), que reúne grupos de “católicos do arco-íris” de todo o mundo.

Missão/linha de ação/carisma:

“ Assumimos como missão promover e difundir a Boa Nova de Jesus Cristo e o projeto plenamente inclusivo do Reino de Deus, partilhando a experiência do Amor, da Liberdade, da Justiça e da Vida em abundância com todas as pessoas que são excluídas da Igreja e/ou da sociedade em virtude de sua identidade de gênero e/ou orientação sexual. Acreditamos que Deus nos criou e nos ama a todos e todas com Amor Incondicional, que Cristo nos abraça e nos chama de amigos e amigas, e que Sua Igreja é para todos e todas nós. Acreditamos no Espírito que sopra em nossas vozes e nossas vidas, e que é nossa missão profética contribuir com nossas dádivas e nossos testemunhos para a construção do Reino. Que a paz de Cristo e a proteção amorosa de

Maria, nossa mãe, estejam sempre com todos e todas nós, e com todos e todas vocês. 🌸

Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT

A Rede, assim como o Evangélicxs Pela Diversidade, oferece oportunidades de formação ao seu público. Em 2021, por exemplo, foi promovido o curso “Teologias plurais”, que abordou temas como Teologia Feminista, Teologia Negra e Teologia Queer. Além disso, as redes sociais da Rede mostram a preocupação do grupo com o ecumenismo e com o diálogo inter-religioso.

“ É preciso ouvir as pessoas LGBTQIA+ dentro das igrejas. Somos multidão. É preciso que nossas vozes sejam ouvidas. Estamos tomando a palavra, e estamos falando. Estamos dando nosso testemunho, compartilhando nossas experiências de fé, de sagrado e de vida cristã. Estamos cumprindo nosso papel profético de denunciar violências e injustiças e anunciar a Boa Nova da diversidade. Só ouvindo nossas histórias será possível descolar de nós os mitos, os preconceitos, os estereótipos – tudo aquilo que se fala sobre “eles”, os dissidentes, e por “eles”, os dissidentes, e que legitima e justifica a nossa exclusão e toda sorte de violências. Só assim deixaremos de ser “eles”. Precisamos ser “nós”, e falar em nosso próprio nome, para que nossa dignidade humana seja resgatada e a sacralidade das nossas vidas e dos nossos corpos seja celebrada. Estamos aqui. Estamos falando. Este é o nosso clamor. Ouçam. 🌸

Cris Serra, ex-coordenadora da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT

Muitas pessoas estão nos ouvindo. Ainda que roucas, seguimos anunciando a possibilidade divina da fé experimentada a partir da diversidade. Às nossas vozes, somam-se outras muito importantes para o debate entre LGBTI+ e cristianismo, como a do Papa Francisco. Em maio de 2022, o Papa, em resposta ao padre jesuíta James Martin sobre o que dizer às pessoas que se sentem rejeitadas pela igreja, disse que “gostaria que reconhecessem isso não como ‘a rejeição da Igreja’, mas sim como ‘de pessoas na Igreja’. A Igreja é mãe e chama todos os seus filhos”⁵⁵.

“ Deus é Pai e não renega nenhum de seus filhos.
E o ‘estilo’ de Deus é ‘proximidade, misericórdia e ternura’.
Ao longo deste caminho vocês encontrarão Deus. ”

Papa Francisco, 2022

Todos os exemplos que apresentamos, e os vários outros que não elencamos, têm se fortalecido no Brasil - apesar de todo o retrocesso impulsionado pela escalada fundamentalista religiosa e pelos discursos extremistas da direita neoconservadora. Essas experiências são parte de um movimento que não é exclusivo da igreja, pois é atravessado pelo movimento civil LGBTI+, pela luta pelos direitos humanos, pelas lutas antirracistas, pelas ações feministas. Todos esses são movimentos emancipatórios e afirmativos, que reconhecem a importância de se decolonizar a vida em prol da dignidade de todas as pessoas.

55 Vatican News, 09/05/2022

12.

Chegamos à raiz da LGBTI+fobia?

conclusão | Raízes expostas

“Talvez você esteja buscando nos galhos o que só encontramos nas raízes.”

Rumi

Ciclo de exclusão

Onde começam, de fato, a rejeição e o preconceito contra as pessoas LGBTI+? Em 2019, o Google e a Box 1824 conduziram um estudo qualitativo e abrangente com perfis diversos de pessoas LGBTI+. Nele, foram abordadas seis dimensões da vida: família, educação, trabalho, saúde, política e violência. No estudo, encontraram uma relação entre aquelas dimensões – um efeito cascata –, a que chamaram de Ciclo de exclusão.

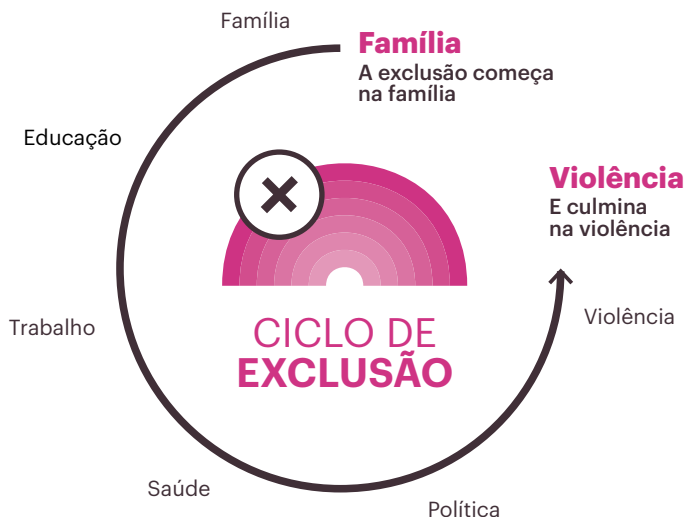
“ O que o estudo conclui é que essas seis agendas frequentemente se inter-relacionam, muitas vezes em uma relação destrutiva de causa e efeito. ”

Google e Box 1824, 2019

Nas diferentes trajetórias LGBTI+, esse ciclo começa, na maioria dos casos, “na família e culmina em violência”. Para o estudo, “casos de exclusão no próprio núcleo familiar são mais comuns do que imaginamos, afetando diretamente a assiduidade escolar, por exemplo”. Na escola, além de episódios de bullying contra a criança e o adolescente LGBTI+, também se repete o movimento de exclusão. Nos dados oficiais, ficam registrados somente os números de evasão escolar, sem esclarecimento dos motivos.

“ A gente precisa esclarecer que não existe evasão escolar, e sim ‘expulsão’. Ninguém consegue aguentar um ambiente que é violento e que permite essa violência todos os dias. ”

Membro e influencer da comunidade LGBTI+, pesquisa Google e Box 1824, 2019



Fonte: Google e Box 1824, 2019.

Por consequência, “a falta de inclusão e acolhimento já nesses primeiros anos de vida se reflete no acesso à educação e, como um efeito dominó, limita as chances de inserção no mercado de trabalho”. As violências continuam na restrição ao acesso básico aos serviços de saúde, com profissionais despreparados para o atendimento às pessoas LGBTI+, já debilitadas, como vimos anteriormente, e marcadas por altas taxas de depressão, suicídio, violência LGBTI+fóbica, marginalidade etc.

Somado a isso, há também “a falta de representatividade política, ou seja, direitos básicos que não são pautados e discutidos na esfera pública, gerando mais vulnerabilidade e violên-

cia”, conclui o estudo. Apesar do aumento expressivo de candidaturas LGBTI+⁵⁶ ou ligadas à causa nas eleições municipais de 2020, ainda é inexpressiva a representatividade política desse segmento da população⁵⁷. Há que se destacar também a violência sofrida pelos candidatos democraticamente eleitos.

“ Discursos violentos e de ódio durante a campanha eleitoral atingiram de forma bem prática muitas pessoas trans, que é uma população mais visível, uma população que não tem como se ocultar dada sua identidade. ”

Keila Simpson, presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), em entrevista publicada no Relatório Contra Violência LGBT's nos Contextos Eleitoral e Pós Eleitoral (2019)

A pesquisa divulgada pela Google e Box 1824 aponta a família como sendo o local social do início da violência contra LGBTI+. Para além disso, toda a discussão que apresentamos até aqui nos mostra que, junto à família (local), existe o discurso cristão hegemônico, tradicional e fundamentalista (forma). E é esse discurso, ao operar de maneira tão naturalizada, que acaba se tornando o regime que regulamenta as formas como as identidades são reconhecidas em um espectro de “normalidade”. A dinâmica é tão complexa que seria impossível dizer o que vem primeiro no ciclo de exclusão - se a família ou o discurso religioso. Mas é possível afirmar que ambos se retroalimentam.

Família, discurso religioso e as árvores de álamo tremedor (Aspen)

Muito comum na América do Norte, mas não exclusivamente lá, as árvores de álamo tremedor, conhecidas no inglês por “Aspen”, são árvores com um sistema complexo de raízes,

56 O coletivo #VoteLGBT mapeou noventa LGBTI+ eleitos em 72 cidades distribuídas em dezessete estados.

57 Após o pleito das eleições municipais, segundo resultados colhidos pelo Programa Voto com Orgulho, do total geral de votos válidos, as candidaturas LGBTI+ receberam 450.864 votos, sendo eleitas 93 suplências.

chamado de “sistema radicular rizomático”. Sem a intenção de acionar Gilles Deleuze e Félix Guattari⁵⁸ - mas, em alguma medida, já o fazendo -, é importante aqui pensar o rizoma como uma forma com a qual as árvores de álamo tremedor têm sobrevivido. “As árvores de Aspen vivem entre 40 e 150 anos. No entanto, seu sistema radicular de rizoma em expansão pode viver por milhares de anos. À medida que as árvores mais velhas morrem, brotam rebentos e novas árvores crescem.”⁵⁹

Os rizomas podem se estender a uma distância de nove metros do tronco das árvores e são superficiais, crescendo cerca de 30 cm abaixo da superfície do solo. Existe uma planta-mãe que se reproduz assexuadamente, criando novas árvores a partir de suas raízes. “As raízes de Aspen são invasivas e produzem continuamente novos brotos ou rebentos. Mesmo se você remover as árvores, as raízes deixadas no solo continuam a crescer”, segundo o site Feelings and Flowers.

O sistema rizomático pode ser um bom exemplo para começar a esboçar nossa conclusão a respeito do que apresentamos até aqui. Se olharmos para o sistema familiar como a pesquisa da Google e Box 1824 apresentou - como sendo o início do ciclo da exclusão -, podemos pensar que essa compreensão se dá a partir de uma ideia estática de árvore. A família seria uma árvore inflexível, com raízes profundas difíceis de serem alcançadas.

Entretanto, a reflexão honesta sobre parentalidade cristã e filhos/as/es LGBTI+ nos mostrou que a família não representa um sistema arbóreo simples. Ela é, na verdade, parte de um sistema rizomático, de conexões complexas - em nosso caso, atravessada pelo discurso religioso. Essa metáfora para compreensão do sistema familiar nos ajuda a pensar não somente a família e o discurso religioso, mas também a própria forma com a qual nos debruçamos sobre um fenômeno.

58 *Mil platôs*, 1980.

59 *Feelings and Flowers*

“ Árvore e rizoma são formas diferentes de organização da vida vegetal a partir das quais podemos extrair modelos de organização da multiplicidade. [...] O que a árvore sugere para o pensamento? O modelo arbóreo é aquele que possui um fundamento e que depende dele para multiplicar-se: a raiz é a unidade, a gênese, a verdade que antecede a multiplicidade. De maneira geral, essa é a forma de pensar que Deleuze enfrenta em toda sua filosofia. A árvore-raiz resulta no pensamento inflexível, no modo sedentário de viver, na organização hierárquica das relações: “muitas pessoas têm uma árvore plantada na cabeça”. O rizoma sugere outra forma de organização, pois trata-se de um sistema de caules horizontais que tem um crescimento diferenciado, polimorfo, horizontal, sem uma direção definida. A grama é bom exemplo, ela se espalha pelo quintal ocupando todo o território que for capaz. Não há centro, hierarquia, ordem, profundidade. O rizoma é processo de ligação da multiplicidade por ela mesma. ”

Rafael Lauro e Rafael Trindade, Razão Inadequada

A complexidade do sistema rizomático nos ajuda a sair da fixidez do que, por norma, compreendemos em relação a pais, mães, pessoas cuidadoras e filhos/as/es LGBTI+. Essa é uma realidade difícil de apreender e que nos demanda outros paradigmas de análise. A experiência, a realidade, a vida são nossos pontos de partida. Por isso, cada história é fonte de alimento para esse sistema rizomático.

Lançando mão dessa metáfora, apresentaremos nossas conclusões em direção à construção de um novo jardim.

reconciliação | Família e discurso religioso: sementes de um novo jardim

A família como chave para a construção de um novo jardim

Qual é a raiz do mal? Da violência? Tratando-se de relações familiares, é praticamente impossível chegar a alguma resposta que contemple a dinâmica dessas relações. Durante toda a nossa apresentação sobre o tema, escolhemos não reforçar a ideia da personificação do inimigo. Isso quem faz é o fundamentalismo. O fundamentalismo religioso cria barreiras intransponíveis entre “nós e eles”; é ele quem cria a ideia de um inimigo a ser combatido (até a morte!).

Ao contrário dessa estratégia de extermínio do outro e da diversidade, escolhemos apreciar o jardim, reconhecendo nele a importância de cada elemento que o constitui. Se há algo a ser combatido, é o sistema patriarcal, sexista, misógino, LGBTI+fóbico, racista e classista que tem coordenado nossas formas de sociabilidade por tanto tempo.

Reconhecemos, entretanto, que esse sistema não opera de maneira mágica, mas sim por meio de atores sociais que acionam o discurso religioso tradicional, hegemônico e fundamentalista para perpetuar seus privilégios. Um desses atores é a família, ou melhor, um tipo de modelo familiar. Afinal, vimos que existe uma diversidade enorme de arranjos familiares que, de alguma forma, escapam à rigidez da norma.

Se a família pode ser a peça-chave do ciclo da exclusão, como apontado pela pesquisa da Google e Box 1824, ela também pode ser a peça-chave do ciclo da aceitação. Por isso, quando percebemos que nossas famílias têm sistemas rizomáticos, temos a chance de ver um sistema que age em favor da propagação da vida.

**“ Uma família que rejeita
é, ao mesmo tempo, causa
e consequência de uma
sociedade que rejeita,
discrimina e violenta
milhares de cidadãos. ”**

Gut Simon, comunicador social,
ativista LGBTI+ e idealizador
desta publicação

“ O caminho mais cristão é o caminho difícil, conquanto mais amoroso e responsável, da aceitação e da afirmação de nossas filhas, filhos e filhos LGBTI+. É o caminho que nossa família decidiu trilhar para responder ao que nunca imaginávamos possível. Quando nosso filho nos confessou que estava transicionando para outra identidade de gênero, um novo mundo se abriu com muitas dúvidas, angústias e incertezas. A única convicção que tínhamos era de que a nossa decisão deveria ser de abertura radical ao amor por esse novo ser que se apresentava meio improvisadamente diante de nós. E que nenhum medo, angústia ou dor que nos acompanhasse no processo de transição dela/com ela nos alienaria da aceitação e afirmação de que ela precisava naquele momento. Foi o início de uma jornada de aprendizado mútuo e de lindas descobertas, mas também de conflitos e incoerências. ”

Flávio Conrado, cofundador do Evangélicxs Pela Diversidade

Os conflitos e as incoerências marcam os relacionamentos, mas eles podem ser minimizados na medida em que se compreende o papel do desejo nessas relações. O desejo de amar, o desejo de entender, o desejo de aceitar o filho/a/e LGBTI+. Esses desejos mobilizam o ciclo da aceitação. Por isso, a mesma família que, por vezes, se apresenta como sendo o lugar da violência e da rejeição, pode, também, ser o lugar do amor e do acolhimento.

Não é incoerente perceber que o mesmo ator social — a família — pode agir na manutenção da rejeição ou do acolhimento. Afinal, ainda é a família que organiza a sociedade por meio de relações que vão da consanguinidade ao afeto. Na mesma medida em que a família reage com violência ao anúncio de uma orientação

sexual ou identidade de gênero dissidente de seu filho/a/e, ela, também, pode reagir amorosamente. Mas, isso não é instintivo. O cuidado é ensinado. Aprendemos na sociedade, em casa e, também, na igreja.

“ Uma outra coisa que todo esse processo me fez perceber é que a maternidade exige de nós uma abertura para construir e reconstruir a nossa noção de cuidado. Porque quando um bebê nasce, ele depende absolutamente do nosso cuidado - e, durante alguns anos, segue bastante dependente. Nesse primeiro momento, o cuidar está associado a uma série de decisões que tomamos sobre o corpo do outro: até quando o bebê vai mamar no peito, qual será a primeira fruta que vai experimentar, com quantos anos irá para a escola, se está frio o suficiente para um casaco ou não etc. Ou seja, como mães aprendemos na prática que cuidar envolve exercer um poder sobre o corpo de nossos filhos - e não teria como ser diferente. ”

Coraci Ruiz, cineasta, mãe de pessoa não-binária

Se aprendemos a excluir e a rejeitar a diversidade, também podemos desaprender. Se aprendemos a cuidar e a acolher, também podemos participar do processo de conscientização de pais, mães e pessoas cuidadoras, multiplicando sementes de amor radical.

“ É preciso despertar pai e mãe para o amor. Uma boa conversa faz toda a diferença. Assim surgiu o grupo MAMI - Mães de Amor Incondicional. Atuamos auxiliando as famílias de pessoas LGBTQIA+ no processo de acolhida, buscamos promover a união e o diálogo. Passamos a dar palestras, contando as nossas experiências. Partimos do princípio de que não

vivemos em uma sociedade preparada para a diversidade sexual. Isso gera constrangimentos, dúvidas, vergonhas, medos. Não há problema em se sentir assim em um primeiro momento. Mas a/o filha/o espera que sejamos capazes de defendê-la/o. 💕

Silvia Kreuz, fundadora do grupo MAMI

Nesse sentido, afirmamos que é preciso criar espaços seguros nos quais não somente filhos/as/es LGBTI+ possam ser acolhidos, mas também seus pais, mães e pessoas cuidadoras. O acolhimento pressupõe a escuta ativa, o cuidado imediato e a abertura ao diálogo. Acreditamos que a família - e todo o sistema rizomático que a nutre - é fundamental para o ciclo da aceitação.

O discurso religioso como chave para a construção de um novo jardim

Da mesma forma que a família é fundamental para o ciclo da aceitação, afirmamos que o discurso religioso também o é. Mas não o discurso fundamentalista. Não o discurso da alienação. A religião, compreendida como um reservatório de sentido para a vida, faz parte do sistema rizomático que alimenta nosso jardim. Esse alimento pode ser veneno ou medicina - mas isso não depende da sua dose. Depende sim da sua constituição proteica.

Percebemos, ao longo de nossa exposição, que não há um cristianismo, há sim cristanismos. Essa manifestação plural de compreensão da fé cristã não é acolhida pela perspectiva fundamentalista, que se afirma única e verdadeira. Entretanto, esse é um cenário em disputa. Da mesma forma que o discurso fundamentalista religioso toma o Congresso Nacional com sua violência descabida, o discurso ético religioso toma as ruas com sua disposição à união.

Os grupos que mapeamos (Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT, Evangélicxs Pela Diversidade, por exemplo)

mostraram que existem pessoas comprometidas em anunciar outro Evangelho. Não o da morte e da condenação, mas o da vida e da reconciliação.

“ Na Igreja Católica Apostólica Romana, o grupo de acompanhamento pastoral com pessoas LGBTQIA+ também tem se destacado, mantendo uma forte parceria com o MAMI. Esses grupos atuam com abordagens distintas, mas ambos buscam promover o acolhimento de pessoas em sofrimento; o esclarecimento diante de discursos de medo e culpa; a compreensão da diversidade sexual. Em especial, afirmamos que não existe família modelo ou família perfeita. Queremos que todas as pessoas tenham o direito de constituir a sua família, porque é muito bom ter uma família. Lutamos contra a ideia de que os estudos de gênero colocam as nossas crianças em perigo. Crianças LGBTs existem e sofrem demais. Também revelamos o machismo presente em situações de homotransfobia. Queremos evidenciar o papel das Igrejas e de seus fiéis na manutenção deste cenário. Mas queremos reafirmar a importância da fé e da prática de uma espiritualidade madura, livre de preconceitos e de correntes. Ao afirmarmos que é possível acolher a pessoa LGBTQIA+ na família e continuar sendo católica, estamos promovendo o mais alto nível de manifestação do amor de Deus, aquele que ama e acolhe sem julgar. ”

Silvia Kreuz, fundadora do grupo MAMI

Nesse cenário de disputa de narrativas, mostramos que o que chamamos aqui de “discurso religioso” produz realidades materiais. Os números - e a falta deles denunciada na pesquisa (seção 3.2) -, as estatísticas, os noticiários, as histórias que

ouvimos nos mostram que o que se diz sobre a comunidade LGBTI+ se torna materialidade, pois ampara e legitima práticas. Essas materialidades produzidas pelo discurso vão da violência ao cuidado.

Por isso, implicamo-nos em reforçar discursos outros, que se contraponham à violência do fundamentalismo. Esses discursos não são novidade, já existem, mas precisam ser ecoados a fim de anunciarem os valores da vida que constituem a experiência ética da fé cristã.

“ [...] é preciso, urgentemente, recuperar os valores cristãos essenciais do amor, da solidariedade e do livre-arbítrio entre as comunidade de fé, e que já foram tão caras às pessoas de fé, antes de esperar quaisquer mudanças que cheguem de uma ponte lá de outro lugar que não converse com a realidade daquele local, daquela casa, daquela comunidade. ”

Bruna Galvão, Casa Galileia

Apontamos que existem experiências de igrejas que já praticam o discurso do amor, como as Igrejas da Comunidade Metropolitana, a Igreja Batista do Pinheiro, a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, dentre tantas outras.

“ Pois é Ele quem diz: ‘Chegai-vos a mim e eu me chegarei a vós’. Deus é uma presença amorosa e amiga, todos que todos nós possamos nos achegar a ele. Quanto a estar em uma igreja, é sim um lugar pra todes, só precisamos achar o lugar. Nem todos os espaços que são chamados de igreja, são lugares seguros pra população LGBTQIA+, são poucos os lugares que acolhem e dão hegemonia pra essas pessoas tão queridas. Mas igreja é esse lugar sim pra todas as pessoas que querem viver uma experiência de cuidado e comunhão. ”

Pr. Julio Oliveira, teólogo e mobilizador comunitário

Sabemos, entretanto, que o que narramos aqui ainda é uma realidade desconhecida por muitas pessoas, principalmente para aquelas que não participam da institucionalidade do cristianismo.

“ Quando recebi o convite para participar das discussões em torno da problemática das famílias cristãs que têm dificuldade para aceitar seus filhos LGBTQIA+, me dei conta, pela primeira vez, da diversidade que existe dentro do que vemos, de fora, como grupos cristãos. Entender que existem os cristãos fundamentalistas, os conservadores e os progressistas me fez ver que essa ameaça que enxergávamos nas igrejas não é do cristianismo em si, mas de uma parte dele, infelizmente mais poderosa atualmente. E isso para mim foi uma descoberta enorme, porque entendi que é possível conciliar a fé cristã com as diferentes identidades e sexualidades. ”

Coraci Ruiz, cineasta, mãe de pessoa não-binária

A proposta de discutir sobre o tema da parentalidade cristã e filhos/as/es LGBTI+ está dentro de um contexto muito maior que diz respeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente, aos direitos LGBTI+, à liberdade religiosa, e, acima de tudo, aos direitos humanos. Não ouvir o que essas crianças e adolescentes estão dizendo e não perceber o contexto religioso no qual muitos desses pais, mães e pessoas cuidadoras estão inseridos é reforçar a violência desse cenário.

Precisamos reconhecer a beleza desse jardim, mas também oferecer ferramentas para lidar com as pragas que impedem a vida de florescer. Se queremos desfrutar a sombra dessas árvores, precisamos cuidá-las com a destreza de um bom jardineiro. De maneira prática, percebemos que nenhuma metáfora dará conta da complexidade dos fenômenos que atravessam a questão que investigamos. A realidade é cruel. Mas, insistimos na potencialidade do solo e sabemos que é possível recriar os jardins.

💡 [...] precisamos elencar ferramentas táticas e estratégicas que ajudem nesse processo. A primeira delas [...] é permitir que espaços para diálogos sobre acolhimento das pessoas LGBTI+ existam dentro das casas e das comunidades. Hoje, muitos pais, mães e tutores/as recorrem à internet para isso. Vão até os buscadores atrás de respostas que os ajudem a enfrentar esse momento cheio de incertezas. Para isso, é preciso ocupar a internet: criar sites, blogs e perfis em redes sociais que possam democratizar o acesso a uma leitura teológica mais receptiva à aceitação de filhos/as LGBTIs+. E, para isso, histórias que mostrem que essa comunidade só cresce, existe em todos os cantos do Brasil e que há histórias de famílias que superaram as adversidades do preconceito e abraçaram o verdadeiro sentido do amor. 💡

Bruna Galvão, Casa Galileia

Até aqui, ouvimos as histórias de muitos jardins. Contamos as histórias de muitos jardins. Mas sabemos que, mais do que ouvir ou contar, é preciso tocar o terreno, apalpar a terra. Não podemos contar com a chuva que pode ou não vir; precisamos criar um sistema de irrigação que garanta a vida mesmo em meio à seca - seca do desamor, do ódio, da violência. Precisamos plantar sementes boas - sementes de vida – em pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs para investir na colheita do amor, do cuidado e da inclusão.

***“E o SENHOR te guiará continuamente,
e fartará a tua alma em lugares áridos,
e fortificará os teus ossos; e serás como
um jardim regado, e como um manancial,
cujas águas nunca faltam.”***

Isaías 58, 11

Somente dessa maneira, quando um pai, mãe ou cuidador reconhecer que seu filho/a/e LGBTI+ é criatura divina e perfeita do jeito que é, ao invés de nascer mais uma praga de sofrimento e dor, veremos germinar a mais bela flor.

Rosa

(Pinxiguinha e Otávio de Sousa)

Tu és divina e graciosa
Estátua majestosa do amor
Por Deus esculturada
E formada com ardor
Da alma da mais linda flor
De mais ativo olor
Que na vida é preferida pelo beija-flor
Se Deus me fora tão clemente
Aqui nesse ambiente de luz
Formada numa tela deslumbrante e bela
O teu coração junto ao meu lanceado
Pregado e crucificado sobre a rósea cruz
Do arfante peito teu

parte 5

Testemunhos



13.

Maternidade também é política

por Coraci Ruiz

Sou uma mulher cisgênera, branca, de classe média, com 44 anos. Sou também uma pessoa de esquerda, documentarista, tenho uma produtora de cinema e audiovisual, e recentemente terminei o doutorado na Unicamp. Meus pais eram pessoas bastante alternativas, herdeiros do movimento hippie, que viviam em comunidades na Vila Madalena (SP) quando nasci e durante uma parte da minha infância. A família da minha mãe é judia (e, portanto, eu também sou) e a do meu pai católica, porém nenhum deles seguia a tradição religiosa.

Cresci num ambiente plural no qual cada avó era de uma religião e, entre os amigos de meus pais, havia muitas pessoas do candomblé e algumas do santo daime. Eu nunca fui e até hoje não sou uma pessoa espiritualizada, mas respeito a fé de todes. Digo tudo isso para localizar o meu lugar de fala, pois essas experiências fazem parte de quem eu sou e também, obviamente, determinaram a forma como encarei o processo de transição de gênero do meu filho mais velho, atualmente com vinte anos de idade.

Com dezesseis anos, ele me disse pela primeira vez que estava em dúvida sobre a sua identidade de gênero, o que me pegou de surpresa. Não era algo que eu desconhecesse totalmente, pois os corpos trans já vinham ganhando mais visibilidade na sociedade naquele momento, mas eu sabia bem pouco sobre o assunto. Além disso, nunca tinha me passado pela cabeça que meu filho pudesse ser uma pessoa trans.

A experiência que vivemos na família desde que a transição de Noah começou virou tema de um documentário autobiográfico que realizei (Limiar, 77, 2020) e também influenciou muito os caminhos da minha pesquisa de doutorado. Assim, durante um período, meus lados “mãe”, “documentarista/artista” e “pesquisadora acadêmica” entraram em um profundo e fértil diálogo. Foi um momento de muito crescimento e aprendizado.

Eu nunca tive uma questão moral em relação à transição, nunca vi como algo errado. Por isso, aceitar um filho trans não foi em si um grande desafio. Ainda assim, houve angústias e dúvidas. No filme, eu destaco duas delas, que acho que foram de fato as mais relevantes no processo. A primeira diz respeito a uma espécie de “luto” que fazemos diante de uma transformação tão profunda de uma filha. Quando algo assim acontece, precisamos não só aprender a chamá-los por outros nomes, com outros pronomes, e vê-los com uma aparência muito diferente da que estávamos acostumados, como temos que nos desapegar do antigo nome e de muitas características daquela pessoa. Além disso, precisamos nos desfazer de uma série de expectativas que criamos.

Sinto que, nesse sentido, a religião não é o fator determinante, pois, provavelmente, a grande maioria dos pais e mães, independentemente de sua religião e orientação política, cria expectativas em relação ao futuro de seus filhos. E, apesar de ser quase impossível evitá-la, a expectativa é a “mãe” da frustração em qualquer contexto. Então, para mim, existe um processo importante que nós como genitores temos que fazer, e que é bastante racional, de entender essas expectativas como algo nosso, com o que nossos filhos não têm nada a ver - nenhuma responsabilidade, nenhuma obrigação. E que assim como as expectativas foram construídas por nós, elas podem ser desconstruídas, pois não ajudam em nada.

No filme, eu decidi trazer um pouco disso a partir das minhas dificuldades em lidar com a mudança de nome de Noah. Mas existem outras camadas, claro. Como acreditava que tinha uma filha mulher, sonhava em criar uma menina feminista. Noah sempre desenhou muito e quando tinha uns doze anos, eu o presenteiei com um livro de arte e feminismo; quando era pequeno, o levei na marcha das vadias... enfim, é difícil escapar de algumas projeções de si mesmo que o ser humano costuma fazer sobre o outro, principalmente sobre sua prole. Mais uma camada da qual devemos nos despir.

A outra questão tem a ver com as mudanças físicas no corpo e a necessidade de, como mãe, autorizá-las formalmente, pois, quando meu filho me pediu para iniciar a transição, ele ainda era menor de idade e, portanto, precisava da minha assinatura. Naquele momento, senti-me numa encruzilhada: pensava que, por um lado, era um procedimento definitivo e, sendo ele tão jovem, poderia se arrepender no futuro; por outro, sabia que poderia estar prolongando um sofrimento que eu, como uma pessoa cis, mal podia mensurar.

A resolução desse conflito se deu quando encontramos um serviço de atendimento - o Ambulatório de Gênero da Psiquiatria da Unicamp - que nos acolheu. Desde o primeiro dia, fomos muito bem recebidos; o serviço é gratuito, de alta qualidade, com uma diversidade incrível de profissionais (psiquiatras, psicólogos, ginecologistas, endocrinologistas, arte-terapeutas etc.), e senti que podia confiar no procedimento daquele espaço. Logo decidi que iria seguir as recomendações deles. Noah fez todo o processo proposto pelo ambulatório, com consultas, exames etc. Assim, quando chegou com o documento a ser assinado para autorizar a hormonização com testosterona, minha decisão já estava tomada. Foi uma experiência incrível que me fez, mais ainda, defender e valo-

rizar as políticas públicas que assegurem o atendimento integral e gratuito para pessoas trans no SUS.

O fato de eu estar realizando o doutorado durante esse mesmo período foi fundamental. Eu havia entrado no curso com um projeto de pesquisa sobre o documentário autobiográfico no Brasil, mas a partir de conversas com meu orientador, de leituras que realizei nas disciplinas e também do processo familiar que eu vivia, acabei alterando o recorte: passei a estudar documentários autobiográficos de mulheres. Dessa forma, passei a estudar a teoria feminista de cinema e o feminismo de maneira mais geral; além disso, estudei também a teoria queer.

Essas leituras foram fundamentais para que eu pudesse localizar a nossa experiência familiar em relação com movimentos mais amplos e políticos. Para mim, que sonhava em ter uma filha feminista, foi importante ver como Judith Butler questiona o sujeito do feminismo, entender a forma como ela descreve a construção binária da cultura ocidental e os mecanismos das normas sociais, que ao serem tidas como verdades da natureza, se tornam invisíveis.

Ao mesmo tempo, aprendi com Paul Preciado a importância de trazer essas questões para o corpo, para a materialidade. Eu herdei da minha mãe uma visão de que o que é “natural” é melhor - desde a alimentação, passando pelo uso da homeopatia e por rejeitar muito do que a alopatia oferece (menos as vacinas e, em caso de infecções bacterianas, antibióticos!) - e isso dificultava o meu entendimento sobre os processos de transição física. Preciado e Donna Haraway me ajudaram a entender que a tecnologia já é parte da nossa vida e de nossos corpos, que somos todos ciborgues e que, afinal, suspeitar das intervenções relacionadas à transição de gênero, quando vemos com tranquilidade tantas outras, é uma questão política e um preconceito que devemos superar.

Uma outra coisa que todo esse processo me fez perceber é que a maternidade exige de nós uma abertura para construir e reconstruir nossa noção de cuidado. Porque quando um bebê nasce, ele depende absolutamente do nosso cuidado - e, durante alguns anos, segue bastante dependente. Nesse primeiro momento, o cuidar está associado a uma série de decisões que tomamos sobre o corpo do outro: até quando o bebê vai mamar no peito, qual será a primeira fruta que vai experimentar, com quantos anos irá para a escola, se está frio o suficiente para um casaco ou não etc. Ou seja, como mães aprendemos na prática que cuidar envolve exercer um poder sobre o corpo de nossos filhos - e não teria como ser diferente.

Porém, com o tempo - no meu caso, na adolescência de Noah - vem a reivindicação por mais autonomia. E quando isso aconteceu comigo, percebi que o cuidado, a partir daquele momento, implicaria em abrir mão desse poder e criar um espaço saudável para o diálogo. Cuidar passa a ser, entre outras coisas, ouvir - e ouvir com qualidade, com abertura para aprender, questionar as próprias certezas e se transformar.

Uma questão que surgiu em alguns debates do filme foi como eu lidava com o medo da violência da sociedade. Essa é uma pergunta complicada, porque, por um lado, é claro que tenho esse medo, seria mentira dizer que não; mas, por outro, eu decidi racionalmente que esse não seria o foco do meu pensamento, e tampouco uma referência para as minhas decisões e comportamentos. O medo paralisa e pode nos fazer recuar; e o que precisamos como pais e mães de pessoas trans é de coragem (algo que podemos aprender com nossos filhos, tão corajosos ao se assumir como são).

Nesse sentido, acho fundamental mencionar a importância dos movimentos sociais de mães, pais e pessoas cuidadoras de pessoas LGBTQIA+, como, por exemplo, o Mães pela

Diversidade. Porque ao mesmo tempo em que elas ajudam as famílias a entender e acolher suas filhas - e o acolhimento é a melhor maneira de evitar esse tipo de violência, pois não expõe os jovens a situações de maior vulnerabilidade -, elas estimulam o engajamento político que reivindica direitos plenos para a comunidade e também espalham a ideia de que esses filhas são maravilhosos e não devem ser somente aceitos, mas também celebrados, tornarem-se motivo de orgulho.

Para mim, fazer o Limiar foi um pouco tocar nisso tudo. Eu sempre digo que não é apenas um documentário sobre um processo, mas que fez parte do processo. Com certeza, a maneira como as coisas se desenrolaram na nossa família foi determinada também pelo fato de que eu estava fazendo o filme e a tese: as entrevistas eram pretexto para conversas e o doutorado era pretexto para ler e entender mais sobre as questões que atravessavam meu filho e a mim.

Fui percebendo aos poucos a importância de falar publicamente desse tema. Compartilhar a nossa história se tornou, para mim, uma forma de contribuir para a construção do mundo que a gente quer para as nossas filhas. E desde que entendi o grande potencial transformador do filme, tive certeza de que a exposição de nossa intimidade não estava sendo feita de forma leviana, não me incomodei com isso nem duvidei do que estava fazendo.

Hoje, Noah está em outra fase da vida. Sente-se bastante confortável se assumindo como uma pessoa não-binária e está fazendo faculdade de Artes Visuais. Eu acabei enveredando pelo tema, e poucas semanas atrás lançamos um novo documentário de longa-metragem, *Germino pétalas no asfalto*, que dirijo em parceria com meu companheiro Julio Mattos, também sobre jovens trans. Este é um filme que tem um amigo de Noah como personagem principal (e o próprio Noah

como um dos personagens secundários) e que dá um passo para fora do universo superintimista de Limiar.

Nesse filme, resolvemos acompanhar a construção de uma rede de afeto e solidariedade entre os jovens trans da minha cidade, em meio a um contexto adverso. Esse caldo social altamente hostil é mostrado a partir de três sequências: uma apresenta o momento histórico atual, no qual temos um governo federal ultradireitista; a outra aborda a política local a partir de uma votação que aconteceu em 2015 na Câmara de Vereadores de Campinas, que aprovou uma moção de repúdio à inserção de uma questão no Enem que usava a frase de Simone de Beauvoir como mote (“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”); e a outra salienta a onipresença das igrejas cristãs na cidade, ao embalo de frases preconceituosas e cheias de raiva proferidas por diversos pastores e lideranças religiosas. Assim, o fundamentalismo é apresentado no filme como uma ameaça à integridade desses jovens (porque acreditamos que realmente é).

Quando recebi o convite para participar das discussões em torno da problemática das famílias cristãs que têm dificuldade para aceitar seus filhos LGBTQIA+, me dei conta, pela primeira vez, da diversidade que existe dentro do que vemos, de fora, como grupos cristãos. Entender que existem os cristãos fundamentalistas, os conservadores e os progressistas me fez ver que essa ameaça que enxergávamos nas igrejas não é do cristianismo em si, mas de uma parte dele, infelizmente mais poderosa atualmente. E isso para mim foi uma descoberta enorme, porque entendi que é possível conciliar a fé cristã com as diferentes identidades e sexualidades.

Nesse sentido, a existência de um grupo cristão que pode disputar, dentro desse universo, uma concepção mais aberta e acolhedora para a comunidade LGBTQIA+ é não só um alen-

to, mas uma chave para a construção de um futuro igualitário para o país. Agradeço imensamente a oportunidade de estar com vocês, pois me proporcionou um aprendizado incrível, desses que não acontecem todo dia. Espero seguir no diálogo e quem sabe pensar em mais filmes que nos ajudem a abraçar as diferenças.

Coraci Ruiz nasceu em São Paulo, em 1978. É graduada em Dança (2002), mestre em Cultura Audiovisual e Mídia (2009) e doutora em Multimeios (2020), todos pela Unicamp. Trabalha como documentarista desde 2003, quando fundou o Laboratório Cisco, produtora audiovisual sediada em Barão Geraldo, Campinas, em parceria com Julio Matos e Hidalgo Romero. Atua principalmente como Diretora, Diretora de Fotografia e no desenvolvimento de projetos. É diretora de *Limiar* (2020), que recebeu diversos prêmios no Brasil e teve sua *première internacional* no Hot Docs, o maior festival de documentários da América do Norte.

14.

A experiência católica de amor incondicional

por Silvia Kreuz

Sou mãe de duas filhas e um filho, católica, casada há 33 anos. A partir da revelação da homoafetividade de uma das minhas filhas, eu comecei um movimento de aceitação e de revelação para as pessoas do nosso convívio. Era preciso encontrar o caminho que continuaria gerando vida na minha filha. Procurei o padre da minha paróquia e contei que não queria ver a filha sofrendo e que ela teria o direito de ser feliz. Fui surpreendida com uma fala inicial de que eu estava certa em não rejeitar a cria. No entanto, o que se seguiu foi um discurso de que ela não poderia mais se confessar já que não estaria arrependida do seu “pecado” e que ele seria obrigado a dizer a ela que não comungasse mais.

Depois disso, muitas lideranças da comunidade ficaram sabendo do fato e tiveram medo de que eu levantasse a bandeira do arco-íris e fizesse falas de estímulo aos jovens para “assumirem a sua condição homossexual”. Assim, descobri a homofobia estrutural ou não. Tomei a decisão: se minha filha fosse afastada da comunhão, eu também não comungaria mais. Porque entendo que comungamos na Misericórdia do Senhor, não porque somos merecedores. Questionei este moralismo vazio do amor de Deus e cheio de preconceitos diante do desconhecido. A Igreja não estava preparada para nos acolher e nos apoiar.

Percebi a necessidade de acolhimento a pais e mães que

se veem perdidos com essa novidade. Descobri um grupo de católicos LGBTs e marcamos uma audiência com o bispo da nossa arquidiocese. Para minha surpresa, o bispo fez uma fala muito acolhedora, contrariando o que o padre havia falado. Ele acalmou o meu coração de mãe, que já estava prestes a mudar de Igreja. A Anglicana seria uma excelente alternativa, já que lá existia a Pastoral da Diversidade e ela permite até Reverendo/a gay ou lésbica. Seria muito fácil eu me afastar da Igreja Católica e praticar a minha religiosidade em um ambiente mais acolhedor e seguro.

No entanto, Deus me chamava para outra missão: ser Sal da Terra e Luz do Mundo. Não me bastava estar bem com a minha família, era preciso olhar para outras famílias em sofrimento e oferecer um ombro amigo. Era preciso olhar para as pessoas travestis e enxergar a sua dignidade. Era preciso combater a homotransfobia. Aqui estou atendendo a esse chamado.

Vivemos em uma sociedade heterocisnormativa. Criamos filhos e filhas para serem pessoas boas, heterossexuais cisgêneras, para terem sucesso profissional, casarem e nos darem netinhos. O impacto da descoberta de um filho ser LGBTQIA+ leva pais e mães ao delírio, literalmente. Um sofrimento causado por palavras atravessadas de ignorância, ressentimentos, frustrações e rejeição. A fobia de pais e mães está relacionada ao medo da sociedade e da comunidade religiosa. Questões associadas à moral e ao pecado são as mais recorrentes.

O grande equívoco está em se pensar que a pessoa homossexual vai viver na promiscuidade e está condenada ao inferno. Foi isso que passou pela minha cabeça no primeiro momento. Associado a esse julgamento, vem o sentimento de culpa. Invariavelmente, esta é a reação das mães e também dos pais. Pensamos que agimos errado, que de alguma forma falhamos como pais, que não demos o bom exemplo, que fo-

mos ausentes na educação das/os filhas/os, que por isso eles se tornaram gays. Mas de onde vem essa “culpa”?

Não existe culpa, e neste caso, não há responsabilidade também, pois nossas/os filhas/os são o que sempre foram. Não são criminosos nem imorais, mas pessoas que merecem o nosso amor de pai e mãe.

A explicação talvez esteja no fato de que o Primeiro Testamento traz, em diversos textos, Deus julgando e lançando sua ira sobre os “desviantes”. No entanto, Jesus nos revela Deus como o Pai que ama e acolhe. Além do Evangelho, acreditamos que tudo o que existe no Mundo é parte do Projeto Criador de Deus: minha filha é amada por Deus, Ele a conhece muito antes de ela ter nascido.

Mas os textos bíblicos ainda são utilizados como verdadeiras armas contra a população LGBTQIA+. Condenações cruéis saem da boca de pais e mães, em forma de discurso religioso, na tentativa de promover a conversão. Além da condenação, existe um processo comum nas famílias que é o de apagamento, isolamento, aniquilamento da/o filha/o. Isso destrói a autoestima do filho/a e promove afastamento, dor emocional, doenças mentais, crises sem fim. Há também um movimento na busca por tratamento psicológico, que nem sempre é voltado para as necessidades da pessoa LGBTQIA+, mas sim na esperança de uma “cura gay”.

Como lidar com tudo isso?

É preciso despertar pais e mães para o amor. Uma boa conversa faz toda a diferença. Assim, surgiu o grupo MAMI - Mães de Amor Incondicional. Atuamos auxiliando as famílias de pessoas LGBTQIA+ no processo de acolhida, buscamos promover a união e o diálogo. Passamos a dar palestras contando as nossas experiências. Partimos do princípio de que não vivemos em uma sociedade preparada para a diversidade sexual. Isso gera constrangimentos, dúvidas, vergonhas, medos. Não

há problema em se sentir assim, num primeiro momento. Mas a/o filha/o espera que sejamos capazes de defendê-la/o.

Pensa comigo: a cabeça do filho gay já está confusa. Tudo o que ele precisa é de um abraço, na certeza de que a mãe não lhe vai negar o colo e o amor. Ele vem tremendo de medo em busca de segurança, o que a mãe será capaz de lhe dar?

O caminho mais tortuoso é o da condenação pela Lei. Aplicar duramente a Lei, sem reconhecer a dignidade das pessoas, gera desunião e falta de amor; mantém atitudes preconceituosas que destroem a família. Precisamos ter cuidado com as frases bíblicas que acabam por afastar as pessoas também da prática da espiritualidade. Jesus acolheu a todas, todos e todes!

Uma abordagem muito comum envolve a censura aos relacionamentos homoafetivos. Pais que entendem a condição homoafetiva, mas proíbem os relacionamentos, impelem cargas muito pesadas a filhas/os. E quando se proclama a célebre frase: “Tudo bem, Deus acolhe o pecador mas não acolhe o pecado”, é preciso aplicá-la para a minha realidade em particular e não para condenar o Outro. Além disso, associar a homossexualidade ao pecado é prática muito simplista. Poderíamos questionar: o que é pecado? Onde está Jesus diante das situações de pecado?

Uma mulher trans é assassinada, ali está Jesus na sua carne sofrida. Um gay morre por suicídio, ali está Jesus no seu sofrimento emocional. Um pai espanca a filha lésbica, sugere estupro corretivo, Jesus está nessa mulher violada. Então, o pecado está na falta de amor.

Na Igreja Católica Apostólica Romana, o grupo de acompanhamento pastoral com pessoas LGBTQIA+ também tem se destacado, mantendo uma forte parceria com o MAMI. Esses grupos atuam com abordagens distintas, mas ambos buscam promover o acolhimento de pessoas em sofrimento; o esclarecimento diante de discursos de medo e culpa; a compreen-

são da diversidade sexual. Em especial, afirmamos que não existe família modelo ou família perfeita.

Queremos que todas as pessoas tenham o direito de constituir a sua família, porque é muito bom ter uma família. Lutamos contra a ideia de que os estudos de gênero colocam as nossas crianças em perigo. Crianças LGBTs existem e sofrem demais. Também revelamos o machismo presente em situações de homotransfobia. Queremos evidenciar o papel das Igrejas e de seus fiéis na manutenção desse cenário. Mas queremos reafirmar a importância da fé e da prática de uma espiritualidade madura, livre de preconceitos e de correntes. Ao afirmarmos que é possível acolher a pessoa LGBTQIA+ na família e continuar sendo católica, estamos promovendo o mais alto nível de manifestação do amor de Deus, aquele que ama e acolhe sem julgar.

Além do MAMI, o grupo de acolhimento mais presente em quase todos os estados brasileiros é o Mães pela Diversidade - um grupo laico e com um importante trabalho de militância. Atuamos dentro do respeito e da ética. Geralmente, essa pessoa chega até nós por indicação de amigo ou parente, ou por solicitação da/o própria/o filha/o. Um pai ou mãe que busque uma conversa terá sempre o seu nome em sigilo. Deixamos a pessoa falar do que a faz sofrer, sem julgamentos, com acolhimento e escuta solidária.

A partir da escuta do sofrimento do pai ou da mãe, voltamos o olhar para o sofrimento da/o filha/o, fazendo associações. Mãe carregou a criança no ventre, a ligação é muito forte, mas ela precisa ouvir de outra pessoa que, ao acolher a sua cria LGBTQIA+, ela não está rejeitando Deus, ao contrário, ela está aceitando um presente de Deus.

Caso a sua comunidade de fé ainda não esteja preparada para essa realidade, você tem dois caminhos: deixar a comunidade ou promover a conversão das pessoas precon-

ceituosas que ali estão. Eu tenho alcançado muitos júbilos seguindo a última opção.

A minha filha foi uma dádiva de Deus em minha vida. Ela me revelou a minha verdadeira missão neste mundo.

Silvia Kreuz é mãe da Julia, uma mulher lésbica, brasileira, imigrante que vive no Canadá. Catequista e importante liderança católica em Curitiba, fundou o grupo Mães de Amor Incondicional (MAMI) que oferece apoio a mães e pais cristãos que passam pelo processo de aceitar seus filhos LGBTI+. Integrante do projeto Mães pela Diversidade no Paraná. Consultora para a Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) no tema de gênero, diversidade e religião, ministrou curso de formação da CNBB sobre o tema e também sobre o grupo MAMI. Sexóloga, dedicou sua pesquisa no campo da sexologia ao tema da religião e discurso na construção da sexualidade de pessoas cristãs e suas implicações nas relações familiares.

15.

A casa como um lugar de mudanças – para LGBTQIA+ e suas famílias

por Gabriella Morena

Uma vez, ouvi de uma amiga, quando contava um pouco sobre minha trajetória como mulher LGBTQIA+ cristã: “Nossa! Eu sofro racismo na rua, em todos os lugares, mas tenho tranquilidade em saber que serei acolhida em casa. Não ter esta certeza deve ser muito difícil para pessoas LGBTQIA+. Não consigo imaginar!”. Eu também não imagino o que é sofrer racismo e não tenho a intenção de fazer uma comparação sobre qual discriminação é pior, mas essa fala me impactou e passei a lembrar dela quando revisitava meu próprio processo e também os de pessoas da minha rede ou as que atendo no consultório. Não encontrar lugar dentro do próprio lar ou ser expulsa de casa é uma experiência comum entre pessoas LGBTQIA+. Parece que a situação fica ainda pior quando as famílias envolvidas são cristãs, pois, além desse rompimento, a rede de amizade de quem é LGBTQIA+ e sua sensação de pertencimento comunitário (igreja) ficam abaladas, havendo, nessas relações, uma costumeira narrativa de intolerância e preconceito das sexualidades que não são cisgêneras e heteronormativas, impedindo, inclusive, que pessoas LGBTQIA+ exerçam sua fé e espiritualidade. Não ter lugar (LGBTQIA+) e fazer da sua casa um lugar para poucos (famílias que têm um discurso fundamentalista) é um cami-

nho muito duro de trilhar, principalmente para quem está no primeiro grupo.

Refletindo sobre as famílias

Nossa forma de entender o que é uma família está intimamente ligada ao modelo judaico-cristão, de valores ocidentais relacionados ao sistema capitalista e que passou por um processo de transformação das relações amorosas que nem sempre consideramos. Pensamos que o modelo de família é universal, natural e fixo, inferindo que todas as famílias têm – ou deveriam ter – uma única configuração, que foi sempre assim e que não muda ao longo da história humana na Terra. O discurso religioso também é usado para aprofundar esse entendimento, estabelecendo a ideia de que há um padrão, deixando marginalizadas todas as experiências de ser família que não se amoldam a ele.

É nesse contexto de fronteiras enrijecidas que os vínculos familiares se criam, tornando-se um dos mais poderosos nas nossas subjetividades. É muito importante que esses laços sejam de proteção e pertencimento. Pertencemos porque nossa história não começa com nosso nascimento: nosso nome, lugar onde nascemos, o que contam sobre nós existe antes de chegarmos e é na família que transitam essas histórias que também nos constituem. Além de pertencer, é esperado que a família também seja um lugar de liberdade, um espaço onde todas as pessoas possam fazer descobertas sobre si sem pôr em causa os laços de afeto e o lugar de proteção.

Famílias deviam existir como um espaço de cuidado e afeto mútuo, onde diversas configurações são possíveis, e ser um abrigo para que todas as pessoas tenham apoio para construir seus próprios projetos de vida, onde pertencimento e liberdade estejam equilibrados. Quando atendo famílias cristãs que têm filhas/os/es LGBTQIA+, percebo que o fundamentalismo religioso não dialoga com essa possibilidade, ao contrário,

ensina às famílias ideias nocivas e equivocadas. Algumas delas são:

1. Que a pessoa LGBTQIA+ está em pecado e em promiscuidade, apenas por ser quem é;
2. Que a identidade de gênero e a orientação sexual podem ser aprendidas e, portanto, mudadas;
3. Que, havendo acolhimento em casa, a família está concordando com a vida da pessoa LGBTQIA+ (como se fosse possível essa dicotomia “concordo/discordo”). Sendo assim, ela não vai mudar (não é possível mudar);
4. Sobre tudo, que a família, principalmente pais e mães, erraram em alguma coisa por terem filhos/as/es LGBTQIA+.

Porque aprenderam dessa forma, as famílias criam muros em seu interior, onde dúvidas não são compartilhadas e processos de construir uma vida possível – principalmente as pessoas LGBTQIA+ – são feitos separadamente do restante da família e geram sofrimentos que podem perdurar por toda a vida.

Pego emprestada a ideia de Sueli Carneiro quando diz que o racismo é um crime perfeito para se referir ao sistema que é estruturalmente racista e como isto se manifesta num círculo vicioso. Também vejo a LGBTI+fobia como um crime perfeito: a igreja diz que é pecado, a sociedade violenta e mata, a Psicologia dizia que é patologia. A partir de suas próprias narrativas, constroem uma história de que as pessoas LGBTQIA+ são erradas. E, vejam bem, ainda oferecem cura, tratamento, reversão. Essas instituições, elas mesmas criam o problema e fornecem solução para o que elas criaram. É mesmo um crime perfeito.

A partir das lutas de movimentos LGBTQIA+ em todo o mundo nas últimas décadas, essas instituições têm feito um exercício de revisão. Por exemplo, na Psicologia já não é possível entender pessoas homossexuais, bissexuais, pansexuais

como perversas ou portadoras de alguma patologia. Ainda lutamos para que esse entendimento se estenda às pessoas trans

Não só pessoas LGBTQIA+, mas também suas famílias e redes de afeto, não raro estão presas nessa espiral de preconceito, e o que vejo acontecer com as que atendo é uma caminhada de dor quando não conseguem estabelecer pontes.

Construindo pontes

Quero compartilhar uma experiência pessoal que aconteceu na minha família quando contei, aos 30 anos de idade, que era lésbica e começaria a namorar uma mulher. Eu, evangélica, como minha mãe e irmã (congregávamos na mesma igreja por cerca de 25 anos, onde estão até hoje), meu pai, um católico bastante aberto para o mundo, e meu irmão, um rapaz criado na mesma igreja que nós, mas que reconstruiu sua fé também a partir de outras referências. Minha família recebeu a notícia com respeito e amor, mas o processo para minha mãe e irmã foi mais doloroso. Eu vi a angústia da minha mãe quando ouviu que a filha primogênita se reconhecia como uma mulher lésbica. Além de diversas dúvidas sobre identidade de gênero e orientação sexual, ela tinha medos sobre minha salvação, sobre eu estar em pecado, sobre minha espiritualidade.

Ela me ouviu atentamente contando sobre como foram os anos que antecederam a decisão de não esconder mais minha sexualidade e que eu tentaria o único caminho que não havia percorrido: o de viver, em verdade, aquilo que sou. Já havia vivido um grande desconhecimento sobre a minha própria sexualidade, pois, antes de aprender sobre mim, aprendi que qualquer manifestação sexual fora do padrão era errada. Já tinha tentado mudar, por dez anos, submetendo-me a terapias de reversão (apesar do Conselho Federal de Psicologia proibir que profissionais da categoria ofereçam essas práticas) e participando de encontros de oração e retiros espirituais. Já havia tentado viver uma vida dupla, escondendo minha

sexualidade da família e amigos da igreja (que era quase todo o meu círculo). Foi, então, uma tentativa de andar por outro caminho, pois todos aqueles me causaram muito sofrimento, inclusive pensamentos suicidas.

Eu não tinha (e não tenho) dúvidas do amor da minha mãe por mim, mas não sabia se seria aceita por ela e, sobretudo, tinha pavor de causar-lhe algum sofrimento. Quando lhe contei tudo isso, eu lembro – e escrevo isso com lágrimas nos olhos – do olhar de consternação, medo e preocupação comigo. Apesar da pergunta que ela me fez, não me senti julgada, mas percebi que compartilhávamos o desafio de estar num lugar absolutamente novo para ambas. A primeira pergunta da minha mãe foi: “E Deus, Gabi? Onde fica Deus nisso tudo?”. Eu poderia escrever um livro só sobre essa pergunta, esse momento da minha vida. E acho que seria um livro diferente a cada fase, porque é um daqueles episódios que os anos vão me ajudando a ter leituras mais amplas sobre o que estava acontecendo.

Respondi que eu entendia as perguntas que ela tinha, que eram as minhas há dez anos, mas que eu não tinha mais as mesmas questões. Disse que ela teria um processo para fazer e que parte dele eu poderia acompanhar, apoiar, mas que parte do caminho eu não conseguiria. Seguimos conversando em alguns momentos sobre isso, mas percebia minha mãe num rodameio, um terremoto que estava questionando certezas basilares da vida dela, como mãe, como cristã e como membra daquela igreja. E, sobre uma dessas certezas, tivemos a oportunidade de conversar meses depois.

Não me lembro como voltamos a falar deste tema, mas um dia minha mãe, em resposta a alguma situação ou fala minha, disse que não conseguia deixar de acreditar que a homossexualidade é pecado. Apesar de discordarmos profundamente

– pois eu entendo as sexualidades que não são cisheteronormativas como uma manifestação natural da sexualidade – e apesar de eu lamentar que minha mãe tivesse esse entendimento, conseguimos construir um caminho possível. Minha resposta a essa fala foi: “Mãe, eu lamento que a gente discorde teologicamente sobre isso e posso compartilhar com você sobre como eu acredito, mas minha maior preocupação não é que você deixe de entender a homossexualidade como pecado. Tire esse peso dos seus ombros, porque eu sei o que eu tive que fazer para pensar diferente do que eu pensava, para rever minha fé, o modo que eu cria.

Foi libertador, mas foi um caminho muito angustiante. Sentia que estava questionando a Deus e não à teologia ou à igreja. Então, não se preocupe. O que me importa é que você tire isso de entre nós. Desejo que quando você me olhe, veja sua filha. E não sua filha lésbica, em pecado, que está namorando uma mulher. Meu irmão, por exemplo, apesar de você preferir que ele tivesse relação sexual com a namorada só quando ele se casasse (ainda que ele tenha mais de sete anos de namoro), você respeita o que ele escolheu para a vida dele e não coloca isso em causa quando estão juntos. Você não concorda, mas isso não faz você vê-lo de um modo diferente. É seu filho. E não seu filho que transa com a namorada e está em pecado... é só seu filho. É isso que eu quero. Que você me veja. Gabriella, sua filha.”

Acho que ambas experimentamos um grande alívio quando conversamos sobre isso. Eu respeitei minha mãe no processo dela, ao mesmo tempo em que ela também conseguiu construir mais caminhos na minha direção para a gente seguir vivendo próximas, como sempre fomos. Essa espera não foi fácil para mim e sei que também não foi para ela.

Demorou um ano até minha mãe conhecer minha namorada. Nesse tempo, conheci a família dela, minha sogra faleceu,

decidi me mudar para o Rio de Janeiro (morava em Belo Horizonte) para morarmos juntas, estava em grande crise com a igreja e a fé, fui algumas vezes com minha namorada para BH e não pudemos estar juntas em família. Já há alguns anos, minha mãe convive sem reservas com a gente, com a família da minha esposa, passa temporadas em nossa casa e nós na dela. Tem muito amor e saudade envolvidos... ainda que, talvez, ela não tenha revisto com profundidade suas crenças teológicas. Essa igreja esteve presente em momentos tenebrosos da vida da minha mãe, apoiando emocionalmente, em oração e, inclusive, materialmente. Não seríamos, toda minha família, quem somos, não fosse esse apoio. Vejam como as coisas são mais complexas. Discordo frontalmente da igreja que congreguei por 25 anos, mas, além de valorizar parte do que vivemos lá dentro e das inúmeras relações que tivemos - algumas ainda mantenho -, entendo que minha mãe talvez não tenha as mesmas condições que tive para romper com determinadas crenças e fazer mais questionamentos.

Caminhos possíveis

Como psicóloga e terapeuta de famílias e casais, algo que vejo ser bastante presente no processo de famílias LGBTQIA+ cristãs é o conflito entre afeto e fé. Parece óbvio que o amor pode ser o caminho a seguir, fazendo um paralelo da lembrança de Jesus como chave hermenêutica quando a letra fria nos coloca diante de dilemas que parecem intransponíveis. Porém, numa tradição fundamentalista, que não abre espaço para dúvidas, encruzilhadas, questionamentos, aprendemos, através do imperativo da letra, a nomear pecados, e ser LGBTQIA+ é um deles. Muitas vezes, a família não tem espaço para questionar esta premissa e ela abre portas para muitas violências e rompimentos.

No início do meu trabalho, há 15 anos, quando recebia pacientes/clientes majoritariamente através de indicações das pessoas da igreja de que eu era membra, houve alguns pais que me ligavam, na expectativa de que, com um processo terapêutico comigo, seus/suas filhas/os fossem deixar de ser gays/lésbicas/bissexuais e abandonar o “pecado”. Esse é um cenário muito desafiador quando se faz processos terapêuticos que envolvem crianças ou adolescentes, porque o processo em si está vinculado intimamente aos responsáveis, pois além de não ser permitido o atendimento a menores de idade (apenas em certos casos ou com intervenção do Conselho Tutelar), o pagamento e o deslocamento são de responsabilidade das/os mães/pais, e estes, geralmente, procuram profissionais de acordo com critérios pessoais que envolvem, muitas vezes, a religião da/o terapeuta.

Nessas situações, sempre agendo uma sessão com os pais e mães primeiro e, quando o caso era este, o que faço é tentar verificar se há, de alguma forma e ainda que pequena, alguma abertura para conversar sobre acolhimento e respeito à sexualidade da/o/e filha/o/e. Geralmente, pais/mães se fazem muitas perguntas - e uma é bastante comum: “onde eu errei?” - seguidas da convicção de que a/o/e filha/o/e está em pecado. Quando se abrem para serem elas/es, pais e mães, o centro do processo, há muita esperança de mudança. Ou seja, quando pais e mães permitem falar sobre suas dores, dúvidas, frustrações e lutos quando um/a filho/a se revela gay, lésbica, bissexual, trans, agênero, e não focam na tentativa de mudar a sexualidade da/o/e filha/o/e – o que é ineficaz, pois não se pode mudar a sexualidade de alguém.

Quando a terapia envolve jovens acima de 18 anos, ainda que procurada por pais/mães resistentes à sexualidade da/o/e filha/o/e, além de buscar as aberturas na família, também

é possível estabelecer uma relação de confiança entre paciente/cliente e terapeuta, pois, muitas vezes, este será um dos únicos e importantes espaços seguros até que seja possível ampliá-los para outras relações.

Converso com muitas pessoas cristãs LGBTQIA+ e outra questão delicada é quando, mesmo não aceitas em suas igrejas, não querem deixá-la. Nosso papel, como quem acompanha este processo, é perceber o quão crucial é aquela comunidade para essas pessoas, procurando entender as razões pelas quais essa saída não é possível naquele momento e acompanhando as elaborações e os movimentos que as pessoas vão dando conta de fazer, no que faz sentido para a caminhada delas e, sobretudo, ajudando a construir outras referências, ou para tornar possível essa saída ou para seguirem naquele meio mais fortalecidas.

Há muitas casas interditadas para pessoas LGBTQIA+:

- sua própria casa, seu corpo, pensamentos em avalanche, o desconforto de não saber que não precisa se amoldar à norma tão restritiva e violenta;
- sua família, rede de potencial proteção e afeto, de pertencimento, de memórias e subjetivação;
- sua comunidade de fé, amigos, lugar onde exerce seus dons, sua vocação, que presenteia o mundo com o que faz bem.

Muitos lugares são “não lugares”. É importante que os medos das famílias sejam acolhidos, para que consigam se abrir para as sexualidades de suas/seus filhas/os/es. É essencial que as famílias mantenham suas janelas e portas abertas, ventiladas com sopro de vida, da fé que liberta, acolhe e age. Da espiritualidade que, diante do medo e da dúvida, responde com amor e hospitalidade. Que famílias sejam casa e lar para to-

das/os/es que a constituem, um espaço vivo onde mudanças sejam possíveis.

Gabriella Morena é psicóloga brasileira, especialista em Clínica Sistêmica de famílias e casais e em Metodologias Colaborativas. Mestranda em Família e Gênero (ISCSP - Universidade de Lisboa), realiza sua pesquisa sobre movimento cristão e diversidade sexual e de gênero na América Latina. Realiza atendimentos clínicos em diversos contextos e integra redes e coletivos que apoiam a população imigrante e LGBTI+. Imigrante, lésbica, cristã e feminista. Integra o Evangélicxs Pela Diversidade e é co-fundadora do projeto “Psis Pela Diversidade” que trabalha com a clínica psicoterapêutica focada ao enfrentamento do fundamentalismo religioso e os sofrimentos e desdobramentos que a população LGBTI+ sofre por estar inserida neste contexto.

16.

Na trilha do caminho da aceitação, que nossas igrejas sejam pontes

por Flávio Conrado

Aceitação, afirmação, transição

A presença de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexos e demais gêneros, orientações e identidades na nossa vida cotidiana tem aumentado. São colegas de trabalho e estudo, vizinhos e membros de nossas igrejas que passamos a reconhecer, além de artistas, intelectuais e lideranças que se tornam influenciadores digitais, trazendo mais informação e maior debate sobre diversos aspectos do modo como a sociedade brasileira vê e trata pessoas LGBTI+. As leis, garantias de direitos e políticas públicas a que pessoas LGBTI+ têm tido acesso nos últimos anos por pressão do Movimento LGBTI+ e acolhimento pelas instâncias do judiciário repõem a dignidade do outro e da outra a que estávamos acostumados a negar. Também nas igrejas e nas organizações cristãs, mesmo evangélicas, pessoas LGBTI+ reivindicam reconhecimento e afirmação como membros plenos de suas comunidades de fé e disputam as narrativas bíblicas e teológicas a seu respeito, esperando que transformações aconteçam.

Mas vivemos em uma sociedade LGBTI+fóbica. Esse é um dado estrutural da nossa realidade que análises sociológi-

cas têm destacado, no qual, há décadas, o ativismo do movimento LGBTI+ vem insistindo. Embora os avanços sejam inegáveis, inclusive com a importante conquista da criminalização da LGBTI+fobia - uma reivindicação histórica do ativismo LGBTI+ no Brasil acolhida pelo Supremo Tribunal Federal, já que o Congresso se recusou a legislar -, percebemos que a presença, o debate, os avanços e as conquistas cidadãs não têm sido suficientes para nos demover do lugar de um dos países mais violentos para nossas filhas/os/es LGBTI+, que nos faça acordar do nosso discurso preconceituoso e de nossas práticas discriminatórias, introjetadas socialmente durante toda a nossa vida.

Muitas vezes conhecemos pessoas e comunidades de fé que não aderem aos discursos de ódio e às muitas formas de violência explícitas, mas que se recusam a sair da zona da “LGBTI+fobia cordial”. Muitos de nós estivemos nesse lugar. Evitação de relacionamentos mais próximos com pessoas e famílias LGBTI+, cumplicidade em piadas de mau gosto ou ainda a falta de empatia com o sofrimento e a dor desses outros que insistimos em não enxergar, “incapacidade” de aprendizado que se expressa na permanência de dúvidas constrangedoras que reiteramos quando a oportunidade se avizinha. Lá no fundo, consideramos anormal ou pecaminoso, embora sintamos que algum nível de respeito e de cordialidade precisa mediar nossas relações sociais. Ou mesmo tendo a certeza de que a violência cruza a linha da civilidade, talvez consideremos que as palavras preconceituosas, LGBTI+fóbicas, sejam apenas a expressão de uma opinião que não deveria ser expressa. Afinal, criminalizar uma “opinião” não seria exagero? Numa cena de novela ou filme em que o preconceito e a discriminação se escancaram diante dos nossos olhos, pensemos em como se sentiria a mãe ou pai de uma pessoa gay, lésbica, trans etc. naquela situação. Hesitamos.

Então, de maneira repentina, talvez abrupta, descobrimos

que o “problema” não está lá fora, distante, mas em nosso próprio seio familiar. O que fazer? Como lidar? Que caminhos trilhar? Muitos pais e mães resolvem seguir o caminho da negação e do abandono como o caminho que lhes garantiria a promessa confortável de uma suposta “paz de espírito” ao confrontarem-se com os desafios da mudança de velhos dogmas religiosos e posturas tradicionais. Esse é o caminho do sofrimento e da dor que conduz a uma espiral de mais violência, mais sofrimento emocional e mais morte, que se engendra a cada dia, no distanciamento, na recusa do afeto e do acolhimento e no suporte emocional e material para o enfrentamento de uma sociedade que oferece obstáculos adicionais para que pessoas LGBTI+ possam continuar suas jornadas de formação, socialização, profissionalização e experiência de cidadania. Esse não é o caminho de Cristo.

O caminho mais cristão é o caminho difícil, conquanto mais amoroso e responsável, da aceitação e da afirmação de nossas filhas/os/es LGBTI+. É o caminho que nossa família decidiu trilhar para responder ao que nunca imaginávamos possível. Quando nosso filho nos confessou que estava transicionando para outra identidade de gênero, um novo mundo se abriu com muitas dúvidas, angústias e incertezas. A única convicção que tínhamos era de que a nossa decisão deveria ser de abertura radical ao amor por esse novo ser que se apresentava meio improvisadamente diante de nós. E que nenhum medo, angústia ou dor que nos acompanhasse no processo de transição dela/com ela nos alienaria da aceitação e afirmação de que ela precisava naquele momento. Foi o início de uma jornada de aprendizado mútuo e de lindas descobertas, mas também de conflitos e incoerências.

Como podemos, então, seguir esse caminho difícil, amoroso e responsável da aceitação e afirmação de nossas filhas/os/es LGBTI+? Quero propor algumas reflexões que, à luz da minha própria experiência familiar, nos ajudem a ponderar

sobre nossas escolhas e as dificuldades que se apresentam diante de nós. Acredito que se pudermos ser honestos com nossas experiências, sejam elas mais ou menos complexas, seremos capazes de construir espaços familiares mais amorosos, acolhedores e afirmativos.

As famílias têm em si as energias vitais para encontrarem um caminho de aceitação e afirmação

As características de uma família, seja qual forma ela tenha, não definem necessariamente o caminho que ela vai trilhar, mas os múltiplos recortes e marcadores que podem atravessá-la podem ser facilitadores ou obstáculos que se interpo-nham. Esse é um reconhecimento necessário a se fazer. Não é apenas que a qualidade e maturidade das relações entre os membros de uma família são determinantes para como cada um e cada uma responderá a novas revelações. Denominação cristã/religião, tipo de família ou localização geográfica, por exemplo, não podem ser desprezados ao considerarmos como as famílias vão lidar com desafios de transicionar para uma postura de acolhimento e afirmação de nossas filhas/os/es.

De qualquer forma, embora as famílias não tenham as mesmas capacidades e recursos, elas possuem as energias vitais para encontrarem o caminho de aceitação e afirmação de suas filhas/os/es LGBTI+. Mas essas energias vitais precisam ser despertadas por catalisadores do amor e do cuidado. Há muitos medos e angústias que aparecem na hora de lidar com a descoberta de que há um “armário pra sair”. Quando nossa família, por exemplo, se deparou com a confissão de nossa filha de que ela era uma pessoa trans, a questão de fundo mais importante não era dogmático-religiosa, mas de como lidaríamos com a possível rejeição da família e amigos. O que foi se mostrando, na verdade, um problema menor na medida em que fomos, através do diálogo, percebendo que tínhamos mais compreensão e acolhimento do que supúnhamos.

Em muitos casos, o catalisador pode ser uma conversa corajosa sobre os textos bíblicos, algumas sessões conjuntas de terapia ou mesmo a participação em um grupo aliado de autoajuda e ativismo como o Mães pela Diversidade. Esses momentos, em diferentes etapas, também foram centrais para nos preparar para dirimir as aflições que nos acometiam. Sem dúvida, espaços, pessoas ou grupos de apoio externo se tornam um componente que desperta e/ou fortalece as potências de afeto que vinculam pessoas que fazem parte de um círculo familiar. Quanto maior esses vínculos vitais de afeto, maior será a força, uma vez despertada/fortalecida, capaz de nos impulsionar a trilhar o caminho da aceitação/afirmação.

As igrejas não têm sido pontes, mas muros no caminho da aceitação e afirmação. Isso precisa mudar.

Nossas igrejas e comunidades de fé, não importa como estejam configuradas, podem facilitar ou servir de obstáculo para que as famílias encontrem mais facilmente o caminho da aceitação/afirmação. Elas são naturalmente fontes de suporte que estão ali cotidianamente, nas mais diversas situações aflitivas, assim como promovendo e nutrindo confiança, reconciliação, afeto, bem-estar, amor entre seus membros. Elas dedicam-se, a partir de sua compreensão da fé e dos ensinamentos religiosos próprios de cada confissão, a serem recursos morais e comunitários que orientam e infundem uma caminhada menos conflitiva e mais amorosa.

É preocupante quando nossas igrejas e comunidades de fé perdem essa capacidade quando o que está em jogo são aspectos ligados a temas de sexualidade, que são percebidas mais como desvios e escolhas pecaminosas do que como contingências que estão presentes na diversidade sexual e de gênero criada e celebrada por Deus. Entre os conflitos que podem emergir a partir de uma visão moral mais tradicional por causa do aflorar de nossas diferenças sexuais, torna-se

frustrante quando nossas igrejas e comunidades de fé se apresentam como muros obstaculizadores em vez de serem pontes seguras entre nossas famílias e uma compreensão mais aberta e plena de nossas sexualidades.

As famílias, diversas e diferentes como são, podem em suas peculiaridades encontrar caminhos variados e ricos de superação da LGBTI+fobia religiosa, violenta ou cordial, caso desejem. Nossa experiência como família cristã evangélica, sensível às prescrições morais de certa leitura bíblico-teológica conservadora que sempre permeou os contextos de fé a que pertencemos, foi de busca processual de interpretações novas e em diálogo com as transformações experimentadas pela nossa sociedade no que respeita à sexualidade humana. Essa busca familiar nos garantiu uma bússola moral e espiritual mais amorosa e responsável para orientar nossa transição para um lugar seguro de plena aceitação e afirmação de nossa filha. A escolha de amigos e irmãos/ãs de fé próximos, como um círculo de confiança, também foram determinantes para validarem nossa busca e serem pontes que nos garantiram segurança para uma travessia menos tumultuosa para o caminho da aceitação e afirmação.

Entretanto, nossa experiência demonstra que muitas pessoas e famílias não são capazes de desenvolver por si próprias esse tipo de bússola moral e espiritual a lhes guiar para uma jornada mais generosa e integradora de paz e aceitação com sua sexualidade ou com as diferenças sexuais e de identidade reveladas em seu seio familiar. Nesse sentido, torna-se mais central e crítico que nossas igrejas e comunidades de fé se transformem naturalmente nesses espaços-pontes em vez de muros, reprodutores de uma moralidade dogmática e tradicional incapaz de se abrir para as novas realidades emergentes no campo da sexualidade e identidade.

Se nossas igrejas e comunidades não estão disponíveis e abertas para serem pontes para as nossas famílias, é preciso

que sejamos capazes de abrir canais de comunicação com aquelas para que se transformem em espaços-pontes para um verdadeiro desabrochar das identidades e diferenças sexuais e de gênero de nossas filhas/os/es LGBTI+.

Enquanto elas não se convertem em espaços-pontes, espero que sejamos capazes de inventar formas de apoiar essas famílias com os recursos emocionais, morais e espirituais que lhes guiem numa jornada de amor, acolhimento e afirmação. Assim, suas filhas/os/es poderão experimentar toda a plenitude de sua sexualidade, criada para ser desfrutada com alegria, cuidado e responsabilidade.

Flávio Conrado tem mestrado e doutorado em Ciências Sociais, com ênfase na Antropologia da Religião e da Política, e pós-doutorado pela Universidade de Montreal, no Canadá. Ele navega por diversos temas de direitos humanos como pesquisador-ativista, tendo atuado como articulador e campaigner em temas como desarmamento, direitos da infância, ecumenismo e diversidade religiosa, diversidade sexual e de gênero, meio ambiente etc. Inquieto, Flávio foi editor na Novos Diálogos, idealizador do Festival Reimaginar e articulador da Plataforma Intersecções. Antes de atuar como campaigner na Casa Galileia, atuou em diferentes capacidades e iniciativas em organizações como Viva Rio, ISER, Aliança de Batistas do Brasil, Religiões pela Paz, Visão Mundial, Rede FALE e Evangélicxs Pela Diversidade. Organizou com Cleimir Fernandes a coletânea “Reimaginar a Igreja no Brasil: 40 vozes evangélicas”. Gosta de estar cercado de amigos, boas piadas, natureza, música, vinhos e livros. É casado há 26 anos e pai de uma jovem trans que está terminando seus estudos em Belas Artes e Fotografia em Vancouver (Canadá).

17.

Trazemos uma boa nova: nenhum passo à frente será esquecido

por Bruna Galvão

Há uma máxima, volta e meia escutada entre ativistas, que diz que uma conquista científica sempre precede enormes avanços, enquanto conquistas sociais podem sempre retroceder. Por exemplo, uma vez que a gravidade é descoberta, é impossível regredir nessa temática. Uma vez revelada a cura de alguma doença grave, de um novo asteroide, de uma nova fórmula química, quaisquer que sejam as evidências proclamadas nesse campo, elas sempre servirão como tração do avanço científico, para novas e mais fascinantes descobertas.

Essa máxima revela, contudo, que o mesmo raciocínio não é válido para as conquistas sociais. Casamento entre pessoas LGBTI+, direito ao nome social no RG, direito ao aborto - mesmo em casos extremos como de estupro - e muitos outros estão condicionados ao momento histórico-social, às vontades políticas e outras engrenagens que podem, a qualquer momento, revogar avanços imprescindíveis a determinadas minorias sociais e, assim, sofrer enormes retrocessos, com prejuízos que irão impactar gerações.

Gostaríamos, contudo, de começar esse texto anunciando a boa nova: não acreditamos completamente nessa máxima e vamos, ao longo das próximas páginas, explicar como, ao mesmo tempo que não ignoramos os enormes desafios para a sociedade civil em manter direitos já conquistados à base

de muita luta, acreditamos que todo passo à frente garante que as próximas gerações estejam cada vez mais preparadas para enfrentar movimentos reacionários.

Se já fomos invisíveis, agora existimos

A primeira pergunta que provocamos, a partir do enunciado acima, é: como garantir que, mesmo em momentos de crise social, alçados pelo combustível reacionário, os retrocessos não signifiquem perdas permanentes em tudo o que foi conquistado até ali? Essa pergunta, para nós, tem uma resposta simples: é impossível invisibilizar completamente aquilo que já foi, certa vez, revelado.

Famílias LGBTI+ sabem, em maior ou menor medida, o que isso representa em seus cotidianos. A revelação de um filho ou filha LGBTI+ tem um impacto imensurável debaixo dos tetos de milhares de casas no Brasil. Entre as famílias que aceitam e acolhem seus filhos e filhas após a descoberta, há o medo do que o mundo “lá fora” irá proporcionar em termos de violência cotidiana: poderão demonstrar afeto público aos seus pares sem estarem imediatamente em risco de vida? Poderão continuar em seus empregos, escolas e faculdades sem prejuízo? Poderão, em um momento de lazer, usar um banheiro público sem sofrer represálias?

Já as famílias que rejeitam essa revelação sofrem as questões do mundo “lá fora” dentro de seus próprios lares, colocando em risco seus afetos até ali construídos em nome de uma expectativa que não foi cumprida. Essa rejeição (inicial, parcial ou permanente) é fruto de uma enormidade de razões que vão desde a formação moral dessas famílias até questões como dúvidas e preconceitos enraizados que se perpetuam de geração em geração. De qualquer forma, uma coisa é certa - o que era invisível (total ou parcialmente), a partir de agora, é sólido, palpável: existe. Mas e agora?

Construindo pontes sobre mares revoltos

As pontes existem, no mundo real, para conectar territórios, pessoas e culturas. No mundo metafórico, elas não são tão diferentes. São construídas para garantir que diálogos sejam possíveis, mesmo em terrenos insalubres, mesmo sobre mares revoltos, com diferentes pessoas, em diferentes territórios e em diferentes culturas. Para tratar da construção dessas pontes - sejam entre famílias aliadas ou não -, voltamos à nossa boa nova: como cada passo já dado ao longo da história por pessoas LGBTI+ do mundo inteiro, mas especialmente no Brasil, serve de aprendizado para a construção de pontes mais sólidas para a travessia de uma nova geração de jovens LGBTI+ e suas mães, pais, avôs, avós, tios e tias?

A primeira coisa, óbvia a princípio, mas ainda assim muito importante, é reconhecer os acúmulos de vitórias que tivemos até aqui. Além disso, compreender seus acertos, erros e possíveis melhorias dentro de um contexto político atual. Não é irrelevante também reconhecer o recrudescimento das comunicações baseadas em valores e costumes morais que visam cercear cada dia mais os direitos das pessoas LGBTI+ e que crescem a cada dia. Como atravessar essa ponte, ou melhor, como garantir os pilares para que essa ponte seja uma passagem firme para o futuro?

Hábitos podem se transformar em mudanças culturais, mas é verdade que alguns deles, para assim se tornarem, precisam antes ser exigências sociais elaboradas a partir de uma legislação específica. Exemplos no Brasil não faltam: era impensável, antes de meados dos anos 2000, que se tornaria proibido fumar em lugares fechados em todo o Brasil. Antes do começo dos anos 1990, já era inimaginável ser obrigatório o uso do cinto de segurança em carros. Hoje, ambas as situações são tão comuns que sequer pensamos em voltar atrás.

Você pode argumentar, contudo, que esses exemplos não se sustentam quando pensamos em valores morais, enraiza-

dos socialmente como certo ou como errado de tal forma que impactam famílias inteiras, destroem amizades, criam um ambiente hostil no trabalho. É verdade! Então, vamos a exemplos mais próximos dessa realidade: o fim da escravidão, o sufrágio feminino, o direito à licença-maternidade (e mais recentemente, paternidade), o direito ao divórcio, a Lei Maria da Penha e, claro, o casamento civil entre pessoas homossexuais.

É verdade também que mesmo com essas legislações em vigor, trabalhos em condições análogas à da escravidão ainda existem; é verdade que há quem defenda que direitos trabalhistas precisam ser (e muitos foram) revistos. Faz parte da nossa dura realidade que mulheres ainda apanhem em seus lares e que, mesmo o direito ao casamento civil, não seja garantia de poder exercer esse direito. Mas é verdade também que a existência dessas leis são frutos diretos de luta e que em alta medida são responsáveis pelo aumento de casamento entre pessoas do mesmo sexo, pela ida de mulheres às urnas a cada dois anos, de que maridos sejam punidos caso cometam violência doméstica - incentivando mulheres a saírem de seus relacionamentos abusivos.

É verdade que mesmo com muitos retrocessos trabalhistas, alcançamos cada dia mais uma pressão social tangível que custa caro aos deputados e senadores. Ou seja, talvez não o primeiro, mas um dos principais alicerces dessa ponte seja o direito; o acesso a leis que garantam que políticas públicas e comportamentos sociais sejam praticadas e aceitas, mesmo que ao arrepio da lei, com o tempo, se tornam direitos difíceis demais de serem caçados, recuados e retirados. As novas gerações, por mais reacionárias que se tornem, saberão que bater em uma mulher, escravizar alguém ou assassinar uma pessoa LGBTI+ hoje tem alguns custos social e penal muito diferentes do que tínhamos no passado, e isso é um fato. Ou seja, se uma questão uma vez foi invisível, ela agora existe. E se ela existe, é preciso pontes que a levem

a tantos lugares possíveis que a tornem um caminho sólido para quem vem atrás.

Do quarto para a sala: debatendo os direitos LGBTI+ dentro de casa

Pontes são estruturas grandes. E antes que elas sejam necessárias, que seus alicerces comecem a ser construídos, é preciso, ao menos, de dois pontos a se conectarem: dois bairros, duas comunidades, duas cidades, duas fronteiras. Mas antes de bairros, comunidades, cidades e fronteiras existirem, existem as pessoas. Indivíduos que constituem suas famílias e constroem esses espaços públicos e privados de convivência. E é debaixo de tetos em todo o Brasil que, neste momento, uma criança ou um/a adolescente que depende de sua família está vivendo um enorme conflito que a assola por dentro e se pergunta: “Por que eu não sou ‘como os outros’?”; “Que tipo de pecado é esse que escuto tanto falar simplesmente por amar alguém?”; “Eu amo tanto Jesus e disseram que ele sempre me amaria, mas por que me sinto tão só?”

Por que mesmo crianças e adolescentes que vivem em lares com tendências a valores mais progressistas, se cristãs, sentem o peso que essa notícia terá dentro de casa? Por que pais, mães e tutores ainda se sentem tão confusos, no mínimo, ou extremamente raivosos, ao receberem a notícia de que, naquele lar, há uma pessoa em formação que se descobriu LGBTI+?

Para nós, a resposta é simples: porque é preciso, urgentemente, recuperar os valores cristãos essenciais do amor, da solidariedade e do livre-arbítrio entre as comunidade de fé, e que já foram tão caras às pessoas de fé, antes de esperar quaisquer mudanças que cheguem de uma ponte lá de outro lugar que não converse com a realidade daquele local, daquela casa, daquela comunidade.

O exemplo que nos surge é o da Pastora Odja Barros, em Maceió (AL). Para começar a acolher pessoas LGBTI+ em sua

comunidade de fé, ela precisava - antes de mais nada - compreender o que esse acolhimento significava para suas irmãs e irmãos e que a aceitação para esse processo fosse construída, tijolo por tijolo, pelas mãos de cada uma delas e deles. Foi um processo longo, mas que, dentre os muitos desafios, culminou no surgimento da Aliança Batista do Brasil, que hoje conta com mais de duzentas igrejas em todo o território nacional que aceitam pessoas LGBTI+ e, além disso, promovem casamento entre elas. Quão fantástica é essa notícia? Esses processos comunitários revelam não apenas que há espaço para diálogo como a transformação nas igrejas, mas podem também impulsionar as transformações da criança ou do adolescente LGBTI+ que hoje sofre sozinha em seu quarto, para uma comunhão familiar na sala, ambiente comum, passível de acolhimento familiar, comunitário e social.

Seja para construir pontes (políticas públicas), seja para constituir diálogos do quarto para casa (cultura familiar e social), há ferramentas próprias e necessárias para a emancipação das crianças e adolescentes LGBTI+ que precisam escapar da violência e serem acolhidas antes, por suas famílias e, caso essa etapa falhe, pelo Estado.

Condições para alicerces sólidos

Quando falamos em direitos civis, cremos que nenhum passo à frente deve ser esquecido e todo passo para trás não pode ser tolerado. Essa deveria ser, ao nosso ver, a principal regra de toda transformação que envolve a vida das pessoas LGBTI+. Para isso, é preciso também que se estabeleça que cristãos são diversos e não apenas de um tipo, o reacionário. Que o Evangelho de Jesus usado para perseguir jovens e famílias LGBTI+ é também ferramenta para acolhê-las. É preciso disputar espaço, poder, fala e, claro, evidenciar que no campo cristão a diversidade de lutas que fomentam direito às mulheres, aos idosos e aos jovens são inúmeros e crescentes.

Caso contrário, estamos confirmando o discurso reacionário de que cristãos são “todos iguais”, ou seja, conservadores, ultrapassados, reacionários, preconceituosos. Se isso fosse verdade, não teríamos experiências concretas como as já conhecidas Comunidades Eclesiais de Base e as Pastorais da Terra. Sem falar em movimentos mais jovens como a Frente Evangélica Pela Legalização do Aborto (FEPLA), ou sua inspiração, as Católicas Pelo Direito de Decidir ou até mesmo da excelente iniciativa Evangélicxs Pela Diversidade. Apenas a existência desses grupos revela que há espaço não apenas para o diálogo, mas pela disputa concreta por acolhimento para inúmeros/as cristãos e cristãs que são acudados/as pelos valores morais que querem cercear seus direitos ao amor, a uma vida plena e digna de existência.

Ferramentas de comunicação que se propõem a falar da importância do acolhimento para pessoas LGBTI+ não podem, ao nosso ver, apagar a existência de lutas já realizadas, mas referenciá-las como um modelo de avanço. É preciso levar as boas novas: que a cada dia mais mães, pais, avós, tios, tias e tutores acolhem seus jovens LGBTI+; é preciso normalizar aquilo que querem invisibilizar, tratar como incomum. É preciso escancarar a diversidade das comunidades cristãs, dar ferramentas para que essas histórias sejam humanizadas, contadas, que sirvam de exemplo para aquela família que, mesmo com tantos receios, quer mais acolher do que rejeitar uma pessoa amada em nome de uma suposta fé que lhe foi imposta, ao invés de uma fé que lhe pode ser fortalecedora, dentro de casa e para sua comunidade.

É preciso criar locais de acolhimento virtual e físico para pais e mães que queiram dar esse primeiro passo, sem vergonha ou medo. São necessárias alianças estratégicas entre organizações do terceiro setor, empresas e poder público para garantir que Conselhos Tutelares, escolas públicas e privadas e empresas consigam acolher essas famílias em diálogo com

suas comunidades de fé. É essencial a formação de uma nova geração de lideranças religiosas capazes de enfrentar mudanças necessárias para que quartos se conectem com salas, que as salas se conectem com suas comunidades e que essas comunidades tenham a estrutura necessária para elevar pontes. Para essa infinidade de ações há, felizmente, inúmeros caminhos.

As ferramentas para construção

Por fim, precisamos elencar ferramentas táticas e estratégicas que ajudem nesse processo. A primeira delas, conforme enunciamos acima, é permitir que espaços para diálogos sobre acolhimento das pessoas LGBTI+ existam dentro das casas e das comunidades. Hoje, muitos pais, mães e tutores/as recorrem à internet para isso. Vão até os buscadores atrás de respostas que os ajudem a enfrentar esse momento cheio de incertezas. Para isso, é preciso ocupar a internet: criar sites, blogs e perfis em redes sociais que possam democratizar o acesso a uma leitura teológica mais receptiva à aceitação de filhos/as/es LGBTI+. E, para isso, histórias que mostrem que essa comunidade só cresce, existe em todos os cantos do Brasil e que há histórias de famílias que superaram as adversidades do preconceito e abraçaram o verdadeiro sentido do amor.

É preciso também formar as lideranças religiosas para esse diálogo. Precisamos, ao procurar o padre, pastor ou pastora local, ter um espaço para uma conversa que resgate os verdadeiros valores cristãos do amor e da solidariedade, e fazer isso é um trabalho que exige ânimo dos movimentos civis e das igrejas. É preciso pressão pública, mas também caminhos que deem aos cristãos o pontapé inicial para esse processo, como a formação de Ministérios voltados para a temática, o avanço da leitura popular e queer da Bíblia. É urgente que a sociedade civil se articule com afinco por meio de grupos, movimentos, associações para esse fim. Um bom exemplo nesse

sentido já existe para o acolhimento de mulheres em situação de vulnerabilidade: são as Promotoras Legais Populares, uma iniciativa que pode servir de inspiração para os movimentos LGBTI+ dentro das igrejas e comunidades de fé cristã.

Ressaltamos a importância da disputa narrativa, principalmente aquela que gera pressão política. As táticas possíveis são infinitas, mas algumas delas podem criar condições necessárias para virar o jogo em momentos de tentativas de retrocesso. Uma delas é conhecida popularmente como “follow the money”, ou seja, “seguir a grana”: evidenciar quais empresas e empresários financiam congressistas reacionários pode criar um custo altíssimo para algumas delas, gerando pressão suficiente para mudar até mesmo a cultura interna daquele lugar.

Boas práticas, como dar destaque a famílias comuns, de diferentes espectros políticos e sociais, mas que enfrentaram o desafio do moralismo conservador em prol de terem suas famílias unidas, pode ajudar a pressionar candidaturas sensíveis aos públicos cristãos. Práticas de mudanças legislativas em âmbito municipal, estadual ou federal podem dar destaque aos políticos que atuam em defesa das comunidades LGBTI+, inspirando novos movimentos de renovação.

O que é preciso, reforçamos, é que nenhum passo à frente jamais seja esquecido e que todo passo atrás seja não apenas cobrado, mas jamais pisado em falso.

Bruna Galvão é formada em Jornalismo, atualmente cursa Ciências Políticas e Sociais na FESP/SP. É cofundadora e diretora da Casa Galileia, uma iniciativa do Terceiro Setor que tem o objetivo de impulsionar projetos de enfrentamento ao fundamentalismo religioso nas mais diversas áreas, construindo apoio e fornecendo instrumentos e subsídios de atuação e incidência.

18.

Por pastorais para famílias de pessoas LGBTQIA+

por Julio Oliveira

E vi um novo céu e uma nova terra...

E Deus enxugará dos seus olhos todas as lágrimas...

O leão comerá palha com o boi,

O lobo habitará com o cordeiro,

As espadas serão transformadas em arados,

As lanças em tesouras de podar,

E os mansos e pobres herdarão a terra e verão a Deus...

Rubem Alves em Variações sobre a vida e a morte:

o feitiço erótico-herético da teologia

Não tenho dúvida alguma de que para o surgimento de uma sociedade onde as relações se tornem igualitárias, onde o respeito reine e a aceitação por quem outro é se estabeleça, um processo de “conversão” precisa se instalar na pessoa. E quando falo de conversão, refiro-me a mudança na forma de pensar, mudança de convicções. É ter a vida transformada a partir de uma nova compreensão daquilo que sempre foi verdade absoluta para nós. Nesse sentido, razão e emoções são fundamentais. Passando pela nossa escolha consciente de mudar, essa decisão escorre para o nosso coração e afeta e domina nossas emoções, levando-nos a uma profunda crise, removendo tudo aquilo que inviabiliza nos tornarmos mais sensíveis, humanos e acolhedores.

Vivi literalmente essa experiência na minha caminhada pastoral. Meu ministério pastoral se deu em sua totalidade quase todo nas favelas e periferias de São Gonçalo (RJ), en-

volvido com os dramas e as dores das pessoas dessas localidades. Foi inclusive nesses locais de atuação pastoral que percebi o abismo enorme que existe entre o que você estuda nos Seminários Teológicos e a prática pastoral. Chega a ser cruel quando uma resposta precisa ser dada a alguém que sofre, e todo o nosso arcabouço teológico trazido para conversa não funciona.

Certa vez, uma senhora chegou ao gabinete pastoral na favela onde eu era pastor, compartilhou o sofrimento de ter perdido o marido assassinado por ser traficante de drogas e naquele momento estava vendo os seus filhos no mesmo caminho. Lá pelas tantas, ela me faz a seguinte afirmação: “Pastor, por favor, me explique: tenho sido fiel a Deus minha vida toda, amo orar e servir à igreja. Por que o céu não se movimenta em minha direção?” Eu não tinha resposta para ela. Oramos, e quando ela saiu, entrei num pranto profundo e numa angústia que me consumia a alma. E comecei a entender que ser pastor de uma comunidade local ou na cidade é muito mais do que ser alguém que vai passar a vida reproduzindo um modelo e discurso que não faz e não dá sentido à vida das pessoas.

A pastoral que começa com a metamorfose do pastor

Derrubar as muralhas do egoísmo, criar um coração, trocar os motivos e os critérios do ser humano, trabalhar pelos outros com o mesmo interesse como se trabalhasse para si mesmo, despreocupar-se de si mesmo para preocupar-se com os demais, adquirir a capacidade de perdoar, compreender...

Tudo isso é tarefa de séculos e de milênios.

Essa é a grande revolução de Jesus Cristo.

Inácio de Larrañaga em O sentido da vida: orações e reflexões para cada dia

Com certeza, alguma coisa estava muito errada. Em meio a toda essa crise, recebo o convite para ser pastor de famílias

numa das maiores e mais respeitadas igrejas da cidade. O convite feito pelo pastor titular da igreja foi para ser Ministro de Famílias, o que significa liderar do berçário até as pessoas da “boa idade”. Também liderar e construir um programa ministerial para casais, homens, mulheres, adolescentes, jovens, solteiros e divorciados. Esse convite me foi feito com o seguinte desafio: aproximar mais a igreja da cidade, torná-la uma igreja mais missional e responder às grandes questões da cidade, deixando a igreja mais contextualizada e atualizada. Comecei a estudar, mergulhei na cidade e na igreja também, ouvindo pessoas de dentro da comunidade de fé e as de fora dela.

Atrai e construí dentro da igreja uma liderança fortíssima e qualificada, que me ajudou a construir um belo projeto ministerial que cabia bem para o contexto da igreja, muito eficiente. Porém, alguma coisa ainda faltava. Comecei a desenvolver um programa de aconselhamento pastoral, semanal para casais, famílias, pessoas que desejassem ser acompanhadas e ajudadas em suas questões e dores. Aí começaram os conflitos, questionamento e crises agudas. Quando você se permite ouvir as pessoas com honestidade e de coração totalmente aberto, sem franzir a testa, sem emitir julgamentos, quando você começa a aprender a ser um com os outros, permitindo que o rio do outro desague na sua vida, o seu olhar sobre os outros muda radicalmente.

Quando comecei a pregar com paixão, verdade e afetivamente no púlpito da igreja, as pessoas correram desesperadamente para esse lugar, que começaram a ter como refúgio e refrigerio - era isso o que muitos diziam. E os meus conflitos começaram porque percebi que o programa, por mais eficiente que fosse, não respondia às grandes questões, ao desespero por respostas que as pessoas entulhavam nos porões de suas almas. Comecei a perceber e sentir que estava envolvido num projeto de manutenção denominacional e promo-

ção de eventos, não havia sensibilidade, amor e compromisso com as dores de cada pessoa. A cada pessoa que eu atendia, minhas angústias só aumentavam. Passei, então, a sofrer cada dia mais. Que caminho fazer? Por onde começar? Que consequências eu e minha família sofreríamos por conta das escolhas que eu fizesse?

Rompimento e início de uma nova jornada

A distância que vai entre a janela e os meus olhos determina o que vejo lá fora na rua. Se vou à esquerda, enxergo a praça; se vou à direita, eu vejo a torre. Sou eu que determino que o que aparece lá fora na rua para servir de panorama aos meus olhos. Mas nem por isso é falso ou errado aquilo que vejo e descrevo, pois não sou eu que crio as coisas que aparecem lá fora. Já existiam antes de mim. Não dependem de mim. É útil e até necessário que cada um defina bem clara e honestamente aquilo que ele vê pela janela. Isso redundará em benefícios da análise que se faz da realidade e da vida.

O que me consola é que todos somos assim. Bem limitados e condicionados pelos próprios olhos, dependentes uns dos outros. É trocando as experiências, numa conversa franca e humilde, que nos ajudamos mutuamente a enxergar melhor as coisas que vemos, e a romper as barreiras que nos separam sem razão. Pois ninguém é dono da verdade. Interprete só.

Carlos Mesters em Por trás das palavras

Romper era a única possibilidade possível para aquele momento, não havia outra possibilidade depois de tudo que vivi. Como fazer isso, já que não era só uma questão de rompimento religioso, teológico, denominacional e geográfico? Era muito maior que isso. Era afetivo, era histórico, era o lugar onde eu tinha vivido toda a minha infância até chegar à vida adulta, agora casado, com dois filhos, mas eu precisava romper. Sistemas teológicos rígidos e cristalizados precisavam ser destronados. Sistemas que, ao invés de nos tornarem pessoas melhores, vão nos coisificando, arrancando a nossa humanidade e fazendo com que a gente se torne tudo, menos gente

de Jesus no mundo. Precisei que “cabos de aço” religiosos que amarravam meu coração e me aprisionavam a alma fossem cortados. E esses cortes foram feitos com muitas lágrimas e dores absurdas, dores que me atravessam até hoje por ser uma pessoa em transformação.

Rompimentos feitos, chegou a hora de encarar os desafios e perder os medos de lidar e dar respostas para questões tão complexas que atravessaram as minhas vivências pastorais. E vencer esses medos passava por ressignificar a minha espiritualidade, e ressignificar tinha a ver com entender que não cabia mais uma espiritualidade que não aceitasse a diversidade na cidade e, por consequência, nas igrejas. Que as pessoas LGBTQIA+ tenham direito de exercer sua fé e expressar a sua espiritualidade sem culpa e sem medo! Claro que uma coisa é compreender a urgência disso; outra coisa é na dinâmica do dia a dia isso acontecer. Então comecei a minha jornada com esses irmãos e irmãs transitando nos territórios onde eles estavam, e me colocando à disposição para ouvi-los em suas dores e sofrimentos.

Ainda sob muita desconfiança por conta de ser pastor e a igreja carregar um justíssimo estigma de ser homofóbica, fundamentalista e intolerante. Acredito muito nas relações e tive o privilégio de ter na minha Comunidade de fé uma pessoa que foi responsável direta por me apresentar a uma das pessoas mais importantes nessa minha jornada com a população LGBTQIA+: Júnior Braga, então coordenador do Centro de Referência LGBTQIA+ da minha cidade. Ele tinha se queixado com a Thayná com muita tristeza, que não “existia mais lugar seguro para os LGBTs na cidade” e ela perguntou a razão dessa afirmação.

Ele contou o seguinte fato: “Um homem com uma van passou cinco vezes com o carro por cima de um travesti aqui num bairro da cidade.” Ela respondeu: “Você não conhece nem o meu pastor e nem a minha igreja”. Marcamos um encontro, daí fui conduzido pelo Júnior para dentro de todos

os coletivos LGBTQIA+ da cidade. Durante dois anos, vivendo debaixo de muita desconfiança, hoje sou profundamente respeitado por eles. Nesses coletivos, descobri que a maioria das pessoas LGBT foi membro de igrejas evangélicas ou católicas, ou filhos de missionários, pastores. Fiquei profundamente assustado e triste, mas ao mesmo tempo me senti desafiado a construir uma caminhada de cuidado para com essas pessoas e as suas famílias e igrejas.

Três questões muito sérias me chamaram a atenção com relação às pessoas LGBT, famílias e igreja: 1) é muito sofrimento para a pessoa que assume a sua orientação sexual; 2) é confuso e sofrido para família; 3) e para a igreja, é extremamente desafiador e complexo.

Entendi que embora vivamos num contexto de violência contra as pessoas LGBT, de rejeição, de dores e sofrimentos deflagrados pelas famílias e igrejas, preciso assumir que não é um processo fácil para ninguém. Temos de construir um caminho teológico e afetivo que seja efetivo, que combata com firmeza essa “teologia que desumaniza os LGBT” e os lança num lugar de fogo e sofrimento. Uma teologia que, com urgência, sabedoria e uma espiritualidade transformadora, ajude esses três poderosos eixos da existência humana a se transformarem: pessoalidade, familiaridade e comunidade. Seria destronada, assim, a construção de um Deus que ama mais a uns do que a outros.

Acolhimento e convivência

**Alguns de nós têm supostas leituras muito
claras sobre quem o outro é.
Tudo isso muda a partir do momento em que
você ouve a história do outro.**

Pr. Mauro Israel Moreira

Quando me refiro a acolhimento, penso na pessoa chegando com tudo o que tem e tudo o que é, e com ela construir uma

jornada de cuidado e crescimento. Quando as pessoas e suas famílias chegam a nossas igrejas, o grande desafio é o acolhimento. Algumas chegam muito arredias, irritadas, desconfiadas. Deixá-las, ao seu tempo, abrir o coração é o grande desafio para nós, pastores e líderes. Somos afoitos quando vemos alguém em lágrimas ou distantes. Ou o contrário também é verdade, pois podemos ser insensíveis, sem empatia. Acolher para mim tem a ver com ter discernimento para entender quando o outro se abriu para a nossa intervenção amorosa e calorosa. Acolhimento tem a ver com a capacidade de escuta, escutar o outro a ponto de se permitir ser julgado por ele.

Fizemos parte, a vida toda, de um movimento religioso que, em sua essência, sempre foi excludente e homofóbico. Quando o outro se aproxima da gente desconfiado e julgando, precisamos permitir e acolher esse juízo. A única forma de reverter essa desconfiança e esse juízo é, em cada encontro, olhar nos olhos dessas pessoas e de suas famílias e pedir perdão pela nossa violência e homofobia histórica e continuada. E esse acolhimento/convivência vai, aos poucos, com muita sensibilidade e respeito à dor das pessoas, fazendo com que elas nos autorizem a entrar nas suas vidas, ajudando-as a entrar numa jornada de cuidado e cura.

Histórias e vivências que apontam caminhos

Recebi um telefonema da Thalya Carvalho, uma das mulheres trans mais inteligentes e amorosas que conheci na vida. Tornamo-nos grandes amigos e juntos temos uma rede de cuidados com as pessoas trans. Um dia à tarde, ela me ligou e pediu para assistir com uma cesta básica uma outra mulher trans que estava precisando muito de ajuda. E aí ela me disse o seguinte: “Pastor querido, você pode conversar um pouquinho com ela sobre espiritualidade? Ela tá precisando de ajuda e ser ouvida”. Respondi que sim e imediatamente fui para

o espaço onde nossa igreja se reunia para assistir a Gisella.

Ao chegar, encontrei uma pessoa muito assustada por estar de pé em frente ao espaço na rua principal do bairro. Em um período de cinco minutos que levei para chegar, um carro parou perto dela e ela sofreu transfobia daqueles homens. Antes da entrega da cesta, ela me perguntou: “Podemos falar um pouquinho sobre espiritualidade?” “Sim, podemos”, respondi. E ela me relatou que desde criança frequentava a Assembleia de Deus, igreja dos seus pais; que ela gostaria muito de voltar a frequentar e a congregar. Era a igreja de sua vida toda, inclusive seus pais e irmãos ainda estão lá.

Um dia da semana ela decidiu ir a um culto nessa igreja da sua infância. Ela achava que seria acolhida da mesma forma como tinha sido por muitos anos quando sua aparência era outra, seu corpo era outro, suas roupas eram outras. Ela chegou à igreja, assistiu ao culto todo, igreja cheia. No final do encontro, foi arrastada pelos cabelos até a frente para receber libertação do demônio da homossexualidade que a possuía. Foi muito machucada naquele dia, por dentro e por fora. Mas esse relato não termina aí. Lá pelas tantas, em lágrimas, ela resolveu perguntar ao pastor porque ele estava fazendo aquilo com ela. E ele respondeu imediatamente: “Porque você é o lixo do lixo, é o resto do que de pior existe!” Eu nem me lembro do tanto que essa história mexeu comigo e do tanto que chorei. Não podíamos nos abraçar, era o tempo mais duro da pandemia. Ela disparou uma série de perguntas: “Deus não me acolhe? Não posso expressar minha espiritualidade? Não posso orar? Minhas orações serão respondidas, já que estou no pecado? Jesus me acolhe? A igreja é lugar pra mim?”

É de dilacerar o coração ouvir um relato desse de uma pessoa que ama Jesus de todo coração, se identifica como crente pentecostal e é de uma doçura que encanta. Antes de desdobrar as perguntas dela, as igrejas pentecostais clássicas, neopentecostais e do protestantismo histórico, têm as suas maneiras próprias de agir com a população LGBTQIA+. Vou

apontar algumas poucas aqui. Algumas, como a do relato, são agressivas e entendem a orientação sexual dessas pessoas com um demônio que tem de ser expulso. Outras entendem que é um desvio no comportamento e que a terapia reverte a situação. Outras que toda pessoa que é LGBT sofreu abuso na infância, portanto tem de passar por um processo de cura. Existem também as que agem com cinismo, fingindo que acolhem e usam os talentos, os dons, capacidades intelectuais e financeira das pessoas. Há as que deixam claro que as pessoas podem ficar desde que nunca saiam do armário.

Refletindo sobre as perguntas de Gisella, respondo: claro que Deus acolhe pessoas para além da sua orientação sexual ou identidade de gênero. Deus se permite ser assumido por aqueles que estão em busca da vida. Ele é um amante possessivo, ama os seres humanos e os acolhe em seu colo sem fazer classificação alguma. Quanto a expressar a espiritualidade, talvez seja esse um dos grandes desafios para a população LGBTQIA+. Muitos querem expressar sua espiritualidade nos ambientes evangélicos onde nasceram, se converteram, onde estão suas famílias ou porque seus amigos de infância estão lá. Entretanto, acabam passando por muitos sofrimentos, pois muitos desses espaços não acolhem a orientação sexual ou identidade de gênero assumida, e essa pessoa passa a ser encarada não só como uma pecadora, mas uma estranha.

A oração se tornou um instrumento de manipulação daqueles que pregam um evangelho doentio e distante de Jesus. Em muitos desses espaços, o que se ensina é que Deus só ouve crentes, nas igrejas, ou que tenham um tipo específico de comportamento. Ledo engano. Deus é encontro, oração é encontrar-se com aquele que tudo quer é estar com a gente. Oração é antes de tudo amizade com aquele que nos assume como seus filhos e filhas. Pois é ele quem diz: “Chegai-vos a mim e eu me achegarei a vós”. Deus é uma presença amorosa e amiga, todos nós podemos nos achegar a ele.

Quanto a estar em uma igreja, é sim um lugar para todes, só precisamos achar o lugar. Nem todos os espaços chamados de igreja, são lugares seguros para população LGBTQIA+, são poucos os lugares que acolhem e estabelecem relação de igualdade com essas pessoas tão queridas. Mas igreja é esse lugar sim para todas as pessoas que querem viver uma experiência de cuidado e comunhão.

Para se pensar em uma pastoral

Como disse no início do meu texto, é um tema difícil para a pessoa, a família e a igreja. Então, a construção de uma pastoral, ou talvez pastorais seja melhor, passa por olhar seriamente para estes três eixos: A PESSOA, A FAMÍLIA E A IGREJA.

Uma pastoral com as pessoas LGBT passa primeiro por saber em qual estado ela se encontra. Para isso, faz-se necessário desenvolver uma jornada com ela, na qual ela nos fale sobre o que, na construção de um caminho de cuidado, seria mais importante para ela. Se seria o cuidado pessoal, emocional ou espiritual, por exemplo. Deixe a pessoa nos ajudar a traçar essa caminhada com ela. Claro que sei que algumas pessoas vão ter de sair de seus contextos familiares, casa e igreja com urgência e muitas já estão nas ruas e precisam ser abrigadas e acolhidas. Então, providenciar gente que ouça essas pessoas e transmita segurança é fundamental.

Na maioria das vezes, é necessário o cuidado integral, tamanho o nível de precariedade que essas pessoas passam a viver após assumirem sua orientação sexual ou identidade de gênero diferente da norma. Tenho lidado com todo o tipo de doenças trazidas em seus corpos por essas pessoas, mas confesso: nada suplanta a rejeição dos pais e familiares, esse é o golpe mais duro. Então, um espaço seguro, com gente que tenha uma escuta sensível e transmita segurança, é fundamental.

Pais criam os filhos e constroem eles mesmos uma vida à sua maneira para seus filhos. Muitos criam um padrão linear de existência para seus filhos, como se isso fosse possível.

Uma vida sem problemas, sem percalços, sempre sob o cuidado dos pais, ou construindo a vida do jeitinho que eles acham que tem de ser. Até que o inesperado acontece, o filho se torna uma pessoa que ele não esperava. Em muitos casos, os pais entram em profundo desespero e vergonha, e alguns acabam tendo reações das mais absurdas com seus filhos e filhas. Não dá para tratar essa questão como sendo fácil para a família, porque não é. É difícil, duro e machuca muito. No caso dos pais, poucos são os que acolhem seus filhos e passam a ter, em sua maioria, reações muito violentas.

Lembro-me de uma vez que acolhi em minha Comunidade de Fé os pais evangélicos de uma jovem lésbica. O pai era diácono de uma Igreja Batista, e eram muito intransigentes. Quando ela assumiu a sua orientação sexual e disse ao pai “gostar de mulheres”, os pais, e principalmente o pai, disparou um arsenal de violência contra essa filha de apenas 18 anos. Desde a violência física até a financeira, deixando-a, inclusive, sem comer em casa. Houve violência patrimonial, pois ele ameaçou não pagar mais a faculdade da filha, então estudante de Direito. E começou a cercear todas as pessoas que, de alguma forma, se relacionavam com sua filha.

Por três vezes ele foi ao portão da minha casa para me ameaçar e dizer que eu estava ensinando heresias para sua filha. Foi um tempo muito difícil, porque eu precisava ter sensibilidade e sabedoria para discernir a dor do pai que não sabia lidar com a notícia que tinha recebido, já que ele tinha toda uma trajetória de vida traçada para ela. Mas, também, eu tinha que ficar atento ao indivíduo abusivo, homofóbico e violento. E para muitos de nós, este é o grande desafio: quando intervir? Como estabelecer o limite entre a dor, a confusão, a decepção, o medo e a violência contra a pessoa?

Nesse caso especificamente, tive de intervir diversas vezes, porque esse pai se tornou muito abusivo e violento com a sua filha. Muitas vezes, ela me ligou chorando, dizendo-me que ele tinha dado joelhada nas costelas, tapas no rosto. Muitas

vezes, pela madrugada, seu quarto era invadido por “irmãos e irmãs de oração que vinham para expulsar o demônio da prostituição”. Em um episódio, ele arrancou páginas da Bíblia, especificamente a parte em que diz que “macho e fêmea os criou”, e enfiou garganta abaixo dela, causando um enorme sofrimento e machucando muito sua boca e rosto.

Por último, quando ela tentou tirar a sua vida mais de quatro vezes, ainda que com um pouco de resistência dela por ele ser seu pai, eu fiz uma intervenção radical. Disse para ele que ia denunciá-lo se essa menina tirasse a vida, se ela continuasse a sofrer violências. Tivemos uma conversa muito séria. Ele me disse que continuaria a orar pela mudança de “comportamento e confusão mental” que, segundo ele, a sua filha vivia. Eu disse que ele poderia continuar desde que a respeitasse e não a ferisse emocional e fisicamente. Se ele assim o fizesse, eu seria o primeiro a denunciar e retirá-la de sua casa. Confrontar esse pai com firmeza, mesmo entendendo a sua dor, foi fundamental para que ela percebesse que não estava só, que tinha cuidado e amparo. Hoje ela está bem, se formando em Direito e vivendo sua vida feliz.

Julio Oliveira é teólogo formado no seminário batista do Rio de Janeiro, com mais de 40 anos de experiência como pastor, tendo liderado grandes igrejas no Rio de Janeiro filiadas à Convenção Batista Brasileira, inclusive sendo líder de comissões institucionais da denominação. Nos últimos 15 anos, dedica-se ao trabalho voltado para a cidade, em uma comunidade batista, desenvolvendo uma forte ação de acolhimento, cuidado e proteção da comunidade LGBTI+ na cidade.

19.

O clamor das vozes LGBTQIA+ que se erguem na Igreja

por Cris Serra

Cheguei ao Diversidade Católica, coletivo leigo de católicos LGBTQIA+ do Rio de Janeiro, em dezembro de 2008, pouco mais de um ano depois do surgimento do grupo – o primeiro criado na América Latina. No momento em que escrevo, estou há treze anos engajada no trabalho conjunto, com minhas companheiras e companheiros de caminhada, para que a Igreja, da qual somos filhas e filhos, possa se tornar um espaço seguro para nós, pessoas dissidentes das normas sexuais e de gênero. Mais: trabalhamos para que a Igreja de Cristo venha efetivamente a ser uma comunidade de amor também para nós. Uma comunidade que não só nos acolha com alegria como também, com alegria, celebre a diversidade como a dádiva preciosa e imprescindível que é.

Trabalhamos – eu e minhas irmãs e irmãos LGBTQIA+ que há pelo menos cinco décadas nos organizamos em coletivos leigos por todo o mundo, dentro das mais diversas denominações cristãs⁶⁰ – para construir uma Igreja empenhada no seguimento de Cristo – e que, como tal, possa colaborar para a construção de um mundo onde haja justiça e lugar para todas e todos nós. Em nossa caminhada, temos sido al-

60 SERRA, Cris. Diversity as a gift: LGBTQIA+ Roman Catholic organizations in twenty-first-century Brazil. *International Journal of Latin American Religions*, v. 1, p. 1-33, 2021.

vos de toda sorte de violências. De fato, no tocante à diversidade sexual e de gênero, é preciso reconhecer e denunciar a violência vigente na sociedade em geral e como esta se reflete e se traduz nas diferentes instituições e ambientes religiosos. É preciso reconhecer o modo como elementos religiosos são usados não só para condenar a diversidade sexual e de gênero como para justificar e promover formas de violência física e psicológica contra dissidentes das normas de gênero e sexualidade. Essas violências incluem prescrições doutrinárias de privação afetivo-sexual e a interdição de expressões de gênero dissidentes das normas e estereótipos vigentes.

A primeira dessas violências, porém, é uma crença que assume as mais diversas formas e é justificada e legitimada com as mais variadas racionalizações, dentro e fora das igrejas. Trata-se da crença, arraigada e disseminada, de que precisamos escolher entre as pessoas que somos e o Deus que conhecemos; entre nossos corpos e nossa experiência do divino, e nosso senso de sagrado; entre nossas afetividades, nossas sexualidades, nossas expressões de gênero e nossa fé, nossas comunidades, nossas famílias, nossas igrejas. Essa crença é a violência primeira, e dessa perversa violência primeira deriva uma miríade de outras.

Nesse contexto, além da violência psicológica e, não raro, física das tentativas de “exorcismo”, das orações de “cura e libertação”, das “terapias de reversão”, há a violência do estigma, que leva à vergonha, ao medo, à culpa, ao silenciamento e à invisibilização. O fantasma do “pecado” ou o temor de ser uma “abominação” acompanham a pessoa mesmo quando ela já foi expulsa ou se autoexilou de sua comunidade de origem, de sua família, das referências religiosas, dos símbolos sagrados e da experiência de fé em que foi socializada. Em diferentes medidas, a pessoa muitas vezes é convencida de que carrega algo tão maligno que se crê indigna do amor de Deus – e, de resto, de qualquer forma de amor. Crendo-se con-

denada à danação eterna, na tentativa de se salvar, deixa-se submeter – ou se submete espontaneamente – a todo tipo de mutilações, do corpo e da alma, chegando não raro ao suicídio.⁶¹

Essas violências de diferentes tipos – físicas, emocionais e espirituais – tendem a acontecer, e mesmo começar, dentro de casa. Em uma sociedade em que experiências e expressões de gênero e sexualidade são fortemente normatizadas, também a família (e não somente seus membros individuais) precisa estar em conformidade com as normas. Para tanto, ela acaba desempenhando um papel central na reprodução de modelos e normas pelas novas gerações. Afinal, o surgimento de dissidências é facilmente interpretado como sinal de uma “falha” no cumprimento desse “dever” de forjar indivíduos devidamente dentro das normas; e, como “falha” da família, precisa ser “corrigido”. Nesse contexto, facilmente se estabelece uma dinâmica de vigilância interna e punição que mergulha toda a estrutura familiar na violenta lógica disciplinar: ao vigiar seus membros, a família vigia a si mesma. Disciplinar seus membros é disciplinar a si mesma.

Para estar “dentro das normas”, a comunidade precisa se manter à prova de falhas, livre de “erros”. Nesse contexto, dissidentes constituem os “bodes expiatórios” ideais, já que encarnam o elemento visível cuja correção (ou eliminação) assegura que o “erro” foi corrigido (ou extirpado) e a coletividade está “limpa” outra vez⁶². Assim se entende como, por mecanismos análogos, a lógica disciplinar violenta tende a se repetir na comunidade imediata no entorno da família, especialmente quando a família está integrada a uma comunidade.

61 Uma série de exemplos de violências psicológicas e físicas perpetradas por atores identificados como religiosos ou em linguagem religiosa pode ser encontrada em Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs, publicação do Conselho Federal de Psicologia (2019).

62 ALISON, James. Fé além do ressentimento: fragmentos católicos em voz gay. São Paulo: É Realizações, 2010.

de de fé. Isso, com frequência, faz dos espaços sociais mais próximos e mais íntimos de crianças e jovens – sua família, sua igreja, sua escola – os lugares primeiros da violência para as pessoas dissidentes das normas sexuais e de gênero. Tragicamente, esses são os espaços supostamente os mais seguros. Com um agravante: aqui, como mostra Gibbs⁶³, a fé e a dimensão espiritual-religiosa – que tendem a ser pontos de apoio e sustentação cruciais no enfrentamento e travessia de outras experiências de violência e sofrimento – não raro se tornam mais uma fonte de sofrimento.

Contudo, é preciso cuidado para que a denúncia (imprescindível) da violência religiosa contra a diversidade sexual e de gênero não seja posta em termos que acabem por reforçar a percepção de que diversidade sexual e de gênero e religião, especialmente cristianismo, são antagônicas e inconciliáveis. Manter essa dicotomia apenas perpetua o uso político de elementos religiosos contra as pessoas dissidentes das normas de gênero e sexualidade e acaba perpetuando exatamente a violência que é nosso objetivo combater⁶⁴. A violência, o apagamento, a invisibilização e o expurgo dos corpos dissidentes nas igrejas existem. Porém, eles contam apenas uma parte da história, não a história toda. Na realidade, o campo religioso não é monolítico nem estanque. As comunidades de fé e instituições religiosas são heterogêneas, e nelas se abrem brechas e espaços para uma multiplicidade de representações e atitudes – inclusive de diálogo, respeito e acolhimento. Em diferentes medidas, a diversidade sexual e de gênero se integra ao tecido dos ambientes eclesiais e neles vai construindo legitimidades.

63 GIBBS, Jeremy. Religious Conflict, Sexual Identity, and Suicidal Behaviors among LGBT Young Adults. *Arch Suicide Res.* 2015 Oct-Dec; 19(4): 472–488.

64 VAGGIONE, Juan Marco. La politización de la sexualidad y los sentidos de lo religioso. *Sociedad y Religión*, no 42, Vol XXIV, 2014, pp. 209-226.

Um dos argumentos usados para expurgar das igrejas as pessoas dissidentes das normas sexuais e de gênero vigentes é justamente a (falsa) premissa de que a diversidade sexual e de gênero “não existe” nas igrejas. “Se” existir, segundo esse raciocínio, será um elemento alienígena, resultado de uma invasão, uma contaminação, e sua eliminação é justificada. Não há lugar para ela. Nesse contexto, visibilizar e reconhecer a pluralidade de “corpos estranhos” dentro das igrejas – desfazendo a ilusão de homogeneidade e revelando a enorme diversidade dos ambientes eclesiais – é fundamental.

De fato, cristãos e cristãs são também pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexo – e acrescenta-se aqui quaisquer outras dissidências das normas e quaisquer outras identidades que venham a se constituir e se consolidar socialmente. Mais que isso: pessoas cristãs são também pais e mães, irmãos e irmãs, filhos, primos, sobrinhos, amigos, amigas, vizinhos, conhecidos de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexo e toda sorte de dissidentes das normas. Como em todas as dimensões da vida, pessoas cristãs são chamadas a experimentar e refletir, de maneira sistemática ou não, sobre identidades, sexualidades, orientações sexuais, experiências de gênero, desde suas próprias vivências e concepções religiosas. Do mesmo modo, examinam suas vivências e concepções religiosas também desde suas próprias identidades, sexualidades, orientações sexuais, experiências de gênero, e daquelas que testemunham ao seu redor – especialmente nas suas redes de afetos, em suas relações mais próximas e íntimas.

Assim, as pessoas de fé se dedicam às suas próprias elaborações teológicas, em diálogo com suas experiências de vida e do sagrado, em suas múltiplas dimensões. Essa teologia encarnada no cotidiano, que facilmente passa despercebida, inclui – como não poderia deixar de ser – as experiências de sexualidade e gênero de maneira geral; as dissidências, em

todas as medidas, e a diversidade sexual e de gênero em particular. Esse diálogo constante se dá em diversos planos: em orações e elaborações pessoais e comunitárias; em atividades paroquiais; nas pastorais da família, da juventude e outras; nas escolas bíblicas dominicais; nos seminários e outras esferas de formação de religiosos; nas instituições de ensino cristãs; e assim por diante. São elaborações muito mais ricas, matizadas e multifacetadas do que a ênfase que certas pessoas dão à univocidade, à unidirecionalidade e à ortodoxia das doutrinas cristãs e dos discursos oficiais das autoridades eclesiásticas pode nos levar a crer. Assim, para além das doutrinas e dos discursos normatizadores sobre sexualidade e gênero nos cristianismos, existe uma multiplicidade de concepções e atitudes diversas que atravessam desde as experiências mais cotidianas da vida individual e em comunidade até as abstrações teológicas mais sofisticadas.

Sobretudo, existe uma pluralidade de corpos e experiências de gênero e sexualidade possível, uma pluralidade criativa e humana que é irredutível às expectativas e ideais de qualquer norma. Porque ninguém é a encarnação última dos estereótipos de gênero e sexualidade da norma binária cis-heterossexual. Na vida real, esses estereótipos, expectativas e ideais não existem. Em última instância, somos todas pessoas dissidentes, em algum grau. Para que a norma seja eficaz, porém, é preciso fazer crer que ela é inquebrantável e absoluta. Dentro dos seus limites, não pode haver matizes nem fissuras; fora dos seus limites, não pode existir nada. Para que a norma seja eficaz, é preciso fazer crer que a dissidência é inviável.

Justamente aí reside a potência política, para as igrejas e para o mundo em que elas se inserem, da diversidade anunciada desde dentro do campo cristão. A potência política de uma pluralidade de vozes que se erguem para denunciar um cristianismo posto a serviço de projetos de morte, violência e opressão e anunciar cristanismos emancipadores, que sub-

vertem hierarquias e projetos de dominação e se colocam a serviço da justiça e da vida. Vozes que tomam a palavra desde corpos concretos, desde onde se situam no mundo, para dar testemunho de outras experiências de sagrado, de outras imagens de Deus, de um Deus infinito que se multiplica em possibilidades de existência a perder de vista, inclusive contraditórias. Vozes que revelam um Deus que se encarna e santifica, como lugares de encontro com o sagrado, todos os corpos existentes e ainda aqueles por existir. Todos os corpos imagináveis, inclusive e sobretudo os dissidentes; inclusive e sobretudo os marginalizados; inclusive e sobretudo os vulneráveis; inclusive e sobretudo os violentados. E, especialmente, aqueles feridos por serem quem são, e por estarem onde estão – seja em suas famílias, seja em suas igrejas.

Mais do que resgatar o potencial consolador da fé como fonte de esperança pessoal e renovadora dos horizontes de sentido individuais, portanto, afirmar a fé, a experiência de sagrado e a vivência partilhada da fé em comunidade das pessoas LGBTQIA+ tem um profundo impacto político. Porque reafirma a liberdade religiosa e o direito humano das pessoas LGBTQIA+ ao sagrado em todas as suas formas e expressões, inclusive cristã. Porque introduz, desde dentro dos cristianismos, novas narrativas sobre o que significa ser cristão e o que significa ser igreja – num momento crucial em que o estreitamento dos horizontes narrativos sobre os cristianismos tem sido uma peça-chave para a legitimação de projetos totalitários e violentos de sociedade e de poder. Porque a saída do armário das pessoas LGBTQIA+ em suas famílias e suas igrejas tem o efeito de tirar essas mesmas famílias e igrejas do armário das normas e revelar a diversidade e a dissidência que fervilham nas frestas e fertilizam com humanidade renovada o que a obsessão pelas normas desencarnadas resseca, esvazia e atrofia.

O trabalho começa dentro de casa. É preciso ouvir as pessoas LGBTQIA+ dentro das igrejas. Somos multidão. É preciso

que nossas vozes sejam ouvidas. Estamos tomando a palavra, e estamos falando. Estamos dando nosso testemunho, compartilhando nossas experiências de fé, de sagrado e de vida cristã. Estamos cumprindo nosso papel profético de denunciar violências e injustiças e anunciar a Boa Nova da diversidade. Só ouvindo nossas histórias será possível descolar de nós os mitos, os preconceitos, os estereótipos – tudo aquilo que se fala sobre “eles”, os dissidentes, e por “eles”, os dissidentes, e que legitima e justifica a nossa exclusão e toda sorte de violências. Só assim deixaremos de ser “eles”. Precisamos ser “nós”, e falar em nosso próprio nome, para que nossa dignidade humana seja resgatada e a sacralidade das nossas vidas e dos nossos corpos seja celebrada.

Estamos aqui. Estamos falando. Este é o nosso clamor. Ouçam.

Cris Serra é psicóloga, mestre e doutoranda em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da UERJ, com pesquisa sobre gênero e religião – atualmente com foco nos movimentos de feministas cristãs e cristãos LGBTQIA+ no Brasil. É autora do livro Vimos pra comungar: os grupos de católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na Igreja (Metanoia Editora, 2019), fruto de sua pesquisa de mestrado, e colaboradora do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ) e do Eixo Laicidade da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CDH/CRP-RJ). Ativista do movimento brasileiro de LGBTQIA+ católicas desde 2008, integrou a equipe de coordenação 2018-2021 da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT e está na coordenação da Global Network of Rainbow Catholics (GNRC) desde dezembro de 2020. É ativista de Católicas pelo Direito de Decidir.

20.

O Deus que afirma e celebra *por Odja Barros e Bob Luiz Botelho*

Ao longo da história do cristianismo, a leitura bíblica tem sido muito dura e opressora com relação às pessoas LGBTI+. A exegese⁶⁵ e a hermenêutica⁶⁶ foram usadas como instrumento de violência e discriminação entre a comunidade cristã e a comunidade LGBTI+, e isso gerou uma série de rupturas e traumas, encorajando pais e mães a terem posturas de rejeição e agressão com suas filhas e filhos.

Este artigo é um trabalho construído com foco no processo de aceitação de pais, mães e pessoas cuidadoras de pessoas LGBTI+, o qual tem sido desenvolvido, principalmente, a partir do trabalho da Pastora, Professora e Doutora em Teologia Odja Barros, que publicou um artigo⁶⁷ que abriu caminhos para esse debate na Consulta Teológica da Fraternidade

65 Exegese é o nome que se dá ao estudo minucioso de um texto/manuscrito com o intuito de extrair o máximo de informações referentes ao seu contexto e possibilidades de interpretação das palavras em seus sentidos originais, no esforço máximo de preservar uma ideia que reflita as intenções do escrito à sua época.

66 A hermenêutica bíblica diz respeito à forma pela qual as Sagradas Escrituras são interpretadas.

67 BARROS, Odja. Novas fronteiras: ética, gênero e sexualidade. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de; FAJARDO, Alexandre. *FTL 45 anos e as fronteiras teológicas na contemporaneidade: consulta continental 2015*. São Paulo: Garimpo Editorial, 2015. p. 81-100.

Teológica Latino-Americana de 2015. O que foi produzido lá, e que aqui reproduzimos em parte, propõe uma narrativa afirmativa sobre a diversidade, proclamando que pessoas com gênero e/ou sexualidade diversas são expressões do caráter criativo da Trindade⁶⁸ e que isso, mais do que algo que deva ser tolerado ou acolhido, passa a ser algo que pode ser celebrado pela igreja.

A partir da construção deste trabalho corajoso da Pastora Odja Barros, cuja presença será evidenciada através de recortes literais de parágrafos por ela digitados, nossa intenção é direcionar seus escritos para as pastorais e atendimentos que prestamos a familiares que chegam em nossas demandas pastorais quando o assunto é aceitar uma pessoa LGBTI+ na família.

É urgente promover leituras bíblicas que combatam a violência e convidem a igreja para uma reflexão de que, quando Deus olha para os corpos LGBTI+, sua reação é “viu Deus que isso era muito bom”. Só podemos escrever as linhas a seguir porque muitas pessoas abriram caminhos que tornam esse debate, essa profundidade e esse foco possíveis. Queremos aqui, além de homenagear a Pastora Dra. Odja Barros, mostrar frutos de seu trabalho e manifestar publicamente nossa vocação e chamado, que é uma continuação do legado que ela e seu marido, Pastor Wellington, começaram.

A discussão que teremos a seguir parece difícil como quem fala das composições químicas próprias de quem estuda pedologia (estudo dos solos). Em algum momento, pareceremos falando com quem fala sobre química orgânica dos solos, mas é importante saber que tudo isso é necessário para que então possamos falar sobre como arar, adubar e tratar esse solo da melhor forma.

68 A Trindade é uma categoria da Teologia Cristã que atribui o conceito de um único Deus que é uno em essência e trino em pessoa, trazendo as concepções clássicas do Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

Mas, e a Bíblia?

O fazer teológico a respeito do capítulo primeiro do livro de Gênesis se debruça em uma diversidade de debates a respeito de sua origem, sua essência, seu caráter textual, entre outras conversas possíveis. O relato da criação acumula polêmicas e discussões intermináveis que permeiam desde a tradução do hebraico até se o autor se propunha a escrever um relato literal, um mito ou um texto de caráter poético. Independente da perspectiva a ser adotada sobre este texto, o capítulo primeiro de Gênesis conta, dentre outras coisas, sobre o momento em que Deus decide fazer existir a humanidade. Para isso, estabelece uma conversa que é partilhada entre todas as pessoas da divindade naquele momento, qual se decide usar como referência à própria imagem.

Então disse Deus: 'Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre os pequenos animais que se movem rente ao chão'. Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

Gênesis 1, 26 e 27 (versão NVI)

Olhar para a natureza humana como um reflexo da imagem de Deus na Terra é assumir que o que melhor expressa a imagem de Deus é a diversidade. São diversas formas de existir na Terra como ser humano e em todas elas é possível perceber que Deus está decidindo refletir sua imagem e semelhança. Muitas podem ser as perguntas sobre qual é a imagem de Deus ou então quem é que melhor representa a imagem de Deus na Terra, mas a resposta sempre vai compreender um espectro amplo e diverso.

Na verdade, a decisão de Deus ao expressar sua imagem e semelhança na humanidade é exatamente demonstrar para nós que a Sua Glória é tão grande, ampla, criativa e imensu-

rável, que ao longo de toda a história da humanidade nunca houve dois corpos que fossem plenamente iguais, nem no caso de gêmeos univitelinos. A imagem de Deus percorre a diversidade encontrada em cada rosto, cada identidade, cada pessoa que passou por esta Terra com sua singularidade.

Corpos negros, amarelos, latinos, brancos; olhos castanhos, azuis, cor-de-mel, com contornos puxados ou arredondados; lábios grossos, finos, avermelhados ou mais claros; cabelos crespos, ondulados, lisos, curtos, grossos, pretos, ruivos, loiros, brancos. Só é possível perceber a expressão da imagem de Deus na Terra, independente da teologia que se possua e desenvolva, se percebermos que Deus é, em essência, muito mais do que qualquer um de nós possa compreender.

Encaminhando a leitura deste texto para uma compreensão mais poética e fenomenológica, encontraremos nessa pericope uma possibilidade de ver a imagem de Deus como algo que vai muito além do fenótipo e do estereótipo físico. A estética que Deus enuncia como “muito bom” após se comparar com o ser humano criado não diz respeito apenas aos detalhes de silhueta, curvas e nuances de pele. A imagem de Deus também se revela na diversidade de personalidades, de maneiras de existir e isso é o que Ele vê e considera muito bom.

Em uma perspectiva fenomenológica, é possível afirmar que Deus decide expressar Sua imagem nas múltiplas existências e maneiras de existir que o ser humano desenvolve. Os mais profundos e singelos detalhes da existência humana, sejam detalhes físicos, emocionais, de personalidade, são maneiras de expressar e refletir à imagem e semelhança de Deus. Nesse sentido, a amplitude da manifestação desse caráter criador e criativo da Trindade também pode ser lida numa perspectiva cultural. Isso significa dizer que a multiforme graça de Deus é manifestada na diversidade de singularidades que tangem o ser humano, seu corpo, corporeidade e maneira de existir no mundo enquanto sujeito, mas

também e ao mesmo tempo a diversidade de culturas, de modo de existir em coletividade, de compreensão das interações humanas e da alteridade. Deus é criador de todas as culturas humanas que geram vida, igualdade e respeito.

Dentro dos espaços de produção da teologia, inclusive aqui na própria Fraternidade Teológica Latinoamericana (FTL)⁶⁹, diversas foram (e ainda são) as conversas que promovem a compreensão de que Deus é soberano sobre as culturas e que não há uma única forma de viver a vida em sociedade num padrão cristão. Aliás, a história da FTL é a história de uma igreja latino-americana que corajosamente decide romper com um padrão cultural imposto pelas grandes teologias hegemônicas e reivindicar sobre si a ousadia de pensar uma teologia a partir da cultura latino-americana, proclamando que essa forma de viver o reino é legítima e também expressa a grandeza de quem Deus é.

Repensando leituras e hermenêuticas pela diversidade

Os processos de interpretação da Bíblia e a utilização das ferramentas da exegese e da hermenêutica já foram fortíssimos instrumentos de violência e opressão contra determinados setores da sociedade e principalmente minorias no espaço de poder. Foi através da hermenêutica e exegese que se legitimou o escravagismo, as relações abusivas e violentas contra mulheres e até mesmo a legitimação da pobreza de determinados segmentos sociais. Grande parte da exploração que a Amé-

69 A FTL foi estabelecida em 17 de dezembro de 1970, organizada prioritariamente por um resultado duradouro do CLADE I (1969), congresso no qual Samuel Escobar apresentou a ideia de “Responsabilidade Social da Igreja” e René Padilla discursou sobre a “Revolução”. A FTL, desde seu início, é entendida como um espaço de reflexão sobre a missão e se constituiu como uma plataforma de diálogo interdisciplinar vinculada basicamente, mas não exclusivamente, aos diversos movimentos universitários evangélicos do continente latino-americano. Seus dirigentes participaram de vários congressos evangelísticos como pregadores, tanto na América Latina quanto na Europa. (cf. [Library](#))

rica Latina sofreu ao longo da história foi pautada e legitimada nos discursos religiosos das igrejas dominantes. O processo de colonização que afetou de maneira tão forte a América Latina é um processo em sua essência também teológico.

Com a população LGBTI+, os instrumentos de interpretação bíblica ainda são muito opressores, violentos e excludentes. E isso ainda é presente na maior parte do mundo evangélico, seja em igrejas e comunidades de fé, agências missionárias, organizações paraeclesiais, organizações da sociedade civil baseadas na fé, instituições de ensino confessionais, seminários, bem como demais organizações do segmento. Por mais que possamos celebrar os avanços que tivemos nas leituras sobre questões de negritude e raça, leituras de gênero e o papel da mulher, até mesmo novas abordagens sobre população indígena e povos tradicionais, bem como outros diversos grupos minoritários, muitos movimentos evangélicos, ainda que progressistas, se percebem esbarrando nas leituras sobre a população LGBTI+, permanecendo presos a uma leitura fundamentalista, opressora e excludente dessa participação.

É urgente que se comecem a assumir novas leituras e hermenêuticas que sejam não apenas toleráveis e inclusivas com LGBTI+, mas que passem a ter uma postura afirmativa a respeito da diversidade e de suas questões. A população LGBTI+ ainda segue se estabelecendo às margens dos movimentos e espaços de produção do conhecimento teológico. Pessoas LGBTI+ não querem mais estar à margem, mas participar plenamente, recebendo as contribuições desses espaços e contribuindo com seus dons e com o que tem a expressar da imagem de Deus.

Novas fronteiras: ética, gênero e sexualidade

Para Odja Barros, “os espaços teológicos, assim como os espaços geográficos, estão constituídos de limites e fronteiras. Para romper com esses limites, é preciso fazer novas trilhas e ca-

minhos não percorridos”⁷⁰. A autora propõe que a teologia precisa rever o lugar do corpo, entendendo que “Deus fez o corpo e viu que isso era bom”⁷¹. Só se é possível compreender uma pastoral que seja eficaz em relação à população LGBTI+ partindo da noção teológica de que as diversidades de sexualidade, identidade e expressões de gênero são manifestações do que Deus contempla como belo e agradável.

Corpos dissidentes do padrão normal estabelecido ao longo da tradição da igreja evangélica, ou seja, cisgênero e heterossexual, não devem apenas deixar de serem vistos como aberrações, mas devem passar a serem compreendidos como uma forma que Deus escolheu para materializar o seu caráter criativo e criador. O combate da violência contra a população LGBTI+ dentro do ambiente cristão deve começar com a descolonização da leitura bíblica que condena corpos e que, assim como já condenou corpos negros e corpos femininos, ainda insiste em condenar corpos LGBTI+.

Qualquer tentativa de inclusão e de defesa da população LGBTI+ que continue enxergando a diversidade de sexualidade, identidade e/ou expressão de gênero como pecado, resguardada em discursos teológicos como “espinho na carne” ou com insinuações de que “Deus ama o pecador mas rejeita o pecado”, ou ainda de que “o que importa é não praticar”, incorre apenas em mais violência e exclusão. Ver a população LGBTI+ como imagem de Deus em Cristo Jesus é fundamental para o combate da violência que essa população sofre, cuja responsabilidade, em sua maior parte, se deve ao discurso religioso e aos fundamentalismos.

Este texto é também um convite para conversas corajosas entre líderes e instituições, assim como um passo de fé em direção à manifestação do Reino de Deus em suas organizações

70 BARROS, 2015, *op. cit.*, p. 81.

71 BARROS, 2015, *op. cit.*, p. 83.

através da reflexão de quantas pessoas LGBTI+ fazem parte de seus espaços, compõem suas equipes e têm tido oportunidade de falar sobre suas experiências com Jesus. O chamado de Cristo à igreja latino-americana é para abraçarmos de forma radical o compromisso com a graça irrestrita e o amor incondicional de Deus por todas as pessoas, derrubando muros e construindo pontes com essa população que historicamente tem sido marginalizada e colocada para fora dos espaços cristãos, mesmo dentro de seus ambientes mais progressistas.

Não dá mais para ser seletivo nas pautas e nas agendas promovidas dentro das organizações cristãs. Falar contra o racismo, contra o machismo e o patriarcado, em defesa de povos originários e tradicionais, mas não falar sobre a inclusão da população LGBTI+ e o combate à violência que essa população sofre, é tornar incompleta a mensagem e a missão das organizações e do evangelho que se pretende pregar.

Imago Dei: LGBTI+ à imagem e semelhança de Deus

Quando o texto de Gênesis fala sobre a imagem de Deus expressa na humanidade, esse texto não está excluindo as pessoas LGBTI+. A comunidade de pessoas sexualmente dissidentes ou com identidade e/ou expressão de gênero distintas da norma também expressa uma dimensão da glória e da grandeza de Deus.

O que se propõe ao ler o texto da criação da humanidade em Gênesis vai além de pensar uma leitura que “tolere” ou “aceite” LGBTI+ como parte da criação de Deus, mas que transcenda esse teor passivo e assuma uma ação ativa de reconhecer que existe uma dimensão da glória e da grandeza de Deus que só é possível ser percebida, sentida, contemplada e admirada através das pessoas LGBTI+.

Todo corpo humano expressa imagem e semelhança de Deus, e isso não é diferente com a população LGBTI+. Assim como existe uma noção muito preciosa ao se entender e con-

templar as mulheres cisgênero⁷² como expressão da imagem de Deus, necessitamos reconhecer que mulheres trans⁷³ também expressam uma dimensão da imagem de Deus que só pode ser percebida através de seus corpos e de suas existências. Muito já foi avançado nas conversas sobre gênero e o lugar da mulher como expressão da grandeza de Deus, mas ainda há muito a se percorrer e as mulheres trans precisam ser trazidas para este debate, como, por exemplo, a vida, a trajetória e o ministério da Reverenda Alexya Salvador, da Igreja da Comunidade Metropolitana, que é a primeira reverenda trans a ser ordenada na América Latina.

Alexya é uma mulher trans, negra, que tem produzido e contribuído muito para a teologia latino-americana. Sua vida e ministério são de imensa importância na proclamação de um Reino de Deus para todas as pessoas, proclamando e vivendo o evangelho todo para a pessoa toda e para todas as pessoas⁷⁴, sem restringir o acesso de quem quer que seja por qualquer motivo que seja. Revd^a Alexya une ao seu ministério proclamador da palavra um profundo compromisso com a justiça social e está envolvida em uma diversidade de agendas que promovem os direitos humanos, a assistência e o desenvolvimento integral através da luta por uma sociedade mais justa e igualitária, atuando em diversas organizações.

Mas, pastor/a, e agora?

O aconselhamento pastoral é sempre repleto de um olhar com mais dúvidas do que certezas. Depois de toda essa conversa complexa (e para muitas pessoas, difícil) sobre teologia,

72 Mulheres que nasceram e foram socializadas como mulheres desde o nascimento.

73 A expressão “mulher trans” engloba todas as mulheres que não foram designadas como mulheres no momento do seu nascimento. Isso engloba mulheres transgênero, transexuais e travestis.

74 Cf. Congresso Internacional para a Evangelização Mundial em Lausanne, Suíça, 1974.

a pastoral é sempre recheada das conversas que envolvem desejos profundos de pais, mães e pessoas cuidadoras que querem ter um olhar cristão sobre as pessoas LGBTI+ que estão sob seus tetos para que não tornem o “servir a Deus” algo antagônico a um amor profundo que existe dentro delas.

Entender os discursos, a teologia, ou pelo tatear a complexidade do solo que foi apresentado acima, vai nos levar à compreensão de que existem várias formas diferentes de lidar com os desafios de construir caminhos de aceitação e acolhimento.

Os pais, mães e pessoas cuidadoras não são algozes conscientes e nem sempre a violência que expressam é resultado de ódio intencional. Muitas vezes, a dor de amar e não sentir autorização para isso; muitas vezes a angústia de saber que se está “contrariando ao próprio Deus” por saber que no secreto dos afetos o amor existe e tantas outras complexidades envolvem essa entrega dolorosa, muitas vezes cheia de atritos e dores.

Nem sempre o caminho de cultivo do solo é fácil, e na maioria das vezes é um trabalho com vocação inglória, mas há uma semente que, a despeito de todas as pragas, tem direito de desabrochar e ver a luz da superfície. Descobrir a luz do Sol de um Deus que celebra e afirma a diversidade LGBTI+ é sentir em seu próprio corpo a força necessária para deixar crescer essa centelha de vida e esse impulso de aceitação e amor que existe dentro de si.

As perguntas que surgem, os choros que abraçamos, os silêncios que estabelecemos demonstram que esse processo não é fácil e não se resolve em uma conversa, em uma semana ou em um texto que se lê. É necessário dar tempo ao tempo, é necessário respeitar o tempo das coisas, é necessário estar aberto a entender que nada é abrupto, rígido ou imediato.

Ouviremos a mesma queixa várias vezes, choraremos junto tantas outras, e parte do nosso ofício pastoral envolve saber e estar preparado para uma caminhada longa com destinos diversos. É porção por porção de terra, crendo que, de

grão em grão, cultivaremos um novo solo que permita florescer vida e celebração de todas as flores em suas cores e aromas.

Eu: imagem de Deus?

Como fechamento do ensaio acima apresentado, quero reivindicar a liberdade de neste momento assumir a primeira pessoa do singular na escrita e dizer a quem lê que a história de violência e também de reconciliação entre o evangelho e a diversidade sexual e de gênero é uma história que atravessa este autor que vos escreve.

Eu, Bob Luiz Botelho, tive a oportunidade de servir no ministério, e a crise com a minha sexualidade foi gatilho de uma série de angústias, noites de muito choro, jejuns intermináveis e atos proféticos dos mais diversos. Amada igreja latino-americana, eu prometo a vocês, com toda a sinceridade do meu coração, que tentei abrir mão dos desejos que me percorrem o corpo. A vida no ministério foi por muito tempo uma vida de profundo sofrimento, silenciamento e solidão. Meu medo de falar para a minha liderança e meus pais sobre a honestidade dos sentimentos que me perpassavam era imenso e eu tentei calar todas as vozes possíveis que davam vazão ao que sentia. Isso tudo acabou gerando em mim um profundo processo de adoecimento mental que me custou um diagnóstico de esquizofrenia.

Eu, que sonho em ser missionário desde os oito anos de idade e que nunca me vi exercendo outra atividade, mesmo depois de conhecer a missão integral e entender que tudo glorifica a Deus, compreendi que minha vocação profissional estava ligada a me dedicar ao ministério do cuidado, serviço e formação daqueles que serviriam a Deus em diversas áreas. Ao me perceber um jovem gay, a angústia de ver que eu seria incapaz de cumprir com o propósito de Deus na minha vida e essa incapacidade não tinha nada a ver com meus dons, mas sim com minha identidade que o próprio Deus permitiu que eu tivesse ou desenvolvesse.

Reconciliar-me com Cristo e com a missão dEle na minha vida foi lembrar que o propósito dEle através da minha vida depende tão somente do meu coração disposto, pois Ele é quem capacita e quem opera. Isso gerou cura na minha vida, nas minhas emoções, na minha existência e desde então tenho me permitido ser canal de cura na vida de outras pessoas.

Nesse processo, a dinâmica de relação com meus pais encontrou faces jamais imaginadas por mim. O medo de contar sobre as verdadeiras motivações dos meus surtos psicóticos a eles gerou um vácuo entre pais, que viam seu filho padeecer com um diagnóstico de esquizofrenia e não encontrava forças para sair da cama, e a incerteza do “será que é isso mesmo?”. Foram meses até que da minha boca se ouvisse por eles a expressão “Mãe/Pai, sou gay”. Um quinquênio até que da boca deles saísse “meu filho é gay”. Entre o desprezo de ex-namorados que sequer conseguiram subir um garfo à boca sem que o tremor fizesse o arroz cair no prato, um desejo profundo cultivado de nunca mais olhar na cara deles e incontáveis brigas, gritos, portas batidas, a mentira passou a ser rotina na vida de um filho evangélico que odiava mentir. E isso me afundou demais.

No caminho, meus pais tiveram que passar a olhar profundamente para os solos que sustentaram suas árvores por tanto tempo. Muita oração que deixava lágrimas serem a voz das palavras. Muito silêncio que ensurdecia qualquer pessoa naquele apartamento. O testemunho do milagre que vivi na minha vida e na minha família não é um romance de TV, senão uma denúncia a uma igreja e a um sistema religioso que fizeram achar que meu pai me espancaria no momento em que contasse a ele que o amigo que tanto amava era, na verdade, meu namorado.

Eu estava em terapia quando contei ao meu psicólogo sobre quando me assumi ao meu pai e os detalhes de ter preparado uma mochila e deixar na porta do quarto do hotel caso

ele avançasse contra mim, ao que ele me disse: “Parece que você não conhece tão bem seu pai assim, né? Será que ele não demonstrou suficientemente quem ele era ou você não se aproximou o suficiente de quem ele demonstrava ser?” Essa pergunta me leva a um ímpeto de romper a lógica de algozes e vítimas e dizer ao meu psicólogo: “Se tem algum culpado nessa história é a igreja que fez eu não poder conhecer meu pai em plenitude e que me fez não querer me mostrar em plenitude a ele. Não é culpa do pai nem do filho, mas da igreja que afirmava em seu púlpito que era impossível ao meu pai me amar e a mim ser amado por ele, mesmo que nem eu nem ele soubéssemos que o tempo todo estávamos sendo reféns do que saía dos púlpitos todos os domingos”.

O objetivo do meu testemunho pessoal neste ensaio é dizer que nós, LGBTI+ cristãos, existimos e temos em nossos corações o desejo de servir com nossos dons para a edificação da igreja, assim como somos também alvo do serviço de muitos da igreja. Além disso, dizer que não estamos aqui para buscar “vilão”, “mocinho”, “herói” ou “vítima”, porque também estamos cansados desse espetáculo que se faz em cima de nossos corpos, nossas vozes e vivências. Queremos derrubar muros, construir pontes em nome d’Aquele que reconciliou consigo todas as coisas e que venceu a morte para que houvesse reconciliação entre todas as pessoas.

Que Ruah siga soprando reconciliação e vida em nós e através de nós. Amém!

Odja Barros é doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Cursou Educação Cristã com Música Sacra no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (2001), Especialização em Assessoria Bíblica e mestrado profissionalizante em Teologia na Escola Superior de Teologia (EST-RS). É pastora batista e assessora do Centro de Estudos Bíblicos

(CEBI) com experiência em Leitura popular da Bíblia e Leitura bíblica de gênero. Como pastora, lidera a Igreja Batista do Pinheiro (junto com seu marido, Pastor Wellington Santos), que foi a primeira igreja a ser expulsa da Convenção Batista do Brasil por terem tomado a decisão como comunidade, depois de um processo de dez anos de estudos, de receberem como membros plenos pessoas LGBTI+, história narrada em detalhes no livro por ela organizado *Vocação para a igualdade*, pela Editora Novos Diálogos.

Bob Luiz Botelho é cofundador e Coordenador Executivo Geral do Evangélicxs Pela Diversidade. É ordenado Reverendo da Iglesia Antigua de las Américas (IADLA - Brasil), atualmente instalado como Vicário Episcopal para o Brasil, sendo o responsável pela denominação a nível nacional. É missionário há mais de dez anos, LGBTI+, tem formação em missiologia e teologia pastoral. Acadêmico de Geografia na UFPR, defendeu seu TCC do Bacharelado na área de Geografia da Religião, pesquisando trânsito de gays e lésbicas evangélicos. Através da Coalizão Religiões, Crenças e Espiritualidades em Diálogo com a Sociedade Civil, tem participado de fóruns internacionais, incluindo a OEA. Foi o líder mais jovem da coalizão na Assembleia Geral da OEA 2019. É membro da Global Interfaith Network. Integra um grupo de trabalho do Fórum Mundial de Juventude da ONU (Youth Forum ECOSOC - UN). Produtor cultural (com registro profissional), trabalhou no Festival Reimaginar 2018.

21.

A construção harmônica de um caos

por Allie Terassi

Meu nome é Allie Terassi, sou uma pessoa trans não-binária, bissexual e cristã de tradição evangélica. Atualmente, curso Relações Internacionais e pesquiso Teoria Queer - mas nem sempre foi assim que comecei minhas apresentações. Até os meus 15 anos, aproximadamente, a única coisa mencionada anteriormente e que já subsistia em minha experiência de vida era, precisamente, o “ser cristã”. Ou melhor, “cristão”. Descobri meu nome, brinquei com os pronomes, descobri minha forma de sentir afeto e descobri o que vejo quando me olho no espelho - não necessariamente nessa ordem.

Mas estou aqui para contar isso tudo, né? Talvez nem tudo. Vamos do começo.

Na minha pré-adolescência, quando nem fazia ideia do que gênero podia significar, ainda me entendia (ou achava que entendia) como um homem - menino, talvez. Nesse período de puberdade, e com o afloramento dos sentidos e dos hormônios ditos sexuais, comecei a descobrir meu próprio corpo. Eu me lembro de começar a ter o desejo de ter um corpo definido, única e exclusivamente para ver se assim eu atraía as garotas da escola. Eu nunca atraí as garotas, meu jeito afeminado me impedia de me relacionar com elas, por mais que surgisse interesse. Acabava virando amizade no final das

contas. Comecei a perceber que as meninas gostavam dos meninos, e eu não parecia nem um pouco com um.

Até que, nesse processo, minha curiosidade me engoliu, e eu alimentei a indústria pornográfica por uns bons anos a partir dali, e fui descobrindo algumas coisas sobre mim nesse processo. Descobri que sim, me atraía por mulheres, mas não só por mulheres, e isso me assustou. Até porque, para começo de conversa, eu sempre fui crente, né? Filha de dois pastores, sobrinha de pastores, com a família toda no ministério de louvor da igreja, e eu ainda inventava de me envolver com as atividades do templo. Isso verdadeiramente me assustou.

Lembro-me vagamente de quando fui procurar no YouTube as palavras “Homossexualidade à luz da Bíblia”. Talvez fosse “homossexualismo”, não tenho certeza. Obviamente, achei várias e várias pregações cheias de má-fé e inundadas de distorções de realidade gravíssimas. Erros não só teológicos. Mas tinha um problema: eu não sabia disso, e logicamente fui levada a crer no que ouvi. A fé vem pelo ouvir, né? Ouvi de tudo, menos a Deus. Tenho memórias vagas dos meus gritos no travesseiro durante minhas horas de devocional, “no secreto”, que se resumiam a martírios consecutivos pedindo que Deus tirasse “esses desejos” de mim. Eu não sabia ter outro tipo de relação com Deus. Eu só conseguia falar com Deus se fosse para me “arrepender” de quem eu era, me martirizar, me humilhar. Nunca parei para ouvir a Deus, apenas o que diziam que ele era.

Na época, no auge dos meus 16 anos, eu nunca tinha vivido como uma adolescente qualquer, que faz irresponsabilidades, que curte as festas, que vive. Eu sempre fui a filha do pastor, ia na igreja umas quatro vezes por semana, tocava, pregava, coliderava os pequenos grupos, ajudava na produ-

ção de eventos, até designer às vezes a gente era. Bom, e como eu era um “bom exemplo” para a maioria dos jovens da igreja, eu tinha que me portar como tal, né? Pois bem. Fui falar com o líder de jovens, na casa dele. Saí da escola e fui direto - fiquei lá até anoitecer. Foi a primeira vez que verbalizei a minha atração por homens para alguém - de uma forma extremamente violenta. Recebi uma oração recheada de “esperanças” de que “Deus me libertasse” e eu “pudesse ter uma vida plena nele”. Bonito, né? Parece bonito.

Durante a conversa, quase implorei para que o meu líder não contasse sobre nada do que foi dito para os meus pais, que eram os principais pastores da igreja. Obviamente, eu não fui respeitada. No meio desse processo, meu irmão mais novo nasceu, fez cinco cirurgias com menos de dois meses de vida, ficou na UTI por mais de 60 dias e eu vivi praticamente sozinha, na minha cidade natal, na casa da minha avó paterna, enquanto a minha família estava na cidade vizinha indo de hospital a hospital. A igreja toda se mobilizou em oração pelo meu irmão.

Eu fiquei, lógica e justamente, mais esquecida na história. Mas as coisas melhoraram em algum momento: meu irmão saiu da UTI e, como era de se esperar, meus pais descobriram mais cedo ou mais tarde e, quando eu menos esperava, numa tarde de uma quarta-feira, em pleno lockdown pandêmico, dia 1º de abril de 2020, sofri a primeira agressão física dentro de casa. Fui proibida de ter contato com todos os meus amigos (mesmo os da igreja) por longos dois meses. Por mais que as coisas aparentassem se acalmar em um momento ou outro, o clima era de guerra constante, às vezes fria, às vezes nem tanto. Desde constrangimentos diante de todos os meus amigos até “esperanças” de que eu morresse “antes que o pior acontecesse”. Isso se prolongou até o final de 2020,

com coisas ditas intragáveis e gritos que continuam ecoando na minha cabeça até hoje.

Mas, calma, pulei uma parte da história: no meio desse tiroteio, deparei-me com mais uma descoberta - ainda mais assustadora - ao meu respeito: eu não era um homem. Mas não só isso: eu também não era mulher. E esse fato sobre mim eu decidi abafar por um tempo - era muita coisa acontecendo. E, como devem imaginar, isso não deu muito certo: o próprio Deus gritou quem eu era para mim.

Numa noite de sábado, em um culto de jovens, estava assistindo a uma pregação comum, sobre as dez virgens de Apocalipse, em uma igreja evangélica pentecostal, conservadora, cheia de vícios evangelicais. Em um momento durante a pregação, tive uma das experiências espirituais mais marcantes da minha vida. Você pode tentar ou não explicar racionalmente, mas para mim faz sentido dizer que isso teve a ver com a minha fé e a forma como eu entendo Deus. Pois bem: estava de olhos fechados e em dado instante vi, nitidamente, diante de mim, um salão - como aqueles de festa - completamente vazio. Era dia, tinha uma janela bem grande e alta que estava entreaberta e os raios solares iluminavam o chão. Minha sombra era bem distante e opaca. Mas, um detalhe importantíssimo sobre esse cenário: eu estava nesse salão, varrendo o chão, e usando um vestido - bem sujo e desgastado. Um vestido.

Lembram que eu disse que não tinha elaborado a ideia de uma não-binaridade a meu respeito, né? Eu nunca tinha tentado explorar essas minhas dissidências em gênero, e obviamente também nunca tinha usado um vestido. Ver aquilo, como se fosse uma experiência que estava acontecendo em concretude, foi amedrontador, mas também um alívio. Enquanto eu olhava para as barras daquele vestido sujo, eu ouvi alguém entrando por uma porta, como se estivesse atrás de

mim. Olhei e olhei e não consegui focar em nada que havia no rosto da pessoa - era uma silhueta, ao que minha mente interpretou "Jesus". Ele se aproximou e eu pude sentir o sorriso por trás dos borrões (que não entendi direito se era culpa da minha miopia ou não). "Eu vejo todas as suas cores" - pude ouvir ele dizendo.

Nessa hora, eu, que já estava extremamente sensibilizada, comecei a chorar de forma quase ofegante - enquanto o culto acontecia. Eu estava vendo Jesus, ou o que minha mente criou para dizer que era ele. Mas estava muito confusa, eu não tive tempo de elaborar tudo aquilo, e a única coisa que passou pela minha cabeça foi a que também escapou pelos meus lábios: "Mas e agora? Acho que não sou homem. E nem mulher." E, na mesma hora, ouvi: "Eu também não".

Bom, o que eu já tinha chorado, chorei o dobro. Eu tinha entendido tudo. Não tinha nada de errado comigo, "there's something wrong in the village". Essa música, The Village, de Wrabel, me acompanhou muito nesse processo. Foram palavras de verdade de vida, para que eu pudesse entender que a criação de Deus era possível de ser celebrada - e que eu fazia parte dela, exatamente desse jeito. "Existia algo de errado na aldeia", não em mim.

A partir disso, como alguns devem imaginar, começaram os desconfortos, né? Que obviamente estarão comigo até que eu esteja com Cristo. Eu precisei olhar para essa parte de mim, e observar ela, sem julgamentos. A primeira das várias questões que ainda me perpassam foi o meu nome. Eu tinha um nome? Como eu me chamava? Quem eu era? Lembro que o processo aconteceu entre várias crises de ansiedade, de me identificar, desidentificar e me reidentificar comigo mesma.

A escolha de "Allie" veio de uma forma um tanto quanto inusitada. Eu lia, em voz alta, uma pequena lista, com alguns nomes.

E me chamava por eles. Vocalizava. Fiz isso no quarto, enquanto meu irmão mais novo, com 4 anos de idade, brincava no chão. No momento em que disse um deles, ele o repetiu, sorrindo. “Allie”. Significava harmonia. Era irônico demais um caos como eu se dizer harmônica. Eu lembro que na hora eu relutei um pouco, era bem incomum, as pessoas facilmente questionariam a “veracidade” do nome, mas é isso, né? Não devo nada à cisgeneridade - sou a construção mais harmônica de um caos.

Os meus processos internos continuaram acontecendo, em meio àquela guerra fria dentro da minha própria casa. A convivência com meus pais - ou progenitores, nem sabia mais - estava ficando insustentável. Eu passava o dia inteiro trancada no meu quarto estudando, lendo e fazendo qualquer outra coisa, sem trocar uma palavra com eles.

Eu tinha acabado de fazer 18 anos, estava no final do ano letivo no Ensino Médio. Logo mais, haveria provas e mais provas, e a minha esperança era passar em uma faculdade bem longe de casa para que eu pudesse seguir meu sonho e viver minha vida. Mas meus pais nunca sonharam junto comigo. Depois da “descoberta”, eu fui proibida de estudar em qualquer faculdade que estivesse há mais de 90 km da minha cidade - eu deveria continuar vivendo debaixo daquele teto e, certamente, sem qualquer liberdade. O meu refúgio e o pouco de ar puro que respirava nesses tempos existiam no contato com meus amigos, pela internet mesmo.

Ao final de 2018 e do período eleitoral - voltando ao passado de novo -, um grupo de amigos cristãos evangélicos se reuniram virtualmente para trocar experiências, visto que todos se perceberam deslocados em meio ao evangelicalismo brasileiro e ao apoio acrítico da igreja ao então candidato à presidência Jair Bolsonaro. Nessa troca, surgiram vários laços de amizade e afeto. Fui me juntar ao grupo - hoje conheci-

do como ICGF (Igreja Cristã Gelo & Fogo⁷⁵) - no início de 2019, e todos eles acompanharam grande parte da minha trajetória. Quando me vi nesse fogo cruzado, dentro da minha própria casa, em meio a uma pandemia que só piorava as relações, não tive outra opção: pedi ajuda.

E então, ao final de 2020, me vi pensando, imaginando e sonhando com meu próprio resgate. Meus amigos e irmãos em Cristo se mobilizaram para levantar recursos, no objetivo de me tirar daquele lugar que eu insistia em chamar de “casa” e me levar à caótica capital de São Paulo, para viver sabe-se lá como. Em três meses, vivi um turbilhão de coisas, que não caberiam em 20 mil caracteres, e só me mantive viva em Cristo, por Cristo e através de Cristo. Em um mundo concreto que desabava, só pude me apoiar na insegurança e na incerteza de um Deus que teria planejado tudo aquilo muito antes de mim.

Durante o meu processo de ressurreição e nova vida, encontrei o Evangélicxs Pela Diversidade, “a primeira iniciativa cristã evangélica pró-LGBT da América Latina” - na descrição que cabe em um tuíte - mas que, hoje, prefiro chamar de família. Encontrei pessoas que reapresentaram Cristo para mim e me trouxeram de volta a ele, de uma forma um pouco assustadora, até. Eu nunca tinha me relacionado com Deus sem envolver uma constante aplicação de culpa por tudo o que eu era, sentia e pensava. Foi difícil reconhecer Deus de outra forma, mas foi um processo bonito, que ainda me atravessa e “continua a atravessar e a travecar”, parafraseando Linn da Quebrada.

Talvez, daqui a alguns anos nem tão distantes assim, quan-

75 “Gelo e Fogo” são referências aos movimentos protestantes. “Gelo” referencia as vertentes mais tradicionais (presbiterianismo, anglicanismo, batistas clássicos) e “Fogo” representa os mais carismáticos (pentecostais, assembleianos etc). A ideia é que o grupo não é dado por esse tipo de recorte, e que abrangeria a todos e todas.

do eu refizer um relato sobre mim, eu precise de mais caracteres para além do número permitido. Sou um processo inacabado e espero que nunca acabe - e eu também quero um Deus que não acabe nunca. Marcella Althaus-Reid, teóloga queer latino-americana, uma vez disse que “O Deus Queer é um Deus inacabado. Em processo, ambíguo, de múltiplas identidades, que nunca terminamos de conhecer porque, quando o abarcamos, escapa, há mais.” E espero nunca mais ter que entrar dentro do armário para encontrar Deus lá. Eu saí do armário para libertar D(eu)s. Porque estou bem certa de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem o presente, nem o porvir, nem altura ou profundidade, nem qualquer outra coisa na criação, nem meu gênero ou a falta dele, nem meus esmaltes, nem meus afetos, nada será capaz de nos separar do amor que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 8:38-39).

Allie Terassi é cristã de tradição evangélica, estudante de Ciências e Humanidades e Relações Internacionais na Universidade Federal do ABC e pesquisadora em performances de corpos não-binários e Estudos Queer a partir de Judith Butler. Atualmente, integra a coordenação do Evangélicxs Pela Diversidade em São Paulo, atuando com articulação institucional e advocacy.

parte 6

Para saber mais



22.

ENTREVISTA: **Fundamentalismo** **religioso e a pauta** **LGBTI+** *com Magali Cunha*

Magali Cunha é pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER), colaboradora do Conselho Mundial de Igrejas e editora geral do Coletivo Bereia. É coordenadora da pesquisa “Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação”, iniciativa do Fórum Ecumênico ACT Aliança Sulamericano (FESUR).

O Brasil continua sendo um país religioso? De que forma podemos ver isso no cotidiano?

Magali: O Brasil é um país religioso. Ele é culturalmente e historicamente formado com âncoras nas religiões de diferentes matrizes religiosas. Primeiramente, as religiões indígenas, as religiões da floresta, que tem historicamente a marca dos primeiros povos que já habitavam esta terra quando aqui chegaram os colonizadores. Depois, veio o catolicismo ibérico, com essa matriz popular que está presente nessa dimensão do catolicismo. Ou seja, a gente tem a institucionalização católica, catequista, colonizadora e tudo mais, mas a gente tem uma matriz popular que marca muito fortemente a realidade do Brasil e as nossas culturas populares. E depois o tanto de religiões que vieram seja por trabalho missionário, como por exemplo os evangélicos, seja com as imigrações, as religiões

mais relacionadas à Ásia, ao Oriente Médio, os muçulmanos ortodoxos, as religiões de matriz africana, entre tantas outras. Enfim, a gente é um país multirreligioso ou plurirreligioso. A diversidade religiosa é enorme.

Historicamente, por conta da colonização, tem essa imagem que foi construída do Brasil como um país católico. Essa é uma imagem histórica, cultural, política, mas na realidade a gente tem uma diversidade enorme. Uma pluralidade religiosa muito intensa e que se manifesta no cotidiano. No cotidiano, as pessoas estão muito inseridas em grupos religiosos diversos – com um crescimento grande dos grupos evangélicos, reconhecido em muitas pesquisas como um declínio do catolicismo. Mas uma diversidade de práticas de inserções que passam por instituições ou não, simplesmente por uma afeição por esse elemento religioso que está tão presente na cultura, não é? Então o cara tá lá no estádio de futebol torcendo para o time e fazendo o sinal da cruz. Ou fazendo uma oração, colocando um pedido para os Orixás e Deuses, para todos os seres e entidades que ele conhece, que são transcendentais e que possam abençoar um time de futebol no estádio. Mas essa pessoa pode não ter relação nenhuma com um grupo religioso específico, mas isso está ali embutido. Nessa coisa de crer numa divindade, em um ser superior, num Deus, numa divindade que realize coisas sobrenaturais. Isso está muito forte na cultura, está no cotidiano e tem influência política.

Em que medida o discurso religioso hegemônico influencia os valores e a cultura brasileira?

Magali: O discurso religioso hegemônico é o da Igreja Católica. Esse discurso que veio com a colonização. A gente não é mais um país colonizado, mas existe uma forte cultura da colonização, muito presente na nossa realidade e na forma como a gente se constitui como nação. Com as influências das capitâncias hereditárias, dos donos de terra, dos poderes,

das elites. Isso que vem lá da colonização e é muito forte. E o catolicismo veio com isso e foi estabelecido dessa forma. Então, a hegemonia católica é fortíssima ainda no nosso país. Tanto é que a gente tem os crucifixos nos espaços públicos. A gente tem a influência da CNBB com muita força daquilo que a igreja católica representa, e que é um fenômeno latino-americano. Na forma como a gente se construiu na América Latina como países colonizados. Ao mesmo tempo, os evangélicos vêm num crescendo, ganhando força e protagonismo no espaço público, enfraquecendo um pouco essa figura católica. Mas é também o predomínio cristão que, de alguma forma, apresenta um discurso e uma religiosidade com âncoras muito conservadoras. Nessa visão hegemônica de um cristianismo branco, masculino, civilizatório – que vem da Europa, mas com os evangélicos vem dos Estados Unidos. Então isso está muito inserido na religiosidade pregada e praticada por esse cristianismo dominante. E está presente na forma como a sociedade vê. Eu que estudo as mídias, o noticiário, por exemplo, percebo a forma como os jornalistas escrevem sobre grupos religiosos sempre com um respeito maior e um linguajar mais elaborado quando se trata do catolicismo, do papa, dos bispos e dos líderes. Mas quando se refere a evangélicos, por exemplo, você já vê um outro tipo de abordagem mais preconceituosa. E ainda mais diminutiva em relação às outras religiões. Seja tratando as religiões de matriz afro como um folclore, como uma coisa pra gente admirar relacionado à festa. Ou com os islâmicos, por exemplo, tratando-os como gente perigosa. Então essa forma reflete um imaginário que foi sendo construído socialmente em torno dessa hegemonia cristã, civilizatória, branca, masculina, que veio tanto com o catolicismo quanto com os grupos evangélicos.

O quanto se pode observar sobre a influência da hegemonia cristã para o processo de democratização do país?

Magali: São esses grupos hegemônicos do ponto de vista religioso que estão em aliança com os poderes constituídos. Sempre foi assim. Desde os tempos da colonização existia a aliança da Igreja Católica com o poder constituído de Portugal. Depois com a República. Sabemos que houve dissidências nesse processo. Como é o caso dos jesuítas que foram expulsos lá atrás. Ou toda a perseguição no tempo da ditadura militar à grande parcela da Igreja Católica que se colocou contra. Mas há alianças e há apoios. Sejam elas alianças ou apoios declarados ou por omissão. Pois quando há silêncio em relação a desafios que se colocam em termos de sociedade, o silêncio é uma concordância. A omissão é um suporte.

Isso pelo viés católico e pelo viés evangélico também. São esses grupos cristãos que hoje dão sustentação aos poderes constituídos e às elites que estão com o comando do país. Isso se dá particularmente num período que a gente vive desde o impeachment de Dilma Rousseff. Primeiramente, o governo de transição, que foi o governo Temer. Para uma tomada de poder absoluta desses grupos que veio com o governo de Jair Bolsonaro. Então é uma ameaça sim à democracia. O que a gente vê é um avanço dos autoritarismos, da retirada de direitos, do impedimento de outros direitos que são necessários e que ainda não haviam sido conquistados no período de democratização. E é isso que a gente vê nesse quadro atual.

Para você, qual a diferença entre o discurso religioso conservador e o fundamentalismo religioso?

Magali: O termo fundamentalismo tem controvérsias. Há grupos, inclusive de estudiosos, que questionam a utilização desse termo achando que ele tem uma datação e uma localização, ao se referir ao movimento surgido nos Estados Unidos no início do século XX relacionado a grupos norte-americanos muito particulares. Ocorre que nesta pesquisa que realizei para a ACT Aliança, nós identificamos que os conceitos

não são estáticos e sim dinâmicos. Então, o fundamentalismo nascido nos Estados Unidos no início do século XX passou por transformações. E a própria forma de se conceber dos grupos autodenominados fundamentalistas, como a forma de atribuir o termo a grupos de outras religiões. Tudo isso foi se transformando. Então, é possível hoje a gente atribuir esse conceito a grupos que são religiosos extremistas que levam ao extremo a visão que têm dos fundamentos de determinada religião. Por isso, o termo fundamentalismo também é atribuído aos grupos religiosos, não só os cristãos. Há estudiosos, inclusive, que atribuem o termo a grupos não-religiosos, ultrapassando as próprias fronteiras religiosas.

Mas o termo fundamentalismo está relacionado, então, aos extremos. Aqueles grupos que fazem uso de uma matriz religiosa, por isso não necessariamente são religiosos, mas lançam mão de uma matriz religiosa para defender pautas extremas de inviabilização de direitos em diversos campos, principalmente aqueles que dizem respeito aos direitos sexuais e reprodutivos.

O que difere do conservadorismo é justamente essa palavra que eu usei: o extremo. Porque os conservadorismos existem há muito tempo. São aqueles grupos que querem conservar valores, tradições, em oposição aos grupos que querem transformar, trazer novidades, criar, mudar, revolucionar. Os conservadores, ou quem defende a conservação social de várias circunstâncias e valores, não querem transformar, querem conservar. Os movimentos fundamentalistas, por sua vez, levam isso ao extremo. Porque quem quer conservar, ainda de alguma forma, dialoga. Ou ainda de alguma forma se abre a certas mudanças. Não se opõem, seja com violência, seja com oposição mais extrema. Está ali, no campo da conversação e da disputa. Os grupos fundamentalistas não admitem nem a disputa. Eles querem eliminar o oposto para ter um grupo único agindo naquele espaço social. Então essa é a diferença que a gente pode identificar. Tanto é que o movimento fundamentalista lá no sé-

culo XX nos Estados Unidos nasce de grupos conservadores, que vão caminhando, se a gente fosse fazer uma escala, para um extremo na defesa desses fundamentos.

Quais os limites da liberdade de expressão na esfera pública? E como o discurso religioso vem sendo utilizado para expandir ou reduzir esses limites? Como você lê a interface entre liberdade religiosa, liberdade de expressão, direitos humanos e violência/opressão?

Magali: A liberdade e as liberdades civis foram conquistadas a duras penas depois do século XVIII. O Iluminismo e a Revolução Francesa abriram caminho para a defesa das chamadas liberdades civis para que isso fosse transformado em documentos, em leis, em registros de direitos. Então os direitos humanos estão assentados na defesa das liberdades civis que são muitas: liberdade de opinião, de reunião, de associação, de expressão e a liberdade religiosa. É um conjunto de liberdades que vão dar as bases para a discussão dos direitos humanos, que entram pelo século XX e vão culminar na declaração de direitos humanos. Então a liberdade é um valor tremendo e a gente tem que defender essas liberdades com unhas e dentes, porque elas dão sentido não só às questões individuais. Elas nascem com essa perspectiva individual, mas vão ganhando um caráter mais coletivo à medida que os grupos vão defendendo, transformando em leis, transformando nessa pauta de direitos que tem a ver com o coletivo e que tem a ver com o social. Então, a liberdade de expressão está nesse conjunto de liberdades e que também está relacionada com a liberdade de opinião, com a liberdade de comunicação etc. Agora, isso tudo tem um limite, como qualquer liberdade. Como eu falei, não é uma questão individual tão só. Quer dizer, somos indivíduos, mas somos pessoas que só têm sentido na vida vivendo em comunidade, num coletivo coexistindo. Para coexistir, a minha liberdade tem um limite que é a li-

berdade das outras pessoas. E o direito que esse coletivo tem e que abrange todas essas pessoas. Então, se aquilo que eu quero expressar interfere de alguma forma nociva em relação a outras pessoas, então a minha liberdade tem um limite. Eu não posso expressar livremente aquilo que é nocivo, que afeta violentamente outro ou outras pessoas. Então, as liberdades estão dentro desse escopo dos direitos coletivos. Todas as liberdades. Por isso, eu não tenho a liberdade de pegar uma faca e tacar no pescoço da pessoa que discorda de mim. Eu não tenho liberdade de tirar a vida de ninguém. E assim como eu não posso ser violenta fisicamente com alguém, tirando a vida dessa pessoa, eu não posso ser violenta verbalmente com alguém, tirando a dignidade de outra pessoa. Como um assassinato verbal, se fôssemos fazer uma correlação. Porque a gente está tirando a dignidade ou matando a dignidade de outra pessoa, verbalmente. Então essa expressão, ela tem também um limite. Bom, como é que a gente relaciona tudo isso com a liberdade religiosa? Nos mesmos termos. A liberdade religiosa é uma conquista, um direito coletivo. A liberdade de ter ou não ter uma religião – porque liberdade de ter implica também a liberdade de não ter e a liberdade de praticar e viver essa religião. E aí tem a pegadinha dos grupos extremistas que usam a liberdade religiosa para se expressar e negar a liberdade de o outro ter a religião que não é predominante, que não é a hegemônica. Então tem toda uma discussão aí de “liberdade religiosa”, “cristofobia” – que tem várias questões hoje no Brasil e em outros lugares do mundo também –, que, na verdade, são pegadinhas para que esses grupos possam cortar, impedir o direito dos outros e ter direitos apenas para um grupo, o hegemônico, o maior, as majorias. Para que possam ter uma única voz e impedir a expressão, seja ela de comunicação, de opinião ou religiosa de outras pessoas.

Como você lê o cenário de disputa pelo discurso religioso no Brasil e na América Latina?

Magali: Na verdade, o que a gente tem é uma disputa de poder e de manutenção ou aquisição de hegemonia nesse espaço público. À medida que fica cada vez mais evidente que o Brasil e que a América Latina são sociedades plurais do ponto de vista religioso – a gente tem os censos, que foram se modificando para mostrar essa pluralidade, as pesquisas, a visibilidade, a gente entra no transporte público e vê a pessoa lá com a sua veste religiosa ou seus símbolos religiosos –, a gente vai vendo os espaços urbanos transformados pelos tempos, pelos espaços múltiplos de prática religiosa, então isso, de certa forma, incomoda os grupos historicamente hegemônicos. Aqueles cristãos, brancos, homens e com a cultura da colonização muito presente no discurso religioso como eu falei. Isso incomoda esse grupo que quer manter a hegemonia e sua influência política, que quer manter sua influência de dominação sobre a sociedade com essa religiosidade. Então a gente vê esse incômodo se manifestar na forma como esses grupos se colocam politicamente com mais força de 2010 para cá. Período que vem sendo paradigmático de ressentimento desses grupos que são hegemônicos, com a perda de hegemonia e com a visibilidade de toda essa pluralidade. Então, esse ressentimento tem provocado e alimentado esses extremismos que buscam negar esses direitos de expressão religiosa e que buscam então concentrar em alianças com o poder para que haja leis restritivas, para que haja políticas públicas restritivas. Então é a isso que a gente assiste.

Como você enxerga o investimento econômico e a disputa na difusão de informações?

Magali: O investimento econômico está ligado diretamente a essa questão da manutenção do poder no espaço público, né? Então quem está aliado com o poder recebe benesses dessas alianças. Por exemplo, no Brasil, a gente vê o tanto que a aliança de grupos, dos mais diversos, principalmente

os grupos cristãos com o governo Bolsonaro, por exemplo, os benefícios relacionados à publicidade em mídias, a repasse de verbas, a perdão de dívidas com a Receita Federal e outras coisas dessa natureza, que também estão acontecendo em outros países da América Latina. Também os benefícios no campo do financiamento de projetos por conta do poder público. A gente tem no Brasil o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos como um ponto forte de financiamento. Por exemplo, dessas casas de recuperação de pessoas que fazem uso abusivo de drogas e outras atuações em nível de assistência social dos grupos mais diversos que estão próximos do poder. Então, para poder garantir isso, há que se ter um investimento econômico também em comunicação, em publicidade, em realização de eventos, em captação de apoios e aí a gente vai ver um aliançamento forte com grupos dos Estados Unidos. A nossa pesquisa da ACT Aliança lançou mão de uma pesquisa que já existe desde 2017/18, que é o Observatório de Sexualidade e Política (SPW), em parceria com a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) no Brasil. Eles levantaram uma lista de grupos latino-americanos e no Brasil que possuem parcerias e relacionamentos com grupos extremistas fundamentalistas dos Estados Unidos para receber financiamento para essas ações aqui. Então há financiamento em nosso país de empresas, de grupos que se interessam em fortalecer esses tipos de grupos e pautas, o que inclui instituições públicas, e também uma forte relação com grupos dos Estados Unidos.

Como você analisa o conceito e a categoria de família nas apropriações feitas pelos grupos políticos (direita e esquerda)?

Magali: Os grupos conservadores trazem a noção da tradição judaico-cristã patriarcal de família como núcleo social, formado por homem e mulher e filhos. Essa é a vocação que Deus teria concedido aos homens e mulheres: unirem-se numa só carne para gerar filhos. Esse é o sentido de família. E também

o sentido da prática sexual, que é gerar filhos. Não existe a dimensão da sexualidade em torno do prazer. O que existe é a questão da procriação, que é chave nessa noção para que esse núcleo da sociedade seja garantido. A família, portanto, tem esse papel de nuclear a sociedade e cultivar os valores dessa sociedade judaica, cristã e patriarcal. Dali para a sociedade como um todo. Essa é a vocação da família. Dentro dessa vocação, o homem tem um lugar muito particular de ser o provedor. O provedor do sêmen para a procriação e da sobrevivência da família com o trabalho, a comida e tudo aquilo que vai sustentar a existência dessa família. A mulher tem o papel de ser a geradora da cria. Ela vai receber o sêmen, gerar os filhos, cuidar da família do ponto de vista doméstico, da educação das crianças e da satisfação sexual do marido. Os filhos, por sua vez, têm de receber as orientações, crescer e multiplicar tudo isso que aprendeu dentro da família, e vai seguindo essa ideia. Essa é uma visão que tem uma âncora teológica, a partir do livro de Gênesis, e de toda uma leitura que é feita da Bíblia com base nessa âncora. Então, quando os grupos conservadores que atuam politicamente hoje falam dessa ideia de “família ameaçada”, eles estão se referindo a essa nucleação e a esse formato ameaçado. Ameaçado por quem? Pelas feministas que dizem que a mulher não tem esse papel – pode até ter, mas não é o único papel ou a única representação da mulher em um grupo social. A mulher pode não ter um marido. Pode não ter filhos. Pode ter o sexo por prazer. Pode ser companheira de outra mulher. E por aí vai. E a mesma coisa para os homens que questionam esse papel estabelecido do ponto de vista da sexualidade, da procriação e tudo mais. E a mesma coisa para os filhos, que podem também ter opções outras e não apenas reproduzir aquilo que recebem da sua família.

Então, as ameaças são atribuídas aos grupos feministas e grupos LGBTI+ que representam também uma outra forma de olhar, que introduzem outras concepções de família com

base na noção de gênero, fundamental nessa questão porque ela transformou essa concepção e a própria noção de família, que é desafiada pelo conceito de gênero tal como ele foi criado a partir dos anos 80.

Bom, essa é a concepção conservadora de família. Se formos ver de perto, os grupos progressistas não têm ou não trabalham essa categoria. Ou quando trabalham essa noção, trabalham respondendo a esse tipo de pauta, como reação. Mas não temos, entre grupos progressistas, um trabalho, um conceito, uma pauta desenvolvida nesse sentido. Temos sim, em grupos feministas e grupos LGBTI+, mas em grupos religiosos progressistas e grupos não religiosos de esquerda, partidos políticos, de um modo geral, não há um discurso sobre família. Não há uma reflexão sobre isso. Nós vamos encontrar uma ou outra pessoa ou grupo estudioso, pontualmente, levantando esses temas, mas muito em reação ao discurso conservador. Nunca foi uma preocupação ter pautas nesse sentido. Então eu diria que esse é um grande desafio. Porque quando a gente fala do tema família, esse tema afeta muito culturalmente as sociedades latino-americanas, inclusive a sociedade brasileira. Existe uma afeição ao tema família. Tanto é que a gente sempre fala nos cursos de comunicação da “família doriana”, que sempre foi usada na propaganda. É sempre o marido dando beijinho na esposa. Aparecem as crianças. É o pessoal comprando comida. Isso não é religioso, muito propriamente, mas é uma ideia que está aí na sociedade de família como o pessoal que está junto, que faz o churrasco, que se reúne no Natal, na festa de aniversário. Então, essa concepção de família, de ser um grupo de afeição, de unidade e que dá sustentação à vida, ela tem um efeito muito forte. Então, quando se fala de família é preciso ter um discurso sim. Mas não só como reação, mas como uma proposição.. Então eu diria que a gente não tem. A gente precisaria criar um discurso que vá na direção daquilo que é culturalmente marcado na vida do nosso país como sendo esse lugar da família.

Como você tem lido esse cenário no que se refere ao tema LGBTI+ e fé cristã? Quais os motivos que levaram os grupos sociais ligados ao discurso religioso a elegerem a pauta LGBTI+ como um inimigo comum? Por que somos uma ameaça para estes grupos?

Magali: No Brasil – e a gente pode falar de outros países da América Latina também, mas eu vou falar mais do Brasil, que é onde eu tenho mais pesquisas sobre esse tema –, existe um imaginário do “inimigo” muito forte nas igrejas evangélicas. Desde que os missionários dos Estados Unidos aqui chegaram para implantar as igrejas, para trazer as atividades evangélicas no século XIX, foi criado esse imaginário que é muito próprio de grupos minoritários. Para ganharem força e sobreviverem como minoria, eles precisam dessa ideia de inimigo a combater para poder se proteger. E nessa estratégia de defesa, eles vão se sustentando e se fortalecendo.

Quem eram os primeiros inimigos lá no século XIX? A ignorância. Os missionários chegaram aqui com a sua arrogância de brancos estadunidenses, olhando para todo mundo como uma cambada de índio e gente ignorante. Então tinham que combater essa ignorância. Por isso, criaram escolas para a classe dominante, pois acreditavam que iam catequizar essa classe dominante, que iriam se transformar em poderosos e, por consequência, iriam então agir na nação. Um segundo inimigo para os evangélicos da época era a Igreja Católica, vista como um grupo pagão a ser convertido ao mundo evangélico.

Ao longo do século XX, à medida que as coisas vão se transformando, esses inimigos também vão mudando. A Igreja Católica continua como inimiga nessa ideia de conversão e surgem também as religiões de matriz africana, que também foram demonizadas e deveriam então ser colocadas nesse panteão de inimigos a serem evangelizados. Depois vem a Segunda Guerra, a União Soviética, comunismo e tudo aquilo. O comunismo ganha uma força que ultrapassa a Igreja Católica. Em alguns mo-

mentos, a Igreja Católica deixa inclusive de ser inimiga para ser aliada de grupos evangélicos contra os comunistas. Pois bem, depois que cai o muro de Berlim, o comunismo deixa de ter força. A União Soviética acaba e quem passa a ser os inimigos? De um modo geral, no mundo, os islâmicos. Só que aqui no Brasil essa coisa de islâmico não cola muito. Até por simpatia a outras nações do mundo, na Europa e nos Estados Unidos, eles são inimigos. Mas aqui a população islâmica é muito pequena e não representa nenhuma ameaça, apesar de sofrer bastante discriminação pelas islamofobia que foi colocada pelas mídias. Pois bem, a gente precisa de um inimigo, então quem vai ser a partir de agora? Agora entra o papel das transformações sociais que trazem a força dos grupos de mulheres e população LGBTI+ na conquista dos seus direitos. A gente tem que colocar a conferência da ONU de Mulheres de 1995 como um marco final do século XX para o século XXI, quando o lugar do gênero passa a ser colocado nas políticas públicas. Essa conferência da ONU vai ter um papel muito importante. O Vaticano vai colocar essa conferência como o seu grande inimigo. E vai começar com políticas eclesiásticas de confrontação. Tanto é que a ideia de “ideologia de gênero” nasce no Vaticano a partir disso. Já no início dos anos 2000, o Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI, vai criar um sistema que traz os evangélicos para essa causa. Na verdade, o que já existia há muito tempo nos Estados Unidos, onde seria uma outra conversa, na América Latina essa ideia de mulheres e LGBTI+ como inimigos começa com o catolicismo e traz os evangélicos para o espaço público nessa discussão. Tanto é que todo mundo vai se lembrar do Plano Nacional de Educação, em 2014, quando há toda uma aliança católica e evangélica contra o termo gênero no plano e por aí vai. E isso ganha um apelo muito grande a partir de 2010, principalmente por conta do Plano Nacional de Direitos Humanos 3 e a eleição de Dilma Rousseff, uma mulher, né? E aí a gente vai ver todo o desenrolar da história calcado nessas transformações.

Quanto o lugar de inimigo imposto às mulheres e pessoas LGBTI+ é combustível para a ascensão vertiginosa desses grupos nos últimos anos?

Magali: Os comunistas como inimigos não tinham um apelo muito grande fora do universo da religião, apesar de ter alguns grupos conservadores na sociedade que tinham essa pauta também. Quando se fala de proteger a família, aí toca numa questão que ultrapassa as fronteiras religiosas, acessa o campo cultural que eu mencionei e mexe com a sociedade patriarcal, que é muito forte e que está ressentida. Não é só uma questão religiosa. É o ressentimento forte de que mulheres questionem seus maridos, de que mulheres tenham uma delegacia para denunciar as agruras que sofrem dentro de casa, de que tem uma lei, Maria da Penha, que possa garantir seus direitos e questionar os abusos que sofrem. São as pessoas que acham que as pessoas LGBTI+ tinham que ficar dentro de seus armários. Até admitem que elas existam, mas não podem estar por aí se beijando, se expondo. Então tem todo um ressentimento social que essa pauta de matriz religiosa ultrapasse os limites religiosos e alcance tanta gente. Afinal, está aí a questão dos fundamentalismos: não precisa ser religioso para defender uma matriz religiosa. Então é muito mais do que a pauta do comunismo do passado, de ordem política. Está se mexendo com valores. Evidentemente, é político também. Mas na questão da família, está se mexendo com valores, com o emotivo, com o afetivo. Então se vê uma força muito grande nessa dimensão, especialmente do pânico moral que se criou em relação a esses inimigos e atingiu gente para muito além dos espaços religiosos.

Temos lido a pauta da Diversidade Sexual e de Gênero como o elo capaz de ligar diferentes perspectivas conservadoras/fundamentalistas, que podem até discordar entre si (como Silas Malafaia e Augustus Nicodemus, por exemplo), mas

que se encontram e se convergem neste tema. Como você lê essa realidade?

Magali: Essa é uma característica dos grupos conservadores que atuam em torno de inimigos. Você tem muitas diferenças, mas é a luta contra o inimigo e a favor de uma pauta comum, que vai jogar fora todas as diferenças. Quem trabalhou muito, lá nos anos 80, foi o teólogo Júlio de Santana, uruguaio metodista. Ele tem um livro clássico, *Ecumenismo e libertação*, publicado pela Editora Voz, que conta a história do ecumenismo como aquilo que une. A gente tem que estar unido em torno da promoção da vida, dos valores da paz, da unidade, do diálogo e deixar de lado as nossas diferenças. Então, o ecumenismo está pautado nessas bases. E ele vai dizer que isso também acontece no mundo conservador, para o qual naquele momento ele usa o exemplo do comunismo. Quando os grupos conservadores jogavam fora suas diferenças para combater o comunismo. Então essa pauta do inimigo comum é um eixo, é um núcleo que vai fazer com que esses grupos estejam juntos em torno de alguém, de um grupo, de um partido, de uma figura, de uma personagem. No Brasil, Jair Bolsonaro, por exemplo, que não é a figura tão desejada porque não reúne todos os requisitos como uma pessoa pública que possa dar orgulho a esses grupos, mas era aquilo que era viável para levar adiante a confrontação aos inimigos e as pautas de hegemonia religiosa que se desejava. E a mesma coisa aconteceu nos Estados Unidos com Trump, que não era a figura desejada, era controversa e de moral questionável, mas que teve uma unidade de propósitos em torno dessa figura.

Em nossa pesquisa, pudemos observar a cultura cristã como agente polarizante e inibidor do debate sobre sexualidade e gênero. Daria para fazer uma analogia da ideia de que Deus condena as pessoas LGBTI+ com a velocidade de propagação e assimilação das fake news?

Magali: Podemos, sim. O fenômeno das fake news está diretamente relacionado àquilo que afeta emocionalmente as pessoas. Então, uma fake news se espalha quando a pessoa se identifica com aquele assunto e ela não quer saber se é verdade, se é mentira, basta estar escrito ali. “Eu acredito nisso”, elas dizem. Então tem a ver com crenças, com valores, com aquilo que se chama na psicologia da dissonância cognitiva. Pode ser um absurdo, mas se bate com aquilo que eu creio e que eu acho que deve ser, então é verdade. Então, essa condenação das pautas, do jeito de ser, das orientações LGBTI+, está diretamente relacionada a essa formação, a essa visão de mundo, a essa crença que se estabelece. Então, é muito difícil trabalhar pelo viés da racionalidade. Eu, por exemplo, trabalho lá no Coletivo Bereia e a gente discute muito isso. A gente faz pesquisa, fact checking, mostra o que é o fato, mas a gente sabe que as pessoas não vão simplesmente deixar de acreditar naquela mentira. Tem que ser feito um trabalho paralelo no campo da educação. Tem que ir lá no Paulo Freire para aprender que educação não se faz só com a razão. Tem que passar por uma educação que afete aquilo que diz respeito à vida das pessoas. Então é um trabalho árduo. Não é fácil, não. Não é apresentando argumentos que nós vamos romper com essa visão fechada com as mentiras, com a negação, mas sim, buscando mexer, afetar a vida dessas pessoas.

O que as tecnologias de comunicação e convivência podem nos ensinar sobre as possibilidades de construção de pontes e diálogo entre campo progressista (interessado na defesa dos direitos humanos) e o conservador (atravessado pela teologia cristã hegemônica)?

Magali: Uma coisa do Brasil, que é demonstrada em pesquisas na área de comunicação, é essa afeição pela tecnologia. Claro que a pandemia fez isso crescer e ampliar mais ainda – as pessoas hoje estão o dia inteiro conectadas –, mas isso já vem

desde antes. O Brasil tem mais de um celular por habitante já há muito tempo. Acesso a internet é uma coisa que as pessoas gostam, então a gente precisa valorizar isso, não demonizar.

Uma outra coisa que a gente tem como marca na cultura latino-americana é a nossa oralidade. Somos uma cultura oral. As pessoas não gostam de ler. Então, lamentavelmente, somos uma população de baixa leitura, onde as coisas que se escreve têm que ser breves. Quando se escreve muito, tem que instigar que as pessoas leiam. Arrumar formas de as pessoas lerem. Nós somos uma cultura que gosta de histórias. Não à toa que tem programas como BBB, novela, até aqueles programas de baixo nível, com casos de família onde as pessoas estão lá contando suas histórias. Isso faz sucesso porque as pessoas gostam. Até mesmo a forma como aqueles programas horríveis de jornalismo, Datena e tantos outros, pegam uma notícia e transformam em história. Então eu acho que as histórias são uma chave muito importante pra gente conquistar a atenção das pessoas para as pautas de direitos relacionados a gênero, tanto das mulheres quanto LGBTI+. As pessoas muitas vezes criam concepções e não relacionam essas concepções a pessoas, que têm nome, identidade, jeito de ser, uma carinha, uma voz, né? Então, quando a gente coloca pessoas para contar suas histórias, acho que tem muita chance de romper com essas barreiras. É nesse sentido que as mídias sociais tornam isso possível. Os vídeos ou os cards em que as pessoas possam socializar histórias, e tornar essas coisas que são concepções, são conceitos, tornar isso em gente. Eu acho que é um desafio que a gente tem.

Na sua opinião, quais os maiores desafios para a construção de estratégias e narrativas cristãs LGBTI+ emancipatórias em termos de canal, distribuição e engajamento? Como chegar até as pessoas e grupos conservadores?

Magali: Eu acho que um desafio maior, para além dos forma-

tos, é a linguagem em termos do repertório que a gente usa. Tem palavras que, quando usadas, já estão carimbadas para criar uma barreira. A palavra gênero, por exemplo. Não que a gente tenha que censurá-la. Mas para abrir um caminho, num primeiro momento, eu acho estratégico não usá-la. Precisamos encontrar linguagens e repertórios que abram caminho para a gente poder falar de gênero quando a porta estiver aberta. A gente precisa antes abrir a porta. Então a gente bate, e pra pessoa abrir, a batida tem que ser convidativa. Linguagem para mim é um tema urgente para a gente discutir formas de abordagem. Qual é o repertório que a gente vai utilizar? E quando eu falo de linguagem, não estou falando só de palavra, mas de imagem também, de repertório visual de formatação.

Eu dei esse exemplo de gênero porque é a questão mais forte e atual. Até porque essa ideia, por exemplo, de “ideologia de gênero” é uma mentira. A gente já escreveu isso no Coletivo Bereia. É uma falsidade. Não existe “ideologia de gênero”. Esse foi um termo inventado. Hoje, essa expressão está consagrada até pela imprensa que a usa como algo naturalizado. Que termos a gente vai criar para contrapor? A gente ainda não inventou. E eu me coloco aí também com essa responsabilidade. Esse é um desafio. Assim como os grupos conservadores, extremistas e fundamentalistas criam termos, a gente também tem que criar. Temos que inventar repertórios que possam ser conquistadores também. E não ficar só dizendo “ideologia de gênero” não existe. O que vamos dizer que existe no lugar, então? Se a palavra gênero está carimbada dessa forma pejorativa, então a gente precisa se sentir desafiado também a ser criador de repertório.

Em que medida o discurso LGBTI+fóbico propagado pelas mídias e pelas maiores autoridades do país, principalmente pelo governo federal, influencia no aumento da violência contra essa população?

Magali: Influencia muito e isso tem que ser denunciado cada vez mais. A gente precisa trabalhar com a análise do discurso dessas mídias, que não são só religiosas. A forma como esse discurso está presente de maneira pejorativa. Por exemplo, quando se dá uma notícia de violência contra uma pessoa LGBTI+. A forma como essa notícia é dada. Os títulos das manchetes. A gente precisa mostrar como essa violência que aquela pessoa sofreu continua na forma como a notícia da violência é dada. Ou na forma como essa notícia não é dada. O silêncio. A omissão. Isso é um exercício que tem que ser feito pelos grupos que trabalham com direitos humanos, especialmente os direitos LGBTI+. A denúncia é importantíssima. Da forma como a violência não é praticada só fisicamente, mas ela é praticada por essa linguagem. Isso precisa aparecer em estudos, em mídias sociais, em cards, em espaços dos mais diversos.

Quais prejuízos a entrada de grupos religiosos nas instâncias de poder acarretam para a defesa dos direitos da população LGBTI+?

Magali: Entendo que a pergunta diz respeito a grupos religiosos fundamentalistas, pois grupos religiosos podem ser aliados da população LGBTI+ e defender direitos a partir de sua leitura da fé. No tocante a esses grupos fundamentalistas, o prejuízo passa pela compreensão autoritária, negadora da homoafetividade, pautada pela heteronormatividade patriarcal. Essa noção passa a ser o fundamento da leitura política e da tentativa de interferência no espaço público na obstaculização de leis que ampliem direitos ou na introdução de retrocessos a conquistas já alcançadas. Tem sido assim desde que o deputado Eduardo Cunha assumiu a presidência da Câmara Federal, em 2015, com mais espaço dado a este tipo de ações com o governo Bolsonaro em aliança com parcela significativa do Congresso Nacional. É preciso um trabalho

não para retirar grupos religiosos de espaços de poder na esfera pública, mas de atuar para que religiosos comprometidos e defensores de direitos ocupem esses espaços. Essas pessoas existem, precisam ser visibilizadas.

Quão efetivo você considera que a promoção de discursos religiosos afirmativos em relação à questão LGBTI+ poderia influenciar na redução da violência contra essas pessoas?

Magali: Quanto mais a gente fala de uma coisa, mais naturalizada ela vai ficando. É preciso falar mais. Eu acho que a efetividade passa por essas estratégias que a gente já falou aqui, que tem a ver com formato, com repertório, com linguagem e com um incessante pronunciamento disso tudo. Tem que ocupar todos os espaços possíveis e impossíveis. Quanto mais espaço de mídia ocupado, quanto mais se pronunciar afirmativamente, mais a gente vai ajudando a tornar cotidiano, a naturalizar. A gente fala da “ideologia de gênero” que é naturalizada. Então, a gente tem coisas para defender que sejam naturalizadas também, que se tornem parte do cotidiano das pessoas, e isso é pela insistência e ocupação de espaços. Precisamos cavar e aproveitar as oportunidades. Criar cada vez mais espaços de ocupação.

23.

Metodologia

Procedimentos

de pesquisa

a. Escuta a pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs com filhos/as/es LGBTI+

Processo de escuta qualificada com pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs com filhos/as/es LGBTI+ que já percorreram ou ainda estão trilhando seus próprios caminhos de rejeição / aceitação. Entrevistas individuais realizadas com o intuito de contextualizar o processo de tomada de conhecimento da orientação sexual ou identidade de gênero dos filhos/as/es, explorar as experiências de ajustamento psicossocial subsequentes à revelação, discutir as estratégias que foram relevantes no caminho da aceitação e a articulação com a entrada no ativismo LGBTI+ e apoio a outras famílias.

As pessoas entrevistadas

Foram realizadas três entrevistas semiestruturadas com famílias cristãs, foco de intervenção do projeto, a fim de aprofundar a discussão sobre suas trajetórias e como elas encontraram estratégias para lidar com o processo de aceitação. Buscamos por famílias cristãs que já passaram por este processo no passado. Nossa intenção era acessar um número maior de famílias e que estas tivessem perfis diversos (configurações, recortes de gênero, sexual, raça, território e denominação de fé). Entretanto, este não foi um processo fácil.

Há que se ressaltar a complexidade e dificuldade de encontrar pais e mães e pessoas cuidadoras com este perfil (religiosos) dispostos/as a dar uma entrevista para falar de suas dores. Além disso, acessar famílias que estão iniciando este processo é tanto difícil quanto irresponsável. Por isso, nosso recorte recaiu sobre as famílias que já estavam em franco processo de aceitação. Assumimos, então, que ficamos com um número pequeno de famílias cristãs e que não representavam as diversidades que inicialmente desejávamos. Portanto, este é um estudo exploratório, necessita ser ampliado e não é possível estabelecer generalizações a partir dos dados que encontramos – assim como ressaltamos ao longo de toda a obra.

Todas as famílias foram informadas do objetivo da entrevista e autorizaram o uso dos dados. Para fins de confidencialidade, inicialmente pensamos em identificar as famílias por números - 1, 2 e 3. Entretanto, ao apresentar essa possibilidade de anonimato, todos os entrevistados solicitaram ser identificados, a saber: Cátia, Sonia e Washington.

“ Gostaria de ver meu nome sim, pois tenho muito orgulho da história da minha família e meu papel é principalmente lutar contra essa opressão [...] Levei muito tempo para sair do armário e assumir meu filho. Ninguém vai me fazer voltar pra lá. ”

Washington, pai de filho homem cis homossexual

Caracterização das pessoas entrevistadas :

Entrevistada/o	Cátia Vedeschi
Parentesco	Mãe
Idade do filho/a/e na época da entrevista	21
Gênero / Sexualidade do filho/a/e	Homossexual não-binário

Religião do/a entrevistado/a	À época da entrevista, frequentava a Casa dos Milagres. Atualmente, afirma não frequentar mais a igreja.
Grupo social	Classe média baixa
Raça	Parda
Território	Carapicuíba (SP)

Entrevistada/o	Sonia Alves
Parentesco	Mãe
Idade do filho/a/e na época da entrevista	25
Gênero / Sexualidade do filho/a/e	Homem cis homossexual
Religião do/a entrevistado/a	Assembleia de Deus do Ministério de Belém. Depois, mudou para a Assembleia de Deus Ministério aos Pés da Cruz.
Grupo social	Classe média baixa
Raça	Branca
Território	Diadema (SP)

Entrevistada/o	Washington Pereira
Parentesco	Pai
Idade do filho/a/e na época da entrevista	26
Gênero / Sexualidade do filho/a/e	Homem cis homossexual
Religião do/a entrevistado/a	Durante 20 anos, Congregação Cristã do Brasil (Orientação: não denominacional ou pentecostal / Classificação: Protestante). Atualmente, denomina-se evangélico.
Grupo social	Classe média
Raça	Branco
Território	São Bernardo do Campo (SP)

Todas as pessoas entrevistadas têm filhos/as/es em idade adulta e já passaram pelo processo de aceitação há pelo menos cinco anos, e atualmente militando na causa LGBTI+ junto ao grupo Mães pela Diversidade. Também são, todas elas, da cidade de São Paulo. Houve um esforço, sem êxito, de conseguir entrevistar mães de outros estados do país dos núcleos regionais do Mães pela Diversidade, que não atende exclusivamente famílias cristãs.

Importante destacar certa homogeneidade desta amostra pelos critérios de inclusão preestabelecidos (famílias religiosas que já passaram pelo processo). Outras características (grupo social, orientação sexual, identidade de gênero e espaços geográficos semelhantes) podem exigir futuramente outras narrativas que serão importantes para o aprofundamento deste estudo.

As entrevistas

As entrevistas foram conduzidas por Gut Simon, comunicador social, facilitador e ativista LGBTI+, idealizador, diretor executivo e coautor desta pesquisa, durante o mês de julho de 2020, a partir de um roteiro de perguntas elaborado previamente a fim de colher experiências subjetivas das famílias participantes que possuem um vínculo forte com a religião, na vivência do fenômeno da aceitação. No roteiro, dividido em cinco etapas, constaram perguntas voltadas à descrição de emoções, sentimentos e comportamentos que surgiram durante o percurso de cada família:

1. Introdução e contexto;
2. Como foi a experiência da revelação / primeiras reações;
3. Estratégias relevantes;
4. Caracterização do processo que levou à aceitação;
5. O exercício de apoiar outras famílias.

Além de seguir um roteiro de questões abertas, a proposta também contou com a possibilidade de perguntas adicionais na medida em que emergiram novos pensamentos ou o entrevistador tinha necessidade de esclarecimentos. As entrevistas foram gravadas e transcritas, e tiveram duração de uma a duas horas.

Análise dos dados

Para análise, utilizamos as gravações (cerca de cinco horas) e transcrições. Optamos por uma apreciação crítica dos conteúdos, a partir de um olhar qualitativo sobre as características de fragmentos das comunicações ocorridas durante as entrevistas, inspirados pela análise de conteúdo de Laurence Bardin⁷⁶.

O objetivo deste foco de análise foi analisar o que foi dito para cada questão e que poderia nos permitir apreender um pouco da realidade da aceitação de filhos(as/es) LGBTI+ por famílias cristãs.

As etapas que envolveram o trabalho de análise foram:

- organização do material;
- transcrição do material com a ajuda de um software de gravação e edição de som;
- escuta dos registros e refinamento da transcrição;
- uma leitura flutuante do material inicial, denominado por nós documento terra;
- categorização - a partir das perguntas norteadoras e utilizando como unidade de registro palavras-chave e ideias centrais que deram origem às categorias;
- inferências e possíveis generalizações - os recortes das unidades, agrupados em categorias, possibilitaram as inferências.

Sendo assim, esta análise, de caráter exploratório-descritivo, foi elaborada com a intenção de ser um guia para identificar temas e possibilitou-nos também selecionar proposições que

76 BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011. 229p.

exemplificassem as temáticas que surgiram nos debates e serviram de exemplos no relatório.

Somam-se a este conjunto de entrevistas, conversas com outras mães, pais e pessoas cuidadoras com filhos/as/es LGBTQI+ - entre os quais, Maju Giorgi, Marcelo Limão e Dra. Andrea Hercowitz, do Mães Pela Diversidade - que, ao longo deste período de pesquisa, cruzaram os caminhos dos autores desta publicação. Desse modo, foi realizado também um encontro com mais de trinta mães, pais e pessoas cuidadoras de São Paulo. E ainda Flávio Conrado, Coraci Ruiz e Silvia Kreuz (fundadora do MAMI), que participaram também da nossa consulta com os especialistas (seção 23.3). Sem contar o trabalho diário de Bob Luiz Botelho, no Evangélicxs pela Diversidade, em contato com muitas famílias, e Tania Afonso Chaves, por sua vez, mãe de uma criança arco-íris de dez anos de idade - ambos coautores deste relatório.

O acúmulo de todos esses processos de escuta - alguns com rigor metodológico, outros com apenas uma postura atenta e compassiva - foi o que nos fez compreender que já tínhamos informação suficiente para chegarmos às nossas conclusões. Sem perder de vista que este é somente um ponto de partida para essa discussão complexa e inesgotável e que mais investimento em pesquisa e no impulsionamento dessas histórias se faz cada vez mais necessário.

b. Consulta com especialistas

Consulta com um grupo de doze especialistas, entre teólogos, profissionais da saúde mental, comunicadores, pais, mães e pessoas cuidadoras e outros membros da comunidade cristã LGBTQI+ que oferecem atendimento psicoterapêutico a pessoas LGBTQI+ e também familiares; cuidado pastoral e orientação espiritual a pessoas LGBTQI+ e familiares; sobre

suas próprias vivências como estudiosos no tema e/ou familiares no processo de aceitação das pessoas LGBTI+ em suas famílias.

Os encontros

Dois encontros foram realizados virtualmente pela plataforma Zoom. No primeiro encontro (em 30 de novembro de 2021) foram realizadas rodas de conversas que nos permitiram aprofundar nossa compreensão em relação aos cenários das famílias cristãs com filhos/as/es LGBTI+. No segundo encontro (em 7 de dezembro de 2021), debruçamo-nos sobre o debate ao redor das estratégias para lidar com esses conflitos. Outra ação realizada neste segundo encontro foi definir coletivamente os temas aos quais cada especialista se dedicaria em sua produção textual, que chamamos de testemunhos, e que fizeram parte do relatório.

A escolha das pessoas convidadas

Desde o princípio, sabíamos que gostaríamos de prezar pela diversidade (de gênero, sexualidade, raça, denominações cristãs etc.) na escolha dos participantes. Também compreendíamos que a riqueza deste processo estaria nos diferentes olhares sobre o tema a partir dos diferentes campos de atuação de cada uma dessas pessoas. Foi, então, que optamos por pensar nesse grupo a partir de quatro áreas de especialidades: teologia, saúde mental, comunicação e família/comunidade.

Os critérios que nos ajudaram neste processo curatorial permearam:

- a expertise da participante em relação ao tema, tanto em arcabouço teórico e metodológico de análise sobre os temas dos quais são especialistas, quanto no que se refere à capacidade de articulação no manejo das situações demandadas;
- o contato direto e cotidiano com o conflito apresentado

em suas interfaces de atuação, compreendendo nesta consulta pessoas que oferecem atendimento psicoterapêutico a pessoas LGBTI+ e também familiares, cuidado pastoral, orientação espiritual a pessoas LGBTI+ e familiares, vivência enquanto familiares no processo de aceitação das pessoas LGBTI+ em suas famílias;

- a habilidade de produção textual para a elaboração do artigo;
- a institucionalidade que a participante representa, de forma que nos ajudasse também a iniciar o processo de construção/aproximação de uma rede de pessoas e organizações.

Durante a pesquisa e o exercício de definição dos convidados/as/es, optamos também por chamar doze pessoas. Essa escolha deveu-se ao fato de termos uma margem que garantisse a representatividade das especialidades, mesmo se alguém se ausentasse. O grupo final ficou com os seguintes nomes: Bruna Galvão (Casa Galileia), Coraci Ruiz (cineasta em Estúdio Cisco), Ma. Cris Serra (psicóloga), reverenda Dayse Porto (teóloga, pedagoga e psicanalista), professor Dr. Flávio Conrado (antropólogo e consultor), professora Gabriella Moreira (psicóloga e ministra evangélica), reverenda Gabs Lima (psicanalista, socióloga e teóloga), pastor Julio Oliveira (teólogo e mobilizador comunitário), Lucas Cortez (Redes Cordiais), professor Dr. Marcelo Limão (sociólogo, escritor e psicólogo), pastora Dra. Odja Barros (biblista), Dra. Silvia Kreuz (sexóloga e fundadora do MAMI).

A dinâmica e os objetivos dos encontros

A dinâmica dos encontros foi baseada na reflexão, discussão e compartilhamento de ideias e concepções a partir de objetivos preestabelecidos para cada encontro, bem como questões geradoras. As discussões ocorreram em diferentes momentos, quais sejam: trios por especialidade; quartetos (com representação de um componente de cada grupo de especialistas) e também por plenária geral.

As perguntas geradoras elencadas para o primeiro encontro foram:

- Que motivos levam pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs a terem dificuldade em aceitar seus filhos/as/es LGBTI+?
- Como o desafio da aceitação nessas famílias se materializa nas diferentes dimensões da experiência de fé, família, estado e escola?
- O que está acontecendo nessas famílias e o que continua permitindo que isso aconteça?

As perguntas geradoras elencadas para o segundo encontro foram:

- Quais estratégias e boas práticas você vem fazendo e/ou tem observado diante desse cenário a partir de seu campo de atuação?
- O que está dando certo? O que você já vem visualizando que acredita que pode funcionar?
- Em relação a novos caminhos estratégicos, quais devem ser os possíveis cuidados e tratamentos?

Todos os momentos ocorreram de forma remota e foram gravados, com consentimento dos participantes, para posterior análise.

Análise dos dados

Para análise, utilizamos as gravações (cerca de dez horas), transcrições e registros escritos, a fim de realizar uma análise do conteúdo dos dois dias de consulta. Optamos por uma apreciação crítica dos conteúdos, a partir de um olhar qualitativo sobre as características de fragmentos das comunicações ocorridas, inspirados pela análise de conteúdo de Laurence Bardin⁷⁷.

O objetivo deste foco de análise foi analisar o que foi dito, escrito ou observado e destacar temas ou categorias que auxiliassem na compreensão do cenário e que poderiam nos

77 BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011. 229p.

permitir confirmar os indicadores que já nos são conhecidos, a despeito da realidade da aceitação de filhos/as/es LGBTI+ por famílias cristãs. Além disso, a análise nos possibilitaria também inferir sobre outras realidades a partir de diferentes vivências, olhares e reflexões de diferentes atores sociais, quais sejam: teólogos, psicólogos, comunicadores e famílias. As etapas que envolveram o trabalho de análise foram:

- organização do material;
- sua transcrição com ajuda de um software de gravação e edição de som;
- escuta dos registros e refinamento da transcrição;
- leitura flutuante do material inicial, denominado por nós de “documento terra”;
- categorização do conteúdo a partir das perguntas norteadoras e utilizando como unidade de registro os momentos de fala de cada especialista;
- identificação de palavras-chave que deram origem às categorias que surgiram e foram agrupadas de acordo com temas correlatos;
- inferências e possíveis generalizações (os recortes das unidades agrupados em categorias possibilitaram as inferências).

Sendo assim, esta análise, de caráter exploratório-descritivo, foi elaborada com a intenção de ser um guia para identificar temas. Essa etapa nos possibilitou também selecionar proposições que exemplificassem as temáticas que surgiram nos debates e serviram de passagens citacionais no relatório.

c. Entrevistas individuais: fé, comunicação e política

Foram feitas duas entrevistas com pessoas envolvidas em temáticas que transitam na interface entre o universo religioso, os estudos de comunicação e mídias e a incidência na socie-

dade. A primeira foi com a Dra. Magali Cunha (Coletivo Bereia e Grupo de Estudos Religiosos do Intercom). A segunda, com o pesquisador Humberto Ramos (Otros Cruces). Ambas foram realizadas pela plataforma Zoom, entre fevereiro e março de 2022.

Optamos por trazer na íntegra a entrevista de Magali Cunha (seção 22) pela especificidade do tema que abordou: o fundamentalismo religioso. Em relação à pesquisa com Humberto Ramos, ela nos ajudou a compreender melhor o campo. Por isso, apesar de não ter sido transcrita na íntegra, ela permeia todo o documento.

d. Encontros com estrategistas, articuladores, mobilizadores e lideranças

Foram realizados encontros individuais com mais de trinta profissionais e lideranças de diversas organizações sociais e religiosas para compreender a percepção de setores progressistas sobre a relação do discurso religioso com a defesa dos direitos humanos.

Essas conversas aconteceram em grande parte presencialmente, em um período anterior à pandemia de Covid-19, entre 2018 e 2020, em cafés ou salas de reunião de institutos e organizações do Terceiro Setor.

Os encontros entre o comunicador social, facilitador e ativista LGBTI+ Gut Simon, idealizador, Diretor Executivo e coautor desta pesquisa, e cada uma dessas pessoas, em momentos distintos, foram realizados sem o apoio de um roteiro de perguntas.

A dinâmica se deu a partir da apresentação das premissas que embasaram este estudo e de uma troca genuína e fluida sobre a percepção desses estrategistas, articuladores, mobilizadores e lideranças sobre os cenários e as estratégias que perpassam a compreensão do discurso religioso fundamentalista e seu papel no impedimento do avanço da defesa dos direitos humanos para as pessoas LGBTI+.

Optamos por não apresentar uma lista com os nomes das pessoas interlocutoras nesta publicação em virtude da sensibilidade do tema. Além de garantir a segurança e privacidade delas, mantendo-as anônimas, esta escolha nos permite reforçar que o conteúdo deste relatório não expressa a visão de nenhuma dessas pessoas e das organizações que atuam ou atuavam na época. O resultado dessas conversas estão, de uma forma ou de outra, presentes implicitamente ao longo do texto.

e. Depoimentos / Testemunhos

Além de pessoas presentes na consulta com os especialistas, convidamos uma pessoa não-binária para contribuir com um relato pessoal. Os depoimentos foram chamados de “testemunhos” (Parte V deste relatório), porque são ensaios com relatos pessoais sobre as áreas de atuação de cada pessoa convidada a contribuir com um texto. São as pessoas autoras: Allie Terassi, Bruna Galvão, Bob Luiz Botelho, Cris Serra, Coraci Ruiz, Flávio Conrado, Gabriella Morena, Julio Oliveira, Odja Barros e Silvia Kreuz.

f. Conselho Editorial

Convocação de um Conselho Editorial que realizou a leitura do texto final desta publicação e fez uma análise crítica da obra apontando melhorias. O grupo é formado por:

Angelica Tostes: Mestra em Ciências da Religião, com foco no Diálogo Hindu-Cristão e teoria Pós-Colonial, pela Universidade Metodista de São Paulo (2019). Intercâmbios acadêmicos em Teologia Contextual na Vrije Universiteit Amsterdam (2018) e Diálogo Inter-Religioso e enfrentamento da Pobreza na Índia

pelo Henry Martyn Institute em Hyderabad (2018). Atualmente é coordenadora da pesquisa “Evangélicos, Política e Trabalho de Base” no Tricontinental Institute for Social Research, ligado aos movimentos populares no Sul Global. Se dedica às áreas de diálogo inter-religioso, múltipla pertença religiosa, teologias feministas e queer e evangélicos na política brasileira.

Caê Vasconcelos é homem trans, bissexual, jornalista e cria da periferia zona norte da cidade de São Paulo. É autor do livro-reportagem “Transresistência: Pessoas trans no mercado de trabalho” (Dita Livros, 2021). Atualmente escreve para a Agência Mural de Jornalismo das Periferias, é colunista na Ponte Jornalismo e editor na ESPN Brasil Tem textos publicados em Yahoo, Uol, El País, Ecoa Uol, AzMina, Omelete e foi repórter da Ponte Jornalismo de 2017 a 2021.

Leandro Ramos é jornalista e ativista. Trabalhou por dez anos na All Out, organização internacional de defesa dos direitos LGBTQ+, liderando campanhas de mobilização em países como Rússia e Uganda. No Brasil, coordenou as ações da All Out pela criminalização da LGBTQfobia pelo Supremo Tribunal Federal – a maior campanha já realizada pela organização. Atualmente é Diretor de Campanhas do Greenpeace Brasil.

Tião Guerra é Pedagogo Social dedicado ao desenvolvimento do ser humano enquanto indivíduo e em grupos. Consultor em diversas iniciativas sócio-culturais. Trabalha com instituições e movimentos sociais, em especial no âmbito da infância, juventude e desenvolvimento comunitário. Atuou como educador formal em escolas privadas e públicas por 37 anos. Fundou o Instituto de Educação de Nova Friburgo (RJ) e a Associação Crianças do Vale de Luz (RJ), mantenedora de duas Escolas Waldorf público-comunitárias e um Centro de Formação de Professores Waldorf. Em 1996, começou a atuar como consultor de processos de desenvolvimento social, associando-se ao Instituto Fonte. Foi coordenador Regional da FIA/

RJ Fundação para Infância e Adolescência. Realizou estágios na área educacional na França, Suíça e África do Sul. De 2007 a 2011, prestou assessoria parlamentar (ALERJ) na área de projetos de desenvolvimento.

A coleta das contribuições do grupo se deu de forma individual por meio de um formulário Google de avaliação enviado no dia 29 de abril de 2022, que contemplou as seguintes questões:

1. O título da obra reflete claramente o conteúdo?
2. A linguagem atende ao público-alvo da obra?
3. Há claro embasamento da obra em dados referentes a pesquisas documentais, literatura e entrevistas?
4. O relatório traz material coerente e confiável no que tange ao manejo de conceitos, teorias, dados e procedimentos?
5. As interpretações e conclusões são articuladas de maneira clara e didática ao longo da obra?
6. Em que medida o tema do relatório é atual e relevante para os debates atuais?
7. Que ideias ou leituras você identifica como novas e originais dentro do relatório?
8. O relatório tem capacidade de impacto e/ou legado para a sociedade brasileira? Qual a importância deste estudo na sua opinião?
9. Existem pontos que deveriam ser esclarecidos e/ou melhor desenvolvidos na obra como um todo? Se sim, apresente quais são.
10. Existem argumentos que os autores deveriam revisar ou reconsiderar em partes específicas da obra? Se sim, apresente quais são.
11. Na sua opinião, quais riscos estamos correndo em colocar mais combustível em uma guerra que não queremos inflamar entre o campo progressista e conservador e de que forma podemos mitigá-los?
12. A disseminação e crítica deste relatório é essencial para a sustentação deste trabalho. Você indicaria a leitura deste relatório? Se sim, descreva abaixo a forma como você indicaria essa leitura para outras pessoas.

As contribuições do Conselho Editorial foram em grande parte implementadas no texto, fazendo com que esta obra ecoasse as vozes de ainda mais pessoas e ativistas LGBTI+ que se entusiasmaram com essa construção coletiva, como veremos abaixo:

“ É uma linha muito tênue quando falamos da LGBTfobia que nossos familiares reproduzem nas nossas criações, ainda mais quando essa criação é pautada em alguma religião. Muitas vezes, nós LGBT, esquecemos que nossos familiares foram historicamente convencidos de que só existe um caminho: a cisheteronormatividade. Ter uma pessoa LGBT+ em casa traz medo. O amor é o único caminho para enfrentar esse medo e a sociedade. Por outro lado, é difícil pedir paciência para quem já sofre na rua e também vai sofrer em casa com o abandono, o desamor. Esse documento, para mim, traz de forma transparente toda essa problemática e, dessa forma, coloca todas as cartas na mesa pra gente discutir o tema com a complexidade que ele precisa ter. Para mudarmos de fato essa lógica cisheteronormativa, precisamos seguir a linha do diálogo e do amor, mas com base para isso. A base está aqui, neste relatório. ”

Caê Vasconcelos

“ Absolutamente atual. Emocionante. Transformador. À medida que lia, sentia a transformação em mim. Ele é uma intervenção completa em si. E também uma convocatória para a ação. ”

Tião Guerra

“ O tema do relatório é tanto atual quanto relevante. Acredito que explorar a interseção entre fé e direitos LGBT+ e superar a ideia de incompatibilidade entre

esses espaços são ações urgentes para ativistas que trabalham pela diversidade sexual e de gênero no Brasil de hoje – e a obra contribui para esse esforço. 💜

Leandro Ramos

💜 Considero um trabalho muito importante para o momento em que, como vocês apontam, a família está em disputa. E, como progressistas, não queremos ‘destruir a família’, mas antes, expandir até que todes sejam incluídos, amados por essa família. 💜

Angelica Tostes

24.

Referências

Onde saber mais sobre o tema?

Todas as citações desta pesquisa encontram-se em formato de hiperlink na versão digital. Para a versão impressa, preparamos a lista abaixo com as respectivas referências, na ordem em que são citadas na obra. Entre os links abaixo, você encontra os grupos, as organizações e as instituições LGBTI+ citados na pesquisa, além de reportagens de veículos de mídia nacionais e internacionais e materiais e relatórios para download.

Depoimento Jock Dean, jornalista e ativista LGBTI+ (p. 3 e 78)

Fonte: Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão

<https://bit.ly/38zvo5T>

Sobre a definição de fé em Paul Tillich (p.10)

Fonte: Guilherme V. R. de Carvalho, 2006

<https://bit.ly/3NJ4N53>

População cristã no Brasil (p. 11, 37 e 38)

Fonte: Censo IBGE, 2010

<https://censo2010.ibge.gov.br>

Carta de São Paulo: Igrejas e comunidade LGBTI+ (p. 11, 12, 14 e 16)

Fonte: 1o Congresso Igrejas e Comunidade LGBTI+, 2019

<https://bit.ly/3akXMcj>

População LGBT morta no Brasil (p. 12)

Fonte: Grupo Gay da Bahia, 2018

<https://bit.ly/38zwONL>

Pastor unge armas de delegados de Curitiba: ‘Contra os homens maus’ (p. 13)

Fonte: Correio Braziliense, 2022

<https://bit.ly/3z5sznW>

Pastor que ora pela morte de Paulo Gustavo será processado por homofobia (p.13)

Fonte: Congresso em foco, 2021

<https://bit.ly/3anrDkq>

Prisão do suspeito pela morte da travesti (p.14)

Fonte: Portal G1, 2019

<http://glo.bo/3GROOul>

Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo (p.14)

Fonte: Brasil de Fato, 2022

<https://bit.ly/39bhYx3>

Papa Francisco, 2019 (p. 14)

Fonte: Observatório G, 2019
<https://bit.ly/3taYPCg>

Un cambio en la acogida a católicos homosexuales? (p.14)

Fonte: Buena Voz Noticias, 2022
<https://bit.ly/38MQlKC>

A sinodalidade na vida e na missão da Igreja (p.15)

Fonte: Vatican.va
<https://bit.ly/3meTcPv>

Documento para el discernimiento comunitario (p.15, 16 e 20)

Fonte: Primera Asamblea Eclesial de América Latina y el Caribe, 2021
<https://bit.ly/398CsGT>

Funcionários da Igreja Católica que se assumiram LGBTI+ (p.16)

Fonte: Infovaticana, 2022
<https://bit.ly/3NSbxOb>

Bispo Jean-Claude Hollerich pede mudança no ensino da Igreja sobre ho- mossexualidade (p.16)

Fonte: National Catholic Reporter, 2022
<https://bit.ly/3Q2Wi76>

Questão gênero e LGBTI+ como prioridade a outros temas (p.16)

Fonte: Porticus / FAS Research, 2021
<https://bit.ly/3GMrp2z>

Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT (p. 17, 137 e 144)

<https://www.redecaticoslgbt.com.br/>

Global Network of Rainbow Catholics (p. 17)

<https://rainbowcatholics.org/>

Evangélicxs pela Diversidade (p. 18 e 138 e 142)

<https://evangelicxs.com/>

Estudo Box 1824 - LGBTQ+ (p. 18, 47, 70, 71, 82, 148 e 149)

Fonte: Google e Box 1824, 2019
<https://bit.ly/3xOR033>

Pessoas com fé não podem ser vistas como ‘risco à civilização’, diz Marina Silva (p. 19)

Fonte: BBC News, 2022
<https://bbc.in/3zhpgdu>

Casa Galileia (p. 30)

<https://casagalileia.com.br/>

Estúdio Cisco (p.30)

<https://www.laboratoriocisco.org/limiar>

Redes Cordiais (p. 30)

<https://www.redescordiais.com.br/>

Grupo MAMI (p. 30 e 75)

Fonte: Facebook

<https://www.facebook.com/grupomami/>

Coletivo Bereia (p. 31, 97 e 250)

<https://coletivobereia.com.br/>

Grupo de Pesquisa Comunicação e Religião (p.31)

Fonte: Grupo de Estudos Religiosos do Intercom, 2018

<https://bit.ly/3ajpiHf>

Otros Cruces (p. 31 e 120)

<https://www.otroscruces.org/>

Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional (p. 37)

Fonte: Câmara dos Deputados, 2019

<https://bit.ly/3zhqYLW>

Enseñando Diversidad: Manual de apoyo a profesores, tutores y apodera- dxs (p.38)

Fonte: Todo Mejora, Chile, 2017

<https://bit.ly/3tCs0i3>

Com que idade descobrimos nossa orientação sexual? (p.38)

Fonte: BBC News Brasil, 2018

<https://bbc.in/3MiZdFm>

Panorama da infância e adolescência no Brasil (p.38 e 44)

Fonte: Fundação Abrinq, 2021

<https://bit.ly/3zhFhA3>

O despertar da sexualidade (p.39)

Fonte: Nova Escola, 2018

<https://bit.ly/3NUyVum>

Criança LGBTQIA+ (p.39)

Fonte: IG Queer, 2021

<https://bit.ly/3teujau>

Mães pela Diversidade (p. 39 e 74)

<https://maespeladiversidade.org.br/>

Quando a luta da diversidade começa dentro de casa (p. 39)

Fonte: Lunetas, 2020

<https://bit.ly/3Mg5Vft>

Eliminando a discriminação contra crianças e pais baseada em orientação sexual e/ou identidade de gênero (p. 40 e 41)

Fonte: UNICEF, 2014

<https://uni.cf/3NUZzTV>

Atlas da violência (p. 40, 41 e 42)

Fonte: IPEA, 2021

<https://bit.ly/3mbB8G3>

MPF pede esclarecimentos ao ministério de Damares sobre omissão de dados em relatórios de direitos humanos (p. 43)

Fonte: Folha de São Paulo, 2020
<https://bit.ly/3xh90rp>

Cenário da Infância: violência (p. 44)

Fonte: Observatório da Criança e do Adolescente
<https://bit.ly/3xdurcW>

Familismo (anti)homossexual e regulação da cidadania no Brasil (p. 45)

Fonte: Luiz Mello, 2006
<https://bit.ly/3xeKc3m>

Homo/transsexualidades e família (p. 46)

Fonte: Laplage em Revista, 2018
<https://bit.ly/3MiWegv>

Por que sua marca deveria saber o que a comunidade LGBTQIA+ espera dela (p. 47)

Fonte: Think with Google, 2019
<https://bit.ly/393fzVo>

Growing UP LGBT in America (p. 47)

Fonte: Human Rights Campaign
<https://bit.ly/3x7Qwbz>

The personal and the political: attitudes to LGBTI people around the world (p. 47 e 48)

Fonte: ILGA, 2016
<https://bit.ly/3MozP3>

Pesquisa - aceitação de filhos homossexuais (p.35)

Fonte: Portal G1, 2013
<http://glo.bo/3GQ67kq>

Garantia de direitos sexuais e direitos reprodutivos, prevenção e atenção à gravidez de adolescentes no município de São Paulo (p.49 e 51)

Fonte: UNICEF, 2020
<https://uni.cf/3976evu>

Dificuldade dos pais de aceitarem um filho LGBT (p. 54)

Fonte: Carta Capital, 2019
<https://bit.ly/3xiAHzZ>

A revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica (p. 54)

Fonte: Geysa Cristina Marcelino Nascimento; Fabio Scorsolini-Comin, 2018
<https://bit.ly/3zqvY0y>

Experiências de pais e mães na revelação da orientação não heterossexual de filhos/as (p. 55, 56 e 59)

Fonte: Monalisa Col Debella; Icaro Bonamigo Gaspodini, 2021
<https://bit.ly/3GPwkjg>

10 frases que um filho ouve dos pais quando conta que é gay (p. 66)

Fonte: Donna, 2014
<https://bit.ly/3mmGoGM>

Teologia e violência de gênero (p.67)

Fonte: Revda. Dra. Ana Ester, 2022
<https://bit.ly/3NryZ55>

O conservadorismo e as questões sociais (p. 70 e 122)

Fonte: Fundação Tibe Setubal, 2019
<https://bit.ly/3axY6os>

A Palavra de Deus na vida (p. 73)

Fonte: Domtotal.com, 2016
<https://bit.ly/3aLpklI>

Homofobia: o preconceito começa em casa e avança nas ruas, deixando um rastro de violência (p. 78)

Fonte: Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão, 2017
<https://bit.ly/3aApT7r>

Family and traditional values (p. 80)

Fonte: GIN-SSOGIE, 2021
<https://bit.ly/3mjnOum>

Apoio familiar aos jovens LGBTQ (p. 80)

Fonte: Stuart Roe, 2016
<https://bit.ly/3GT182H>

Rejeição familiar aos jovens LGBTI (p. 81)

Fonte: Brasil 247, 2015
<https://bit.ly/3aHnxE1>

Política LGBTI (p. 81)

Fonte: #VoteLGBT, 2020
<https://bit.ly/3Q4M7yU>

Family Acceptance Project (p. 81)

Fonte: Universidade Estadual de São Francisco, 2009
<https://bit.ly/3NYkRAj>

LGBTIs expulsos de casa (p. 83)

Fonte: Casa Vogue, 2020
<http://glo.bo/3ziLWtD>

Estatuto da Criança e do Adolescente (p. 83 e 91)

Fonte: Presidência da República, 1990
<https://bit.ly/3zjjulk>

Violência homofóbica: necessária visibilidade e combate (p. 84)

Fonte: Michael Hudson Dantas, 2015
<https://bit.ly/38RcRSL>

Tipos de violência contra crianças e adolescentes (p. 85)

Fonte: Governo do Estado do Paraná
<https://bit.ly/3xkKyFA>

Violência contra mulher (p. 86)

Fonte: Instituto Maria da Penha
<https://bit.ly/3MjqYOz>

Família e homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais (p. 86 e 87)

Fonte: Thiago Barcelos Soliva, 2010
<https://bit.ly/3NRjZ08>

Violência sexual contra lésbicas (p. 87)

Fonte: Universa UOL, 2019
<https://bit.ly/3xhbFRZ>

Campanha “É crime, sim. E agora?” (p. 88)

Fonte: All Out Brasil, 2021
<https://bit.ly/3meWUZJ>

Instituto de Estudos da Religião (p. 97 e 250)

<https://www.iser.org.br/>

Conselho Mundial de Igrejas (p. 97)

<https://www.oikoumene.org/>

Fake news, influência religiosa e isolamento (p. 97)

Fonte: O Globo, 2022
<http://glo.bo/3tgnG7P>

Abstinência sexual e gravidez (p. 99)

Fonte: Tab UOL, 2021
<https://bit.ly/3NPSPqq>

Menino veste azul e menina veste rosa (p. 100)

Fonte: Folha de São Paulo, 2019
<https://bit.ly/3aHrqc5>

Toni Reis (p. 104)

Fonte: Ecoa UOL, 2022
<https://bit.ly/3miD7IK>

Edu França e Lana de Holanda (p. 104)

Fonte: Universa, 2021
<https://bit.ly/3MpMSzo>

Rodrigo Bryan e Ellen Carine (p. 104)

Fonte: Crescer, 2021
<http://glo.bo/3Q4PkOY>

Testemunhos da Diversidade (p. 108)

Fonte: Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT, 2020
<https://bit.ly/3NTZ9NB>

As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação (p. 110)

Fonte: Ana Maria Goldani, 2005
<https://bit.ly/3PVfmb8>

Mortes violentas de LGBT+ no Brasil (p. 115)

Fonte: Grupo Gay da Bahia, 2021
<https://bit.ly/3zoBVLP>

Família, fator de exclusão da população LGBTI+ (p. 115)

Fonte: Portal G1, 2016
<http://glo.bo/3NpOwUT>

Acolhimento em república de jovens LGBT expulsos de casa (p. 116)

Fonte: UOL, 2017
<https://bit.ly/3tj8SFr>

Rede Brasileira de Casas de Acolhimento (p.116)

Fonte: Instagram oficial
<https://bit.ly/3GSX16r>

Falta de acolhimento à população LGBT (p.116)

Fonte: Observatório, 2022
<https://bit.ly/3NPif2A>

Entre ‘curas’ e ‘terapias’: esforços de ‘correção’ da orientação sexual e identidade de gênero de pessoas LGBTI+ no Brasil (p. 117)

Fonte: All Out e Instituto Matizes
<https://bit.ly/3cjQc2M>

As homossexualidades na psicanálise (p. 118)

Fonte: Jurandir Freire Costa, 2014
<https://bit.ly/3953pLI>

Despatologização da transexualidade (p.119)

Fonte: NOHS SOMOS, 2021
<https://bit.ly/3NEANbf>

Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs (p. 120)

Fonte: Conselho Federal de Psicologia, 2019
<https://bit.ly/3zdpYbE>

Rozangela Justino (p.121)

Fonte: Wikipédia, 2022
<https://bit.ly/3tghH30>

O exorcismo de Oliver Black (p. 123)

Fonte: Revista Senso, 2021
<https://bit.ly/3thLpEG>

O impacto da homofobia na saúde do adolescente (p. 124)

Fonte: Taisson Regis Ntarelli et al, 2015
<https://bit.ly/3NLRzVo>

Criança e Adolescente (p.124)

Fonte: Conteúdo Jurídico, 2020
<https://bit.ly/3ti222T>

Cura da Homofobia (p. 125)

Fonte: Projeto Colabora, 2017 <https://bit.ly/38S05mR>

Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos (p.125)

Fonte: Fundação Luterana de Diaconia (FLD), 2020
<https://bit.ly/3tEIF5J>

Gênero e Número (p.128)

<https://www.generonumero.media/>

Linguagem cristã na CPI da Covid (p. 128)

Fonte: Religião e Poder, 2021

<https://bit.ly/3QdwZ2i>

PL da Bíblia Sagrada (p. 128)

Fonte: Religião e Poder, 2022

<https://bit.ly/3tiSwwt>

Nomes religiosos nas urnas (p. 129)

Fonte: Religião e Poder, 2020

<https://bit.ly/3xhmG5N>

Religião e Voto (p. 129)

Fonte: Religião e Poder, 2022

<https://bit.ly/3xiflOo>

10 anos do “kit gay” (p.129)

Fonte: Diadorim, 2021

<https://bit.ly/3NYD4gO>

Os direitos LGBT sob o governo Bolsonaro (p. 130)

Fonte: Diplomatique, 2019

<https://bit.ly/3QdxHwu>

A origem do slogan de Bolsonaro (p. 130)

Fonte: Gazeta do Povo, 2018

<https://bit.ly/3zjArT4>

Bolsonaro afirma que pautas LGBT “destroem a família” (p. 130)

Fonte: Correio Braziliense, 2022

<https://bit.ly/3RHgzmT>

Bolsonaro diz que família é ‘sagrada’ e insinua que LGBT+ vão pro inferno (p. 130)

Fonte: Correio Braziliense, 2022

<https://bit.ly/3yF8ZwW>

Bolsonaro sugere que homossexuais poderão sofrer ‘punição divina’ (p. 130)

Fonte: Brasil 247, 2022

<https://bit.ly/3z9h6Df>

‘Ninguém gosta de homossexual, a gente suporta’ (p. 130)

Fonte: Estado de Minas, 2021

<https://bit.ly/3zcdGjs>

Bolsonaro: “linguagem neutra dos gays” vai “estragando a garotada” (p. 130)

Fonte: Correio Braziliense, 2021

<https://bit.ly/3o4YbTU>

Bolsonaro diz que homossexuais não devem se beijar em público (p. 130)

Fonte: Carta Capital, 2021

<https://bit.ly/3yM9DIV>

“Máscara é coisa de viado”, dizia Bolsonaro a funcionários (p. 131)

Fonte: Diário de Notícias, 2020

<https://bit.ly/3AQMvvG>

Bolsonaro critica decisão do STF de criminalizar homofobia (p. 131)

Fonte: Agência Brasil, 2019

<https://bit.ly/3AYoYsH>

“Brasil não pode ser país do mundo gay; temos famílias” (p. 131)

Fonte: Exame, 2019

<https://bit.ly/3Oe2LtH>

‘Sou homofóbico, sim, com muito orgulho’, diz Bolsonaro (p. 131)

Fonte: Catraca Livre, 2018

<https://bit.ly/3OqBSmB>

“Seria incapaz de amar um filho homossexual” (p. 131)

Fonte: Mundo ao Minuto, 2018

<https://bit.ly/3PytLFe>

“Os gays não são semideuses. A maioria é fruto do consumo de drogas” (p. 131)

Fonte: El País, 2014

<https://bit.ly/3yQWGhk>

Bolsonaro quer cura gay (p. 131)

Fonte: Diário do Poder, 2013

<https://bit.ly/3RQBqkv>

Bolsonaro: “prefiro filho morto em acidente a um homossexual” (p. 131)

Fonte: Terra, 2011

<https://bit.ly/3z80cFi>

‘Estou me lixando para esse pessoal’, diz Bolsonaro sobre movimento gay (p. 131)

Fonte: G1, 2011

<http://glo.bo/3o3BCz7>

Palmada muda filho “gayzinho”, declara deputado (p. 131)

Fonte: Folha de S.Paulo, 2010

<https://bit.ly/3yJG4la>

Políticas para LGBTI+ no governo federal (p. 132)

Fonte: Nexo, 2022

<https://bit.ly/39er5gq>

Bolsonaro cita “terrivelmente evangélico” (p. 132)

Fonte: CNN Brasil, 2021 (p. 91)

<https://bit.ly/3MflhQp>

Igreja Batista do Pinheiro abre as portas para os LGBTI+ (p.139)

Fonte: Razões para acreditar, 2016

<https://bit.ly/3NRqv76>

Manual de Cristianismo e LGBTI+ (p. 140)

Fonte: Gay Latino / Aliança Nacional LGBTI+, 2021

<https://bit.ly/3tiU1L7>

Gay latino (p. 140)

<https://www.redgaylatino.org>

Aliança Nacional LGBTI+ (p. 140)

<https://aliancagbti.org.br>

Igreja da Comunidade Metropolitana (p. 140)

<https://www.icmbrasil.org.br>

Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (p. 141)

<https://www.ieab.org.br>

Inclusão Luterana (p. 141)

Fonte: Instagram oficial

https://www.instagram.com/inclusao_luterana/

Inclusão Metodista (p. 141)

Fonte: Instagram oficial

<https://www.instagram.com/inclusaometodista/>

Papa Francisco às pessoas LGBT (p. 147)

Fonte: Vatican News, 2022

<https://bit.ly/3mkVU6h>

Representatividade LGBTQIA+ na política (p. 150)

Fonte: Politize, 2021

<https://bit.ly/3PVNOyB>

Violência contra LGBTs+ nos contextos eleitoral e pós-eleitoral (p. 150)

Fonte: Gênero e Número, 2019

<https://bit.ly/3at4BIN>

Árvores de aspens (p. 151)

Fonte: Feelings and Flowers

<https://bit.ly/3NlUggp>

Deleuze e Guaterrri (p. 152)

Fonte: Razão Inadequada

<https://bit.ly/3Qf5cP5>

Esta publicação está licenciada sob uma licença **Creative Commons CC BY-NC 4.0 BR**, que permite a qualquer pessoa interessada: remixar, transformar e criar outros materiais a partir deste, e também copiar e redistribuir material em qualquer formato ou suporte desde que não haja fins comerciais e desde que seja atribuído o crédito aos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

.....
Semente de vida : rejeição e aceitação
de filhos/as/es LGBTI+ em lares cristãos / Gut Simon...[et al.] ; ilustração Sophia Andreazza. -- 1. ed. -- São Paulo : Ed. dos Autores, 2022.

Outros autores : Bob Luiz Botelho, Tania Afonso, Ana Ester.

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-48418-2

1. Cristianismo 2. Família - Aspectos religiosos -Cristianismo
3. Filhos - Criação 4. Filhos - Vida religiosa 5. Homossexualidade - Aspectos religiosos -Cristianismo 6. LGBTI+ - Siglas 7. Pais e filhos 8. Relacionamento familiar I. Simon, Gut. II. Botelho, Bob Luiz. III. Afonso, Tania. IV. Ester, Ana. V. Andreazza, Sophia.

.....
22-117282

CDD-299.932

Índices para catálogo sistemático:

1. LGBTI+ : Cristianismo : Religião 299.932

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

“Acreditamos no milagre que transforma desertos em jardins”

Semente de vida faz uma análise de cenários para compreender como as angústias de pais, mães e pessoas cuidadoras cristãs, impulsionadas pelo discurso religioso tradicional, hegemônico e fundamentalista, podem resultar em conflito e violência. Ao mesmo tempo, busca alternativas e caminhos para interromper o ciclo da rejeição às diversidades sexual e de gênero e agir em favor da propagação da vida.

O livro apresenta um campo progressista religioso comprometido em anunciar uma visão amorosa de Deus, que celebra e afirma a diversidade.

Que essa leitura possa revigorar a nossa potência criativa e o desejo de construirmos coletivamente uma sociedade de amor irrestrito e acolhimento incondicional.

978-65-00-48418-2

